



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA CHAVES

***CORPO “SARADO”, CORPO “SAUDÁVEL”?
CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE DE HOMENS ADEPTOS DA
PRÁTICA DA MUSCULAÇÃO NA CIDADE DE SALVADOR***

SALVADOR
2010

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA CHAVES

CORPO “SARADO”, CORPO “SAUDÁVEL”?
CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE DE HOMENS ADEPTOS DA
PRÁTICA DA MUSCULAÇÃO NA CIDADE DE SALVADOR

Dissertação apresentada à banca examinadora do programa de Pós-Graduação do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, área de Concentração: Ciências Sociais em Saúde, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Saúde Comunitária.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Alberto Bernstein Iriart.

SALVADOR.
2010

TERMO DE APROVAÇÃO

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA CHAVES

CORPO “SARADO”, CORPO “SAUDÁVEL”? CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE DE HOMENS ADEPTOS DA PRÁTICA DA MUSCULAÇÃO NA CIDADE DE SALVADOR

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Jorge Alberto Bernstein Iriart – Orientador _____

Doutor em Antropologia, Université de Montreal (UM)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Mirian Goldenberg _____

Doutora em Antropologia Social pelo Programa de Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Lígia Amparo da Silva Santos _____

Doutora em Ciências Sociais, com concentração em Antropologia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

A minha mãe e aos meus familiares, que mesmo sem entender o porquê deste trabalho ou mesmo sua finalidade me apoiaram profundamente no longo período dessa empreitada. Assim como a todos os meus verdadeiros amigos que suportaram minha aparente distância. Sobretudo, aos que acompanham a saga do menino da vila à busca do homem negro acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho acadêmico requer a participação, seja em maior ou menor grau de vários atores ilustres, nos quais um pequeno texto não daria conta da importância e das especificidades que cada um destes tiveram no decorrer dessa caminhada.

Não poderia deixar de iniciar essa lista com o imenso agradecimento ao meu grande companheiro e amigo de agora e sempre Carlos Neto. Pelo seu apoio e incentivo, sobretudo pelo afeto e compreensão nos momentos cruciais desta jornada.

Ao meu orientador e Professor Jorge Iriart pela oportunidade de ter participado como bolsista na sua pesquisa sobre “Corpo, Juventude e Saúde”, na qual durante este rico período de aprendizado desenvolvi não apenas meu interesse pela temática, mas também a paixão e o respeito pelo fazer etnográfico.

Não tenho palavras para agradecer ao professor Miguel Vale de Almeida pela sua orientação no “programa sanduíche” realizado em Lisboa/Portugal. A sua simplicidade e sabedoria, nos nossos encontros, e suas exemplares aulas abrilhantaram as minhas reflexões e questionamentos antropológicos.

Ao professor e amigo Edward MacRae, pelos conselhos, as pacientes sugestões e o grande e constante incentivo, não me deixando esmorecer no meio do caminho.

Ao grupo NEPAD (ISC/UFBA), na figura da grande professora e pesquisadora Inês Costa Dourado, que colaborou profundamente na minha iniciação no campo da pesquisa científica.

A colega e amiga Maria da Purificação pela leitura, observações e significativas contribuições.

A família Zúquete, minha referência nas terras Lisboetas. Em especial ao grande amigo Luiz Zúquete, sempre presente nos momentos cruciais, suportando as minhas crises, nunca deixando que eu caísse no marasmo da solidão.

A amiga Joalice Santos pelas reflexões significativas geradas dos intermináveis debates a respeito da masculinidade, sobretudo no que concerne as relações raciais.

A Gabriela Santana pela dedicação nas revisões e o comprometimento com o trabalho a ela depositado.

À Fundação Ford, aqui representada pela Fundação Carlos Chagas, agradeço a bolsa concedida sem a qual o curso de mestrado não poderia ter sido realizado com o aproveitamento devido. Devo ressaltar a importância desse programa de Ações afirmativas

para os afrodescendentes deste país, com tão pouca acessibilidade a esse seletivo campo intitulado acadêmico.

Um reconhecimento especial também para:

A amiga e professora Beth Rangel, diretora da escola de dança da FUNCEB, que me ensina a cada dia a arte de educar e o prazer de ser educador. A ela, minha incomensurável gratidão, respeito e admiração.

Ao Fórum Comunitário de Combate à Violência na figura de Heloniza Costa, diretora da Escola de Enfermagem da UFBA, pelas oportunidades, o carinho e crenças nas minhas convicções.

Aos funcionários, da limpeza à administração, desta Instituição pela atenção e o carinho sempre concedidos, em especial as secretárias Maria Anunciação e Edileusa Santos, cada uma nas suas especificidades sabem a grande importância que tiveram nesse processo.

A colega e amiga Patrícia Fonseca, companheira dos momentos altos e baixos no caminho dessa empreitada.

A Ana Lígia Reis e Cláudia Marighella (minha Inha) amigas e irmãs de todas as horas, apostas a cada suspiro meu, sempre abrilhantando a minha alegria de viver.

Meu eterno obrigado, ao grande amigo João Barsi pela sua presença e acolhida nos momentos decisórios e cruciais da minha vida.

Para finalizar, um agradecimento em especial à atenção de todos os amigos que conquistei nas academias que frequentei durante o trabalho de campo, que suportaram e aturaram o olhar intrometido e os por quês de um neófito. Aqui registro a minha admiração e respeito a esses homens amantes da arte da musculação, pois sem eles, com certeza, esse trabalho não teria a razão de existir.

RESUMO

A saúde na contemporaneidade vem sendo considerada um valor distintivo a ser conquistado, na qual o discurso sobre “saudável” incorpora significados como juventude, força e beleza. A crescente valorização da aparência física tem levado um número cada vez maior de pessoas a frequentar academias de musculação, bem como a consumir produtos farmacêuticos e nutricionais, em vista do aprimoramento das dimensões corpóreas. Este trabalho tem por objetivo descrever os cuidados com o corpo e analisar as concepções de saúde de homens das classes populares frequentadores de academia na cidade de Salvador. Foi realizado um estudo etnográfico, com vistas a compreender como a construção do corpo musculoso se associa a masculinidade e a saúde nos praticantes de musculação de academias de bairros populares. Utilizou-se predominantemente a metodologia etnográfica proposta por Loïc Wacquant (2002) da “Participação Observante”, no intuito de colher impressões, descrições e cenas que minuciosamente orientam o entendimento das práticas de musculação. Além disso, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com frequentadores de academias. A musculação se constitui como um esporte em que dar o máximo de si está diretamente ligado ao limite máximo de transformação do próprio corpo. O corpo funciona como um elemento que encarna uma idéia de controle físico e mental, fatores relacionados diretamente como elementos essenciais a saúde. Se por um lado os adeptos ostentam a necessidade de se ter uma vida regrada evitando os excessos da vida mundana, por outro lado utilizam para a manutenção e fabricação do corpo a prática excessiva dos exercícios físicos e o uso elevado de substâncias anabólicas. Esses homens que vêm na disciplina do esporte uma forma de negação de outras masculinidades construídas pelo tráfico de drogas e violência constroem novas hierarquias de masculinidades, na qual a figura do “homem de bem” se instaura como seu elemento estruturante. Observa-se que a idéia de saúde, no contexto estudado, também está diretamente ligada ao que se permeia no imaginário masculino: “saúde, sinônimo de força e externalização do bem-estar físico”, uma vez que esses homens vêm a representação física dos seus corpos como um marcador de saúde, mesmo que na construção do corpo “sarado” eles driblem a lógica do corpo tido como “saudável”. Assim, pode-se concluir que as formas de lidar com o corpo e com a identidade de gênero pode apreender uma riqueza de pormenores que em menor ou maior grau atinge os padrões de saúde e doença.

Palavra chave: Corpo, musculação, masculinidade e saúde.

ABSTRACT

Health nowadays has been regarded as a distinctive value to be conquered, whose speech over “healthy” encloses meanings as youth, strength and beauty. The growing valorization of looks has taken greater numbers of people to attend to gyms, as well as consume a wider range of pharmaceutical and nutritional products; based on the enhancement of the body dimensions. This paper aims at describing the body care and analyzing the concepts of health of men from popular classes who attend to gyms in the city of Salvador. An ethnographic study has been carried out focusing on understanding how the muscular bodybuilding is associated to manhood and the health of the working out practitioners at popular neighborhood gyms. The wider ethnographic applied methodology was that proposed by Loic Wacquat (2002) from “Participação Observante”, with the goal of collecting impressions, descriptions and scenes that guide with details the understanding of bodybuilding. Besides, semi-structured interviews have been held with gym goers. Bodybuilding is such a sport in which giving one’s best, is directly attached to the maximum range of transformation of one’s own body. The body works as an element that incarnates an idea of physical and mental control, facts strictly related to essential elements to health. If, on one hand, adepts bear the need of having a controlled life avoiding excesses of mundane life, on the other, they use, in order to keep and fabricate the body, the excessive practice of physical exercises and the high use of anabolic substances. These men who see in the discipline of sport a denial of other manhood examples built with drug dealing and violence create new hierarchies of denial of examples of manhood, in which the figure of “good man” is established as its new structuring element. It is observed that the idea of health, within the studied context, is also strictly bound to what goes in the masculine imaginary: “health, synonym of strength and externalization of physical well-being”, since these men see the physical representation of their bodies a health marker, even though in the creation of the “well-built” body they go around the logic of the body taken as “healthy”. Thus, the conclusion is that the ways of dealing with the body and with the gender identity may apprehend a richness of particularities that in lesser or greater range reaches the patterns of health and disease.

Keywords: body, bodybuilding, manhood and health.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – BREVE INCURSÃO TEÓRICA NO CAMPO	18
1.1 CAMINHOS QUE LEVAM AO CORPO	18
1.1.1 O CORPO CONTEMPORÂNEO	32
1.2 CORPO E A INSCRIÇÃO DO GÊNERO	35
1.2.1 A SAGA DA MASCULINIDADE:	40
1.3 CORPO & SAÚDE MASCULINA: CONTRIBUIÇÕES SÓCIO-ANTROPOLÓGICAS	46
CAPÍTULO 2 – IDAS E VINDAS NAS NUANCES DO COTIDIANO	51
2.1 SALVADOR CAPITAL DA ALEGRIA	52
2.2 CAMPO MINADO: DROGAS E VIOLÊNCIA	55
2.3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	59
2.3.1 PISANDO DEVAGARZINHO	60
CAPÍTULO 3 - CENÁRIO DOS CORPOS	68
3.1 ACADEMIA: ESTÍMULO, DIVERSÃO E PRAZER	68
3.2 FÁBRICA DE CORPOS	72
3.3 O JOGO DAS REGRAS E DOS CÓDIGOS QUE REGE O CENÁRIO	77
3.4 “MALHADOS & SUCATAS”	83
3.5 “SEM DOR, SEM RESULTADO”	89
CAPÍTULO 4 - CORPO SARADO, CORPO SAUDÁVEL?	96
4.1 EM BUSCA DA SAÚDE PERFEITA	99
4.2 ENTRE O DISCURSO MIDIÁTICO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E O COTIDIANO ALIMENTAR	106
4.3 O QUE VALE É CRESCER: O USO DE ANABOLIZANTES	110
4.3.1 O CAMPO DAS “DROGAS”	116
CAPÍTULO 5 – CORPO E MASCULINIDADE	125
5.1 LEITURAS E RELEITURAS DAS TÉCNICAS DE MODIFICAÇÕES CORPORAIS	127
5.1.1 CUIDADOS COM O CORPO	129
5.1.2 TATUAGEM: VISIBILIDADE & IDENTIDADE	133
5.2 O MÚSCULO ENQUANTO INSTRUMENTO DE PODER	138
5.3 O QUE É SER HOMEM ENTRE OS MALHADORES	142

5.3.1 AUSÊNCIA DA FIGURA PATERNA E A MASCULINIDADE	148
5.4 MASCULINIDADE E PRÁTICAS SEXUAIS	151
5.4.1 MUSCULAÇÃO E RELAÇÕES HOMOERÓTICAS	155
6 PERSPECTIVAS E NOVOS DESAFIOS.....	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	172
ANEXOS	181

APRESENTAÇÃO

Partindo da premissa que a prática da musculação se desenvolve em diferentes âmbitos sociais, no caminho do desenvolvimento desse trabalho – independente do contexto socioeconômico dos seus praticantes – procurei buscar uma familiaridade com as questões referente a essa modalidade, bem como o ambiente em que ela se realiza.

Desde 2005 quando ingressei na pesquisa intitulada, “Corpo, Juventude e Saúde: atividade física, consumo de suplementos alimentares e anabolizantes entre jovens freqüentadores de academias de Salvador”¹, venho desenvolvendo uma familiaridade com essa temática, ora como pesquisador, ora como aluno das academias de musculação. Durante esse tempo tive contatos com proprietários, alunos, instrutores, professores de educação física, na busca de uma maior compreensão da prática intitulada “*Malhação*”.

Na minha juventude, por estímulo dos amigos cheguei a ingressar em muitas dessas academias; mas, por não encontrar nenhum prazer nesse tipo de atividade, no primeiro momento de desânimo desistia da empreitada. Devo admitir nunca ter sido adepto dos exercícios físicos e confessar o preconceito que nutria por seus praticantes, assim como uma falta de simpatia pela prática da musculação em si. Segundo os que aderem a essa modalidade, é incontestável o prazer estético e físico que esse tipo de treino proporciona, contudo, nunca senti que esse tipo de atividade fosse necessário na minha vida cotidiana. Em virtude disso, para começar as minhas aventuras nessa seara, fez-se necessário despojar-me dos meus preconceitos e buscar uma maior aproximação com um tipo de esporte, até então desconhecido.

Independente do tamanho, infra-estrutura ou tipo de público, estive presente em várias academias na cidade de Salvador. Nas que atuei como aluno, busquei nos momentos de treino adquirir ritmo e prazer por esse tipo de atividade física, o que não é tão simples. Como o convívio com o público e a dinâmica do espaço não me era familiar, inicialmente procurei academias que possuíssem uma boa infra-estrutura e instrutores qualificados² para direcionar

¹ A pesquisa foi desenvolvida pelo ISC – Instituto de Saúde Coletiva – UFBA e coordenada pelo Prof. Jorge Iriart.

² Quando me refiro a instrutores qualificados estou falando de profissionais com formação na área de educação física.

o meu treinamento. Nos primeiros contatos com o local a minha estratégia era no tempo destinado ao treino buscar qualquer tipo de prazer naquilo que estava por realizar.

A escolha por bairros populares e o público masculino se deu a partir de inquietações surgidas no trabalho de conclusão do meu curso de graduação que fora sobre sexualidade masculina. Naquele período, a etnografia realizada revelou novos questionamentos sobre a construção da masculinidade dos homens provenientes desses bairros, de modo que juntamente com outras inquietações referentes ao corpo, surgido no projeto supramencionado, o meu desejo se tornou latente. Questões como: “Existem diferentes tipos de masculinidades dentro desses espaços?” “Como as informações são recodificadas e reinterpretadas por esses homens?” “Como o corpo é utilizado socialmente?” foram se colocando de forma que a cada visita ao campo novos questionamentos vinham à tona, assim como uma grande ansiedade em desenvolver essa temática entre os meus interlocutores.

É importante destacar que também a procura por academias em bairro de classe média para treinar deu-se com a finalidade de obter um conhecimento prévio, mesmo que superficial, da prática e dos exercícios que *a priori* iria executar, buscando semelhanças e diferenças entre ambos nos dois espaços. Para minha surpresa não percebi diferença na quantidade e ritmo de treinamento dos praticantes em ambas as classes, embora o tipo de corpo almejado pelos grupos seja bastante distinto, como também os usos sociais dos corpos.

A etnografia realizada para o estudo já mencionado do Instituto de Saúde Coletiva (ISC) me permitiu maior familiaridade com os adeptos dessa modalidade, bem como maior aproximação com o proprietário e instrutor do local selecionado para o presente estudo. A escolha deste espaço foi determinada pelo contato prévio realizado, assim como pelo perfil eminentemente masculino dos seus alunos, o que, conseqüentemente, ajudaria a promover a interação de forma mais imediata.

De modo geral, todos os praticantes de musculação comungam dos mesmos anseios e objetivos com o treinamento: “*crescer e ficar grande*”³. Vale ressaltar que as academias de bairros populares, mesmo que possuam o mesmo padrão sócio-econômico, se diferenciam por

³ Na linguagem dos adeptos da prática da musculação “crescer e ficar grande” é a possibilidade de: definir o corpo, ficar sarado, crescer os músculos, aumentar a força, ganhar massa muscular, ganhar resistência e volume.

algumas peculiaridades, como: presença ou não de mulheres, tipos de modalidade para além da musculação, tamanho, valor da mensalidade, abertura para o uso de substâncias como esteróides anabolizantes, dentre outras peculiaridades.

Ainda que o convívio na prática se desse de forma imediata, padeci para conseguir ganhar o ritmo necessário para tal façanha. Contudo, o mais importante nessa minha odisséia, é o novo olhar que comecei a ter diante do meu corpo. O que até então se mostrava como apenas um arcabouço, passou a ser o alvo de indagações e questionamentos. Percebi que nunca tinha atentado para os detalhes dos contornos deste, como também o processo de envelhecimento que no mesmo estava a se materializar. A partir daí passei a refletir sobre como não nos damos conta da nossa corporalidade, bem como a lidar com ela.

Diante de tais descobertas, pensar em corpo passou a ser também pensar no meu próprio corpo, o que me proporcionou momentos de reflexões para além do trabalho que estava a desenvolver. Diante disso, percebi que o corpo longe de qualquer denominação ou conceituação que queiramos dar é único e o último elemento de pertencimento do nosso ser. Entretanto, ele é mutável e, como tal, deve ser entendido para além das questões de cunho normativo, pois ele por si só apresenta-se de forma paradoxal. Nesse emaranhado de inquietações, passei a refletir se no fundo uma pessoa é a mesma coisa que um corpo ou se quem a direciona é o corpo?

Ouvi das pessoas comuns – inclusive dos amigos – o que para eles representa realmente o corpo. Fiquei surpreso que na maioria das respostas estava presente a idéia de um santuário depósito da essência maior da vida e do ser que é “a alma”. Nesse sentido, pude apreender que por mais que existam articulações para além do campo da religiosidade, no senso comum o corpo representa o lugar do sagrado, na qual o seu segredo deve ser velado e preservado. Um santuário, um espaço de entrega e não entrega, razão/emoção, a única e exclusiva ligação com o mundo, que se configura através da viagem única e exclusiva de cada um.

Em resumo, compreendi que tudo perpassa pelo corpo; os sentimentos, a racionalidade, a emotividade, tudo antes de qualquer coisa é corpo. Um resguardo exterior repleto de contradições, isso é o corpo, isso é o meu corpo, que me conduz, orienta, sustenta, alimenta, torna-me um ser vivo. Tentar entender suas nuances é abrir um labirinto de

possibilidades e aquisições. Um esquema de perguntas e respostas inacabadas e sempre questionadas, pois sempre será um corpo, que: fala, aponta, dá e sente prazer. Em outras palavras, nada fala mais do que a experiência de vivenciar o seu próprio corpo, pois qualquer tipo de entendimento se entrelaça e se diferencia a partir do corpo. Nada mais encantador que o corpo, nada mais fugaz que o corpo. Esse é o meu corpo.

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea observa-se uma crescente preocupação com a aparência corporal, contexto este em que o valor do indivíduo passa a ser atribuído predominantemente pelo corpo. Vários autores sugerem que o padrão de beleza disseminado pela cultura midiática transforma os corpos em objetos da moda que devem exprimir saúde, erotismo e sensualidade. Para tanto, este passa a ser modificado e transformado em novas estruturas, qualificadas e interpretadas pelo discurso da boa forma física – seja pelo consumo de um amplo leque de produtos farmacêutico-nutricionais e cirurgias estéticas – visando o aprimoramento das dimensões corpóreas, seja pela frequência às academias de musculação.

Em pesquisas realizadas sobre a construção do corpo no Brasil, alguns autores (MALYSSE, 2002; SABINO, 2004; GOLDENBERG, 2005) observam que essa valorização do corpo se propaga como sinônimo de juventude, força e beleza, de tal forma que o não cuidar deste passa ser anormal. Esses estudos levantam pistas pertinentes no que concerne a construção da *corpolatria*, uma vez que a produção ritualizada do corpo – e, conseqüentemente da aparência corporal – é bem marcada socialmente, sobretudo quando se trata de um país em que o clima tropical e a extensão da sua região litorânea corroboram para uma maior exibição dos corpos. E sendo um valor distintivo bastante valorizado na identidade do grupo, os indivíduos buscam fabricá-los de acordo com o contexto em que estão inseridos.

Goldenberg (2005), ao discutir sobre as representações de gênero, sexualidade e os diferentes usos do corpo, observa como o corpo adquiriu para os indivíduos na contemporaneidade uma centralidade na vida cotidiana, na qual sua exposição torna-se um fator crucial no âmbito social. Tendo adquirido importante valor distintivo tal qual as roupas de grife, ele consagra e torna visíveis as diferenças entre os grupos sociais. Segundo a autora é a estética que dita as regras de exposição dos corpos, sendo o controle da aparência física cada vez mais estimulado. Para expor o corpo sem constrangimento, é necessário investir na força de vontade e na autodisciplina, uma vez que o corpo surge neste contexto como algo invejado, desejado e admirado não apenas pelas mulheres, mas também pelo universo masculino.

Diante de tais questões, o corpo na sociedade atual vem tomando propoções de interesse para além do campo biomédico, pois várias são as formas que os indivíduos

compreendem e o ressignificam. Nesse sentido, os caminhos midiáticos, assim como o processo que norteia a forma que os indivíduos percebem os seus corpos, se instauram como elementos importantes para o entendimento do “culto ao corpo” que se estabeleceu na contemporaneidade com o discurso da “boa forma física”. Vale a pena aqui sinalizar que o corpo, por si só, coloca uma riqueza de indagações e perspectivas a serem desvendadas; entretanto, os caminhos metodológicos e as instâncias a serem traçadas nos levam a compreender que as novas formas de conceituar, assim como de manipular o corpo trazem elementos para uma análise que transcendem conceitos fechados e referendados.

É a partir dessas modificações corporais ocorridas no campo intitulado “musculação”, na qual se destacam os praticantes do sexo masculino, que devo argumentar. Uma vez que essa prática traz elementos importantes e intrigantes para o entendimento dos cuidados com o corpo, sejam eles estéticos, assepticos, ou até mesmo de saúde. Para Sabino (2004), a construção da identidade dos praticantes dessa modalidade se realiza por intermédio de um processo de aprendizagem e de socialização, a qual designa por *campo da musculação*. O autor emprega a categoria *campo*, nesse contexto, em conformidade com a teoria de Bourdieu, para quem campo se refere aos espaços em que se manifestam as relações de poder simbólico.

Esses adeptos do sexo masculino da prática popularizada como “malhação”, além de hipertrofiar seus músculos, incorporam um discurso da saúde e cuidam do lado estético, lançando mão de práticas de beleza anteriormente usufruídas em sua maioria pelo universo feminino, como a utilização de produtos cosméticos e a depilação. A pergunta que se coloca então é o que estaria por trás desta busca de virilidade e auto-afirmação como homem forte/capaz, mas que ao mesmo tempo traz consigo elementos partilhados e entendidos neste cenário, com novos significados e sentidos?

Tendo como ponto de partida essa questão, este trabalho teve como propósito analisar de que forma a construção do corpo musculoso se associa à masculinidade e à saúde nos praticantes de musculação. Os elementos identitários relacionados à construção da masculinidade, os cuidados com o corpo e a concepção de saúde presente no discurso dos adeptos dessa prática, foram tomados *a priori* para um maior entendimento. Em suma, o estudo a ser apresentado procurou esmiuçar quais os sentidos que esses homens constroem a partir da inserção nessa prática, assim como os fatores que comungam com outros homens

para além dos muros desses espaços; melhor dizendo, buscou-se compreender as representações e sentidos dado ao corpo no contexto da vida cotidiana.

Assim, este estudo mostra-se de grande valia, na medida em que a produção teórica brasileira sobre homens tem pouco explorado a intersecção corpo, masculinidade e saúde. Em vista disso, tenho a expectativa que os resultados apresentados possam fornecer contribuições significativas para o debate político sobre homens e masculinidades, revelando estratégias ainda pouco visualizadas de promoção à saúde junto à população estudada.

Nesta perspectiva, a dissertação apresentada está organizada em cinco capítulos, na qual tem a etnografia como fio condutor para o desenvolvimento das reflexões a respeito da temática abordada. As observações feitas em campo ressaltaram a riqueza de determinadas características consideradas fundamentais para a construção do modelo de academia descritos nos relatos, a constituição da identidade do grupo relacionada às suas aspirações e visão de mundo, considerando o seu histórico e a dimensão simbólica da construção corpórea, bem como a construção das masculinidades no cenário apresentado. Assim, devo acrescentar que outras estratégias metodológicas, como as entrevistas semi-estruturadas, também foram de fundamental importância para a condução do trabalho apresentado.

Apresento no primeiro capítulo uma breve revisão da literatura sobre corpo, gênero/masculinidade e saúde. No item referente ao corpo, anuncio diferentes correntes de pesquisa antropológica e sociológica, como também reflexões sobre o corpo na contemporaneidade. Em seguida, apresento um breve histórico sobre os estudos de gênero que perpassam das teorias feministas aos estudos de masculinidades. Nesta seção, abordo questões epistemológicas referentes à constituição do gênero bem como da masculinidade hegemônica e subalternas desenvolvidas por vários autores são apresentadas. E, para finalizar, uma síntese sobre os trabalhos desenvolvidos no campo das ciências sociais e saúde, com ênfase nos estudos sobre a saúde do homem.

No capítulo dois, exponho uma reflexão sobre Salvador, cidade em que a pesquisa foi realizada, assim como sobre os bairros intitulados populares, os quais tomo como referência para o desenvolvimento do campo. Questiono aqui a partir de minha experiência nos bairros populares a construção e manutenção do mito que permeia no imaginário dos que transitam pela cidade. Em seguida, descrevo os caminhos metodológicos traçados, a entrada no campo,

que intitulo “pisando devagarzinho”, no qual descrevo passo a passo o fazer etnográfico, as nuances e as estratégias utilizadas para a construção e produção dos dados apresentados neste trabalho.

Já no terceiro capítulo, dou lugar a uma descrição pretensamente densa sobre a academia de musculação, na qual a etnografia foi realizada. Aqui faço uma exposição sobre os significados e prazeres associados à academia de musculação, os códigos de comportamento dentro do espaço, as regras implícitas e explícitas a serem cumpridas, o treinamento dos adeptos dessa prática, assim como a hierarquia entre os grupos. Em outros termos, tento desenvolver e apresentar as nuances encontradas dentro desse espaço e toda a dinâmica e os caminhos que um iniciante na prática da musculação deve percorrer para se transformar em um atleta veterano.

No quarto capítulo, voltado para as questões de saúde, procuro apreender o conceito de saúde que permeia o imaginário dos adeptos dessa modalidade, assim como arrisco responder a pergunta que dá título a esse trabalho: um corpo sarado é um corpo saudável? Ainda nesse capítulo, traço os caminhos percorridos e as estratégias utilizadas pelos que enveredam nesse esporte para a fabricação e manutenção do corpo tido como sarado. Em síntese, procuro compreender os dilemas e desafios dos cuidados com o corpo para a manutenção da boa forma física na busca da vida saudável.

No capítulo cinco, intitulado “Corpo e masculinidade”, inicio tratando sobre as mudanças corporais tidas como invasivas e não invasivas e os novos cuidados com o corpo com destaque para a tatuagem, a depilação, o fazer sobrancelhas, o alisamento e tinturas do cabelo. Em seguida empreendo uma reflexão sobre a relação do músculo enquanto instrumento de poder, e o que é ser homem nesse campo, enfatizando a ausência da figura paterna na formação do ser homem, e, por conseguinte, concentro-me na masculinidade e práticas sexuais desses homens, com ênfase na relação musculação e práticas homoeróticas.

E por fim, nas considerações finais – Perspectivas e novos desafios – desenvolvo uma síntese do trabalho apresentado, assim como procuro identificar pontos importantes e reflexões que possam instigar estudos futuros sobre a intersecção das categorias corpo, masculinidade e saúde.

CAPÍTULO 1 – BREVE INCURSÃO TEÓRICA NO CAMPO

1.1 CAMINHOS QUE LEVAM AO CORPO

O corpo, peça chave no entendimento dos indivíduos, representa a funcionalidade e a originalidade que se diferencia e ao mesmo tempo se aproxima de grupos, culturas e tradições. Ele representa a maior essência de entendimento e compreensão das interações sociais que buscam em um universo repleto de valores e sentidos contraditórios dar completude ao que é vivenciado.

“Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressões dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, construção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físico, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa a existência é corporal.” (LE BRETON 2006, p.7)

Para Le Breton (2006), o que se vê não são corpos e sim homens e mulheres; os corpos são representações das pessoas, uma estrutura simbólica que compreende imagens, sentidos passíveis de unir uma variedade de culturas. Uma realidade mutante que se estrutura a partir das representações simbólicas, dos imaginários conforme determinada sociedade. Constitui-se no primeiro instrumento natural do homem, modelado conforme os hábitos culturais. Ele é o eixo da relação com o lugar e o tempo em que a existência toma forma, na qual produz sentido e conseqüentemente insere o indivíduo no interior do espaço social.

Le Breton (2006) sugere que as técnicas do corpo partem do mimetismo, que tem uma influência na construção do corpo que não deve ser negligenciada, pois essas técnicas e os estilos de sua produção se diferenciam de acordo com a classe, idade, etc. Nesta construção social do corpo, pontua que a determinação das diferenças culturais pela maneira de usar o corpo se fundamenta em três coordenadas: a dimensão espaço temporal, a dimensão interativa, bem como a dimensão lingüística.

Na hipóstase grega⁴, cada parte do corpo humano leva em si mesmo uma consciência do verdadeiro *Eu* e de sua unidade. Para Miranda (2000), o corpo humano possui uma estrutura e uma unidade para além da própria matéria, sendo dotado de linguagem própria e

⁴ Hipóstase, do grego *hypostasis*, significa subsistência, realidade. Na filosofia de Plotino, Deus se deriva em três hipóstases: uno, nous (Inteligência) e alma, que ele comparava também, respectivamente, com à luz, ao sol e à lua. O termo também é encontrado entre os gnósticos.

fala, o corpo humano se manifesta fisicamente pelas suas funções e disfunções da psique. Dessa forma, a ignorância ou o entendimento dessa linguagem pode afetar a saúde e o bem estar da pessoa, como pode também produzir um efeito terapêutico.

O corpo – nos escritos históricos da tradição judaico-cristã – é visto como instrumento de felicidade e apresentado como um edifício construído sobre as rochas dos arquétipos, base dos comportamentos designadamente humanos, da identidade divina em cada um. Dessa forma, ainda na acepção de Miranda, corpo e pessoa crescem como “Árvore da vida”, que tem como fruto a árvore do conhecer bem e mal, fonte da experiência concreta, caminho do sofrimento, da busca de unidade na vivência exterior. Uma via de experiência autêntica do si mesmo, onde a fé e a razão purificam-se, aprofundam-se e realizam-se mutuamente.

Vigarello (2008) lembra que, no século XVIII, há uma consciência em torno de uma dinâmica que se estrutura com o discurso de preservação da espécie em termos de duração da vida e um grande investimento no corpo se estabelece. Em vista disso, a saúde se transforma em uma preocupação coletiva, uma sujeição que, no seu ver, também pode ser caracterizado como libertação, ou seja, duas dinâmicas que se misturam e dão ao corpo moderno um perfil claramente especificado. Um corpo cujos dispositivos sobrepõe as influências dos planetas e de forças ocultas.

Pellegrin (2008) ao refletir sobre esse período ressalta que, a partir do momento que o corpo se constituiu como uma substância sólida e palpável se fez necessário debater sua composição e criar hierarquia entre as suas partes. Diante disso, filósofos modernos, como Aristóteles e Epicuro perpetuaram a hipótese que ele – o corpo – deveria ser aceito com algo celestial, sublunar, angélico, e, em última instância, um ser humano. Esta disposição hierárquica remetia a sua existência, a noção de animalidade ou em oposição corpo/alma. Assim, em um contexto onde a religiosidade cristã operava com afinco, os corpos – sejam eles de homens ou mulheres – nada mais eram que o *habitat* temporário da alma tida como imortal. Dessa forma, a existência corporal era vista como imprecisa, que enaltecia ora como algo concreto, ora como obsessões pungentes e sexuais. Nesse contexto, como observa o autor: “o corpo não passa de um invólucro, a ser nutrido e/ou ser macerado (pelo ódio, pelo jejum), pois um corpo sem alma é como um exército sem chefe” (2008, p.137).

A partir do século XIX, a idéia do corpo enquanto território estável do sujeito dá lugar

à consciência da gestão social do corpo, este aparecendo como o resultado do equilíbrio entre o dentro e o fora, ou seja, entre a carne e o mundo (CORBIN, 2008). Neste período em que o campo religioso se vê em baixa, a medicina toma rumos no sentido de dar conta do funcionamento dessa grande máquina, transformando-se, devido aos questionamentos da sociedade, na principal guia da leitura do corpo e da doença (FAURE, 2008). Corbin destaca que, com o surgimento da psicanálise a partir do século XX, as fronteiras entre corpo e sujeito tornam-se mais complexas. Courtine (2008) complementa que o século XIX se configura como o momento em que o corpo era visto como uma matéria, um feixe de mecanismo que deveria ser decodificado.

Diante disso, Courtine (2008) – dando continuidade as suas reflexões –, pontua que é na virada do século XIX para o XX que se restaura e aprofunda a questão do corpo vivo. Nesse período, segundo o autor, começa-se a teorizar a respeito e novas leituras sobre a temática são feitas. No primeiro momento, a partir da psicanálise de Freud, a qual aponta um inconsciente que fala através do corpo, abrindo reflexões sobre a imagem deste na formação do sujeito, possibilitando o pensar sobre o conceito de somatização. Em segundo lugar, destaca as idéias de Edmund Husserl, que institui o corpo como o “berço original” de toda significação; o desdobramento dessas convicções deu espaço para o surgimento da fenomenologia conceituada por Merleau-Ponty, que sustenta ser o corpo a encarnação da consciência. E por fim, a descoberta do corpo pela antropologia, mais especificamente através de Marcel Mauss, com sua obra conceituada “técnicas do corpo”. E assim, conforme Cortine (2008, p.8) destaca: “o corpo foi ligado ao inconsciente, amarrado ao sujeito e inserido nas formas sociais da cultura”.

Apesar das questões sobre o corpo aparecerem como suporte para várias temáticas nos estudos antropológicos desde do final do século XIX, o corpo era visto – em um primeiro momento – como um legado biológico, ou uma simples manifestação da natureza sobre a cultura. No início do século XX, como supracitado, surgem novas abordagens tematizando a necessidade da compreensão do corpo e de seus determinantes sociais. Com isso, diferentes caminhos são contruídos e paralelamente têm sido fontes de dados para o desenvolvimento de novas reflexões, como: cuidado com o corpo, sexualidade e gênero (KEMP, 2005).

Nesta perspectiva, Kemp (2005) vê o corpo como um suporte de interações

simbólicas, que servem como expressão de pertencimento, individualidade e identidade. Entretanto, assim como nas sociedades urbanas, ele é representado como a última fronteira da vontade pessoal; também pode possuir um caráter simbólico de resistência às regras sociais. Ainda segundo a autora, nosso corpo revela elementos intencionais e não intencionais, por meio dos quais conduzem-se suas ações, de acordo com cada tipo de sociedade.

Almeida (1996) – assim como outros autores – ao refletir sobre a temática do corpo levanta questões de cunho epistemológico, no intuito de se indagar de que corpo se fala nesses novos contextos, haja vista o emaranhado de estudos que têm como propósito desvencilhar essa seara. Para tanto, do ponto de vista estrutural levanta o questionamento: se a presente efervescência trata-se de novas premissas epistemológicas e metodológicas ou é apenas uma estratégia de ordem política acadêmica. Nesse sentido, propõe uma reflexão sobre os tipos metodológicos adotados, a escrita, visualidade ou a até mesmo a performance, elementos utilizados como instrumentos expositivos questionáveis ou potenciáveis a partir do corpo. Partindo das premissas de Mauss e Van Gennep, na qual as técnicas do corpo correspondem o mapeamento sociocultural do tempo e do espaço, Almeida (1996) faz uma revisão da produção teórica sobre a temática antes dessa efervescência.

Como ponto de partida, chama a atenção para a similitude entre os conceitos de corpo trazidas por Mauss e Durkheim, na qual afirmam que “as técnicas do corpo não se aprendem apenas com os outros, mas descobrem-se através dos outros.” (1996, p.5). Mauss acredita que toda expressão corporal é aprendida através da taxonomia comparativa, que demonstra a interdependência entre o domínio físico, psicológico e social nos indivíduos. Já Durkheim *apud* Lock (1993) faz uma distinção entre o corpo físico universal e o corpo embutido moralmente socializado. Propõe ser o primeiro o corpo mais “natural” do homem, enquanto o segundo é o corpo moldado pela ordem social.

Aqui me atentarei nas discussões levantadas por Almeida (1996) no campo teórico antropológico, na qual se destaca os trabalhos de Blacking (1977) – a *The Anthropology of the Body*, que, por influência de Durkheim, apreende a sociedade como um sistema de forças ativas, na qual se tem a linguagem como uma forma de comunicação – e o trabalho de Lock (1993), *Cultivating the body (...)*, que para além das idéias de Blacking no qual o corpo é o laço entre a natureza e a cultura, acredita ser o corpo que media toda a reflexão e ação sobre o

mundo.

Almeida (1996) destaca que no trabalho supracitado, Blacking procura estudar as fundações biológicas e afetivas das nossas construções sociais da realidade. Para tanto, tem como maior preocupação a interface que gira em torno da intersecção evolução/biologia e comunicação, como também das etnografias dos sistemas de classificação simbólica elaborada a partir do corpo e dos sentidos. Para Blacking, todos os indivíduos têm um repertório de estados somáticos, um potencial para alcançar estados alterados da consciência, e, ao mesmo tempo propriedades específicas da função cognitiva. Nesse sentido, Blacking *apud* Almeida (1996) sugere que “se a condição básica da sociedade é um estado de *fellow-feeling* que pode ser percebido pelas sensações de organismos individuais, as formas de interação não-verbais são fundamentais” (p.6).

Amparada nas proposições estruturais de Mary Douglas (1973), Lock (1993) observa que pessoa e corpo não são prisioneiros de uma determinação social, já que os sistemas classificatórios também produzem sistemas hierárquicos, bem como diferenciações e exclusões. Nesta perspectiva, Lock ressalva que para Douglas a aparente variação do simbolismo do corpo surgiu a partir das limitações estruturais da sociedade, sendo este a situar-se em função da posição do indivíduo no meio social. Nesta perspectiva, Douglas e outros autores estimularam uma reformulação conceitual da problemática e a abertura de novas perspectivas teóricas e epistemológicas referente ao corpo.

Lock (1993) busca em um sistema de classificação abordar as áreas mais focadas da antropologia em torno do corpo; para tanto, subdivide essas áreas em sete tópicos: o primeiro refere-se à incorporação, tendo como referência os trabalhos de Jackson (1981, 1989) que desenvolve a teoria da incorporação. Jackson – amparado nos trabalhos de Mauss e Bourdieu – argumenta que a liberdade criativa no jogo mimético é circunscrita pelos habitus, pois os padrões do corpo empregam imagens que são engendradas mentalmente e instauram qualidades morais nos indivíduos.

O segundo, relacionado à construção do *self* e do outro, tem como referência o trabalho de M. Rosalvo (1984); sugere as emoções como pensamentos incorporados e marcados pela consciência do envolvimento do sujeito em situações de interação. Lock (1993) acentua que para M. Rosalvo, as emoções inevitavelmente envolvem tanto significado

quanto sentimento e essas não podem ser simplesmente capturadas como cognitivas ou reações viscerais, pois se constituiria numa análise e um julgamento reducionista; uma vez que os conceitos semanticamente se diferenciam entre as culturas, as emoções passam a funcionar como uma ponte entre os conceitos físicos e domínios semânticos.

O terceiro corresponde ao tema dos corpos dóceis e resistentes. A noção de biopoder defendida por Foucault (1975), como também a obra de Comaroff (1982, 1985) – em que discute como o controle político-ritual é imposto nos domínios da produção, troca, sexualidade e cuidados maternos, através de uma focagem na significação corporal da memória social – são as grandes referências. Foucault tem como tema central nas suas indagações a idéia de vigilância, institucionalizada através das técnicas disciplinares, resultando na produção de corpos dóceis. Já Comaroff, segundo Lock, centra-se no significado do corpo como memória da sociedade, na qual argumenta que mudanças na ordem social e política de uma sociedade vêm acompanhadas por mudanças circunscritas nos corpos. E estas mudanças incidirão sobre os domínios da produção, troca, sexualidade e nutrição.

O quarto tópico aborda a doença como performance cultural; neste bloco destaca-se os trabalhos de doença dos “nervos” que mostram como essas são performances culturais, onde, em muitos contextos institucionais, o sofrimento individual é sistematicamente transformado em amoral. A biomedicina os categoriza como sintomas psicologizados e moralizados com implicação para alocação de responsabilidade.

O quinto aborda a montagem, a *mimesis*, a alteridade e agência, tendo como referência o trabalho de Taussig (1993), no qual o autor apela para uma ciência das mediações, em que o *self* e o *Outro* estão ambos explicitamente implicados no processo de justaposição de “dissimilares” – a “montagem”.

O sexto aborda a epistemologia e a política do corpo, tendo como destaque os trabalhos sobre os discursos biomédicos e epidemiológicos e seus sistemas classificatórios, bem como abordagens radicais do conhecimento e das práticas médicas.

E por último a normalização e reconstrução de corpos, com ênfase em Rabinow (1992) com o trabalho sobre o projeto de mapeamento do genoma humano, o qual, refazendo a natureza em cultura, levará a uma “biossociabilidade”. Para ele este processo implica em algo

artificial. Ao abrigo deste regime, o conceito de risco será estendido para a população a partir das características genotípicas, descontextualizada da cultura, sendo a natureza a ser operacionalizada para o bem da sociedade.

Já no campo da Sociologia, apresento a revisão dos estudos realizados por Le Breton (2006). Ele chama a atenção para o fato de que as pesquisas que tem o corpo como fio condutor trazem a característica de sustentar muito mais questionamentos e incertezas do que respostas como fonte de certezas. Essas questões expõem dualidades que permeiam entendimento do corpo: à variabilidade da “cultura”, como também do “grupo”. O autor expõe os perigos de um dualismo do significante corpo, que pressupõe o ator em vez de confundir-se com ele. Além disso, sinaliza que outra grande problemática está na concepção da pluridisciplinaridade imposta pelos que se propõem a estudar essa temática.

Neste tipo de concepção, argumenta, os conceitos como tais não devem passar de uma disciplina para outra sem os cuidados necessários. Sugere que as representações das pessoas estão sempre inseridas no corpo encarnado nas diferentes visões de mundo de um grupo social, já que o corpo é socialmente construído. “Quando mostramos que faz o homem, o limite, a relação com a natureza ou com os outros revelamos o que faz a carne” (p.26). Para Le Breton, os estudos sobre a corporalidade no século XIX, podem ser constituídos a partir de três grandes momentos que descrevem simultaneamente três pontos de vista.

Em primeiro, uma sociologia que denomina *implícita do corpo*, na qual aborda a condição do ator nos diferentes componentes. Nesta análise a corporeidade é vista de forma contraditória; se por um lado se destaca a análise a incidências sociais sobre o corpo, na qual este é implicitamente um fato da cultura, por outro lado há a corrente que vê o homem como produto do corpo, que privilegia o biológico em razão às diferenças sociais e culturais. Em outras palavras, naturaliza as diferenças físicas e socioculturais, justificando-as por observações científicas. Como segundo momento *uma sociologia em pontilhado*, que proporciona vários elementos de análise relativos ao corpo; “O homem não é produto do corpo, produz ele mesmo as qualidades do corpo na interação com os outros e na imersão no campo simbólico” (p.20). E finalmente uma *sociologia do corpo*, que surge na passagem do século XIX para o século XX, na qual estabelece as lógicas sociais e culturais que se propagam no corpo.

Neste contexto, Le Breton, divide as pesquisas voltadas ao corpo em três grandes blocos: O primeiro bloco denominado *Lógicas Sociais e Culturais do corpo* agrega pesquisas com o foco nas técnicas do corpo, a expressão dos sentimentos, a gestualidade, as regras de etiqueta, as técnicas de tratamento, as percepções sensoriais, as marcas na pele ou na própria carne e a má conduta corporal. Neste grupo destacam-se as obras *Técnicas do Corpo (1934)* de Marcel Mauss, o trabalho de Davis Efron – *Gesture, race and Culture (1941)* – sobre a gestualidade, e a obra do Goffman – *Representação do eu na vida cotidiana (1973)* – sobre a etiqueta corporal.

No segundo campo, *imaginários sociais do corpo*, o autor chama a atenção para as representações e os valores ligados à corporeidade que transformam o corpo em um inesgotável reservatório de imaginário social. Neste campo destacam-se os trabalhos com ênfase nas teorias do corpo, na qual as representações tentam identificar o corpo e determinar as ligações com o ator que personifica (relações alma-corpo-espírito, psique-soma, etc.), além das abordagens biológicas da corporeidade, onde esta é subordinada aos mecanismos biológicos, trabalhos que caracterizem as diferenças entre os sexos, as características físicas e morais e as qualidades atribuídas ao sexo. Aqui vale salientar o trabalho de M. Mead (*sexo e temperamento em três sociedades primitivas- 1935*), os trabalhos que tem o corpo, suporte de valores, o corpo imaginoso do racismo, na qual a diferença é transformada em estigma e sobre o corpo deficiente que define como um corpo que “nem é doente nem é saudável, nem morto, nem completamente vivo, nem fora da sociedade, nem dentro dela” (p.76).

E por fim, o terceiro campo intitulado *o corpo espelho social*. Aqui, incorpora os trabalhos que vêem o corpo como objeto concreto de investimento coletivo, suporte de ações e de significações. O corpo funciona como um analisador distintivo para evidenciar e compreender os fenômenos sociais. Neste grupo estão os trabalhos voltados às aparências – que corresponde a como uma ação do ator ao se apresentar e representar é transformada em meio deliberado de difusão sobre si e conseqüentemente em engajamento social –, e o controle político do corpo, em que se destaca a obra de Michel Foucault *Vigiar e punir (1975)*.

Ainda nesse terceiro bloco, destacam-se os trabalhos voltados às classes sociais e relações com o corpo, marcada pela sociologia de Pierre Bourdieu e principalmente pelo

artigo de L. Boltanski “*Os usos sociais do corpo*” (2004), sobre a Modernidade; no campo de manipulação que caracteriza o consumo, destacam-se: Jean Baudrillard em *A sociedade do consumo* (1970), Gilles Lipovetsky (1983), Christopher Lasch (1980), Georges Vigarello (1982) e os relacionados a Risco e aventura: a aventura do risco ao assumir o gosto pelo “extremo”, que desempenha uma constelação de novas práticas que visam expor fisicamente o corpo com grandes esforços e até mesmo perigo.

Aqui vale destacar os trabalhos de Erving Goffman, Pierre Bourdieu e Luc Boltanski que tomo como referência para a pesquisa em questão. Não proponho exaurir, nesta síntese, as obras desses autores, mas sim, adotar os conceitos que, na minha concepção, possuem possibilidades de diálogo com este estudo. Além disso, no decorrer do trabalho dialogarei com outros referenciais, cujas especificidades compõem um arcabouço de proposições que oferecem fundamentação para um melhor entendimento do que intitulo “cultura da malhação”. Aqui apreendo a cultura aos modos de Helman (1994, p.23) que a define “como uma ‘lente’ herdada, através da qual os indivíduos percebem e compreendem o mundo que habitam, aprendendo a viver dentro dele”.

Para começar é importante entender que as culturas não são homogêneas e, portanto, não se devem fazer generalizações sobre grupos humanos sem antes levar em consideração suas peculiaridades. Os princípios engendrados pela cultura nos mostram a forma de ver o mundo, de vivenciá-lo emocionalmente, assim como nos comportarmos em relação às pessoas, constituindo um fator preponderante para o entendimento das relações sociais. Nesta perspectiva: “crescer dentro de qualquer sociedade é uma forma de ‘endoculturação’” (HELMAN, 1994, p. 23).

Diante de tal argumento, o corpo passa a ser o foco de um conjunto de crenças sobre o significado social, estrutural e social, tendo como imagem as formas que um indivíduo conceitua e experiencia o próprio corpo, seja ela consciente ou inconsciente (HELMAN, 1994). Através desse prisma, se observa que, na construção social, uma pessoa edifica seu corpo e, conseqüentemente, suas ações, através de características que podem ser vistas como positivas ou negativas; para tanto, a introspecção de normas e regras, atributos referendados como normais, qualifica ou estigmatiza os indivíduos nas suas relações sociais.

Na acepção de Goffman (2007), as sociedades são organizadas pelos princípios de que

os indivíduos possuem características sociais que, ao entrar em interações com outros indivíduos, buscam ser valorizados e tratados de maneira adequada. Nesta perspectiva, o autor dá a entender que para se ter uma maior compreensão de uma sociedade, faz-se necessário não apenas descrever sua cultura, mas também analisar a interação social dos sujeitos juntamente com a forma de construção dos significados, visto que a percepção da realidade depende de uma configuração organizada.

Na sua significação, espera-se que o indivíduo – quando este se insere em um grupo social – desempenhe, de forma supostamente aceitável, as regras e normas estabelecidas, pois ao se apresentar diante dos outros, o seu “desempenho” tenderá a incorporar e exemplificar os valores reconhecidos por este grupo. O “desempenho” é tido como a atividade que o indivíduo deva exercer, em uma dada ocasião influenciando, de algum modo, os que dela participa. Assim, para Goffman, o padrão de ação pré-estabelecida que se desenvolva perante uma *representação*, pode ser chamada de “movimento” ou mesmo de “prática”, sendo conceituada como padrão de desempenho que ocorre numa dada situação, e que pode ocorrer em outras da mesma maneira. E por fim, para que esse fenômeno aconteça, é necessário que haja a interação que influencia as ações uns dos outros quando em presença física imediata.

Aqui vale conceituar as categorias *representação* e *papéis sociais*, bastante importantes em toda sua obra, na qual define os *papeis sociais* como o desvendamento de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social, e as *representações sociais* como sendo toda a atividade de um indivíduo que se passa em um determinado período caracterizado pela sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre esses alguma influência. Dessa forma, esta representação vai destacar os valores comuns da sociedade. Para tanto, o autor caracteriza como *fachada* o elemento expressivo que os indivíduos usam durante a sua representação, um armamento expressivo padronizado intencional, ou inconscientemente empregado por estes, onde ao assumir um papel social há o seu estabelecimento.

Na sua obra *Estigma* (1982), analisa como os portadores de certos estigmas lidam com estes e a sua relação com os tidos como “normais”. Esse componente integracionista, na concepção do autor, é bastante relevante para se entender o comportamento desviante, pois em face disso as pessoas vivem constantemente ambas as situações, sendo esses papéis

interpenetrados em algum momento na vida social. De modo que, nas interações dos papéis sociais, alguém pode ser estigmatizado por uma determinada pessoa e não ser por outra ou outro grupo social. Goffman propõe que o estigma seja entendido como perspectivas geradas nas situações sociais interativas de normas não cumpridas, não sendo visto como um atributo pessoal, mas uma forma de designação social, uma função social realizada por todas as sociedades, fortalecendo a sua lógica e possibilitando o controle social.

Enfim, Goffman sugere que “devemos estar capacitados para compreender que a impressão da realidade criada por uma representação é uma coisa delicada, frágil, que pode ser quebrada por minúsculos contratempos” (2007, p. 58). A noção de definição de situação e as estratégias de interação – na concepção do autor – constituem elementos fundamentais para a compreensão da construção da realidade. Uma vez que a base da organização social está fundamentada no princípio de que o indivíduo que possua certas características sociais deve moralmente ser valorizado e tratado de forma adequada por todos. Nesta perspectiva, o *eu* do indivíduo é um elemento socialmente construído e o desempenho dos atores sociais, atribui-se à interação com outros interlocutores.

Se para Goffman os agentes são elementos centrais para a análise do mundo social, já que é a partir deles que se pode compreender as interações sociais e as representações, Bourdieu, por sua vez, vai mais além, criando uma teoria que articula estruturas objetivas e incorporadas, trazendo a tona o agente social e sua mediação com o mundo social (LOPES, 2009). Para o autor o processo de socialização se dá com a incorporação dos *habitus* na qual se constitui em um sistema de dispositivo gerador de práticas objetivas classificáveis e ao mesmo tempo sistema de classificação; um conceito que concebe transcender o processo de objetividade e subjetividade. Para Bourdieu, o *habitus* é a mediação entre o mundo exterior e interior, a capacidade treinada e estruturada de pensar e agir de determinadas formas para em seguida dar respostas quando solicitadas ao seu meio social. Nesse sentido, o *habitus* fornece o princípio de criação e individuação de uma única vez, pois as categorias de ação que vem embutida no meio social são partilhadas pelos agentes que foram submetidos às mesmas condições sociais.

Montagner (2006) sustenta que o conceito de *habitus* proposto por Bourdieu possui implicações e pressupostos básicos importantes para a manutenção da coerência e

operacionalidade. Para tanto, essas implicações funcionam através de três lógicas: a da retenção, que pressupõe a incorporação e absorção das formas corporais e postura, que em longo prazo, torna-se um sistema operatório; a lógica da mediação, que se estabelece a partir da passagem do individual ao coletivo, ocorrendo esta como uma mediação de ordem mental; e a lógica da classificação, que se fundamenta em um caráter ativo, um lugar de atuação individual e criativa, e, por conseguinte, de possibilidade de mudanças sociais. Essa fundamentação lógica das implicações do conceito de *habitus*, segundo o autor, implica conteúdos relacionais e, conseqüentemente, interações sociais e simbólicas, que, no sentido de Goffman, entre agentes portadores de diferentes capitais sociais.

Diante disso, Bourdieu sustenta que os agentes sociais são dotados de *habitus*, inscritos nos corpos pelas suas experiências históricas, que permite operar atos de conhecimento prático, como também engendrar estratégias adaptadas nos limites das condições estruturais que as definem tendo como um produto de uma relação dialética entre uma situação e um *habitus*. Entretanto, as disposições que são socialmente montadas podem também serem corroídas, pois os agentes nunca são por inteiro o sujeito de suas práticas, de modo que, os esquemas de *habitus* também permitem adaptar-se a contextos parcialmente modificados e construir novos contextos dotados de sentido. Assim:

O corpo está ligado a um lugar por uma relação direta, de um contrato que não é se não uma maneira entre outras de entrar em relação com o mundo. O agente está ligado a um espaço, o do campo, no interior do qual a proximidade não se confunde com a proximidade no espaço físico (mantida invariáveis as demais condições, ainda que exista sempre uma espécie de privilégio prático daquilo que é diretamente percebido). (BOURDIEU, 2001, p. 165)

Para Bourdieu (2001), o *eu* compreende praticamente o espaço físico e o espaço social. O espaço social pode ser definido como estrutura de justaposição de posições sociais, na qual os agentes sociais se posicionam de acordo com os elementos distintivos que os caracterizam, de modo que, esse *eu* inscrito nesse espaço ocupa uma posição que está regularmente associada às posições sobre o mundo físico e o mundo social. Assim, o *eu* pressupõe a incorporação de estruturas sociais de disposições, de chances objetivas sob a forma de esperanças e de antecipações, que acaba por adquirir um conhecimento e um domínio prático do espaço englobantes de disposições.

Nesse sentido, “indivíduos enquanto corpos socializados são dotados de um conjunto de disposições contendo ao mesmo tempo a propensão e a aptidão para entrar no jogo e a

jogá-lo com maior ou menor êxito” (BOURDIEU, 2001, p.190). Para tanto, faz-se necessário o conhecimento do “campo”, que, na acepção do autor, se constitui num espaço social de relações sociais complexas, estruturadas com as suas próprias regras e esquemas de dominação, na qual se legitima o poder simbólico, este agindo como um instrumento de conhecimento e de comunicação que constrói uma realidade a partir de uma lógica a cerca do mundo social que contribui para a reprodução da ordem social, ou seja, este poder só se exerce com a colaboração dos que lhe estão sujeitos porque contribuem para construí-lo como tal. Assim, o campo de produção simbólica suscita a relação de força entre os agentes, exercida através dos jogos engendrados pelos atores sociais, que leva à relação de sentido.

Em suma, os *habitus* geram um sistema de dispositivos classificatórios que se inscrevem duravelmente no corpo, “uma espécie de sentido do jogo que não tem necessidade de raciocinar para se orientar e se situar de maneira racional num espaço” (BOURDIEU, 2007, p. 2). Esses sistemas classificatórios levam a uma distinção que se configura em um mundo social representado, que Bourdieu intitula o espaço dos *estilos de vidas*. Nesse sentido, os sistemas simbólicos e a sua produção estão diretamente vinculados aos interesses de classe, pois as diferentes classes estão envolvidas em uma luta simbólica em prol dos seus interesses, de modo que a cultura que une, também separa e legitima as distinções.

Assim, “o campo da produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção” (BOURDIEU, 2007, p.120). Dessa forma, a distinção entre as classes sociais se apresenta, não apenas através do plano econômico, mas também através das interações simbólicas dos agentes envolvidos.

Dando continuidade às reflexões sobre as classes sociais e o corpo, Boltanski (2004), ao pensar o campo intitulado sociologia do corpo, faz uma crítica aos estudos produzidos, que ao seu ver, não se propõem a apresentar pesquisas empíricas, nem mesmo constituir esquemas teóricos que as tornem possíveis. Para ele, tudo se passa como a sociologia em se tratando da análise dos comportamentos físicos, dos hábitos da utilização do corpo; muitas vezes divide-se entre uma análise *econométrica* que tende a dissolvê-lo na macroeconomia e uma análise *micro tecnológica* que tende a dissolvê-lo na anatomia ou na biologia, sem encontrar o tipo de

abordagem que permitisse destacar sua dimensão propriamente social. Constituídas em torno das demandas sociais efetivamente determinadas, segundo o autor, as disciplinas que tomam o corpo como objeto de estudo apenas engendra teorias parciais do corpo e da relação com este. Em consequência disso, essas teorias tendem a reduzir o corpo inteiro a uma única de suas propriedades ou de suas dimensões de acordo com os diferentes tipos de demanda social.

No seu trabalho, intitulado “As classes sociais e o corpo”, Boltanski (2004) propõe uma análise da cultura somática às variações do consumo médico das diferentes classes. Em vista do apresentado, adverte que a análise feita apenas por uma descrição puramente objetiva do tratamento ou do regime ao qual o corpo é submetido na vida cotidiana está destinada a permanecer parciais, pois os determinismos sociais não informam jamais o corpo de maneira imediata. O autor observa que o consumo de hábitos médicos e frequência do recurso médico conforme a classe social é o principal indicador de intensidade da necessidade médica sentida pelos membros de cada classe, ou melhor, da intensidade como eles percebem e toleram suas sensações mórbidas. Nesse sentido, a linguagem que serve para exprimir as sensações doentias e, de maneira geral, para falar de doença, constitui a experiência que os sujeitos sociais têm da doença, ao mesmo tempo em que a expressa.

Boltanski (2004) sugere que o interesse e a atenção que os indivíduos concedem ao próprio corpo, sua aparência, agradável ou desagradável, bem como as sensações físicas, cresce quando eles se elevam na hierarquia social. O autor observa que, mesmo quando os membros das classes superiores apreciam a força física, atribuem menos importância à “força bruta”, de modo que ela deve ser manifestada da maneira indireta e alusiva, através de flexibilidade dos gestos ou da maleabilidade do corpo. Sugere que o conjunto dos comportamentos físicos dos membros das classes superiores, desde gestos cotidianos até sua relação com a violência física, com a doença, com a dor e, em geral, com a força física, é tido como “efeminado” pelos membros das classes populares, de forma que esses comportamentos aproximam-se à fragilidade, característica feminina, cuja prática corporal é menos intensa do que a dos homens. Em síntese, para o autor:

O corpo efetivamente é, do mesmo jeito que todos os outros objetos técnicos cuja posse marca o lugar do indivíduo na hierarquia das classes, pela sua cor (decorada ou bronzeada), textura (flácida e mole ou firme e musculosa), pelo volume (gordo ou magro, rechonchudo ou esbelto) pela amplitude, forma ou velocidade de seus deslocamentos no espaço (desajeitado ou gracioso), é um sinal de *status* – talvez o mais íntimo e daí o mais importante – cujos resultados simbólico e tão maior, pois

como tal, nunca é dissociado da pessoa que o habita (Boltanski, 2004, p. 167).

1.1.1 O CORPO CONTEMPORÂNEO

Ao pensar o corpo nas sociedades contemporâneas Le Breton (2003) observa que ele se institui como um objeto imperfeito, um rascunho a ser corrigido, de modo que não é preciso contentar-se com o corpo que se tem, pois ele pode ser modificado para torná-lo conforme a idéia que se faz dele. E na desconfiança do corpo que se tem, o indivíduo administra recursos psicofarmacológicos para produzir o estado moral desejado sem estar doente. Assim, o corpo esvaziado de seu caráter simbólico, passa ser também esvaziado de qualquer valor.

O autor constata que, no discurso científico, o corpo é tomado como uma matéria indiferente, um simples suporte da pessoa, uma matéria prima na qual se dilui a identidade pessoal, isto é, um objeto a disposição sobre o qual se deve agir a fim de melhorá-lo. Diante disso, o corpo se coloca como *alter ego* consagrado ao rancor dos cientistas, sendo remanejado por motivos terapêuticos, mas, sobretudo, por motivos de conveniência pessoal. Em suma, um empreendimento ao qual se dedicam os novos engenheiros do biológico, que esperam levá-lo a perfeição última através da ciência, de modo que, associá-lo a idéia da máquina ou acoplá-lo a ela é tentar escapar do seu prazo de validade.

Nesta perspectiva, Le Breton conclui que a anatomia deixa de ser um destino, e passa a ser um acessório da presença, e isso implica em uma encenação de si que alimenta uma vontade de se reapropriar de sua existência e criar uma identidade provisória mais favorável; um *gadget*⁵, um lugar ideal de encenação de “efeitos especiais”. Assim, faz-se necessário construí-lo sob medida para revogar o sentimento de melhor aparência, ou seja, cuidar para torná-lo seu representante mais vantajoso.

Diante de tantas transformações e encenações que se propagam no corpo, Ortega (2006) destaca que as modificações corporais nele engendradas na contemporaneidade nada mais são do que uma radicalização do real quando a ordem simbólica não produz mais a ordem social. Ou seja, “a procura do corpo extremo busca, testa e incorpora os limites

⁵ *Gadget* é uma gíria tecnológica recente que se refere a, genericamente, um equipamento que tem um propósito e uma função específica, prática e útil no cotidiano.

simbólicos para atingir seus limites reais, criando uma nova relação com o real” (p.54). Em vista disso, os indivíduos tentam construir e manter referências em grupos móveis e velozes em um mundo de oportunidades fugazes e de seguranças frágeis. Como enfatiza Bauman (2005), a insegurança surge da incerteza do mundo e os que habitam nele buscam remédios para o desconforto que ela provoca e, sendo um sentimento ambíguo, as fontes dessas inseguranças são ocultas, não se podendo situá-las com precisão.

Ainda em se tratando da corporalidade na contemporaneidade vale aqui refletir sobre o pensamento de Debord (1997), que sugere estarmos vivendo numa sociedade em se que impera o espetáculo. Nesta reflexão, o autor propõe ser o espetáculo não um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediadas por imagens, um modelo atual da vida dominante na sociedade. Nesse sentido, observa como na pós-modernidade a exibição se transformou no lema essencial, sua razão de ser, de tal maneira que o caráter fundamental do espetáculo passa a decorrer do simples fato de seus meios serem ao mesmo tempo seu fim, ou seja, “o ser se confunde com o parecer”. Assim, o autor observa que quando o mundo se transforma em imagens, estas se transformam em seres reais. A realidade surge no espetáculo e o mundo passa a ser real, em que a realidade vivida é invadida materialmente pela contemplação do espetáculo e retorna em si a ordem espetacular de forma positiva E conclui: “Toda vida das sociedades na quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação (DEBORD, 1997, p. 13).

Nos últimos anos vários são os autores (GIDDEN & DEBORD, 1997; BAUMAN, 2005; MARZANO-PARISOLI, 2004; dentre outros) que vem se debruçando na discussão teórica sobre a pós-modernidade e a sociedade do consumo. No ponto de vista desses autores cada vez mais a sociedade torna-se individualista e fortemente presa na aparência, o corpo servindo como vitrine, ou mesmo como um marketing para aquisição de status social. Nesse sentido, conforme Lipovetsky (2007), o mundo social constrói novos tipos de consumidores o que ele denomina de “consumidor turbinado”, esses cada vez menos circunscritos aos ambientes da própria categoria social. De modo que, fragmentado e individualizado, os indivíduos passam a querer ser valorizados e desejados, se distanciando do anonimato da vida cotidiana.

Nesta perspectiva, pensar em corpo sem levar em conta os padrões de beleza – que são difundidos pela mídia – é impossível, pois o corpo por si só, hoje representa uma grande mercadoria, que deve ser apreciada e utilizada como um componente de prazer. Neste cenário, a beleza passa a ser um capital, um investimento, uma mercadoria que tem um grande valor de barganha. Courtine (1995) observa que desde os anos 80 tem havido um crescente desenvolvimento do mercado para manutenção do corpo, e com isso técnicas para gerenciá-lo como o *bodybuilding*, aeróbica, regimes de baixa caloria, cirurgias plásticas, sustentadas por uma obsessão dos invólucros corporais.

Destacam-se, neste cenário, as práticas de *bodybuilding* contemporâneo como um ideal cultural de massas da aparência corporal. Nessas práticas, esquematiza-se um tipo de cultura da massa do corpo desenvolvida na sociedade do consumo na qual gasto e necessidade de consumo estão imbricados. Essas representações corpóreas trazem embutidos no mundo contemporâneo à diferença entre a vitória e a derrota, onde a busca da perfeição está baseada na explosão máxima dos músculos. Em vista de tal fato, o culto ao corpo musculoso e hiperviril, intimamente ligado ao movimento hedonista norte americano “*bodybuilding*” hoje é interpretado como uma via para o sucesso ou fracasso, um *marketing* pessoal (COURTINE, 1995).

Partindo desse prisma, Mazarano–Parissoli (2004) observa que o corpo ideal veiculado pela mídia é um reflexo do medo de tudo que pode escapar ao controle. Em vista disso, as justificativas dos corpos perfeitos como metáfora nas mensagens publicitárias produzem nos indivíduos a idéia de que para tornar o que se quer, não basta apenas aceitar as regras ou modificar os comportamentos, mas também corrigir e aperfeiçoar o corpo. Além disso, os corpos, independente do gênero que estejam engendrados, entram em um combate contra os inimigos da obesidade, da moleza e do relaxamento. E em consequência desse fato, não poder exibi-los na sua perfeição, torna-se um ato de descontrole do indivíduo, ou uma incapacidade de gerenciá-lo.

Se antes, enfatiza a autora, o poder do músculo masculino era símbolo do trabalho manual e da condição proletária, associados à brutalidade, rudeza e grosseria, hoje se conceitua como símbolo da virilidade, sucesso, comportamento correto, domínio da própria vida, reconhecimento social, um homem vencedor. Uma vez que as atividades físicas

produzem um significado de poder, energia, controle dos instintos etc., um corpo “gordo” sem músculos, demonstra indicio de uma masculinidade que não cuida de si mesmo, logo, desprovida de força e de caráter. Dito de outra forma, o julgamento das pessoas passa a ser avaliados pelo seu corpo, e o músculo se torna um ícone cultural positivo.

Em uma sociedade cada vez mais exigente – no que tange a aparência externa – a aquisição de músculos torna-se uma espécie de inscrição, constituindo-se como uma marca social e cultural impressa no corpo (LE BRETON, 2006; MARZANO-PARISOLI, 2004; MALYSSE, 2002). Para Malysse (2002) a corpolatria⁶ se escreve num mundo contemporâneo, juntamente com seus costumes e modelos inseridos na carne dos que se dedicam a ela. Dessa forma, o corpo torna-se um fetiche, uma forma de narcisismo corporal coletivo, onde ter um “bom corpo” é estar na moda. O corpo tem a tendência a ser construído apenas para ser visto, na qual o exibir-se é também colocar o outro na posição de *voyeur*.

Dessa forma, sendo o corpo elemento central da nossa relação com o mundo e, por conseguinte, o mediador do indivíduo com a cultura, pode se apreender que ele se constitui como o fio condutor da construção das identidades de gênero, uma vez que essas identidades se manifestam nas diretrizes das interações sociais. E em se tratando da corporalidade contemporânea, em que a forma física independente da classe social e do gênero se constitui no fator preponderante nas relações sociais; tendo em vista que o corpo funciona como o marketing pessoal, sinônimo de sucesso ou fracasso, as questões que permeiam as relações de gênero tem um valor substancial no cotidiano dos indivíduos.

1.2 CORPO E A INSCRIÇÃO DO GÊNERO

O enfoque de gênero, como sugere alguns autores (TREVISAN, 1998; ALMEIDA, 1995; SAFFIOTI, 1992 e SCOTT, 1990), parte do pressuposto de uma relação de poder – relação que constitui o fio condutor das discussões sobre o mundo social. Scott (1990) defende o conceito como uma categoria histórica e propõe o seu uso como um instrumento metodológico e teórico. O interesse por essa categoria – juntamente com a de raça e de classe – pelos historiadores e pesquisadores tem sido de fundamental importância para a compreensão das desigualdades de poder. Para tanto, pontua que o entendimento das questões

⁶ Corpolatria é uma espécie de “patologia da modernidade” caracterizada pela preocupação e cuidado extremos com o próprio corpo não exatamente no sentido da saúde, mas particularmente no sentido narcisístico de sua aparência ou embelezamento físico.

que permeiam as relações de gênero não deve se ater a um olhar sobre o sexo oprimido, pois a apresentação da história das experiências dos dois sexos dependerá da forma com que o gênero será tratado como categoria de análise.

Scott (1990) contextualiza que, diferente do termo “história das mulheres” – que revela a sua posição política ao afirmar que as mulheres são sujeitos históricos legítimos –, a categoria gênero que vem sendo integrada como categoria científica nas ciências sociais em substituição a “mulheres”, remete à idéia de que para além das informações sobre as mulheres também abre um campo de informações sobre os homens, já que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens. Assim como a proliferação dos estudos sobre sexualidade, o gênero tornou-se uma categoria útil, pois problematiza os papéis sexuais atribuídos aos homens e as mulheres, ambos determinados por um arcabouço de informações compartilhadas entre os atores sociais em questão. Desse modo, vale salientar que o estudo sobre gênero nos remonta a idéia de que existem pontos de tensão entre os sexos. Nesse sentido, toda a construção social da sexualidade deve ser levado em conta, já que é através dessa construção que as questões e preocupações nas definições dos papéis exercidos pelos atores sociais são internalizadas.

Scott (1990) observa que na construção das abordagens sobre o gênero, as feministas utilizaram três grandes posições teóricas. A primeira, fundamentada no patriarcado que foca a atenção no processo de subordinação das mulheres e da dominação dos homens; segundo a autora, no entanto, este tipo de abordagem não explica outros tipos de desigualdades. A segunda, denominada análise da sexualidade, teve maior ênfase entre as feministas marxistas americanas e propõe que a sexualidade é construída no contexto histórico; as autoras nesta perspectiva buscam encontrar uma explicação para essas questões através da divisão sexual do trabalho. Já a terceira posição, que compreende as pós-estruturalistas francesas e anglo-americanas, centra-se no estudo da estruturação psíquica da identidade de gênero.

Dessa forma, o gênero implica quatro elementos relacionados entre si: os símbolos culturalmente disponíveis, os conceitos normativos (que estão relacionados às interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas), a posição binária (que afirma de forma categórica e sem equívoco o sentido do masculino e feminino) e a identidade subjetiva. É importante saber historicamente as relações existentes

entre esses quatro elementos, pois eles não necessariamente operaram simultaneamente como se um fosse reflexo do outro.

A grande crítica feita às historiadoras feministas se reporta ao fato de ao estudarem a questão de gênero com maior ênfase nos modelos subalternos macho *versus* fêmea, priorizando as visões e questões pertinentes ao feminino; esqueceram-se que o gênero é constituído de duas partes e que ao se falar de dominação e subordinação, o olhar sobre o masculino tem um valor substancial neste contexto. Assim, como sinaliza Torráo (2005), a história das mulheres muitas vezes foi vista como assuntos de mulheres, situando-se nos temas voltados a aspectos privados da casa, família, reprodução, do sexo, etc.

Guaraldo (2007), ao analisar o pensamento de duas grandes filósofas feministas da atualidade – Adriana Cavarero e Judith Butler –, observa como ambas se distanciam dos termos do feminismo clássico, na qual toda a fundamentação está centrada no patriarcado, que se estrutura na relação dominação/subordinação. Cavarero, filósofa italiana, através de uma genealogia feminista do pensamento feminista, desconstrói o paradigma patriarcal do pensamento político que se sustenta na diferença sexual. Com bastante influência de Hannah Arent, a autora desenvolve uma teoria propondo ser a individualidade “autonarrável”. Já Butler, filósofa americana, traz à tona uma crítica radical ao essencialismo heterossexual do pensamento feminista, que tem uma tendência a um discurso preso na heterossexualidade. Propõe ser o sexo e o gênero uma construção social performativa, na qual o corpo sexuado é culturalmente construído pelo discurso regulador.

Guaraldo (2007) ao debruçar-se sobre a obra de Cavarero, observa que a autora nas suas reflexões críticas sobre o patriarcado, não conjetura a celebração da igualdade de gênero; entretanto, defende um questionamento mais radical dos mecanismos da teoria. Em vista disso, nos seus trabalhos mais recentes reflete a subjetividade em termos de uma desincorporação. Desenvolve a noção de “unicidade incorporada”, transformando o corpo incorporado – lugar de submissão e opressão –, em um corpo que coloca em xeque a noção de “corpo e mente”, “este e não este”. Nesse sentido, a ordem simbólica passa a ser originada da necessidade feminista de criticar radicalmente as proposições universalistas que invalidam a existência do corpo e da diferença sexual.

Nessa perspectiva, Cavarero sustenta ser a identidade uma prática relacional, pois ela

se constitui a partir de algo dado pelo outro, isso a se configurar em forma de história de vida, de modo que, fixar as identidades através de autobiografia, por si só, não se sustenta. A autora propõe uma identidade narrativa na qual o eu e o outro não se excluem mutuamente, ou seja, um “eu” que está diretamente relacionado com o mundo “exterior”, que expressa como oxímoro significativo uma “identidade altruísta”. Em síntese, Cavarero apud Guaraldo (2007, p. 668) verbaliza que:

‘O que sou’ pode ser contado por uma linguagem abstrata que substitui minha singularidade por características comuns: mulher, branca, classe média, européia, e assim por diante. ‘Quem sou’ pode ser dito apenas na forma de uma recontagem narrativa de minha aparição no mundo. Aparecer significa estar diante de alguém e depender desse alguém para receber em troca a confirmação de minha existência.

Já nas suas reflexões sobre Butler, Guaraldo (2007) pontua sobre a constituição das identidades, na qual, para autora, a identidade surge como uma combinação complexa que abrange estruturas normativas que precisam ser desconstruída em sua suposta universalidade. Essas estruturas atuam como tal que inevitavelmente moldam os “eus” dos indivíduos. Nesse sentido, Guaraldo ressalva que, diferente de Cavarero – cujas idéias sustentam o ato de contar a história de vida –, pode-se resolver mesmo de forma parcial a questão da auto-identidade; Butler defende que o problema da identidade se situa no campo normativo estrutural, de modo que ela vê o corpo estabelecido como um fenômeno social construído na esfera pública; em outras palavras, o corpo ora se apresenta como distintivo do indivíduo, ora se configura como algo destituído deste. Assim, o corpo desde o nascimento é entregue ao mundo dos outros, ao tempo que é constituído no âmago da vida social.

Para Butler, as condições sociais da incorporação são elementos de fundamental importância para o entendimento das questões sobre o gênero. Nas suas abordagens a questão da identidade não se restringe a uma relação didática entre o “eu” e o “outro”, pois se é no corpo que está aprisionado uma rede de significado e valores que contribuem para a sua formação física, não há possibilidade de acessá-lo em sua materialidade. Por isso, em se tratando da formação da identidade e da incorporação, propõe uma maior ênfase na dimensão idealista, ao invés da materialista. Diante disso, Butler dá a entender que a relacionalidade que forma os corpos estão sempre marcadas por um discurso imposto pelo outro; o sujeito nunca sendo um *self-made*, autônomo ou mesmo independente. Em resumo, para Butler apud Guaraldo (2007p. 671), “o gênero vem antes da possibilidade de um ‘eu’, é um tipo de portão para a realidade, pelo qual passam os seres humanos para alcançar a humanidade completa”.

Diante do apresentado, a questão de gênero para além da construção da identidade masculina e feminina transporta a um emaranhado de situações e vivências que estropolam o entendimento do que é ser homem ou mulher. E o termo intitulado como tal reacende discussões com foco em outras questões que estropolam as relações de dominação e subordinação. Dessa forma, o gênero no contexto atual deve ser entendido para além do patriarcado, pois compreende também outras configurações relacionais.

Saffioti (2004), ao refletir sobre a temática não discorda que para se entender o gênero deve-se levar em consideração o momento histórico e geográfico que se insere as posições hierárquicas de poder entre homens e mulheres. Entretanto, propõe uma ampliação desse entendimento ao levar em consideração as estruturas dos modos de perceber e organizar, concreta e simbolicamente a vida social e ressalva que o caráter relacional do gênero, por si só, deixa muito a desejar. A autora enfatiza que já que a queda do essencialismo social é evidente, o corpo – dentro desse contexto – deve ser visto como uma totalidade, um “*uno indivisível*”. Diante de tal proposição, em que não existe uma sexualidade biológica independente do contexto que ela é exercida, o sexo e o gênero passam a se constituírem como uma única unidade. Assim na sua aceção (1992, p. 189):

O gênero é uma maneira contemporânea de organizar normas culturais passadas e futuras, um modo de a pessoa situar-se em e através destas normas, um estilo ativo de viver o corpo no mundo [...]. E a escolha de assumir certa espécie de corpo, de viver e usar o corpo de certa maneira implica um mundo de estilos corporais já estabelecidos. Escolher um gênero consiste em interpretar recebidas normas de gênero de forma a reproduzi-las e organizá-las de novo. O gênero é mais um tácito projeto de renovar a história cultural de acordo com os termos corporais próprios de cada pessoa do que um ato radical de criação.

Observa-se que embora não seja visto separado do sexo, de fato, o gênero se inscreve no plano histórico e há evidências que corroboram a existência de um poder compartilhado, na qual as mediações do ser social com a cultura têm proporcionado uma diferença sexual cada vez mais distante. Nesse sentido, como enfatiza a autora, sexo e gênero fazem parte de uma totalidade aberta que engloba a natureza ao social, de modo que corpo e psique se constituem em uma unidade. Em outras palavras, Saffioti (2004) sustenta que embora o gênero seja construído socialmente, ele caminha junto com o sexo, pois, para uma maior compreensão da vida humana, não se pode separar natureza de cultura, corpo de mente, emoção de razão etc. Como lembra Almeida (2000, p. 59-60):

O lugar de divisão masculino/feminino é o corpo e como este é visto como o assento

da pessoa, a divisão sexual é inescapável como constituinte da identidade e simultaneamente de dois conjuntos constituintes da identidade e simultaneamente de dois conjuntos de seres humanos: homens e mulheres, nos quais o que nós entendemos por sexo e gênero se sobrepõe como uma mesma coisa.

Assim, como perspectiva teórica será adotada a definição supracitada de gênero (SAFFIOTI, 1992), referência para o entendimento dos elementos identitários relacionados na construção das masculinidades contemporâneas. Masculinidade, que se constitui como um campo de situação que se estrutura a partir das interações sociais propagadas entre os atores em questão. Como sinaliza Hall (2000, p.112):

As identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora ‘sabendo’, sempre que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma decisão, a partir do lugar do outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas - idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos.

1.2.1 A SAGA DA MASCULINIDADE:

Alguns autores chamam a atenção para a importância das identidades tidas como “desviantes” no campo da análise para o entendimento do que é ser “macho” e o que é ser “fêmea” no mundo da vida social (TORRÃO, 2005; TREVISAN, 1998; ALMEIDA, 1995). Para esses autores, em se tratando da construção social da masculinidade, a homossexualidade reporta-se a um tipo de masculinidade subordinada que redefine e reestrutura o papel do que é ser homem. Torrão (2005) observa que, “a homossexualidade masculina é arte constituinte e constitutiva da masculinidade” (p. 145).

Nesse sentido, conseqüentemente, a maior ansiedade dos homens com relação à homossexualidade está na identificação com o feminino e com a possibilidade de ser dominado por outro homem, introduzindo o conflito na oposição entre o masculino e feminino. Dessa forma, o princípio da masculinidade, como observa Scott (1990), baseia-se na repressão dos aspectos femininos e do potencial bissexual do sujeito. Em uma sociedade onde a masculinidade é sinônimo de poder e força, os homens buscam no processo de socialização um distanciamento de características e comportamentos tidos como femininos.

Na Grécia antiga – no que diz respeito à identidade sexual – não havia classificação homo/hetero. Os homens adultos passavam a sua vida sexual privada com mulheres e a pública com rapazes, esta última servindo de base para prestígio social. O importante era que os papéis sexuais fossem claramente definidos, cabendo o papel *ativo* aos homens mais

adultos e o *passivo* aos rapazes mais jovens e escravos. Era uma relação de poder, em que os escravos não poderiam exercer a postura de ativos, sendo condenável este tipo de associação. Também nas culturas de Esparta e Creta, a pederastia era incentivada como ‘virtude militar’, dentro da lógica de que pares de guerreiros amantes lutariam como heróis, para defender um ao outro (TREVISAN, 1998).

Neste contexto, a construção da identidade masculina – tratando-se de práticas homoeróticas – procura outras alusões e dribla a lógica do imaginário simbólico instituído nas relações heterossexuais. Dessa maneira, o rótulo (homossexual) se define a partir das “transas” e práticas sexuais. Parker (1991) e Rios (2002) mostram que o erótico, ainda que se articule com as normas de sexualidade e negocie com as hierarquias de passividade/atividade do gênero, orientam preponderantemente a vida dos homens com práticas homoeróticas. Assim, sendo a identidade de gênero um processo complexo que incorpora elementos conscientes e inconscientes associados ao sexo biológico e qualidades estabelecidas pela sociedade como adequadas às condições do masculino ou do feminino, o papel sexual se estabelece como o conjunto das condutas esperadas e exigidas do sujeito, de acordo com o seu gênero e comportamento, este aprendido na convivência social.

Nesta perspectiva, partindo do pressuposto de que a sexualidade ocorre no âmbito da cultura, não existe uma forma de “sexualidade normal”, tampouco uma forma de prática sexual mais natural do que a outra. Há – na verdade – uma construção histórica da sexualidade. Por esse motivo, a divisão da sociedade entre “hetero” e “homo” definitivamente não dá conta da complexidade das subjetividades que são construídas e manifestadas no registro do meio social. Trabalhar com essa lógica binária não faz sentido, no que diz respeito às identidades, práticas e desejos (BRITZMAN, 1996). O heterocentrismo, neste contexto, surge como categoria que distingue os dominantes (que são os homens ativos), os penetrantes e os que são penetrados, os dominados (WELZER-LANG, 2001). Como pontua Trevisan (1998, p.48) “O buraco penetrado é um elemento fundamental na configuração identitária masculina”.

Para tanto, a busca por padronização dos tipos ideais de masculinidade e feminilidade, leva a perceber que nada mais são do que um construto mutável e não definitivo. Nesse sentido, a busca de uma identidade tida como homogênea e estática perpassa as condições

ditas de macho e fêmea. Bauman (2005) destaca que uma identidade coesa, firmemente fixada e solidificada se constitui em mais um fardo nas sociedades atuais, uma limitação da liberdade de escolha. Desse modo, livrar-se dessas prisões do “próprio” e do “idêntico”, do “bem” e do “mal”, passa ser uma necessidade de sobrevivência na contemporaneidade (LIMA, 2003).

Sem dúvida, como ressalva Almeida (2000), as grandes mudanças que ocorreram no campo dos estudos de gênero e, conseqüentemente, da sexualidade, passa pela interpretação dos corpos, do sexo, da reprodução sexual e da tal identidade individual. Em vista disso, instituídos de identidades pessoais e sociais o gênero deixa de ser relacionado a grupos sociais e passa a se estabelecer enquanto categoria. No momento atual, Almeida situa três tendências em relação aos estudos de gênero: a teoria da prática, derivada de crítica ao marxismo ortodoxo; os modelos de relação entre estrutura e prática desenvolvidas por Bourdieu (1972; 1980) e Giddens (1979); e a análise contextual do *self*, da ação pessoal e da intersubjetividade.

Em se tratando das novas perspectivas sobre os estudos de masculinidade, Almeida (2002) destaca os trabalhos de Robert Connell (1985), que inspirado em Bourdieu e Giddens propõe uma nova sociologia da masculinidade. Para Connell e Lee (1985) essas novas abordagens devem levar em consideração: o poder sexual, em especial a relação entre homem hetero e homossexuais; os tópicos correntes no feminino, como a divisão sexual do trabalho, a política sexual nos locais de trabalho e a inter-relação entre o gênero e a dinâmica das classes; e por fim a utilização de teorias que ultrapassem as dicotomias de estrutura/indivíduo e sociedade/pessoa.

Conforme Connell (1995) a ciência positivista, cujo *ethos* enfatiza a descoberta de fatos, fornece uma simples definição de masculinidade. “*O que os homens realmente são*”, estabelece a lógica das escalas de masculinidade/feminilidade, isso a se constituir como a base das discussões etnográficas, que descrevem os padrões de vida dos homens em uma determinada cultura, ou seja, o que se denomina modelo de masculinidade. Para tanto, acentua, que isso sugere três grandes dificuldades: Em primeiro lugar, a epistemologia moderna reconhece que não há descrições aparentemente neutras, pois como se começa a identificar elementos dessa escala masculino/feminino se pressupõe alguma idéia sobre o gênero. Em segundo lugar, fazer uma lista do que faz homens e mulheres, exige-se que as

categorias homens e mulheres já tenham sido ordenadas; o gênero inevitavelmente se configurando como um processo de atribuição social que usa as tipologias do senso comum. E em terceiro lugar, definir a masculinidade como o que os homens são empiricamente, é manter em mente as ações ou atitudes de macho e de fêmea, independentemente de quem a executada.

Na prática, a literatura sobre o papel sexual masculino muitas vezes se mistura com as definições essencialistas e normativas. Para Connell (1995), quando falamos de masculinidade e feminilidade estamos falando das práticas de nomeação de configurações de gênero. De modo que, ao se adotar uma dinâmica da organização da prática em si, chega-se a idéia de que a masculinidade e feminilidade são apenas projetos de gênero, logo, uma concepção de ajustes de prática ao longo do tempo. Nesse sentido, para se entender as questões da masculinidade, segundo o autor, faz-se necessário a recorrer ao modelo de estrutura do gênero, que se conceitua em três dimensões que diferenciam as relações: 1) As relações de poder – o patriarcado – referendado dentro do modelo europeu/norte-americano; 2) relações de produção, a divisão sexual do trabalho; 3) Cathexis (relações emocionais), sobretudo os desejos sexuais, visivelmente alterado com a estabilização da sexualidade das lésbicas e gays.

Connell (2002) ressalta a relevância das pesquisas recentes sobre homens e masculinidades que vêm se debruçando para além do papel do sexo. Os estudos vão desde pesquisas quantitativas (METZ-GÖCKEL e MÜLLER, 1985; ZULEHNER e VOLZ, 1999), etnografias (KLEIN, 1993), estudos de história de vida (MESSNER, 1992; MESSERSCHMIDT, 1999), estudos de organizações (COLLINSON ET AL., 1990) aos estudos das formas culturais, como filmes, novelas e execuções (BUCHBINDER, 1998). Esses trabalhos, segundo o autor, têm a peculiaridade dos seus investigadores centrarem e traçarem a construção da masculinidade em um ambiente específico. Diante de tal efervescência e tomando por base os resultados dessas pesquisas, Connell (2002), as sintetiza em seis grandes hipóteses:

Primeiro, *as masculinidades são múltiplas*: observa-se em vários trabalhos antropológicos e históricos que não há um único padrão de masculinidade. Diferentes culturas, bem como diferentes períodos, constroem masculinidades diferenciadas, onde

consequentemente resultam diferentes definições de masculinidade.

Segundo, *existência das masculinidades hegemônicas e hierárquicas*: observa-se que no contexto social algumas masculinidades são mais honradas do que outras, de modo que a forma de masculinidade que é culturalmente dominante em um dado contexto passa a ser tida como “masculinidade hegemônica”. O autor salienta que “Hegemônica” significa uma posição de autoridade cultural e de liderança e não total dominância.

Terceiro, *as masculinidades são coletivas*: as masculinidades são definidas e sustentadas em instituições coletivamente, como no local de trabalho, em grupos informais, gangues de rua etc.

Em quarto lugar, *a construção ativa das masculinidades*: aqui se observa que as masculinidades não existem antes de comportamento social, quer como corporais ou personalidades fixas. Elas passam a existir a partir de como as pessoas agem na vida cotidiana.

Quinto, *a complexidade interna*: a aprovação pública de uma masculinidade poderá exigir medidas de dissimulação, pois as masculinidades podem ter múltiplas possibilidades de se expressar. Nesse sentido, chama atenção de como as pesquisas sobre a sexualidade dos homens é uma fonte rica de elementos que dão prova dessas tensões e contradições, isso a se configurar como elemento importante nas mudanças de padrões de gênero.

E por último *o dinamismo das masculinidades*: se existem diferentes masculinidades em diferentes contextos culturais, e diferentes momentos históricos pode se intuir que essas masculinidades são capazes de se modificarem, e, serem substituídas.

Kimel (1998) apresenta para o campo dos estudos sobre a masculinidade uma visão histórica da construção da masculinidade americana. Pontua que no início do século XIX em um primeiro momento, a masculinidade era demonstrada através do autocontrole, fazendo com que o corpo se tornasse um instrumento e uma expressão da dominação. Observa que os higienistas da época pregavam a abstinência sexual e a prática do esporte até a atual mania contemporânea do body-building, como uma forma de aliviar a angustia de serem fracos.

Em um segundo momento, a masculinidade podia ser demonstrada através de uma

fuga para as florestas, onde os homens estariam distantes das influências femininas. Lá, eles poderiam provar sua masculinidade contra a natureza, bem como para outros homens. E contextualiza: a história de expansão do oeste americano se configura como a história de perdedores colonizados, homens que migraram para essas áreas no intuito de aprender a ser *homem*. No entanto, para o autor, a principal forma em que os homens tinham de provar a sua masculinidade era através da desvalorização de outras masculinidades, posicionando o hegemônico por oposição ao subalterno.

Kimel (1998) traz como sujeito histórico da masculinidade o Patriarca Gentil, um homem refinado que passava boa parte do tempo com a família, na qual sua identidade esteve intimamente ligada à propriedade de terras, em contraste do Artesão Heróico (que se constituía no artesão urbano independente, dono de pequenos negócios). De modo que surge no século XIX a constituição da figura do *Self-Made Man*, uma versão de masculinidade que passa a existir em contraste com as versões anteriores. Um homem urbano, voltado ao seu trabalho e distantes da família, onde sua legitimação enquanto tal pautava-se no mercado. Esse conceito foi estimulado pela ideologia capitalista de mobilidade e ascendência social, que ocasiona uma idéia de uma masculinidade cada vez mais apreensiva, demonstrada e provada constantemente pela aquisição dos bens palpáveis e uma evidência de sucesso.

Nesta ocasião vale pontuar as reflexões de Connell (1995) a respeito da masculinidade tida como hegemônica. Na sua acepção, a masculinidade hegemônica não é um tipo fixo, e nem também é a mesma em toda parte. Qual posição hegemônica em se tratando dos padrões nas relações de gênero é sempre contestável, pois o conceito de hegemonia, segundo Connell, deriva da análise de Gramsci das relações de classe, na qual um grupo específico detém uma posição de destaque na vida social. Em vista disso, a masculinidade hegemônica se define como configurações que incorporam respostas para o problema da legitimidade do patriarcado, o que garante a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres. Connell sugere que na medida em que há um desgaste nos alicerces dessa masculinidade tida como hegemônica, novos grupos podem desafiar a resistência do patriarcado e, por conseguinte, construir uma nova hegemonia.

Entretanto, Connell chama a atenção que diante do fato da hegemonia referir-se à dominação cultural em toda a sociedade, a relação dominação/subordinação do gênero passa

também a incidir entre os grupos de homens, exemplificado pela dominação dos heterossexuais sobre os homossexuais. A homossexualidade sendo assimilável à feminilidade, instituindo a homofobia. Diante das questões apresentadas, Connell adverte que as definições normativas de masculinidades enfrentam dificuldades para a sua manutenção, uma vez que, por mais que os homens em sua maioria desejem este modelo, no intuito de se beneficiar com o dividendo do patriarcado, aquele que dá aos homens vantagens sobre as mulheres, na prática não consegue o estabelecer em sua totalidade.

Para finalizar, Connell (2002) sugere que as pesquisas sociais sobre masculinidade podem ser úteis no sentido de aumentar a compreensão, resolução de problemas práticos e orientar mudanças em longo prazo na sua configuração. As masculinidades contemporâneas estão imbricadas num intervalo de efeitos danosos, sejam na vida dos próprios homens, afetando os padrões de mobilidade e mortalidade, seja na vida dos que estão ao seu redor. Logo, as investigações sobre as múltiplas masculinidades podem ajudar a se reconhecer a sua diversidade, e conseqüentemente uma maior reflexão sobre as relações de gênero.

Enfim, diante do apresentado, observa-se que as masculinidades são construídas de acordo com o campo situacional desses homens, mediadas pelo seu mundo interior e exterior, ou seja, “através dos habitus, sob a forma de hexis corporais, o qual entram, ao mesmo tempo, a conformação propriamente física do corpo (o “físico”) e a maneira de se servir dele” (BOURDIEU, 2003, p. 80). Diante de tais implicações, os interesses e a atenção que os homens concedem aos seus corpos depende de suas percepções e condições sociais de produção, isso a influenciar a forma que estes lidam e percebem as suas enfermidades e aflições.

1.3 CORPO & SAÚDE MASCULINA: CONTRIBUIÇÕES SÓCIO-ANTROPOLÓGICAS

Não há dúvida que os processos sociais pautados no gênero produzem diferenças nos padrões de adoecimento e morte dos indivíduos, bem como nos comportamentos de prevenção e cuidados com a saúde, visto que os padrões de morbimortalidade de homens e mulheres mostram-se bastante relativizados por questões que permeiam a construção social entre os sexos. E estas atribuições simbólicas que diferenciam homens e mulheres resultam para os homens, em comportamentos que os predispõem a doenças, lesões e mortes

(SCHRAIBER, 2005).

Nesse sentido, Gomes (2006) ao refletir sobre essa temática, ressalva que os anos 70 podem ser tomados como um marco dos trabalhos sobre a saúde dos homens, tendo destaque a produção norte-americana que se posicionava muito próximo das teorias feministas. Já a partir dos anos 90, o autor acentua as novas abordagens teóricas e metodológicas adotadas. Dentre os aspectos de abordagem ressalta a ressignificação da masculinidade, na busca pela saúde integral do homem, como também os aspectos do ser doente e ser saudável no universo masculino. Nesta perspectiva, Gomes (2006) tenta refletir sobre a produção a respeito da saúde masculina nos últimos anos, na perspectiva de problematizar o “ser homem” no processo saúde-doença. Para tanto, subdivide os trabalhos que tem como foco a temática “homem e saúde” em três grandes temas: “sexualidade masculina”, “masculinidade e reprodução” e “masculinidade e poder”.

Em se tratando do tema sobre a “sexualidade masculina”, o autor chama atenção para o foco dos estudos em DST e AIDS, que se traduz nos seguintes núcleos de sentido: *sexualidade infectante*, pelo fato de ter uma maior participação masculina em relação à feminina nos boletins epidemiológicos das DST (O’FARREL, 2001), como também expresso na relação homem e prostituição (ESPÍRITO SANTO; ETHEREDGE, 2002); *heterossexualidade e sexualidade*, na qual a heterossexualidade que estrutura a sexualidade masculina, problematizando as investigações principalmente sobre AIDS, esta associada ainda a comportamento “anormal” (VILIET ET AL., 2001); e como terceiro núcleo de sentido destaca a “*não-monogamia*”, onde está implícita que a sexualidade masculina pode ser exercida por múltiplas parceiras, a fidelidade sendo vista como algo que compromete a imagem de ser homem (GUERRIERO ET AL, 2002; SILVA, 2002; VIEIRA ET AL, 2000).

Passando para o tema “masculinidade e reprodução”, Gomes elenca como núcleos de sentido: a pouca *participação masculina* dos homens nas discussões sobre saúde reprodutiva, principalmente em relação ao uso de contraceptivos (CARVALHO ET AL., 2001); *insuficiências de informações*, pois para alguns autores (CRUZ PEÑARÁN, 2003; STERN ET AL., 2003; DUARTE ET AL., 2002) o nível educacional pode afetar diretamente o planejamento familiar, já que quanto menor escolaridade, na sua acepção, menor aderência ao planejamento; e por ultimo *o comprometimento da reprodução masculina*, ou seja, a

infertilidade masculina. Gomes ressalta que a partir do final do século XX vários estudos internacionais sobre reprodução detectam uma diminuição significativa de espermatozoides, sendo associado muitas vezes ao caos urbano das grandes cidades (GOLDEN ET AL., 1999; MULTIGNER & OLIVA, 2002; RITTLER & CASTILHO, 2002).

Como terceiro bloco das discussões sobre a produção teórica, “masculinidade e poder”, nota-se que ela surge de forma tímida, mas os seus efeitos são de grande valia para o entendimento das questões de saúde pública. Gomes, assim como nos grupos anteriores, traduz os seguintes núcleos de sentido: *Violência e masculinidade* – a violência aqui se estabelece como uma estratégia de empoderamento, tendo maior destaque a violência sexual realizada pelos homens (VILLASEÑOR - FARIAS & CASTAÑEDA - TORRES, 2003); a *invencibilidade masculina* - esse núcleo de sentido estar diretamente relacionado com as características da masculinidade hegemônica que trazem embutidas as idéias de força, resistência e invulnerabilidade (GERRIERO ET AL., 2002; STERN ET AL., 2000); e por fim o homem como *ser provedor* – na qual a afirmação da masculinidade passa pelas condições econômicas (VILLASEÑOR - FARIAS & CASTAÑEDA - TORRES, 2003).

Para complementar, vale pontuar algumas reflexões feitas por Schraiber (2005). A autora sugere que estudos demonstram que as relações de poder entre homens e mulheres dificultam a negociação feminina no uso do preservativo, bem como o aumento da vulnerabilidade dos homens a prática sexual de risco. Nesse sentido, a ênfase na heterossexualidade compulsiva do homem que se expressa na necessidade de ter muitas parceiras, traz uma nova problemática na saúde reprodutiva, pois a busca pela auto-afirmação masculina gera uma banalização ao risco de se contrair doenças sexualmente transmissíveis.

Em se tratando de violência doméstica, Schraiber (2005) chama a atenção que os estudos demonstram que este tipo de violência vem se tornando obstáculo à diferença de gênero, pois as relações afetivo-conjugais estão carregadas de tensões e conflitos relacionadas às questões de gênero, que exige uma reorganização e novas negociações nas relações de poder. Outros agravos da saúde – que são diretamente vinculados ao sexo masculino – vêm obtendo destaque na pauta da saúde como: doenças associadas à atividade do trabalho, as neoplasias malignas, as doenças isquêmicas do coração, as doenças cérebro-vasculares e as causas externas, em particular os acidentes de carro e os homicídios. Visto que, as taxas de

mortalidade, segundo causa de morte, os homens apresentam índices mais elevados em relação às mulheres, o que decorre do relacionamento que estes mantêm com as questões relacionadas à prevenção e a promoção da saúde.

Também os dilemas encontrados no mercado de trabalho – fator bastante decisivo na identidade masculina –, bem como a falta deste, situação que atormenta o homem moderno, tem tido conseqüências para o adoecimento e o cuidado com a saúde, pois a ausência do trabalho bem como a impossibilidade de manter materialmente seus familiares e a dificuldade de recolocação no mercado está muitas vezes associados ao uso abusivo do álcool, este se constituindo como um componente importante ao risco da saúde masculina (SCHRAIBER, 2005). Assim, o cuidar da saúde também está intimamente ligado a cuidar do emprego, portanto, da própria sobrevivência.

Diante de tais fatos, associados à dificuldade de revelar os seus problemas de saúde – por significar uma demonstração de fraqueza, associada a uma representação da identidade masculina – o sofrimento se torna uma injustiça, e o não sofrer passa ser um estado de direito, de modo que, a ausência dos homens nos serviços de saúde vem sempre acompanhada da desvalorização do autocuidado e à preocupação incipiente com a saúde (FIGUEIREDO, 2004). Nesse cenário emblemático, os homens não verbalizam e nem expressam os seus sentimentos e aflições sobre as questões de saúde, por acreditarem ser uma forma de demonstração das suas fragilidades, uma possível feminização perante os outros. Isto é uma atitude de submissão, ou demonstração máxima da ausência de poder. Por esta razão, o gênero deve ser visto como fator de grande importância no padrão de riscos à saúde dos homens e na forma como estes percebem seus corpos (SCHRAIBER, 2005).

Em síntese, de fato homens e mulheres percebem os seus corpos de forma diferenciada, e, em conseqüência disso, as mulheres dedicam maior cuidado a esses, enquanto os homens vêem no corpo um operador prático, isso a exemplificar cada vez mais a diferença de gênero. Entretanto a total insegurança no mundo contemporâneo causa um grande desconforto nas relações sociais, desagregando valores culturais; atingindo os setores da vida relativamente instável como: as gerações, gênero e sexualidade, suscitando em agravos a saúde física e mental (LUZ, 2003). Nesse sentido os homens vêem com certas reservas, falar sobre seus corpos ou de expô-lo aos olhos de outrem, isso se configurando nas atitudes em

relação doença e à expressão das sensações doentias quanto nas atitudes relativas às sexualidades e a expressão da sexualidade (BOLTANSKI, 2004)

CAPÍTULO 2 – IDAS E VINDAS NAS NUANCES DO COTIDIANO

O processo de conhecimento do campo de pesquisa é extremamente complexo, pois traz com ele inquietações, anseios, dúvidas e frustrações, visto que se torna lugar propício para questionar o fazer científico, bem como os caminhos metodológicos traçados pelos manuais acadêmicos, uma vez que o campo nos remete a novas evidências e saias justas mesmo para os pesquisadores mais experientes. As artimanhas e as suas nuances fazem com que, diante do inusitado, isso se torne um aprendizado diário, a se constituir em um reinventar a cada instante. Nesse sentido, o que há de maior relevância é perceber como as relações se constroem diante do interesse dos nossos propósitos em presença dos nossos interlocutores. Já que “é neste encontro entre pessoas que se estranham e que fazem um movimento de aproximação que se pode desvendar sentidos ocultos e explicitar relações desconhecidas” (CARDOSO, 2004, p.103), de modo que colocar isso em prática passa a ser o nosso maior desafio, pois acredito que a observação da vida cotidiana do outro nos leva a refletir sobre a nossa própria vida; nossos hábitos, preconceitos, assim como o nosso viver no mundo.

Não tenho dúvida que toda a caminhada para a construção teórica de um trabalho científico muitas vezes limita-se às perguntas que se quer responder, assim como às ponderações que devem ser legitimada por seus pares. Entretanto, na minha concepção, o que mais fascina o pesquisador é poder perceber que as nuances encontradas na vida cotidiana desconstroem os ideários preconcebidos. Por certo que todo o arcabouço apresentado nos resultados de uma pesquisa não é estanque, visto que a vida se constitui na prática e na dinâmica das relações sociais, e estas não estão incorporadas como elementos de figuração nas estruturas sociais. Ou melhor dizendo: “o ‘homem’ só existe através da vida sociocultural, e isolá-lo desta, mesmo em termos puramente analíticos, pode deformar qualquer processo de conhecimento” (VELHO, 2003, p.19). Diante de tais premissas, tentar criar respostas concretas e verdades absolutas é tentar desconectar os indivíduos das suas subjetividades e conseqüentemente das suas vidas reais.

Em se tratando de uma pesquisa de cunho etnográfico, essas questões referentes à subjetividade se sobrepõem aos modelos normativos instituídos pelo campo acadêmico, pois o que está em questão é muito mais a criatividade dos que enveredam por essa metodologia do que os roteiros passo a passo incorporados pelos manuais metodológicos. Dito de outra forma,

nesse tipo de pesquisa o que está em jogo não são as hipóteses montadas, mas sim a capacidade do pesquisador de enveredar de forma não engessada por essa seara. Em síntese, como enfatiza Velho (2003, p. 27):

O antropólogo no campo, ao lidar com pessoas, é mais capaz de perceber como são elaboradas as estratégias de vida particulares. Mesmo ao procurar padrões e regularidades a sua experiência pode mostrar, se não estiver numa postura excessivamente rígida, que os indivíduos e subgrupos fazem leituras particulares de sua cultura, em função de suas características próprias.

2.1 SALVADOR CAPITAL DA ALEGRIA

Diante de tais ponderações supramencionadas, para começar necessito discorrer sobre a cidade em que resido e elegi para desenvolver essa pesquisa. Devo salientar que não consigo discutir sobre a cidade de Salvador sem trazer a tona minha experiência pessoal enquanto sujeito que nasci, cresci e vivo sua cultura. Salvador se constitui em uma metrópole com quase três milhões de habitantes, o que a posiciona como a cidade mais populosa da Região Nordeste, e terceira mais populosa do Brasil. Denominada pelo marketing do turismo de “Capital da Alegria”, devido aos enormes festejos populares, conceitua-se, dentro do contexto baiano, como um local propício para um intenso desenvolvimento das aptidões culturais artísticas, pois como diz o ditado “na Bahia não se nasce, se estréia”.

Esse tipo de proposição, no meu entender, faz com que em muitas das situações os que aqui residem devam apresentar como objetivo e dilema a busca frenética por essa tal felicidade e liberdade, traduzida numa desenvoltura de lidar com as questões de ordem social e na capacidade de se superar diante das adversidades. Em um ambiente em que reina uma grande desigualdade social, a cidade se reflete através dos seus mitos e das falsas ideologias culturais e raciais. Nesse sentido, uma cidade onde os indivíduos se vêem encurralados tendo a todo instante a necessidade de provar a “alegria” que por aqui reina, o corpo surge como o principal veículo para essa demonstração, uma vez que está implícito que os seus moradores devem desenvolver um gosto especial pelas festas, músicas e por toda a programação cultural turística que a cidade proporciona. Como sugere a música de Daniela Mercury: “*êta terra festeira/ de gente bonita/ que dá nó em pingo d’água/ que agita que agita...*”

Por possuir um clima tropical que, juntamente com o seu litoral, permite uma temperatura agradável – principalmente no período do verão – a praia se constitui como o ambiente mais badalado e escolhido para o lazer. Apesar do local ser público e democrático, é

facil a percepção de como as classes sociais se diferenciam também nas suas escolhas pelas praias litorâneas. Dito de outra forma, no intuito de manter certo distanciamento com as classes populares subalternas, as classes superiores buscam lugares distantes do frenesi popular, delimitando seus espaços de acordo com os padrões sócioeconômico e cultural – e por que não dizer, racial. A praia, sendo o local de maior socialização urbana da cidade, propociona aos que ali frequentam uma maior proximidade e cumplicidade com os corpos; uma vez que a exibição desses se faz necessária, há uma maior exigência da tal “boa forma”, e, conseqüentemente maior preocupação para com as curvas e os delineamentos corporais.

Outro grande ponto a ser destacado é que Salvador se posiciona como a cidade que possui maior percentual de negros fora da África. Segundo dados do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), incluídos pretos e pardos, a cidade possui aproximadamente 80% da sua população negra, isso a se configurar como um elemento que a distingue das outras cidades do país. Nesse sentido, observa-se que a cultura local é bastante influenciada pela África, tendo maior destaque a música, a religião e a culinária. Considerada a “Roma Negra” e vendida aos quatro cantos pelas suas peculiaridades – sejam elas a alimentação, o sincretismo religioso, ou até mesmo a corporalidade – claramente notadas, recai sobre os seus residentes uma enorme responsabilidade de manter toda essa peculiaridade, a qual deve ser estampada no “jogo de cintura” do ser baiano. Diante de tais fatos, no intuito de legitimação da sua “baianidade nagô”, para os inseridos, nesse contexto, em muitas situações resta apenas à incorporação e perpetuação de certos hábitos.

Isso é bastante evidente quando se possui certas características fenotípicas associadas ao lugar. Por ser baiano, soteropolitano, negro, cantado aos quatro campos como “nego do pelô”, sinto-me vítima a todo instante dessa imposição cultural nos meus hábitos cotidianos, uma vez que estas três características por si só incorporam no meu corpo o gosto pela capoeira, o tambor e a sensualidade a “flor da pele”, tão fetichizada mundo afora. É importante frisar que mesmo no próprio mundo acadêmico essas características de forma altamente sofisticadas são salientadas. Ainda que se tenha um senso crítico sobre essas proposições, questões referentes ao imaginário simbólico da cultura baiana se entrecruzam e se ramificam nas relações sociais para além do senso comum, visto que ter como referenciais as características supracitadas, se por um lado dão status e legitimação social, por outro gera rótulos e estigmas que são incorporados a cultura local. Como sugere Pinho (2004, p.136): “A

produção social do corpo negro em Salvador articula-se com a reprodução social de uma auto-representação localizada da imagem da cidade, ambas articulando-se à produção de identidades de gênero racializadas ou identidades raciais de gênero.”

Não quero aqui desmitificar e nem tão pouco depreciar o “jeito de ser baiano”, mas sim levantar reflexões sobre a vida cotidiana da cidade. Decerto que Salvador apreende características peculiares que o slogan “só se vê na Bahia” pronuncia, traduz um sentimento identitário que sobrepõe às questões de cunho mercadológico, isso sendo um ponto positivo no que concerne aos valores engendrados na vida cotidiana dos sujeitos. Como vários autores demonstram, o ser baiano tem por si só uma riqueza expressiva e antagônica que não dá apenas para serem traduzidos nas reflexões de cunho midiático, uma vez que, as suas nuances e relações paradoxais encantam a todos que por aqui transitam, assim como também aos que se propõem a desvencilhar essa seara tão rica de elementos que referendam uma complexidade de significados.

Salvador traduz uma efervescência cultural, que tem o seu ápice no ciclo de festas populares que se estende de dezembro a fevereiro, culminando com o carnaval – considerado a maior festa popular do mundo. Diante da tal cenário festivo, recai aos seus habitantes o mito do gosto pela malemolência, isso a se constituir no estigma da “preguiça”. Ora, é incontestável que nessas festas, tomando como maior exemplo o carnaval, estão imbricadas o ápice da desigualdade social, na qual se instala uma política turística voltada as classes superiores, restando as classes subalternas a labuta do trabalho. Diante de tal façanha soteropolitana, cabe aqui enfatizar que para a existência de toda essa efervescência cultural, se faz necessário um grande fluxo de mão de obra que se solidifica através do trabalho informal, uma forma de manutenção e sobrevivência, principalmente para a população de baixa renda, moradora dos bairros populares da cidade.

Ainda em se tratando de mercado e corporalidade, aqui se deve pontuar o campo de trabalho gerado no carnaval para os homens de bairros populares que possuem o corpo hipertrofiado. Observa-se que, para esses homens negros estigmatizados que buscam nas academias de musculação o ano inteiro um corpo hipermusculoso, para além da exposição dos corpos, o cenário do carnaval surge como um espaço de possibilidades de atuação no mercado de trabalho informal, com destaque para as atividades de segurança e prostituição. Entretanto,

difundido por todo o país, o mito da baianidade como acentua Ligia Santos (2008) traz consigo as idéias de relaxamento dos corpos, de indisponibilidade para o trabalho, de festividade e a marca da miscigenação. Em outras palavras, “as imagens popularizadas de ser baiano soteropolitano envolvem uma negação do valor moral do trabalho e a festa como um valor positivo na sua corporalidade e construção identitária” (Santos, 2008, p.26).

Além de toda desigualdade social existente, a cidade também sofre com o aumento progressivo do turismo sexual, desemprego e violência, configurando-se com o seu crescimento desordenado. Em consequência de tal fato, Salvador possui um grande número de bairros populares que sofrem com a falta de segurança, questões de saúde, saneamento básico, infraestrutura, drogas, etc., colocando os seus moradores diante de um alto índice de vulnerabilidade. Entre os diversos fatores pautados como responsáveis pela vulnerabilidade dessa população estão: a baixa escolaridade, a baixa renda familiar, a falta de ocupação e a discriminação de gênero/cor/raça/idade. Diante de tais condições, o uso e o tráfico de drogas emergem como formas equivocadas de busca de inclusão social, os quais acentuam as desigualdades sociais e promovem a exclusão social.

2.2 CAMPO MINADO: DROGAS E VIOLÊNCIA

Todo esse contexto passa a contribuir, para manutenção dos jovens dos bairros populares na marginalidade, no desemprego e, na melhor das hipóteses, em empregos precários. Os dados do Observatório da Violência do Fórum Comunitário de Combate à Violência (1998-2001) revelam que em Salvador “o mapa da violência”, que expressa a distribuição diferenciada das taxas de homicídios, associa-se ao mapa das desigualdades sociais. As maiores vítimas há muito são conhecidas: jovens, pobres, negros, com baixa escolaridade e residentes em bairros designados como “periferia”.

Aqui vale destacar a atuação do Fórum Comunitário de Combate a Violência em Salvador. O Fórum se configura como uma instância permanente de articulação de vontades, discursos, esforços e recursos em prol do enfrentamento da violência na cidade. De modo que, para que este enfrentamento ocorra, busca-se a demanda e cooperação entre indivíduos e organizações na elaboração e implementação de políticas sociais de educação, de saúde pública, jurídico-penal e policial, de forma sistemática e articulada. Nesse sentido, o Fórum é uma instância permanente de articulação de vontades, esforços e recursos (públicos e

privados), em torno do objetivo de propor e acompanhar políticas e ações destinadas a controlar e combater a violência em Salvador.

A proposta básica é contribuir para um entendimento mais amplo, um posicionamento mais produtivo e uma atuação articulada (do Estado e da Sociedade Civil) contra a violência; reconhecendo que a violência é uma grave questão social e um problema prioritário de saúde pública, o Fórum atua no sentido de articular ações para combater as suas múltiplas formas, em especial aquelas que afetam, mais de perto, as camadas pobres da população, em geral, desfavorecidas de recursos que possibilitem a defesa de sua própria integridade. Nesse sentido, o combate a todas as formas de violência, sejam elas simbólicas ou físicas que acometem os indivíduos dos espaços urbanos, constitui-se como elemento central para o desenvolvimento de políticas de inclusão social.

A violência que se instaura na população dos bairros periféricos é algo de grande temor e apreensão para os que por ali residem. O pânico se instaurou de tal forma que qualquer som semelhante a um tiro de arma de fogo é motivo de pânico e desespero. Os bairros populares hoje se conformam como locais onde a violência é bastante explicitada devido à existência de gangues rivais e o tráfico de drogas, isso a se configurar como elementos desestruturantes da vida social. Desse modo, assim como os guetos americanos, os bairros populares comungam de quatro elementos importantes que estruturam a complexidade urbana: preconceito, violência, segregação e discriminação. Diante de tais circunstâncias, todos esses elementos corroboram para a mecânica da exclusão social e do racismo (WACQUANT, 2008).

Nesta perspectiva a violência passa a se desenvolver de forma coletiva, de modo que se configura em um problema de cunho político social. Se por um lado, a mídia exacerbada e torna sensacionalistas as questões de violência dos bairros populares, por outro o Estado se mostra cada vez mais afastado da realidade desses espaços. Nesse sentido, resta aos jovens tomar a rua e enveredar por caminhos tortuosos, incrementando cada vez mais a lista dos assassinatos de forma violenta, isso a se configurar como mais um episódio a ser notificado. Diante de tais conjunturas, como sugere Wacquant (2008) o que se deve falar não é dos espaços como tais, e sim do acesso a escola, a habitação, o emprego, etc., ou seja, deve-se falar dos meios que levam a uma cidadania efetiva.

Neste cenário desastroso, é importante pontuar que, dentre as ações de experiências do Fórum de Combate a Violência, destacam-se as intervenções desenvolvidas nas comunidades populares de Salvador, voltadas para os jovens, que têm como objetivo subsidiar políticas públicas, tendo como foco as ações e projetos na arte-educação. Uma abordagem não apenas para a ocupação do tempo dos jovens, mas para a transformação destes em sujeitos autônomos e emancipados. Diante de tais ações, observa-se como fator positivo a elevação do índice de jovens que buscam participar efetivamente da sociedade, através da formação de grupos sociais e comunitários. Os jovens envolvem-se voluntariamente em diferentes expressões culturais ou esportivas, nos quais constroem uma identidade coletiva, afirmam-se e conquistam espaços dentro dos bairros em que estão inseridos. Esta inserção funciona como um estímulo na procura de soluções alternativas para suas questões de cunho pessoal e no desenvolvimento de ações positivas, resignificando os seus projetos de vida.

Vale aqui ressaltar, as diferentes escolhas no que diz respeito à questão de gênero. O público feminino procura os grupos artísticos como dança e teatro, enquanto que o masculino prefere o esporte, com destaque a capoeira e o futebol, atividades tidas como de “meninos”. É importante destacar que os homens ainda adotam como processo de formação educacional e corporal, as modalidades de acordo como os parâmetros de diferenciação entre os sexos, postulando uma visão preconceituosa, aos que aderem as atividades que condizem ao sexo oposto. Em vista disso, em uma sociedade cada vez mais construída pelos seus antagonismos e com padrões que não podemos assumi-los como universais, a questão de gênero e como os indivíduos lidam com os seus corpos, é de suma importância na construção identitária dos sujeitos. Além do mais, nesta distribuição de papéis, a questão racial e sócio-econômica tem fator preponderante nessa construção.

É neste cenário emblemático que as academias de musculação se situam e passam a funcionar com uma alternativa de valorização dos jovens que ali transitam. Como resalta Wacquant (2002), esses espaços funcionam como escudo protetor contra as tentações e os riscos da rua, ou seja, um local de sociabilidade, em contraste com o ambiente hostil e inseguro apresentado. De modo que, conforme Pinho (2004, p. 136):

Os bairros periféricos, e a experiência da perifericidade, (...) são o marco para a constituição da experiência e para a formação do sentido do corpo e de suas performances específicas. Regimes de corporalidade e de subordinação, assim como a pobreza, ou privação relativa, o cotidiano de violência, os padrões de conduta sexual, etc., são componentes intrínsecos do contexto que se forma como uma

ambiência para a reprodução social.

Aqui vale acentuar a trajetória de Paolo no campo da musculação. Paolo é um desses jovens que acredita carregar o estigma dos jovens dos bairros populares. Tem 25 anos, e o ensino médio concluído. Começou a malhar aos 17 anos por influência de amigos. Nesse período, via a musculação como um meio que ajudaria o afastar de certos tipos de conduta como a violência e as drogas. Sempre cultivou o gosto pelo esporte: destaca a capoeira e o futebol como as duas grandes alternativas para quem quer enveredar na prática esportiva dentro desses bairros. Diante de tais opções, Paolo instituiu a capoeira como a porta de entrada para a prática da musculação, esta funcionando como forma de manutenção e preparação física: “porque sempre que havia batizado na capoeira, nós fazíamos questão de estarmos preparados fisicamente... Então, pra obter o corpo ideal, praticava musculação”; e enfatiza como a prática e o ingresso na academia de musculação foi bastante proveitoso para si:

Eu acho que me ajudou em certo ponto porque me afastou do uso de maconha, outros tipos de drogas, bebida, cigarro. Como eu utilizava cigarro, né, fumava cigarro, mas quando eu passei a fazer musculação eu não bebi mais, não fumei mais. Então não se pode ter uma visão unilateral da coisa, né. Foi ruim, porque eu utilizei droga pra aumentar a massa muscular, pra crescer, e eu sei que isso não foi legal pro meu organismo, é, no entanto, me afastou da marginalidade que existe aqui na rua.

Nesse contexto, o que chama atenção são as dificuldades para sobreviver dentro de um bairro na qual a manutenção da dignidade e honestidade depende de um enfrentamento diário das tentações nocivas e ilusórias que o espaço apresenta. Em um local em que em muitas das situações tem muito pouco a oferecer para os praticantes, a malhação surge como uma ferramenta que ajuda a elevar a autoestima, os transformando em pessoas melhores e, conseqüentemente, potencializando as coisas “positivas” da vida. Surge no discurso dos proprietários das academias como um caminho de evitar que os jovens entrem nas drogas ou na marginalidade. Conforme expõe um desses proprietários:

Diga-me uma coisa quem você acha que vai mais respeitar os outros uma pessoa que se olha no espelho e se acha bonita, melhor ou uma pessoa que se acha feia, pior, inferior? Uma pessoa que se ama automaticamente vai ter amor a outra pessoa, aí o esporte ajuda dessa maneira, por que quando você começa a enxergar você, você enxerga o outro como amigo. Boa parte das pessoas que fazem academia tem amor próprio, elas querem cuidar do corpo dela, e quem cuida do corpo mesmo que seja de uma maneira vaidosa não vai querer se digladiar com ninguém, por que ele tá construindo uma casa. No caso, qual é a casa? O corpo dele, você acha quem está construído vai querer destruir a própria casa? Isso é um paradoxo.

Entretanto, ainda na significação dos proprietários, o esporte também pode ser usado de forma negativa, como por exemplo, uma pessoa pode buscar na musculação a hipertrofia muscular, *ficar malhada* e ter a falsa ilusão de estar extremamente forte, com uma extrema *fortaleza muscular*, e se valer disso para provocar violência. Vale dizer que, apesar de a mídia veicular a imagem dos hipermusculosos como homens violentos e arruaceiros, para os que estão inseridos nesse contexto, esse tipo de afirmação não procede, já que apenas uma minoria dos praticantes dessa modalidade se enquadram nesses estereótipos.

Em suma, as questões de violência, droga e juventude são, portanto, ponto chave para uma maior compreensão dos fenômenos sociais existentes nos bairros populares de Salvador. Essa tríplice por si só, traz elementos que dão pistas sobre a construção das identidades masculinas, em um cenário repleto de pressuposições a serem decifradas, uma vez que no conjunto da população nacional são os homens jovens os mais atingidos pelas desigualdades socioeconômicas; esses acabam enfrentando dificuldades das mais diversas ordens, sobretudo nas questões que interferem nos padrões de morbimortalidade.

2.3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

“A pesquisa social não pode ser definida de forma estática ou estanque. Ela só pode ser conceituada historicamente, entendendo-se todas as contradições e conflitos que permeiam seu caminho” (MINAYO, 1993, p.27). Os trabalhos produzidos no âmbito da pesquisa social apresentam uma multiplicidade de objetos de investigação como também uma pluralidade de orientações teóricas metodológicas e transdisciplinares. Nesse sentido, as pesquisas qualitativas buscam compreender a conduta humana a partir dos pontos de vista daquele que atua, dando ênfase aos significados em contexto social e cultural específico. De modo que a vida social é vista como um consenso estabelecido na inter-relação social, na qual a ordem social não é somente dada como propusera Durkheim, mas também criada na interação dos membros da sociedade (MINAYO, 1993).

Tendo em vista que é na interação social que as pessoas passam a ser vistas como atores que se comunicam e interpretam uns aos outros, ela é simbólica e é construída através da ação dos sujeitos sociais, pois a comunicação se faz através das interpretações de símbolos que têm seu significado entre os intérpretes em questão (SANTOS, 2008). Por esse prisma, através da compreensão de uma variedade de atores sociais, focando indivíduos que podem

desempenhar distintos papéis sociais, estes estudos qualitativos podem dar pistas de entendimento das sociedades complexas. E em se tratando de estudos das cidades, o processo de desenvolvimento de uma pesquisa reúne uma complexidade de relações e interações, sejam culturais ou estruturais, que são mutáveis em um determinado período de tempo.

Nesse sentido, no que concerne as pesquisas realizadas no meio urbano, alguns autores sugerem que, em lugar de se definir os indivíduos como determinados por instâncias englobantes, deve-se passar a estudá-los como interpretes de mapas e códigos socioculturais, de modo que, ao se dar ênfase na visão dinâmica da sociedade, procura-se estabelecer pontes entre os níveis micro e o macro. Segundo Perlongher (1987, 28), “esse nível micro é o lugar onde se processa a interiorização da ‘reprodução das relações sociais’, mas também pode funcionar como um lugar de resistência à ordem social dominante, onde se desenvolvem fenômenos irreduzíveis ao nível macro”. Vale dizer que, neste contexto, é impossível descrever o objeto de pesquisa de forma homogênea, integrada e harmônica. Por isso, o campo empírico deve ser um local de experimentações conceituais. Como sinaliza Velho (1978), traçar limites rígidos entre os tipos de investigação utilizada é algo de menor relevância, já que o estudo das sociedades urbanas, pela sua complexidade, demanda um agrupamento de diversas áreas do conhecimento.

Por esta razão, o presente estudo privilegiou uma abordagem qualitativa de cunho antropológico, na qual procurou a compreensão dos fenômenos a partir da perspectiva dos indivíduos, utilizando-se de procedimentos interpretativos. Valorizou-se o relativismo e as representações sociais estabelecidas na convivência cotidiana, assim como se deu uma maior ênfase nas crenças, representações, hábitos e atitudes, proporcionando uma maior flexibilidade entre o pesquisador e o entrevistado (MINAYO, 1993).

2.3.1 PISANDO DEVAGARZINHO

Este trabalho, de cunho etnográfico, foi realizado em uma academia situada em um bairro popular da cidade de Salvador, cujos habitantes, além da baixa renda per capita são predominantemente negros. A escolha dessa academia, como já mencionado, foi pautada em experiência anterior adquirida pesquisa intitulada “Corpo Juventude e Saúde: Atividade física, consumo de suplementos alimentares e anabolizantes entre jovens frequentadores de academias de Salvador”, desenvolvida pelo ISC. Aqui vale ressaltar que o ingresso nessas

academiais também foi facilitado pelos agentes comunitários da Aliança de Redução de Danos Fátima Cavalcante (ARD/UFBA).

Utilizei predominantemente a metodologia etnográfica proposta por Loic Wacquant (2002) da “Participação Observante”, ou seja, ao mesmo tempo em que observava também “malhava”. Dessa forma, construí as minhas análises a partir do vivido, como Wacquant acentua, “de um vivido sociologicamente construído”. Em outros termos, as impressões, descrições e cenas que minuciosamente orientaram o entendimento da prática em questão foram concebidas através das abordagens e das relações face a face com os sujeitos no seu meio sociocultural. O período que estive em campo, como um todo, correspondeu aproximadamente a um ano e meio, com intervalo de seis meses; no momento que estive ausente procurei atualizar o meu caderno de campo, como também refletir sobre o material até então produzido.

Como qualquer pesquisa realizada no campo da saúde, o presente estudo cumpriu os requisitos da resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1996), que foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia. Aqui vale contextualizar as questões referentes a esta resolução: diante do fato da resolução ser pautada na biomedicina, as pesquisas antropológicas no campo da saúde deparam com bastantes entraves, uma vez que, como sugere MacRae & Vidal (2006), essa resolução parece ter sido concebida no intuito de proteger os sujeitos da pesquisa de cunho biomédico. Nesse sentido, o campo etnográfico que tem como método a observação participante – em se tratando de pesquisas com grupos tidos como “desviantes” – em algumas circunstâncias, suas exigências ameaçam a qualidade e o andamento dessas pesquisas.

Os autores Oliveira (2004) e Caroso (2004) apud MacRae (2006), diante dessa problemática, apontam como grande questão, a não diferenciação pela resolução entre a pesquisa que há intervenção nos corpos (biomedicina) e as que buscam entender a respeito do uso desses corpos (socioantropológica). De modo que, como alude Oliveira (2004), deve-se perceber que as pesquisas no campo da saúde se dividem em estudos feitos *em seres humanos*, com ênfase nas intervenções biomédicas; e *com seres humanos*, tendo os sujeitos como atores e interlocutores na construção do conhecimento. Nesta ocasião, em se tratando de questões éticas e metodológicas, vale acentuar as reflexões de Willis apud Cardoso (2004, p. 102)

Em geral apesar de que as técnicas de metodologia qualitativa marcam uma ruptura decisiva com as técnicas quantitativas, o modo pelo qual são utilizadas supõe um compromisso secreto com o positivismo para manter o sujeito, finalmente como o objeto. Atrás de toda preocupação com as técnicas e com a confiabilidade dos dados, está à crença (...) que o objeto da pesquisa existe em um mundo externo.

Portanto, tomando por base as questões acima mencionadas, deve-se enfatizar que a produção dos dados não se restringe apenas a acumulação de informações, mas sim rever posicionamentos e reformulações de hipóteses e descobertas de novas pistas (CARDOSO, 2004). De modo que, em se tratando da ética da pesquisa de cunho etnográfico, os direitos do antropólogo estão diretamente subordinados aos direitos das populações que são objeto de pesquisa, isto em equivalência as responsabilidades da prestação da ciência. Como enfatiza MacRae & Vidal (2006, p. 658):

Todo antropólogo sabe, por exemplo, do tato e da delicadeza, necessários para se ingressar no campo. Aspectos como a sua aparência, quem são os seus primeiros interlocutores, quem o apresentou ao grupo etc., são de grande importância para determinar o tipo de relação que o pesquisador poderá vir a desenvolver com seus sujeitos.

Assim, a etnografia – por compreender um estudo ou observação direta entre pesquisador e o seu “objeto” em um determinado período de tempo – pode revelar o significado nas quais as pessoas atuam. Dessa forma, é importante levar em consideração a comunicação e interação entre os atores na cena, bem como a relação dessa interação como o contexto social. Nesta perspectiva, o trabalho do antropólogo tende a assumir cada vez mais a dimensão da intersubjetividade, exigindo por um lado que o antropólogo aprenda a lidar com a sua subjetividade e por outro que ele passe a considerar mais relevantes as características individuais das pessoas com quem está convivendo (VELHO, 2003). Em suma, como acentua Geertz (1978, p.20):

Fazer etnografia é tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado... E o que o etnógrafo enfrenta, é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muito delas sobrepostas e amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas e que ele tem que primeiro de alguma forma apreender e depois apresentar.

Voltando ao campo; a incursão etnográfica teve como pontos importantes: comportamentos, características, representações de masculinidade e saúde, cuidados associados ao corpo, sinais indicadores de uso de substâncias “lícitas” e “ilícitas” utilizadas

por estes para a construção e modificações corporais. Nas academias, os praticantes de musculação foram de fundamental importância para um melhor entendimento da construção do corpo. Por isso, a estratégia utilizada da inserção na prática da musculação foi de grande valia para se ter maior contato com esses homens, com isso maior cumplicidade e qualidade nas informações dadas.

Em resumo e diante do apresentado, procurei descrever e compreender o que é preciso fazer e saber para tornar-se membro de uma academia, assim como ressaltar o sentido implícito das significações culturais dos músculos. Como define Wacquant (2002), o maior desafio, nesse tipo de abordagem, é ter que retraduzir a compreensão dos sentidos em linguagem sociológica e encontrar as formas expressivas adequadas para comunicá-la, sem com isso amenizar as propriedades mais distintivas.

A etnografia trouxe duas questões importantes a serem analisadas. Se por um lado a minha inserção no espaço foi facilitada, por outro, trouxe alguns desafios na imersão em campo. Por isso, a entrada em campo se deu de forma bastante criteriosa e cuidadosa, já que vinha de outra investigação em que o foco principal era o uso de esteróides anabolizantes. E por ter feito etnografias anteriores em academias com um foco específico, não queria que a atual tivesse o mesmo olhar das demais. Dessa forma, antes de qualquer coisa procurei, na escolha do espaço, privilegiar questões que viessem enriquecer o trabalho antecedente, não apenas no sentido do uso de substâncias anabólicas, mas também questões que me inquietaram no campo e despertaram o interesse por um novo inquérito.

Ainda que, as minhas novas visitas caracterizassem um novo tipo de investigação, ao falar sobre o tema de imediato os praticantes remetiam a pesquisa anterior. Para exemplificar relato o meu primeiro contato:

Ao chegar ao espaço, dirigi-me ao irmão do proprietário que é também um dos instrutores e expliciti as minhas pretensões na academia. Ao falar sobre a investigação que estava a desenvolver de imediato me interrogou: “É sobre droga né”⁷? Colocando-se como um ex-usuário.

Relutei em utilizar o anabolizante como referência ao meu trabalho, apesar de ter a clareza de que esta questão seria inevitável. Assim tentei conduzir as conversas iniciais para a construção da musculatura, bem como a necessidade de malhar para melhor conhecer a rotina

⁷ Droga é o termo utilizado pelos praticantes de musculação para se referir aos esteróides anabolizantes.

da academia e da musculação. Compreendi que teria que desenvolver uma relação cuidadosa para lidar com o foco temático da minha investigação, pois não queria ser estigmatizado como o pesquisador das “drogas”. Dessa forma, a sensibilidade e sutileza seriam dois itens necessários, ao abordar acerca das questões que fugissem ao meu entendimento. Nesta perspectiva, o que antes seria um facilitador, tornou-se um elemento desafiador.

Quando mencionei ao proprietário que a pesquisa seria direcionada para o público masculino, o mesmo se mostrou bastante interessado. Pontuou a importância de ter mais estudos sobre esta população, como também o valor substancial que essas informações trariam a esse grupo. Segundo ele, os praticantes de musculação ainda carecem de informação. Nas suas narrativas, o mesmo revela o desejo de ampliação da academia e os planos que tem para o espaço. Para tanto, dividiu-o em três etapas: a primeira – já concluída – a troca dos aparelhos enferrujados por mais novos; a segunda, a compra das esteiras: a falta delas, segundo ele, faz com que o seu negócio não deslanche, *a esteira é o chamariz de qualquer academia, principalmente para o público feminino e as pessoas que estão acima do peso, quero atingir a todos os públicos*; por fim, o terceiro, criar um andar para ser dedicado a outras modalidades como a dança e o boxe. Vale salientar que os aparelhos são fabricados por um vizinho, o que pôde ser verificado em uma das visitas que o acompanhei ao local onde são produzidos tais aparelhos.

Dentro da academia, inicialmente, tentei não estar vinculado a nenhum grupo específico. Resolvi manter os primeiros contatos apenas com o instrutor e o proprietário. Utilizei isso como uma estratégia para sondar o terreno e os grupos que ali malhavam. Além disso, atentei-me para o que eu vestia, já que os grupos também se diferem pela sua indumentária. Neste espaço procurei utilizar camisetas e bermudas que não apresentassem propaganda ou identificassem marcas de grife. Como no senso comum o carro é um divisor de classe, nas visitas realizadas de carro – sempre na medida do possível – estacionava um pouco mais distante da academia, visto que não queria que este fosse um chamariz e um elemento de distinção perante o grupo.

A incursão etnográfica também serviu para estabelecer um conhecimento básico dos circuitos e ambientes frequentados pelo grupo-alvo, o recrutamento de entrevistados, como também para estabelecer relações de confiança entre o pesquisador e os sujeitos do estudo,

confiança necessária para a realização das entrevistas em profundidade. As entrevistas ocorreram de acordo com a disposição dos interlocutores. Além dos interlocutores recrutados no campo, recorri aos instrutores de academias, bem como pessoas que tinham algum tipo de acesso aos atores abrangidos nesta prática.

As conversas informais foram bastante produtivas e elucidativas para o enriquecimento e o entendimento dos códigos utilizados entre os adeptos dessa prática. Em muitas das situações, esses diálogos se constituíram como elemento chave no desenvolvimento de novas perspectivas e direcionamento do trabalho. Observo que essa técnica utilizada no campo reflete uma condição elementar na condução do desenvolvimento de uma aproximação e cumplicidade entre o pesquisador e o pesquisado. Entretanto, esta estratégia relacional é muito tênue e negociada através dos corpos inseridos no cenário apresentado, pois é através da leitura dos corpos que os homens praticantes dessa modalidade se comunicam e constroem relações interpessoais. Em vista disso, ao refletir sobre o campo das investigações corporais, faço minhas as palavras de Wacquant (2002, p.12):

A necessidade de compreender e dominar plenamente uma experiência transformadora que eu não previra, e que muito tempo permaneceu confusa e obscura para mim, que me levou a tematizar a necessidade de uma sociologia não somente do corpo, no sentido do objeto, mas também a partir do próprio corpo como instrumento de investigação e vetor de conhecimento.

As entrevistas em profundidades foram direcionadas a dois grandes grupos adeptos de musculação: os “fisculturistas/veteranos”, detentores de grande massa muscular e alguns anos de prática de musculação; e os “comuns”, constituído por aqueles que não possuem físico atlético, isto é, os sem capital de competência nem capital corporal (SABINO, 2002). A escolha por esses dois grupos se deu pelo fato de se distinguirem nas academias de musculação de forma hierárquica, respectivamente, os hipermusculosos e os que não têm o corpo hipertrofiado. No decorrer das entrevistas foram levantados, a partir de um roteiro, aspectos que pudessem levar a entender as representações sobre musculação, masculinidade, concepção de saúde, questões identitárias, visão de mundo, dentre outros fatores e aspectos da organização da vida dos sujeitos.

Foram realizadas em torno de 15 entrevistas em profundidade sendo 6 delas com praticantes de musculação iniciantes, 7 com praticantes veteranos e 2 com praticantes veteranos/instrutores. As idades dos entrevistados variaram de 18 a 33 anos. Na sua maioria

são solteiros e residentes em bairros diversos de Salvador. A escolha dos entrevistados visou contemplar o critério de heterogeneidade de idade, locais de residência, bem como tempo na prática da musculação. Além disso, vale salientar, que apesar dos entrevistados não fazerem questão de manter o seu anonimato, utilizei pseudônimos para identificá-los como forma de proteger as suas identidades. Em vista disso, aos entrevistados foram dadas explicações sobre os motivos da pesquisa, assim como a respeito do consentimento informado.

Através de um roteiro de entrevistas, procurei fazer com que os meus interlocutores elaborassem narrativas que dessem encadeamento à temática em questão. Para tanto subdividi o elenco de questões em quatro subtemas: “explorando a academia e a prática da musculação”, “técnica de modificações corporais”, “investigando as masculinidades” e “percepção e cuidados com a saúde”. A frase “Para começar, conte como você começou a malhar” foi o pontapé inicial para o desenvolvimento das narrativas de suas histórias pessoais.

Um dos grandes dilemas nesse tipo de entrevista é que, se por um lado os indivíduos passam a conjecturar e elaborar de forma mais reflexiva as suas respostas, por outro deixa margem para respostas encenadas para o pesquisador a respeito dos seus atos. No momento das entrevistas observei constrangimentos de alguns praticantes ao se referirem a questões que no convívio diário não foi notado. Diante de tais circunstâncias, pontos referentes à relação com o próprio corpo, que em entrevistas formais não foram mencionadas, nas conversas informais, bem como nas observações feitas na incursão etnográfica foram explicitadas.

Nesse sentido, pode-se perceber que os entrevistados na ausência do gravador e das formalidades de uma entrevista demonstraram maior desenvoltura para lidar com questões de cunho pessoal. O registro da fala cria para esses certos comprometimentos e, por conseguinte, uma necessidade de proferir um discurso “politicamente correto” das suas ações. Por outro lado, as entrevistas formais em profundidade foram de fundamental importância para a compreensão das contradições encontradas entre discurso e prática. Em suma, o conjunto de técnicas e estratégias utilizadas supracitadas se constituiu de grande valia para o estudo apresentado.

No processo de análise, foi considerado o contexto sócio-cultural, suas condições de produção, bem como a visão de mundo vinculada dos atores em questão, uma vez que a realidade social não existe em termos concretos e sim como um produto das experiências

intersubjetivas das pessoas, onde elas constroem e mantêm simbolicamente a realidade. Para análise e interpretação dos dados foram utilizadas categorias analíticas, que permitiram desvendar elementos de significação indispensável à compreensão da vida cotidiana, dentre outras categorias que surgiram no decorrer do trabalho de campo.

A análise dos dados foi composta de três etapas: análise previa do material, análise exploratória dos resultados obtidos e interpretação. A análise prévia consistiu na organização, operacionalização e sistematização dos dados produzidos em campo. Esta fase abrangeu a etapa de organização dos dados etnográficos que foram datados e catalogados cronologicamente em caderno de campo segundo a ordem das visitas feitas ao local. Nesse percurso, ao final de cada descrição diária foram feitas reflexões a respeito do observado, criando assim possibilidades de novas interpretações e conjecturas sobre as cenas ressaltadas.

Posteriormente, no processo de análise mais aprofundado todo o material foi organizado tendo por base os objetivos propostos pelo trabalho. Essa estratégia metodológica contribuiu para uma maior familiaridade com o material, bem como a formulação de hipóteses, objetivos e elaboração de códigos de referências. Em seguida, instituiu-se a análise exploratória, que consistiu em codificações e classificações, ordenação das categorias empíricas e êmicas que surgiram do campo. Foram identificados e marcados no texto trechos que revelaram aspectos de valor substancial para esse estudo, como: conceito de corpo, masculinidade, práticas de modificações corporais, concepção de saúde, dentre outras.

Concluindo, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação consistiram na aplicação de técnicas descritivas de análise. Nesta perspectiva, o cruzamento entre as categorias analíticas tomadas como centrais para o entendimento da problemática em questão, juntamente com a estruturação dos dados produzidos a partir das falas dos interlocutores, estabeleceram-se como elementos fundamentais para o diálogo entre o campo e a literatura.

CAPÍTULO 3 - CENÁRIO DOS CORPOS

3.1 ACADEMIA: ESTÍMULO, DIVERSÃO E PRAZER

Os estímulos para a prática da musculação não se diferenciam entre o grupo estudado. Todos que aderem a essa prática ingressaram seduzidos por um melhor resultado físico, que está ligada ao melhor desempenho pessoal e social. Para tanto, essa atuação está diretamente vinculada à estética. E a melhor forma de demonstração dessas está no porte físico. As mudanças corporais e sociais observáveis, entre eles, estão muito próximas do que poderíamos caracterizar de “imitação prestigiosa” (MAUSS, 1974): “Ah... Porque eu não agüentava vê meu corpo também fino demais, olhava pros dos outros, ai sentia inveja também, ai eu comecei a malhar, ai eu fui crescendo, crescendo...” (Carlos). Todos se sentem influenciados profundamente pela performance dos amigos. Entretanto, o prestígio conquistado pelos adeptos que conseguem desenvolver a sua musculatura provoca incômodo aos que não conseguem obter, principalmente no que diz respeito ao prestígio social.

Para muitos, o início da prática da musculação acontece nos fundos das casas de forma precária, o que na linguagem dos praticantes designa *malhação de fundo de quintal*. Esses lugares são construídos em terrenos baldios ou no fundo da residência que disponha de um espaço suficiente. Como uma espécie de mutirão de cooperação, os jovens que não têm poder aquisitivo para pagar uma academia reúnem-se e constroem nesses locais, um espaço voltado para a prática, juntamente com a confecção dos próprios aparelhos para exercitar.

Os equipamentos são improvisados, de forma criativa, com os materiais acessíveis no seu entorno. As barras de ferro juntamente com baldes de tintas e latas de leite vazias de vários tamanhos funcionam como material básico para a fabricação dos aparelhamentos, conhecidos como “maromba⁸”. Um dos colaboradores descreve a fabricação da aparelhagem de uma academia desse tipo:

Na ‘pele e osso’(nome da academia) o peso era feito da seguinte forma: em uma lata de tinta látex de 18 litros coloca o concreto e enfiava uma barra de ferro de aproximadamente 2 metros no centro da lata com o concreto. Deixava endurecer e fazia o mesmo na outra ponta da barra de ferro. Assim tinha um peso de 36 quilos. O peso máximo uma lata grande. Servia pra malhar o peito, ombro e supino deitado. Esse peso era utilizado pelos “mais fortes” da academia. Já o peso médio era feito

⁸ São pesos feitos de concreto (mistura de cimento, areia e brita) em latas de tinta de vários tamanhos. A diferença das latas tem como objetivo obter aparelhos com cargas distintas.

em uma lata de tinta de 5 litros, aquela lata que vem com alça. A forma de fazer era a mesma. Teria aí 10 quilos. Esse peso serve para os “sucatas”, aqueles que pegam pouco peso e estão começando. Para malhar o bíceps, o músculo do braço, era utilizado o peso feito em uma lata de leite em pó de 500g. Com isso se tinha um peso de um quilo.”(Carlos)

Segundo Carlos, tudo era feito de forma artesanal. Para não machucar as mãos, as luvas eram improvisadas com espumas de colchão. No chão eram colocados papelões ou até mesmo a camisa, peça do próprio vestuário, para evitar ferimentos nas costas. Espelhos quebrados eram pendurados em locais estratégicos para maior visibilidade do corpo. Como existiam poucos no local, alguns praticantes traziam o seu de casa para uso pessoal. O local era cercado e gradeado, tendo acesso apenas pessoas que colaboraram na sua construção. Como dinâmica da manutenção e preservação do local, o último a utilizar o espaço, ao finalizar o seu treinamento, deveria entregar a chave ao colaborador mais próximo, de modo que, qualquer ato de indisciplina era motivo de expulsão.

Outro tipo de iniciação é através de exercícios físicos feitos em jardins e locais públicos voltados para atividade física. Para muitos a prática nesses espaços não surte o mesmo impacto do treinamento feito na academia. Segundo os adeptos da musculação, há uma grande diferença no tipo de trabalho muscular realizado nos dois espaços. Nas academias o treino é focado nos músculos a serem desenvolvidos, assim resultando em uma melhor definição do corpo; além do mais, o ambiente de disputa e competição entre os alunos, na academia, surge como o estímulo para a prática. Já os exercícios feitos nos lugares abertos proporcionam apenas “resistência muscular” e não conseguem dar o volume almejado. Nesse sentido, para quem deseja definição muscular à academia se faz necessária.

Aos que aderem a uma rotina sistemática de treinamento, o não ir a academia é motivo de grande falta, que se propaga na existência de um vazio; vazio este explicitado na sensação de vulnerabilidade e fragilidade. Esse tipo de sensação para muitos mexe inclusive com o seu sistema metabólico. Alguns atletas relatam que a falta ao treino os deixa mal humorados, com insônia e uma sensação de grande perda, mesmo que essa perda, não seja visível no corpo. Well (interlocutor) revela:

É muito bom academia. Um dia que deixo de malhar me sinto mal, acho que já... Um dia que não vou à academia me olho no espelho, já tenho a sensação que estou magro, que eu preciso fazer apoio, fazer alguma coisa dentro de casa, carregar até um botijão de gás pra dizer: hoje peguei um peso.

Em contrapartida, muitos dos praticantes utilizam espaços abertos como praças e praias como forma de exibição do seu corpo, já que ali eles podem malhar sem camisa e até mesmo, dependendo do local, com roupa de banho. Fiz algumas visitas em um desses lugares e observei que em determinados momentos os praticantes de musculação, veteranos, assim como nas academias, dominam o local não dando espaço para aqueles que apenas querem exercitar o corpo sem a disciplina dos competidores. Diante de tais circunstâncias, pode-se perceber que o local também é bastante apropriado para checar o corpo e compará-lo com os demais. De fato, é comum vê-los demonstrar o desenvolvimento corporal uns aos outros, assim como seu desempenho físico.

Em vista de tais questões, o “ficar forte” é um elemento de maior relevância e significância, no grupo em que estão inseridos, visto que, em decorrência desse fato, obtêm-se maior respeito social. Por isso, entre os praticantes estar na categoria do “franzino” (um corpo bastante magro) nunca os agrada, até porque na presença do grupo esse corpo não surte efeitos positivos. Como os próprios praticantes verbalizam: no campo da musculação quem tem volume, massa corporal e modelação no corpo, possui maior respeito de todos. Aos que não se enquadram resta à expressão, como expõe um dos interlocutores, de um “Zé ninguém”, um não atleta. E a possibilidade de estar na categoria do “Zé ninguém” os afeta profundamente, pois traz consigo uma idéia de fraqueza, impotência e incompetência. Acho importante comentar que se trata também de um julgamento moral. Como expõe um dos interlocutores:

Os que malham costumam falar: Ah, você está - quando agente para de malhar - você está sucatinha. Porque parou de malhar, então a massa muscular caiu, não está tão definido. Então diz que está sucatinha. Está precisando voltar, viu? Ficar malhado... Quanto mais você tem... Parece que as pessoas começam a criar um vínculo com o músculo, quanto mais você se mede, se olha, você acha que você está pequeno. Porque é difícil... Por exemplo, eu estava falando com um colega que malha comigo: pô você está grande. Ele disse: ‘Não, que nada, eu estou sucata’. A gente nunca diz que está grande sempre falta alguma coisa. (Well)

Por esta razão, dentre as justificativas mais coerente para a busca de um físico mais vistoso está à possibilidade de sair da invisibilidade cotidiana. Em uma sociedade cada vez mais visual, os corpos desses homens buscam uma forma expressiva do ser visto. Desse ponto de vista é importante perceber que eles são provenientes de uma realidade estigmatizada e tida como marginal; diante disso, a malhação surge como possibilidade de uma construção identitária (IRIART & ANDRADE, 2002).

Nesse sentido, sobressair em um contexto estigmatizante por questões sócio-econômicas, reproduz-se no ver e ser visto. Para os praticantes dessa modalidade para além do estar bem fisicamente, também tem que estar bem emocionalmente, pois, sentem-se a todo instante testados pelo o olhar do outro. Como um dos entrevistados expõe: “A gente é como se fosse um outdoor, no lugar que você vai você vai *está* se expondo seu físico para qualquer pessoa, aí a pessoa tem visão assim, olha muito mais você assim de várias maneiras e de vários ângulos, também”.

Dessa forma, o ser observado, paquerado, assediado tem um valor substancial neste contexto. Muitos demonstram nas suas indagações a idéia de que um corpo “sarado”, dentre outros fatores, fortalece a vida social. “Significa tudo: levanta a minha autoestima, me sinto melhor com meu corpo, faz eu me sentir bem” (Anderson). O reconhecimento e respeito das pessoas que estão ao redor, a partir do desenvolvimento do corpo são claramente explicitados nas narrativas, isso a servir de estímulo para continuar na prática em si.

Portanto, constata-se que a escolha da academia está diretamente relacionada com as condições financeiras dos praticantes, como também a proximidade da residência e a possibilidade de estar diante do ambiente que lhe é familiar. Muitos justificam a sua preferência levando em conta a presença de amigos e colegas, que servem de estímulos para o treinamento. É comum irem à academia no mesmo horário e malharem dividindo os mesmos aparelhos. Parece ser uma forma de segurança e confiança nas relações dentro do espaço, de tal modo como um elemento de distinção diante de outros grupos que não comunguem dos mesmos valores embutidos nessa prática.

Nesta perspectiva, além de ser um local de socialização, as academias parecem muitas vezes como uma grande arena onde os atletas estão ali para marcar os seus espaços, haja vista a existência de códigos de boa conduta e de política de boa vizinhança. Entretanto, se por um lado há uma grande ênfase na cultura estética, por outro o discurso de boa saúde e qualidade de vida surge nas narrativas dos seus freqüentadores como um ponto importante para sua vivência nesses espaços, embora confessem que a valorização corpórea sobressaia em qualquer situação. Em síntese, constata-se ser a musculação uma atividade essencialmente corporal, cuja lógica só pode ser apreendida em ação, que corresponde a um modo de inculcar de forma implícita e coletivamente a sua prática (WACQUANT, 2002).

3.2 FÁBRICA DE CORPOS

A academia estudada funciona em espaço semelhante a uma grande sala – de aproximadamente 30 m² –, onde os aparelhos ficam comprimidos, sobrando pouco espaço para a movimentação das pessoas. O local reservado aos aparelhos para os exercícios dos membros superiores (tórax, braço, ombro, etc.) fica ao fundo da academia, onde se concentra a maior parte dos alunos. A parte da frente é reservada a duas bicicletas que praticamente ficam junto à porta, além de aparelhos designados para os membros inferiores (quadril, perna, panturrilha etc.). De modo geral, os aparelhos são bastante precários; nas paredes do local encontram-se espelhos, fotos de campeões de fisiculturismo, além de informações a respeito das regras e normas do local. Há um banheiro também na parte do fundo, que difere do todo pela sua arrumação e limpeza. Nesses tipos de espaços – como sugere Wacquant (2002) –, o maior desafio está em retraduzir uma compreensão dos sentidos em linguagem sociológica e encontrar as formas expressivas, bem como apropriadas para comunicá-la, sem com isso atenuar as propriedades mais distintivas do local.

Estima-se que o público do local no horário de funcionamento seja de 50 pessoas, com predominância de homens. No período que antecede o verão, há um aumento significativo desse público. A academia não possui taxa de matrícula, e a mensalidade custa em torno de R\$30,00. A idade dos participantes varia entre 17 a 45 anos, sendo que boa parte são jovens provenientes da redondeza. O público feminino pouco é visto nesse espaço – em torno de 5 a 10 mulheres –, que, diferente dos homens, não fazem um treinamento sistemático. Na função de instrutores, estão o proprietário e o seu irmão, ambos praticantes de musculação há bastante tempo que, através do conhecimento acumulado, assumem a direção e o treinamento dos alunos.

O conhecimento dos irmãos foi adquirido através de academias que frequentaram como alunos no decorrer do seu treinamento, informações vinculadas pela mídia, revistas destinadas ao público fisiculturista e também por intermédio dos frequentadores que a todo instante trazem novidades para o espaço. Um dos instrutores alerta da necessidade do cuidado também com o tipo de informação, uma vez que é muito comum pessoas agindo de “má fé” indicar produtos e substâncias não adequadas como laxante, água sanitária, ração e outras, com a falsa idéia que auxilia no desempenho físico e desenvolvimento muscular. Esse tipo de informação tem fonte principal naqueles que possuem um corpo bastante trabalhado e se

sentem ameaçados no ambiente da academia pelo olhar do outro. Já que dentro desses espaços a competição é bastante acirrada, esse tipo de conduta surge como forma de resposta à inveja que um corpo hipermusculoso provoca.

A academia funciona em três turnos: manhã, tarde e noite; o público difere de acordo com o tempo e a disponibilidade para o treinamento. Pela manhã, funciona das 6hs às 12hs, sendo que as pessoas que malham das 6hs às 08h30min trabalham ou estudam e vão nesse horário com o único objetivo de malhar. Chegam às 6 horas e no máximo malham até as 8 horas. O público existente após as 9 horas é formado pelas pessoas que trabalham à noite ou estão desempregadas. Malham sem muita pressa, pouco se conversa: todos ficam entretidos nas suas séries de exercícios sem muito socializar. Por ser um horário de baixa frequência, é comum encontrar os praticantes iniciantes nesse horário. Para eles, é um bom momento para poder exercitar de forma mais tranqüila, já que os aparelhos estão mais livres e com isso não tem o problema de ter que dividir as séries com outros veteranos.

O público da tarde é o considerado intermediário: na sua maioria, são estudantes ou trabalhadores em momento de folga. Malham com mais tranqüilidade sem muita pressa; por outro lado, não tem um horário fixo nem tampouco grande frequência. Parece funcionar como o momento da repescagem para muitos, pois poucos mencionam esse período como horário de treinamento. É comum encontrar alunos da manhã ou da noite suprindo uma falta do treino anterior nesse horário.

O público da noite é o que vai para a academia para socializar; vem após o trabalho ou a escola. Conversa, brinca e, de certa forma, se pinta um clima, namora. De forma geral, vai para a academia em busca de entretenimento, como afirma o proprietário – Samis – “é um público que vem relaxar”. Contudo, ele pontua: “o respeito tem que estar acima de qualquer coisa, mas por ser um espaço pequeno e democrático, todos têm que se relacionar de maneira respeitosa, ainda que haja um contato mais íntimo entre os frequentadores”. No ambiente não é permitido quaisquer tipo de brincadeiras que ofenda as pessoas que ali estão. É possível observar no mesmo espaço pessoas de idades e sexos⁹ diferentes a malhar.

O que chama a atenção é que, apesar do espaço da academia ser bastante pequeno, os diferentes grupos – que discorrerei posteriormente - não interagem entre si. Cumprem apenas

⁹ O termo sexo é entendido neste texto como uma construção social.

o ritual da “política de boa vizinhança”. O público masculino da noite são os que malham sem muita pressa; como define o próprio proprietário: “a turma do fundão”. Como toda a academia, é à noite que as relações fluem mais naturalmente, uma vez que é nesse momento que boa parte dos praticantes de musculação veteranos malham e ostentam a sua musculatura. Os assuntos tratados vão desde shows e festas que acontecem na cidade a trocas de informações referentes à prática da musculação. Normalmente, é nesse horário que os assuntos referentes ao uso de anabolizantes vêm à tona: receitas, produtos mais utilizados etc. Apesar de ser o momento de maior descontração e socialização, também se destaca como o horário onde há maior rivalidade entre os praticantes, uma vez que a maior parte dos que treinam nesse horário são veteranos – grupo em que a competitividade é bastante visível.

É comum perceber olhares de admiração e/ou tirania perante os praticantes veteranos: por ser um horário em que as academias estão bastante cheias, a disputa pelos aparelhos passam ser acirradas. Isso acontece em razão das academias de bairros populares não possuírem infra-estrutura capaz de comportar o número de pessoas a treinar. De qualquer modo, o estímulo é maior para os praticantes e a competição é o que movimenta o grupo que busca o corpo tido como “ideal”. Corpo que a cada momento deve ser superado ao se confrontar com outro, como os próprios praticantes acentuam “mais grande que o seu”, ao passo que o corpo do outro modifica a visão que se tem do próprio corpo. Dessa forma, os limites da malhação estão condicionados a superação; para tanto, a busca por um treinamento que vá além dos limites do próprio corpo faz com que o mundo competitivo tenha mais emoção e renúncia de outras questões cotidianas do bairro em prol do treinamento.

O proprietário mostra certa maturidade e vivência ao lidar com os alunos. Ele se qualifica como só mais uma ferramenta dentro da academia: “existe as ferramentas de trabalho básico que são os ferros e as máquinas e o material humano que sou eu, que sou só mais uma ferramenta de orientação.” A sua contribuição para com o espaço, segundo o próprio, é com o controle de qualidade. Diz que não está ali para vigiar alguém, mas salienta que todo lugar tem as suas normas e que a academia não seria diferente, de modo que se alguém foge às normas ele está lá para chamar a atenção, ao passo que ressalta que essa postura e as relações nela constituídas a diferencia das demais.

A história da academia entrecruza com a própria biografia do Samis. A sua fundação –

em 22 de abril de 2002 – surge como um marco na sua vida. Inicialmente, ele não tinha a pretensão de abrir uma academia; era apenas um espaço individual para malhar, com um único objetivo: *malhar para preencher o meu ego*. Orgulha-se em expor que em toda sua vida apenas praticou musculação em uma única academia, na qual considera o proprietário e amigo sua fonte de inspiração. Entretanto, foi alertado em uma determinada ocasião que vinha se dedicando exclusivamente a cultuar o corpo. Foi assim que entendeu que algo estava errado e relata:

No primeiro momento fiquei bastante irritado, mas depois percebi que *ela* tinha razão. Vi que muitas vezes estava conversando com as pessoas e parecia que elas estavam falando javanês, daí percebi que só através do conhecimento e da leitura poderia me sentir mais útil socialmente.

A partir daí descobriu que a construção da academia era não somente a realização de um sonho, mas também um novo campo profissional e conseqüentemente uma fonte de renda. Para ele, o mais importante nessa construção era perceber que naquele momento estava a concretizar o seu próprio negócio sem a intervenção de terceiros. Daí surgiu a sua curiosidade pela leitura e a busca incessante por conhecimento: lia de tudo, desde gibis a livro de auto-ajuda, fato já visualizado por mim – sempre quando chego à academia está envolvido em algum tipo de leitura. Ao lado das fichas de inscrições dos alunos, amontoam-se livros e revistas sobre fisiculturismo, além da bíblia, que assume ser o seu livro de cabeceira. Hoje frequenta a igreja Batista, não bebe, não fuma e evita perder noites. Vê no contato com o público da academia uma troca de conhecimento e não uma relação professor-aluno.

Apesar de frequentar uma igreja tida como evangélica, que faz questão de lembrar ser algo recente, Samis não gosta de ser rotulado como tal. Crê que o rótulo só limita as pessoas e é reflexo da ignorância; neste contexto, para ele, *o importante é a palavra de Cristo*, que vem estudando e pesquisando desde os 17 anos. A ida ao templo se deu a partir de um convite de um amigo e ao se identificar e gostar da forma que essas palavras foram pregadas, passou a frequentá-lo mais vezes. Ao pensar sobre o seu despertar para a *palavra do Cristo*, expõe que todas as histórias que lhe foram contadas na infância, o levaram a acreditar de fato na sua existência. Histórias ouvidas da sua avó, sua mãe e de pesquisas feitas sobre o assunto. Embora admita que a avó fosse uma *cristã ferrenha do tipo emocional*, acredita que os seus ensinamentos contribuíram bastante para a sua forma de ver o mundo. Logo, sintetiza:

Todos buscam Cristo, e isso foi uma coisa muito positiva na minha vida. Acredito que a gente tem que buscar na bíblia o que está escrito. Dentro do que está escrito

tem uma proposta para a vida das pessoas, uma proposta muito interessante: Você dá para o mundo o melhor de você e com isso você se melhora. É verdade que tenho um histórico familiar, por que isso é cultural, é como também se eu nascesse na Índia e a minha família fosse budista conseqüentemente eu poderia ser budista, mas você também tem que conhecer várias histórias, porque quando você amplia o seu leque mental você pode escolher. Se você não amplia seu leque mental você fica limitado. Então, velho, eu me sinto em paz com essa filosofia de vida que me deu a oportunidade de escolher o caminho não só para mim, por que eu não sou o centro do universo, mas para todos. Depois eu comecei a descobrir que com isso melhorei também a minha relação com a minha família.

Hoje pensa em ingressar na universidade cursar letras ou psicologia, mesmo sabendo que tem um longo caminho a seguir. O curioso é que a educação física não é mencionada nas suas escolhas. Quando indago sobre o assunto diz: “a academia é a minha parte emocional, necessito do racional até mesmo para manter a minha sobrevivência”. Nas suas narrativas a academia aparece como uma grande paixão, mas admite que num dado momento voe para outros horizontes. Mesmo todo prazer que o espaço representa e todo o sonho de ver o local totalmente equipado, essa dinâmica do dia-a-dia tornou-se para ele uma escravidão e conseqüentemente provoca um atraso nos seus planos futuros. Tem no seu irmão (Denis) um grande aliado na condução da academia e orgulha-se em ter sido uma grande inspiração para ele ingressar nesse tipo de esporte. Acredita que desta forma contribuiu muito na condução da sua vida, longe das drogas e da marginalidade que impera no bairro.

Denis tem 29 anos, começou a malhar com 21. Trabalha com Samis, como instrutor na academia e faz alguns bicos em outras quando lhe é solicitado. O início no esporte que intitula *musculação*, segundo ele, foi por acaso. Inicialmente começou a freqüentar a academia na companhia do irmão, de quem obteve as primeiras orientações, e por estímulo passou a gostar. Hoje não se vê distante dela, como também não a vê apenas pelo lado da vaidade. Acredita que a musculação é como um esporte, proporcionando aos que aderem à prática com seriedade: boa saúde, bem estar físico e mental. Entretanto, salienta que durante esse longo período que está malhando teve alguns momentos de desgosto com a prática em si:

Eu na verdade desgostei por que a malhação necessita de tempo, você tem que praticá-la, praticá-la pra você ver o resultado. Eu desgostei por que você malha hoje. Você vê alguns colegas seus fortes e você acha que “estou malhando e não estou vendo o corpo se desenvolver”. Mas na verdade você está criando a musculatura. Ai você fica impaciente no momento.

Já Samis se mostra cauteloso a todo instante em suas exposições. Sempre pondera o que fala, em qualquer circunstância, principalmente se o assunto estiver relacionado à cultura

da musculação. Como é um atleta bastante experiente nesse campo, tem o respeito e admiração do grupo que treina na academia. Sempre quando está envolvido em discussão sobre um tema específico, tem o poder de agregar espectadores, mesmo que estes não estejam inseridos nos diálogos; apresenta o dom da oratória. Apesar da sua pouca escolaridade, hoje dá valor ao estudo, embora tenha sido algo que deixou para trás, o que lhe traz grande arrependimento. Enfim, é o que poderíamos chamar de uma grande referência aos que aderem à cultura da malhação.

3.3 O JOGO DAS REGRAS E DOS CÓDIGOS QUE REGE O CENÁRIO

Analisar a prática da musculação é um exercício bastante interessante, uma vez que as regras e normas, como em qualquer grupo social são estabelecidas de forma hierárquica e a quebra dessas gera alterações no grupo. Ao ingressar na academia, tive que aprender às normas e códigos estabelecidos, de modo a se ter uma maior familiaridade com o grupo estudado. Assim, vou tentar traçar um panorama das regras e códigos observados durante o trabalho de campo: sua constituição, como são estabelecidas, bem como as justificativas para a sua existência.

No âmbito de uma academia de ginástica – no processo de socialização – os indivíduos interagem através de regras e normas dotadas de significado, que define relações hierárquicas e um campo repleto de investigações. Os atores em questão estão interligados por referências e códigos, que apesar de não estarem explicitamente colocados, são difundidos e registrados como regras a serem seguidas. Nesse contexto, os códigos se confundem com as regras, onde na cena o que está em jogo é a construção corpórea. Neste cenário, a disciplina dos corpos – bem como o cumprimento das regras estabelecidas – sugere muitas vezes uma associação ao desempenho do que é ser homem na vida cotidiana, já que burlar as regras e normas estabelecidas socialmente se constitui um desvio de conduta. Becker observa que em uma sociedade existem muitos grupos sociais e cada um deles possui suas próprias regras:

Regras sociais definem situações sociais e os tipos de comportamento apropriados a elas, especificando algumas ações como ‘certas’ e proibindo outras como ‘erradas’[...] É facilmente observável que grupos diferentes julgam coisas diferentes como sendo desviantes. Isso nos deveria alertar para a possibilidade de que a pessoa que faz o julgamento de desvio, o processo pelo qual se chega a esse julgamento e a situação na qual ele é feito pode estar, todos intimamente envolvidos no fenômeno do desvio. (BECKER, 1977, p.55).

Na minha primeira visita ao local, verifiquei que um dos cartazes informava da

proibição de malhar sem tênis e sem toalha. Curiosamente, em algumas academias de bairros populares investigadas, os praticantes chegavam a malhar de sandálias ou até mesmo descalço, sem nenhum constrangimento. Segundo o instrutor Denis, o uso do tênis tem como finalidade proteger os pés em caso de um eventual acidente, bem como dar um ar de seriedade ao local. Qualquer pessoa entre os praticantes pode ser vítima de um acidente; por isso é de fundamental importância que os exercícios sejam feitos corretamente, minimizando a possibilidade de algo vir a acontecer. Em uma das academias visitadas presenciei um desses acidentes¹⁰, na qual tanto o instrutor responsável quanto o proprietário – diante do fato – demonstraram total falta de preparo para lidar com a situação em si.

Em todas as academias o uso de toalha e de garrafas d'águas é uma regra a ser seguida para quem aventura-se no campo da prática da musculação, mas há sempre os que burlam esse tipo de regra. Tal exigência se justifica por entender que os aparelhos são utilizados por diferentes pessoas, provocando o excesso de transpiração; portanto, é necessário o local ser forrado no momento da prática dos exercícios. Como diz Denis, é também por *uma questão de higiene*. Usar garrafas individuais é outra regra desses espaços; cada aluno deve ter um recipiente para beber água, pois no local não há copos descartáveis, nem bebedouros com jato d'água. Há um filtro de última geração com aberturas distintas para o fornecimento de água gelada ou fria.

Não é permitido malhar sem camisa. Os princípios para existência dessa norma é a presença feminina no local, pois *nem todas gostam de ver músculos* (Denis) e o não constrangimento dos que não tem uma musculatura hipertrofiada e estão acima do peso. Com isso, faz-se necessário igualmente impor este tipo de procedimento. Apesar de admitir a importância dessa norma, Denis revela, de forma narcisista, o prazer que sente em malhar sem camisa a olhar-se no espelho. Expõe que gosta de observar o desenvolvimento da musculatura, contudo, salienta: *como a academia é um lugar público, deve-se manter o respeito*. Os praticantes, de modo geral, não infligem esse regulamento, mas ao sair do espaço retiram a camisa e desfilam pelas ruas sem a vestimenta, como demonstração do corpo suado e trabalhado após a maratona dos exercícios físicos. Malysse (2002) sustenta que no jogo de

¹⁰ Em um dos aparelhos voltados para a prática, o cabo de aço que sustentava o peso e conseqüentemente a barra de ferro, rompeu-se atingindo a cabeça do aluno que estava a treinar provocando um corte bastante profundo. O instrutor que acompanhava o seu treinamento diante da fatalidade mostrou-se bastante nervoso, sem saber muito bem como agir. Diante de tal fato, uma aluna aparentando ser veterana na academia providenciou os primeiros socorros até a condução do aluno ao hospital.

estigma social são, principalmente, os negros da favela e da periferia que tiram a camisa na rua com maior frequência, sendo essa seminudez estritamente controlada e estigmatizada. Entre os praticantes de musculação esse hábito é visto de forma paradoxal: por malharem nas proximidades de suas residências, tirarem a camisa é sempre visto, entre eles, como um hábito comum cotidiano. Porém diante do olhar de outros homens que não possuem a mesma estrutura corpórea, eles são criticados e estigmatizados como os *bombados* (usuários de anabolizantes).

Outro princípio a ser seguido é *Pegue, utilize e coloque no local onde você encontrou*. Os pesos e as barras de ferro são organizados e armazenados em um espaço específico. Uma das justificativas para toda essa vigilância é o perigo que estes instrumentos representam se forem alocados em locais não apropriados; além disso, há a questão do espaço para a prática da musculação.

Como iniciante, essas regras e normas não foram de imediato assimiladas: em alguns momentos, infringi algumas delas e muitas vezes, fui repreendido a respeito. Cobranças do tipo: *Pegue a barra, pega o peso, coloque no lugar* por parecer uma forma de treinamento militar, em alguns momentos, causaram-me incômodo e irritabilidade. Assim, a academia acaba funcionando como uma instituição que regula o uso do tempo e do espaço, local de fabricação dos corpos, gerenciando o corpo, o estado de espírito e os desejos da crença coletiva dos que aderem a essa prática (WACQUANT, 2002).

Outro código implícito entre os praticantes do sexo masculino, mas visivelmente observável, é cumprimentar e ser cumprimentado por todos os presentes. No começo não atentei ao detalhe; independente de conhecer ou não o outro, esse tipo de comportamento faz-se necessário. Uma forma de ser humilde e educado perante aos praticantes presentes. De imediato, tentei aprender a performance da saudação, já que os grupos têm suas peculiaridades na forma de se cumprimentar. Entre os praticantes a saudação não se diferencia das “tribos urbanas” das grandes cidades, batidas de mão aberta em seguida fechada, acompanhada de um bom dia, boa tarde ou boa noite, representa uma forma de elo e afirmação de companheirismo, ritual muito comum entre os grupos de Hip Hop americano¹¹.

¹¹ O hip hop é um movimento cultural iniciado no final da década de 1960 nos Estados Unidos como forma de reação aos conflitos sociais e à violência sofrida pelas classes menos favorecidas da sociedade urbana. É uma

No primeiro dia de treino, como em qualquer outra academia, preenchi uma ficha, na qual coloquei meus dados pessoais e paguei a 1º mensalidade. Fui monitorado por Denis na execução das minhas séries, que são repetidas em aparelhos distintos, sem muitas variações. À medida que treinava dialogava na busca de informações mais gerais possíveis. De imediato, as regras do jogo foram definidas: tanto as normas da academia, quanto as sutilezas da prática da musculação. A primeira destas regras – que deve ser respeitada religiosamente – é a disciplina. Sem ela, não há nenhum tipo de ganho, seja ele físico ou emocional, pois a prática da musculação envolve questões de cunho físico-comportamental. *Malhação pra se ter resultado, no mínimo tem que treinar três vezes por semana.* Dessa forma, o treinamento se torna uma disciplina intensiva, com suas diferentes fases repetidas ao infinito, dia após dia, semanas após semana, com ínfimas variações (WACQUANT, 2002).

Um código que está implícito e que tem um grande peso nas relações sociais dentro do espaço é dividir aparelhos com quem lhe é solicitado. Esse se constitui um fator básico para quem quer manter boas relações dentro do grupo, apesar dos veteranos nunca revezarem com os iniciantes, entre eles esse tipo de conduta deve ser respeitado. Como o próprio Denis sustenta, tal resistência pode provocar um grande mal-estar e até mesmo inimizade dentro da academia:

Às vezes o cara chega pedindo pra dividir o aparelho e o outro diz: estou terminando minha série e ai não cede para outro. No outro dia a mesma coisa acontece... Ai o cara pensa: Qual é desse cara? Pode até ser que não tenha nada a ver, mas o cara cria uma história na cabeça... Ai no primeiro momento que ele tem, rola a confusão. Quem está ao redor não entende nada, até porque os caras nem se falavam.

A pedido de Denis, em um dos meus treinamentos dividi um dos aparelhos com outro praticante. De imediato, percebi ser um iniciante como eu, pela quantidade de peso que pegava e a sua timidez dentro do espaço. Nessa circunstância, observei que malhar em dupla também pode estar ligado com a necessidade de utilizar o mesmo aparelho e servir de estímulo para o outro. Normalmente, na relação extra-academia entre iniciantes que não possuem vínculos, o treinamento se torna monossilábico, com os códigos sendo estabelecidos na medida do treino. Um dos que assimilei foi à cordialidade da passada do aparelho ao outro: nesse momento, deve-se deixar o aparelho pronto com a quantidade de peso adequada para o

espécie de *cultura das ruas*, um movimento de reivindicação de espaço e voz das periferias, traduzido nas letras questionadoras e agressivas, no ritmo forte e intenso e nas imagens grafitadas pelos muros das cidades. (DIÓGENES, 1998).

seguinte utilizar e vice versa. Isso funciona como uma forma de mostrar o espírito esportivo e de colaboração dentro do espaço.

Em outra academia tive a experiência de revezar com um aluno, não iniciante; digamos que se enquadrava no nível intermediário. Apesar de ter um corpo definido e a musculatura trabalhada, revelava certa insatisfação com o seu corpo. Queixava-se da importância de perder 6 kg e a necessidade de uma maior definição dos seus músculos. Ao investigar o que é ter definição, contesta: “não ter barriga e quando a gente coloque uma roupa ela caia bem... meu objetivo não é ficar muito forte, nem tão pouco ser um fisiculturista”. Ao analisar o meu corpo pontua que ele estava legal necessitando apenas de mais definição e me aconselhou a não exagerar e nem ficar muito forte.

Outra regra é nunca fazer crítica a respeito do corpo do colega, nem colocações do tipo *Você está miado, já estive maior, tá tomando bomba*. Na medida em que você passa a fazer parte desse grupo seletivo isso pode ser até permitido, desde que exista uma intimidade com o colega a quem se dirige. Ao questionar sobre as diferenças dos corpos entre os malhados, por exemplo: sobre alguns possuírem musculatura trabalhada e barriga acentuada e outros não. Denis enfatiza categoricamente que para esse tipo de comentário, deve-se ter a maior cautela. Muitos dos praticantes de musculação por não gostarem de fazer exercícios aeróbicos (corrida, bicicleta, esteira etc.) colocam o foco apenas no ganho de musculatura torácica. Um dos colaboradores da pesquisa argumenta:

Porque todo malhado tem aquela mania de estar colocando camiseta para dar pala. O músculo do braço e do peito. Então a princípio quando você encontra alguém, em princípio você olha primeiro para o tronco, depois que você costuma descer pra olhar “Pô cara...” se o cara não tiver perna legal, “sua perna está fininha”. Mas todo mundo acha que primeiro tem que sair o peito, costa, ombro, os dorsais, porque é o que dar mais pala nas pessoas, mostra que está malhado e as pernas acaba sendo não tão essencial fica em segundo plano. Poucas pessoas se preocupam com perna. (Rick)

Para tanto, faz-se necessário enfatizar que esse tipo de comportamento e conduta de gerenciamento do espaço não é comum em todas as academias: apesar de em muitas seus proprietários estabelecerem algumas normas, na prática do dia-a-dia, elas acabam por não funcionar; ao contrario do que acontece na academia por mim estudada, em que todo instante há uma vigilância nas exigências. Sobre o tema, Samis diz:

Todo lugar tem sua norma, na minha casa não seria diferente. Se alguém foge das normas ou do padrão eu estou aqui para chamar atenção. Por alguma coisa; um peso

fora do lugar, o desrespeito com o colega, um exercício errado, eu estou aqui pra ser o controle de qualidade, um mediador da coisa.

Como acentua Goffman (2007) em certo sentido o indivíduo que domina a cena é o diretor dela e, conseqüentemente, representa um papel verdadeiro no espetáculo que dirige e a observa de forma, a saber, se tudo ocorre da forma prevista. Dessa forma, todos os membros do grupo estão comprometidos em manter demonstração de auto-respeito uns diante dos outros, isso contribuindo para que a encenação ocorra de forma perfeita. Neste contexto, entre os praticantes de musculação existem regras como em qualquer outro grupo social. Dentre essas regras, estão estabelecidos os códigos, valores e comportamentos que são compartilhados pela interação dos atores inseridos neste cenário. Na acepção de Becker (1977, p. 60) “os grupos sociais criam o desvio ao fazer as regras cuja inflação constitui desvio (...) e o grau em que um ato será tratado como desviante depende também de quem comete o ato e de quem sente que foi prejudicado por ele”.

Denis igualmente sinaliza que, independente de qualquer coisa, o mais importante disso tudo é a organização que se deve manter no local. Nesse sentido, acredita que primeiramente ela tem que ser estimulada pelo proprietário, pois se o mesmo não colocar *ordem na casa* as coisas não acontecem. Por outro lado, alerta que essa organização deve partir também dos próprios alunos, porque se algo de inusitado acontece na academia – por exemplo, um acidente –, o prejudicado não será apenas o proprietário, mas também os que utilizam o espaço. Na sua concepção: “a organização é tudo na vida do ser humano. Se você não tiver organização, você não vai para lugar nenhum. Se você tiver organização, você vai ser organizado em qualquer lugar.”

Assim, o espaço funciona como uma máquina de produzir disciplina, ligação com o grupo, o respeito ao outro, como também a si mesmo, que reflete na vida cotidiana, uma escola de moralidade que faz da sua rotina e remodelagem do corpo o meio de acesso a um universo distintivo, em que se mistura aventura, honra masculina e prestígio (WACQUANT, 2002). Local em que o desejo de está em contato com as questões que permeiam o universo masculino se mostra latente nos valores distintivos, incorporados no que é ser homem perante o grupo hierarquizado pelas dimensões corpóreas e regras estabelecidas nas academias.

Os irmãos Denis e Samis são os instrutores tidos como referência dentro da academia.

Apesar de comungarem de questões pertinentes como a organização do espaço se diferencia na condução dos alunos dentro do ambiente, Samis, por ser mais velho tanto na idade quanto na prática da musculação, assume uma postura mais de seriedade e de vivência e, em alguns momentos, critica até mesmo a conduta de Denis dentro e fora da academia. Para ele, Denis é bastante imaturo, dá muito valor a vida noturna, e isso atrapalha seu desenvolvimento enquanto profissional e como atleta. Já Denis é, por assim dizer, um veterano representante da nova geração: não esconde a admiração que tem pelo irmão, bem como o estímulo que teve quando iniciou a prática da musculação. Veste-se de forma jovial, utiliza bermudão e camisetas decotadas. Coloca-se à vontade na forma de lidar com os alunos e o seu horário – dentro da academia – é bastante flexível. O seu círculo de amigos se confunde com o dos alunos; inclusive assume já ter se relacionado com algumas alunas.

3.4 “MALHADOS & SUCATAS”

Quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada já foi estabelecida para esse papel. Quer a investidura no papel tenha sido primordialmente motivada pelo desejo de desempenhar a mencionada tarefa, quer pelo desejo de manter a fachada correspondente, o ator verificará que deve fazer ambas as coisas (GOFFMAN, 2007, p. 34).

Dentro das academias há grupos distintos que se diferenciam por determinados referenciais simbólicos que o constituem enquanto grupos específicos. Para tanto, dependendo dos padrões estabelecidos e referências corporais, esses grupos criam suas próprias condições de manutenção de coesão. Nesse sentido, para se inserir nesse ou naquele grupo dentro das academias, alguns pré-requisitos devem ser levado em consideração, tais como: o tempo da prática da musculação, a estrutura corporal, a faixa etária, etc. Todos esses pontos vêm à tona na hora da identificação e aceitação de um determinado indivíduo em uma coligação específica. A narrativa de Samis exemplifica bastante isso:

Existe o grupo dos que se acham os detentores do conhecimento da cultura da musculação; tem a turma que não socializa, que está ali para malhar, por isso evita qualquer tipo de conversa; tem o pessoal da musculação pesada; o da musculação leve; o da crítica; os do elogio, ou seja, sempre haverá grupos distintos dentro desse mesmo espaço.

Não há dúvida que os grupos dentro de uma academia acabam por se formar de acordo com os objetivos e a aspiração de cada um. Por essa razão, o processo de socialização está diretamente ligado ao que os indivíduos buscam dentro do espaço, pois os corpos se adéquam de acordo com o perfil em que estão enquadrados.

De modo geral dois grandes grupos se distinguem na prática da musculação nos bairros populares: os fisiculturistas/veteranos e os iniciantes. Apesar de na pesquisa feita por Sabino (2003) no Rio de Janeiro haver diferença entre os fisiculturistas e veteranos, nas classes populares essa distinção não é muito clara. Muitos dos entrevistados consideram-se fisiculturistas, na medida em que o seu treinamento e dedicação assemelham a desses atletas: *hoje eu sou um fisiculturista porque cultivo meu corpo...* Entretanto, por não competirem não se vêm enquadrados nessa categoria. Alguns demonstram o fascínio e a vontade de se tornar um competidor. Porém, devido às condições financeiras e a falta de um patrocinador/empresário, mostra-se uma grande frustração.

Para tanto, a figura do fisiculturista é uma referência para qualquer praticante de musculação das classes populares, pois para eles os resultados do treinamento desses atletas são bastante visíveis e a sua dedicação ao esporte se aproxima ao que eles idealizam na cultura da malhação. Outro ponto a ser levantado é que os treinamentos desses fisiculturistas/veteranos buscam copiar todos os procedimentos de grandes estrelas desse território. Destaca-se, nesse cenário, a figura de Ronnie Coleman, fisiculturista admirado pela maioria dos praticantes de musculação e o seu corpo referendado e admirado para os que aderem a esse tipo de treinamento. Nas minhas idas e vindas no campo, ouvi esse nome várias vezes entre os praticantes, inclusive o fascínio que a figura desse atleta provocava. Então através de vídeos e da internet, procurei compreender o que o diferenciava dos demais atletas fisiculturistas.

A biografia de Ronnie Coleman¹² é o que se pode chamar de uma história de conquista e superação. O seu ingresso na carreira de fisiculturista profissional se deu de forma inusitada. Filho de mãe solteira, foi criado com bastante dificuldade juntamente com seus irmãos menores. No período em que esteve morando na sua cidade de origem – Lusíadas (EUA) – experimentou vários tipos de esportes, destacando-se no futebol americano. Trabalhava em dois ou até três empregos para ajudar nas despesas familiares. E, mesmo com toda dificuldade, conseguiu cursar a universidade graduando-se em contabilidade. Em um determinado momento de sua vida, na busca por um futuro melhor, foi morar no Texas; contudo, as suas dificuldades só vieram a se agravar. Na busca pela sobrevivência, foi entregador de jornais e de pizza até se candidatar e ser selecionado para a academia de polícia

¹² Schwarzenegger, 2001.

naquela cidade. Não que tivesse aptidão para tal, mas pelas condições salariais que ela oferecia.

Na academia de policia, se destacava pelo seu porte físico e com a dedicação que dava ao treinamento. Nesse período, um amigo admirado com a sua inclinação pelo tipo de treinamento, o convenceu a treinar numa academia freqüentada por fisiculturistas, a qual deu início a sua carreira de vitórias. Muitos dos exercícios e técnicas do fisiculturismo, até então desconhecidos, foram aprendidos a custo de muito treino. Entre 1998 e 2005 conquistou oito títulos consecutivos como o melhor do mundo. Por esta razão, consagra-se hoje, aos 42 anos, como um brilhante atleta que, somado a sua força e superação, passou de um simples policial a uma referência no universo da musculação. Com os vários títulos que o consagrou, assumiu ser garoto propaganda de várias marcas de produtos voltados à musculação, bem como capas de revistas voltadas ao universo do fisiculturismo.

Para Coleman, disciplina, prazer e determinação é a chave do sucesso de qualquer atleta. Na sua vida cotidiana, não bebe, não usa drogas e dedica-se a fé cristã. Mantém a rotina do seu treino independente de estar ou não em competição. Todo desempenho e amor ao esporte o transformaram num ícone, sendo admirado e consagrado em todo o mundo. Não apenas entre os fisiculturistas profissionais, mas também para aqueles que acreditam que o caminho para o sucesso nesse campo repousa num treinamento diário duro e pesado. Entre os jovens das comunidades populares, Ronnie Coleman é a maior referência viva no universo da *malhação*, sendo admirado e referendado por toda a sua trajetória de superação e vitória.

Voltando ao público da academia: o que poderíamos chamar aqui de fisiculturistas/veteranos, são homens com a musculatura bastante trabalhada, todos com um perfil bastante parecido. Há uma maior cumplicidade entre eles e aparentam ter mais afinidade, no que concerne ao copo almejado. Também se constitui em um grupo muito fechado. Pular essa barreira é bastante complicado; malham de forma coletiva, uns auxiliando aos outros, não deixando espaço para os iniciantes neste convívio. Dividem os mesmos aparelhos, exercitando-se em duplas; isso acontece como forma de estímulo para o aumento de peso, que a cada seção é solicitado. Parecem competir o tempo todo no objetivo de conseguir levantar maior peso, isso servindo de estímulo para o próximo aumentar a sua carga. São tidos como *os malhados* perante o grupo. Normalmente *os malhados* são os que

pegam maior quantidade de peso, por isso não gostam de exercitar com os que estão iniciando. Para eles o que estão começando acabam por atrapalhar o seu treinamento, já que a quantidade de peso é bastante inferior ao que estão acostumados a pegar.

Já os iniciantes neste contexto malham de forma solitária. Seus exercícios são bastante primários (em relação à quantidade de peso empregado) e possuem uma relação de estranhamento com o todo, aquele universo de corpos diferenciados do seu. São os que muitas vezes são chamados de *sucata* (jovens bastante magros sem nenhum tipo de definição corporal e que pega pouco peso). São os estigmatizados dentro das academias: se no seu treinamento fizer algo de errado, recebe o olhar de reprovação do grupo; ou seja, dentro do espaço acaba sendo o culpado por qualquer situação não correta. Por isso, os iniciantes procuram malhar em horários distintos dos veteranos, como forma de não se sentirem constrangidos com as brincadeiras que a todo tempo são vitimados.

Nas primeiras visitas a campo fui vítima de uma dessas brincadeiras. Um dos meus interlocutores em uma determinada academia resolve malhar ao meu lado e como forma de chamar a minha atenção para o seu treinamento, simula não agüentar a quantidade de peso que está a levantar. De imediato tentei ajudá-lo, mas logo entendi que se tratava de uma brincadeira. O meu ato serviu de motivo de piada para o grupo. Daí então, aprendi que para sair da condição de iniciante, os primeiros passos a seguir seriam conhecer os códigos implícitos que são estabelecidos dentro desses espaços. Embora se tenha essa distinção e discriminação, para todos os interlocutores o corpo de um *malhado* surge como uma referência para a construção corpórea do *sucata*. Acerca dos primeiros contatos com o mundo da malhação um colaborador, salienta:

Geralmente, quando a gente chega logo assim na academia, a galera que já está fazendo exercício uma galera maior... É tipo como se criasse um gueto, fica mais assim... Unido. E a galera que chega depois, fica também criando seu gueto, fica mais ligada à galera que é mais magrinha... Até por questão de vergonha de não pegar a mesma quantidade de peso fica assim como iniciante. E depois as coisas vão mudando, você começa a pegar mais peso, a fazer os exercícios mais direitinhos, pega uma série maior aí começa a participar. (Rick)

Apesar das diferenciações, o *sucata* tem todo tipo de acesso às informações de como se construir um corpo hipertrofiado, bem como os caminhos a traçar para se tornar um praticante de elite. Isso ocorre de forma ritualística, e o tempo, quantidade de peso e as substâncias utilizadas para a fabricação dos corpos são fatores importantes para essa

definição. Eles desfrutam dos mesmos direitos e devem se submeter aos mesmos deveres. A diferenciação está nos gastos empregados em produtos que uns e outros utilizam. Os *regulamentos internos* no âmbito de uma academia na sua maioria são implícitos, e esses se exibem no porte e no comportamento dos praticantes que gradualmente os interiorizam, e são objeto de apelos à ordem, quando são infligidos. Dessa forma, o conhecimento e a prática do treinamento é transmitido por “mimetismo” e “contramimetismos” (WACQUANT, 2002). É através da observação dos gestos e de como funciona o treino dos veteranos, copiando a rotina sem intervenção explícita do instrutor é que se constitui o rito de passagem de *sucata a malhado*.

Como qualquer rito de iniciação, os praticantes tidos como *sucata*, devem obedecer aos instrutores ou mesmo aos veterano-malhados e aceitar a condução do treinamento, assim como as regras e normas a serem seguidas para modelar seu corpo e conseqüentemente se capacitarem para obtenção de novos poderes dentro do espaço. Como acentua Turner (1974) toda posição social tem características tidas como consagradas, que é adquirido pelos beneficiários das posições durante os ritos de passagem e graças a essas os indivíduos mudam de posição. Acredito que ao ingressar numa academia de musculação esse tipo de ritual se faz necessário, uma vez que está no posto mais alto da hierarquia implica a existência do baixo, e, por conseguinte quem está no alto experimentou o que significa estar embaixo (TURNER, 1974).

A linha de passagem de um status – o indivíduo comum – para a condição de aspirante a outra posição superior faz com que a mudança física fabricada signifique mudança de status, pois esta traduz a aquisição de capital de competência. Esse ritual representa mudanças de atitude e comportamento em relação ao corpo e até mesmo a visão de mundo dos praticantes dessa modalidade, já que os praticantes de musculação se constituem em um grupo hierarquizado, seja por questões corporais, temporais ou até mesmo de gênero. Assim, conclui-se que para se estar inserido nessa corporação, faz-se necessário um aprendizado para além das questões da produção da boa forma.

De modo geral, palavras como *sucata*, *miado*, *mirradinho* nas academias é uma forma depreciativa de caracterizar o corpo do outro, mesmo quando esse outro faça parte do universo dos malhados. Para muitos, isso soa como uma ofensa ou motivo de inveja do seu

corpo. Entretanto, brincadeiras desse tipo são muito comuns entre as praticantes dessa modalidade, mas da mesma forma que pode ser colocada em tom de zombaria, pode provocar em outras situações um estranhamento entre eles, gerando discussões acirradas e brigas dentro da academia. A idéia de ser *sucata* entre os praticantes veteranos traz consigo a idéia de perda de massa muscular; logo, uma diminuição do seu potencial físico e até mesmo hierárquico perante o grupo. Ser colocado nessa condição os diferencia dos malhadores de elite, referência para os demais, por isso a não aceitação dessa condição. Como Goffman acentua:

Quando um indivíduo projeta uma definição da situação e com isso pretende implícita ou explicitamente, ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e a tratá-lo de acordo de com o que as pessoas do seu tipo têm o direito de esperar. (2007, p. 21)

Em vista disso, todo e qualquer cuidado é pouco dentro desses espaços; ao mesmo tempo em que tudo pode estar correndo bem, um mal estar pode ser engatilhado gerando desconfianças, discussões, mal entendidos, e até mesmo violência física. A regra básica, segundo um dos interlocutores, é sempre se mostrar humilde, mesmo sabendo que dentro da academia o seu corpo tenha maior destaque, visto que a arrogância gera discórdia e desconfiança, até mesmo conspiração.

Assim como os iniciantes são estigmatizados dentro da academia, fora dela os fisiculturistas/veteranos tidos como *malhados* também o são, por serem bastante hipertrofiados. Miguel – um veterano –, que não esconde o desejo de se tornar um fisiculturista profissional, relata que ao andar pelas ruas sempre se sente discriminado perante as pessoas, principalmente por homens que não possuem o corpo com a musculatura trabalhada. Sobre o tema, pontua:

Na maioria das vezes quando as pessoas passam por mim, me acha engraçado, não sei por que, não sou palhaço e não ando com a cara pintada. Eu acho que o preconceito é que muitos caras malhados são homossexuais, são bichas. Outros dizem que o malhado tem o órgão sexual pequeno, outros dizem que o malhado não tem condições de ter relações sexuais com mulher. Então o preconceito maior tá nisso aí com agente, na vestimenta que a gente veste, porque agente gosta de vestir short curto... “Eu não acho meu corpo fora do normal, eu acho que o preconceito tá nisso aí. Por eu ser diferente as pessoas procuram sempre saltar uma piadinha, fazer alguma alusão do ser humano.

Do mesmo modo que os corpos são diferenciados pelo seu volume, as roupas dos praticantes também se diferenciam. Entre os malhados, os tipos de indumentária se distinguem de acordo com a maturidade do atleta. Os que têm maior tempo da prática e são

bastante hipertrofiados – com o corpo semelhante ao dos fisiculturistas profissionais – utilizam shorts bastante curtos e colados no corpo, além de camisetas decotadas deixando a mostra toda a sua musculatura. Já os malhados mais jovens utilizam bermudões e tênis de grifes, assim como camisetas recortadas de forma a deixar sua musculatura torácica à vista. Os iniciantes, por sua vez, por não terem um corpo ainda trabalhado, ou seja, com a musculatura hipertrofiada, restringem-se a vestir bermudas e camisas folgadas.

Para Malysse (2002), a roupa, enquanto prolongamento da pele também participa dessa apresentação de si por meio da apresentação do “eu – corpo”; seus costumes e tendências parecem estar intimamente ligados com a maneira que cada grupo social considera o corpo. O autor observa que, no Brasil, a distinção entre roupa de praia, roupa de cidade e até mesmo roupa esportiva tende a desaparecer, sem que os corpos se cubram mais ao passar da praia para rua¹³.

3.5 “SEM DOR, SEM RESULTADO”

Independente do tipo de academia – seja ela de classe média ou popular –, chama a atenção a semelhança no treinamento em ambas as situações; as únicas diferenças observáveis são a qualidade dos aparelhos e a forma que as instruções são passadas. Antes de ingressar nessa academia – como havia salientado –, estive a desempenhar a prática da musculação em academias diversas. Nesse campo, sempre tentei me manter na categoria de iniciante. A minha estatura e estrutura corporal contribuíram muitas vezes para que fosse confundido como já praticante da modalidade. De modo geral, o ritual de um iniciante sempre começa com exercícios básicos e quantidade de peso equivalente ao corpo. Novas modalidades de exercícios são formuladas, na medida em que o aumento corporal venha a se materializar. Parafraçando Wacquant (2002): aprender a malhar é modificar insensivelmente seu esquema corporal, sua relação com seu corpo e o uso que deles fazemos habitualmente, de maneira a interiorizar uma série de disposições inseparavelmente mentais e físicas.

Uma das formas de acompanhar o desenvolvimento físico está intimamente ligada com as medidas do corpo. Quando, em muitos momentos, meus interlocutores querem explicitar o tipo de corpo que deseja alcançar, por vezes este vem representado sobre forma

¹³ Vale enfatizar que a pesquisa realizada pelo autor, foi feita no Rio de Janeiro, cidade litorânea, na qual a cultura da corporalidade é bastante acentuada.

numérica: “meu objetivo é crescer, botar músculo, botar 50 de braço, 70 de pernas...”. Por isso, uma fita métrica e uma balança são objetos de grande valia dentro desses espaços. Funcionam como um marcador do desenvolvimento e de avaliações corporais ao longo do período de treinamento. Como parte do rito iniciático mencionado acima, em um dos locais em que estive a treinar, fui convidado a tirar todas as minhas medidas. No momento lembrei-me das visitas às antigas costureiras, que tiravam as medidas para a fabricação de uma roupa. Independente do que se busca numa academia, este ritual se faz necessário. Na academia pesquisada não aconteceu, mas observei que esses dois objetos estão sempre à vista para o uso.

O treino destinado para mim sempre esteve vinculado a uma profunda ambigüidade. Por razões mencionadas acima, a quantidade de peso estipulada para eu apanhar muitas vezes golpeava a força que eu tinha. Senti que, devido ao meu tamanho e a estrutura corporal, para muitos instrutores eu não me enquadrava na categoria de *sucata*. Para ter um maior entendimento resolvi checar essas questões com os meus interlocutores. Ao perguntar se eu me enquadrava enquanto *sucata*, todos foram unânimes em dizer que ‘aparentemente não’. Daí, entendi toda a pressão que muitas vezes sentia no treinamento e, como o corpo por si só representa e define o que e como direcionar o treinamento de um iniciante.

Em um dos meus treinamentos, ouvi de um dos alunos ao iniciar as minhas séries, a seguinte frase: “Diga a ele (referindo ao instrutor) que você quer malhar para modelo e não para segurança”. Fiquei intrigado e resolvi perguntar qual seria a diferença. Explicou que: “malhar para modelo é para manter o corpo legal e para segurança é se desgraçar todo, pra ter esse corpo aí...”. Logo percebi que existe uma grande diferença em relação aos corpos buscados entre as classes sociais. Os padrões de beleza e modelação dos corpos têm funções e objetivos diferentes, dependendo do contexto. Por outro lado, pela competição ser tão acirrada, nesse universo, mais um corpo hipertrofiado podem consistir em uma ameaça na disputa hierarquizada.

Assim como para os praticantes de musculação, muitos instrutores comungam da idéia de que o fator genético é crucial para o desenvolvimento corpóreo. Diante disso, cada corpo reage de forma distinta ao treinamento: alguns possuem um desenvolvimento maior do que outros. Esse tipo de questionamento é bastante debatido nos espaços onde essa prática se

realiza; já presenciei discussões calorosas a respeito da temática. Todos são unânimes de que o desenvolvimento da musculatura da perna é muito difícil, e isso é percebido nos treinamentos. Nas academias de modo em geral, o local voltado para os exercícios da parte inferior do corpo como glúteo, perna e panturrilha têm pouca presença do público masculino. Esse público prefere dedicar-se, única e exclusivamente, à parte superior do corpo. “Você chega à praia, coloca uma bermuda legal e tira a camisa todo mundo vai olhar pra onde?” Diz Rick. Por outro lado, atualmente esse tipo de comportamento está sendo mudado. Hoje muitos aderem a esse tipo de treinamento no intuito de sair do estigma de *homem sorvete*, *homem chuchu*, ou seja, largo em cima e fino em baixo.

Os exercícios de glúteo – a famosa “bunda” –, é outro tipo de exercício que hoje possui muitos adeptos do sexo masculino. Na maioria das academias, raramente o homem era visto a exercitar essa parte do corpo, salvo se fosse um fisiculturista profissional; hoje, tornou-se comum essa prática nas academias de bairros populares. Enquanto alguns justificam que se deve malhar o conjunto, ou que as mulheres gostam, e, por isso, essa parte do corpo deve ser exercitada, há aqueles que ainda utilizam tom de brincadeira, frases pejorativas do tipo: *quem malha a bunda é viado*; *a mulhezinha ta malhando a bundinha*, frases utilizadas para questionar a masculinidade dos que aderem a esse tipo de treinamento. Desse modo, como sugere Bourdieu (2003, p. 26) “o corpo tem sua frente, lugar da diferença sexual, e suas costas, sexualmente indiferenciadas e potencialmente femininas, ou seja, algo passivo”.

De um modo geral, os praticantes têm suas séries de exercícios memorizadas e estas séries são passadas de uma para outra, sem nenhum tipo de cautela. O tempo e o próprio indivíduo é que definem a quantidade de peso que se pode e se deve pegar. Nesse sentido, a questão da autonomia entre os praticantes, querendo ou não é exercitada, ao mesmo tempo em que é questionada. Nas academias de bairros populares em que não há a figura validada de um instrutor, é comum a forma de aprendizagem dos exercícios serem passadas de boca em boca sem nenhuma precaução. Até por que, para alguns praticantes, essa se constitui numa forma de aproximação e familiaridade com os atletas de elite dentro desses espaços. Alguns instrutores questionam esse tipo de autonomia, pois na ânsia de ficar forte com maior rapidez, bem como sair do grupo dos estigmatizados, os iniciantes chegam a acreditar cegamente no que lhe é passado, inclusive, o receituário de vários tipos de substâncias utilizadas para o crescimento rápido da musculatura. Não checam a sua procedência, assim como a eficácia

desses produtos, buscam apenas o efeito desejado.

Para os profissionais de educação física, os praticantes tidos como *ratos de academia* – aqueles que malham em qualquer local, sem nenhum tipo de vínculos, nem tão pouco disciplina e paciência no treinamento – possuem maus hábitos que costumam disseminar perante outros alunos, constituindo-se num círculo vicioso difícil de combater. Por outro lado, os entrevistados defendem a idéia de que no circuito da musculação um corpo hipertrofiado *bombado*¹⁴ é a grande referência para os que buscam um corpo “sarado”. Dessa forma, em ter que seguir instruções de um professor sem hipertrofia muscular e um *bombado*, as informações dos hipertrofiados serão mais valorizadas.

Voltando ao meu treinamento. Criei um roteiro de visitas com horários e dias distintos sem muito me ater a rotina do meu treino. Boa parte do tempo passava a conversar com os instrutores, ou mesmo com algum aluno, quando sentia espaço para que isso ocorresse. Contudo, sempre fui cobrado pelos instrutores mais disciplina no treinamento. A cada parada, era pedido o meu retorno aos exercícios. Senti-me monitorado o tempo inteiro. Mesmo sabendo que estava ali por outros objetivos à cobrança não se diferenciava dos demais alunos. Em um dos meus treinos argumentei ter ficado com o corpo dolorido por causa do dia anterior. De imediato, Denis (instrutor) enfatiza que apenas a musculatura ficou dolorida e isso era normal acontecer, devido a um longo período que fiquei sem fazer nenhum tipo de atividade física. Como exemplo expõe: “É a mesma coisa se eu der uma corrida agora, vou ficar... Com as pernas bambas”.

Como em qualquer academia, há um grande número de espelhos distribuídos por todo o espaço. Ao iniciar um novo exercício proposto, sou sinalizado a fazer diante de um desses; Denis explica que o espelho é correção, por isso determinados exercícios devem ser feitos diante dele. “Você no espelho percebe se está fazendo certo ou errado”. Apesar dessa constatação para os praticantes, na maioria das vezes a ação de malhar diante do espelho funciona como uma forma de sentir prazer na contemplação do próprio corpo e do corpo do outro. Uma espécie de narcisismo que ultrapassa a sexualidade dos corpos, uma forma de desprendimento, como se os indivíduos saíssem dos seus corpos ao entrar neles mais profundamente (MALYSSE, 2008). Samis também argumenta sobre a grande importância que

¹⁴ Praticantes de musculação que utilizam grande quantidade de esteróides anabolizantes na construção do corpo hipertrofiado.

o espelho representa dentro das academias: “O espelho é equilíbrio; com ele você consegue observar os exercícios e corrigi-los”. Contudo, são unânimes em afirmar que para muitos praticantes, os espelhos funcionam apenas para a questão de vaidade, sem se preocuparem com o objetivo principal que é o cuidado na forma de executar os exercícios.

No meu treinamento, tive sempre que controlar, por conta própria, a quantidade de peso, redefinindo os exercícios diários e às séries que eram estipuladas. Sempre ao chegar ao espaço, Samis ou Denis me perguntava o que queria malhar. Por não ter um treinamento sistemático, eu não conseguia acompanhar o ritmo proposto pela prática e nem eles o encadeamento do meu treino. Portanto, sempre me era cobrado explicitamente maior tempo, dedicação e disciplina. Nos dias em que passava a maior parte do tempo a conversar, ao ir embora ouvia frases do tipo: “você enrolou hoje mais do que malhou; apareça mais vezes; você anda sumido; é assim que você quer ficar forte é”. Como acontece entre os fisiculturistas profissionais, parece que o resultado dos alunos é um mérito para o seu treinador.

Samis colocava-se sempre à disposição para responder as minhas perguntas, mas não abria mão dos meus exercícios. Em um deles ao perceber o esforço que estava a fazer no levantamento de peso e a minha demonstração de que tal esforço causou dor, disse: *no pain, no gain*¹⁵. Falou ser um slogan americano muito comum entre os fisiculturistas e pontua que todo treinamento exige esforço e dedicação, sem isso não há sucesso. Nesse sentido, constata-se que nesse tipo de treino quanto mais se sofre mais o músculo se desenvolve, de modo que a dor passa a ser o enfrentamento simbólico de uma identidade a ser construída (LE BRETON, 2003). Afirmou ainda, que sem esse tipo de conduta muitos praticantes desistem da musculação ou mesmo enveredam para o uso excessivo de drogas, visto que estas produzem um efeito rápido na construção do corpo hipertrofiado.

Além disso, enfatiza que hoje em dia as pessoas procuram a musculação por questões mais estéticas do que outra coisa. Observam dentro das academias os corpos hipertrofiados dos atletas e querem chegar ao mesmo patamar da noite para o dia, sem levar em consideração que todo treinamento exige disciplina e dedicação. Aqui vale ressaltar que mesmo com a dicotomia levantada por Samis: uso de esteróides anabolizantes *versus* dedicação, o que se observa é que a ingestão dessas substâncias por si só não garantem a construção ou

¹⁵ Sem dor, sem ganho.

manutenção do corpo hipertrofiado, visto que, segundo os próprios praticantes, para que isso aconteça à dedicação e a disciplina também se fazem necessárias¹⁶.

O treinamento de um malhado difere bastante dos demais. Sempre malham em duplas ou em trios; isso surge como uma forma de auxílio, assim como estímulo. Por pegarem uma quantidade de peso muito maior do que o corpo possa agüentar, a mão do colega passa a funcionar como uma segurança, caso haja uma falha no treino. Ao observar um desses treinamentos fico impressionado com a quantidade de peso levantada por eles, ultrapassando a marca dos 80 kg. Brinco e digo que se em algum momento chegarei a essa marca, Denis responde: *basta treinar certo*. Sinto que esse discurso traz embutidas a disciplina e a dedicação, coisas que claramente eu demonstro não ter. Isso transforma a prática da musculação como uma filosofia de vida, que se constitui em um ritual de aprendizagem diário, não só do corpo, mas também da mente. Em síntese, nesse contexto: “o corpo é a estratégia espontânea que sabe, compreende, julga e reage, tudo ao mesmo tempo” (WACQUANT, 2002 p.118)

Presenciei o treino de Samis e Miguel, duas grandes referências corporais dentro da academia. É o que se qualifica como treinamento pesado. Um auxilia o outro a cada exercício e estimula a cada aumento de carga. A todo instante mais pesos são solicitados, ambos numa grande competição. Esse aumento gradativo serve de estímulo para os que assistem. A academia, nesse momento, torna-se um grande cenário, no qual todos interrompem o seu treino para observar a performance dos dois atletas. As expressões de força total e de resistência se misturam com a de dor e prazer. Nesse tipo de treinamento não se tem a clareza de quais sensações estão envolvidas, pois a idéia de superação ultrapassa qualquer tipo de entendimento.

Fico atônico quando em um dos aparelhos voltados para o exercício de perna, Miguel não satisfeito com a carga depositada pede para que dois outros veteranos subam no aparelho, com o intuito de que haja aumento de peso no carregamento. Momento apoteótico para os que assistem. Abre uma grande expectativa no ato de superação do atleta. Miguel ao conseguir tal façanha, subestima aos que testemunham. Como a ação é de competição, Samis, da mesma forma utiliza a carga máxima com mais dois veteranos e iguala a marca de carregamento

¹⁶ Esta temática será aprofundada no capítulo seguinte.

levantada. Um jovem iniciante de 16 anos que, na linguagem dos meus interlocutores, seria uma *sucata* fica a observar e a ouvir de Miguel: *se prepare que futuramente é você*. Toda essa performance para os *malhados e sucatas*, constitui-se um campo fértil para demonstração de hierarquia e poder corporal dentro das academias. Os olhares dos expectadores, assim como o dos competidores, são emblemáticos, trazem uma riqueza de expressões enigmáticas. Decerto é que todo esse arcabouço de situações demonstra que o treinamento dos *malhados*, dentro deste cenário, serve de estímulo para o treino dos *sucatas*, assim como uma imposição de respeito de um grupo sobre o outro. Assim, todos neste contexto mantêm o compromisso e a demonstração de auto-respeito uns diante dos outros e para tanto, faz-se necessário que eles próprios saibam qual será as linhas de ação, e a tomem como ponto importante neste cenário (GOFFMAN, 2007)

Assim, na ânsia de ficar cada vez mais fortes e ultrapassar os seus limites, os praticantes buscam meios de se estabelecerem diante do grupo e passar um ar de superioridade. Uma superioridade desmistificada a partir do momento que outro corpo se apresenta superior ao seu. Dessa forma, a musculação se constitui como um esporte em que dar o máximo de si, está diretamente ligado ao limite máximo de transformação do próprio corpo. Um esporte, que apresenta uma maior facilidade de perder o próprio controle, seja ele físico ou emocional. Como sugere Malysse (2002) à socialização, nesses espaços, ocorre por meio de uma performance mais estética do que esportiva, pois o treinamento deixa de ser esportivo para ser manutenção e a resistência a todas as formas de “decadência física”. Uma busca do corpo tido como ideal, ou seja, a busca do bem-estar intimamente associada, nesse contexto, à hipertrofia muscular que permite uma boa apresentação do corpo ao outro.

CAPÍTULO 4 - CORPO SARADO, CORPO SAUDÁVEL?

Os adeptos da prática da musculação comungam de valores e crenças para fomentar um corpo tido como saudável, de modo que, a importância dada à hipertrofia muscular faz com que sua fabricação e manutenção e, por conseguinte, a busca do corpo tido como ideal apareça unido ao discurso da manutenção da saúde. Nesta perspectiva, em um campo repleto de regras e normas, os dilemas entre o excesso e o comedimento surgem como um fator importante e estruturante para os que aderem ao ritmo frenético do treinamento na busca do corpo tão almejado. Nesse sentido, partindo dessa premissa, neste capítulo discorrerei sobre os meios empregados pelos praticantes de musculação de classes populares para a manutenção do corpo tido como “sarado” e como esta busca do corpo ideal é por eles associada à manutenção de uma vida “saudável”.

Luz (2003) afirma que na contemporaneidade a saúde tornou-se um mandamento, no qual ter saúde ou conservar a saúde significa “não correr risco”, permanecer na normalidade médica, ou seja, uma versão hegemônica pautada na biomedicina. A saúde passou a ser vista como a expansão de vitalidade, culto a hábitos sadios, exercícios, regimes alimentares, sentimentos positivos, evitar stress, a competição, a inveja, mágoa e ressentimentos. Nesta perspectiva, a idéia de um corpo tido como saudável parece estar diretamente relacionado à saúde, e, por conseguinte, os indivíduos devem ser responsáveis pela sua manutenção. Dito de outra forma, instaura-se a cultura do “cuidado de si”.

Pensando nos valores individualistas contemporâneos, Luz (2003) sustenta que a saúde pela ordem médica e pela estética traz como consequência novas práticas de inclusão e exclusão social do indivíduo. Nessa perspectiva, o estético, mais do que a racionalidade médica, torna-se o critério sócio-cultural de enquadramento dos sujeitos como “saudáveis”, visto como sinônimo de força juventude e beleza. Nesse sentido, enfatiza, a estética do corpo visa modelar o corpo dos indivíduos para que eles obtenham uma forma de acordo com os padrões de beleza sustentados pelos meios de comunicação. De modo que, a prática sistemática de exercícios repetidos em ritmo acelerado visando pôr em forma o corpo caracteriza o movimento rígido da estética atual.

Santos (2008) sugere que a imagem do corpo saudável está intimamente ligada ao

movimento na era moderna, em que se trava uma verdadeira batalha contra o sedentarismo dos corpos. Neste campo a saúde é monitorada e metodicamente trabalhada, no intuito de ser conquistada e alcançada, a se configurar como um bem ou uma recompensa por um trabalho bem executado. A saúde nos dias atuais passou a ser qualificada como um prêmio a ser conquistado, uma vez que, as atividades físicas passam a ser menos recreativas, tomando novas conotações no cultivo da boa saúde. Surge uma obrigatoriedade para o cultivo da saúde. Diante de tal fato, apesar da principal motivação para a prática da musculação ser a busca do aprimoramento estético do corpo, as pessoas também justificam a frequência às academias a partir do discurso da saúde que se dissemina pela sociedade entre os diferentes estratos sociais.

Para se ter saúde, segundo os praticantes de musculação, o importante *é se cuidar*. *Alimentar-se bem e malhar*, constituem-se em elementos fundamentais na manutenção da boa forma física e mental: “Eu acho que o melhor da academia é isso aí. Se você malhar bem você tem saúde, entendeu? Você se alimentar bem, dormir bem, entendeu?” Esse tipo de narrativa do que é ter saúde é bastante pertinente nos discursos tanto dos veteranos, tidos como ‘malhados’; assim como dos iniciantes tidos como ‘sucatas’. Isso mostra que a postura da boa saúde, está diretamente relacionada com a aparência física, a não fragilidade do corpo, isto é, a visibilidade do corpo em forma (IRIART; CHAVES; ORLEANS, 2009).

Entretanto, apesar de toda ênfase dada à corporalidade como elemento central da dinâmica da boa saúde, observa-se que para os praticantes de musculação, sejam eles sucatas ou malhados, o treinamento sistemático, diferente do descrito por Le Breton (2003), não se torna apenas uma forma ascética de uma existência dedicada aos músculos e à aparência. Visto que, o treino em si nas academias de musculação, para além da fabricação dos corpos, e da autodisciplina que fustiga o desejo de vencer, vinculada a uma ordem menos moral do que a promoção pessoal (CORTINE, 1993), também funciona como um elemento importante na condução da vida dos que por ali transitam.

Mas muitas vezes eu acho que a musculação, mesmo o cara tomando muitas coisas, eu acho muito mais interessante do que o cara que se droga, que usa cocaína, que usa pedra. Eu já tirei um bocado de atleta assim, que usava pedra, usava cocaína, usava o diabo aí. E hoje em dia é um atleta, um cara forte, certo? Saudável, vai ao médico direto, faz o check-up. Isso aí que eu quero dizer a vocês, às vezes a pessoa bota muita culpa no, nos cara que malham, mas às vezes os caras que malham salva muita gente também. Muitos atletas que usavam aí um bocado de porcaria e hoje em dia não tão usando mais, agradeço a musculação. A musculação, num faz só agente

se acabar não, senão não era pra existir academia alguma (Jorge).

Aqui se observa que a musculação, neste contexto, passa a ser vista como benéfica à saúde, mesmo que esteja vinculada aos riscos que o uso de substâncias anabólicas e o excesso dos exercícios provocam, uma vez que a sua prática e os cuidados com o corpo favorecem a um distanciamento do consumo de álcool, fumo e outras drogas percebidas como mais prejudicial à saúde do que os anabolizantes (IRIART; CHAVES; ORLEANS, 2009). Importante enfatizar que o paradoxo entre a concepção de saúde dos praticantes de musculação e os fatores prejudiciais à saúde tal como o uso de anabolizantes, serão aprofundados e desenvolvidos na seção seguinte. Aqui, deter-me-ei na argumentação que os praticantes de musculação associam o comportamento tido como saudável com o seu perfil corporal. Para tanto, não se faz necessário muitos procedimentos para que a saúde seja cultuada como um elemento constituinte de um corpo trabalhado, e o discurso do estar sarado, em muitos contextos, se confunde com o estar saudável. Como sugerem Luz (2003) e Iriart et al. (2009), manter a saúde passou na contemporaneidade manter a boa forma física.

Entretanto, para os envolvidos nesta prática, manter o corpo em forma, concomitantemente a uma boa alimentação faz com que os distancie de problemas cotidianos de saúde como: a hipertensão, obesidade, diabetes, problemas cardíacos, etc.; doenças essas que acometem os indivíduos nas sociedades contemporâneas. O manter a forma física implica no não sedentarismo, que por sua vez tem impacto positivo sobre a saúde. Dessa forma, os praticantes de musculação se sentem protegidos de doenças a partir do momento que encaram essa prática como um elemento crucial na sua qualidade de vida. Alguns adeptos chegam a mencionar as mudanças que a malhação provoca na sua saúde, inclusive o distanciamento de hábitos tidos como não saudáveis.

Tem pessoas que fumam e não vão gostar que eu fale, mas... Não bebo, não tenho vício de beber. Isso não quer dizer que se eu for numa festa não tome algo, mas eu não bebo. Praticamente eu não bebo. Não ando perdendo noite assim à toa, nem sou de tá fazendo farra. Não ando me desgastando, não uso nenhum tipo assim de droga... Que seja maconha, cocaína (Ari).

Diante de tais circunstâncias, à manutenção do corpo em forma associa-se a estar distante de práticas vistas como prejudiciais à saúde, ou seja, práticas recheadas de excesso. Assim, para a manutenção da saúde se faz necessário ter certos comedimentos. “Comedimento, tomado como mandamento da saúde, ligado mais a boa forma do corpo que

ao modelo doença/prevenção/cura” (LUZ, 2003, p. 104). Como enfatiza um dos colaboradores: “Saúde pra mim é você tá com seu corpo bem, você tá com a alma, com o espírito bem, você tá com saúde. E estando com meu corpo bem, eu acho que tô com saúde”. Nesse sentido, o bem estar psicológico passa a ser entendido como consequência da forma física, na qual a autoestima depende da aparência corporal.

Na minha forma de pensar. O que, o que seria tá bem de saúde? Primeiro lugar quer dizer o que, que, o que é ser saudável quer dizer o que, é você não tá doente, né? Diziam isso aí antigamente, né? Mas pra mim não é só isso só. É o que? Você tá o que? Corpo são e mente sã, né? Pra mim isso é saúde, entendeu? Então o que, considera que, eu estou bem no caso aqui. Eu tô o que? Tô bem saudável, to com o que? Tô com o corpo são e a mente sã, pra mim eu tô saudável (Junior).

Se por um lado, como observa Luz (2003), a ginástica praticada no século XIX visava o equilíbrio do corpo e da mente dos indivíduos, ou seja, a visão moderna latina *mens sana in corpore sano*, as práticas atuais estão muito mais ligadas às questões estéticas, associadas à juventude, força e beleza. Entretanto, o que se observou nas camadas populares estudadas, com este trabalho, é que estas práticas convergem tanto para as idéias do século XIX quanto a dos dias atuais; uma vez que postulam como um conjunto de fatores que exemplificam as nuances e o equilíbrio do corpo, ao tempo que a saúde psíquica se instaura concomitantemente de acordo com o perfil estético.

Dessa forma, as proposições suscitadas acima fazem com que o cuidar da saúde não esteja necessariamente relacionado a visitas periódicas ao médico, como também a “medidas preventivas” como exames clínicos de rotina, pois, para muitos dos interlocutores, a malhação – bem como uma boa alimentação – por si só, garante uma vida saudável. O corpo funciona aqui como um elemento visual que encarna uma idéia de controle físico e mental, fatores relacionados diretamente como elementos essenciais a saúde.

4.1 EM BUSCA DA SAÚDE PERFEITA

Partindo do pressuposto da definição de saúde feita pela OMS (Organização Mundial da Saúde) em que a saúde possui como referencial “o bem estar físico e mental e social dos indivíduos”, pode-se apreender que esta visão é ideal e utópica, já que as percepções de saúde variam muito entre diferentes contextos, assim como as crenças sobre o que traz ou retira a saúde. As indagações aqui levantadas estarão relacionadas ao que os adeptos constituem como saúde em contraste com os conceitos analíticos referendados por teorias englobantes e

racionalizantes.

Dessa forma, a partir da hipótese de que no contexto estudado a saúde está diretamente vinculada aos prazeres desenvolvidos no meio intitulado malhação, ou melhor dizendo, o prazer de se exercitar e conseqüentemente o desenvolvimento muscular; para um maior entendimento da cultura do corpo saudável, descreverei a seguir as percepções e concepções de saúde de dois praticantes de musculação tidos como veteranos. Vale salientar que as narrativas dos adeptos dessa modalidade, sejam eles veteranos ou iniciantes convergem com as idéias abaixo apresentadas. Uma vez que, como foram desenvolvidas no capítulo anterior, as diretrizes traçadas para construção do corpo tido como “ideal, são referendadas pelos atletas veteranos tidos como malhados, ou seja, “os donos do campo”.

Na acepção de Samis, um dos interlocutores:

Saúde é você não precisar de ajuda de terceiros, seja ela humana ou medicamentosa. Ter saúde é você ter uma vida estável, estar bem consigo mesmo sem está precisando de médicos, remédios... Os médicos mandam você cuidar da saúde para que você não precise do trabalho dele, ou seja, ele seria só um auxiliador da sua saúde e não um mediador da sua doença.

A discussão sobre saúde o fez lembrar-se do problema de garganta que o incomodou durante muito tempo. Para justificar a existência do tal problema, relata a vida boemia que levava: perdia noite, beijava bocas diferentes, e isso, segundo ele, fazia com que a sua garganta sempre estivesse inflamada. Entretanto, salienta que depois que começou a malhar nunca mais esse problema veio à tona. Samis faz uma crítica bastante incisiva aos prazeres cotidianos: expõe que toda essa coisa de perder noite, o uso de álcool, ser mulhengo, não leva a nada – a não ser a constituição de um corpo “doente”. Doente aqui não se remete apenas a doença física, mas sim ao equilíbrio que os praticantes tanto aspiram.

Nesse sentido, Samis observa que ter *saúde* e ser *saudável* está interligado e não concebe um independente do outro. Para ele se constitui numa via de mão dupla: *se você tem saúde, você está saudável; se você está saudável, você tem saúde*. Ter saúde no seu entendimento é manter um equilíbrio entre o corpo e mente. Observa-se que a saúde aqui é vista como algo que depende de um conjunto de fatores que legitima a qualidade de vida dos indivíduos. Entre as narrativas expressas no campo da musculação, os hábitos saudáveis estão diretamente relacionados com o discurso veiculado pela mídia e legitimado pelas classes superiores e médias. Um discurso estereotipado sobre as regras do viver bem, que exalta os

benefícios da alimentação saudável, da noite de sono, da ordem e das abstinências, da vida comportada (BOLTANSKI, 2004). Dito de outra forma, como acentua Luz (2003, p. 103) “todo excesso, é visto neste contexto, como risco à saúde porque desequilibra, e o desequilíbrio gera adoecimento, isto é, a chegada de doença”.

Por outro lado Miguel, um dos interlocutores, enfatiza que:

Nosso corpo não é feito de carne e pele, é feito de órgão também: rim coração, pulmão, intestino; são coisas que por fora às vezes você apresenta estar bem, mas por dentro não está. É por isso que as pessoas têm que ficar atento com isso aí, saber se cuidar, como se alimentar direito; comer de tudo que tem proteína do peixe, da carne, do frango, dos ovos, frutas, dormirem bem... Porque não adianta ter um corpo saudável e bonito por fora e prejudicado por dentro.

Paradoxalmente independente das questões propagadas, neste campo, como saúde sinônimo de juventude e força, também se questiona a total valorização da aparência externa, mesmo que na vida cotidiana isso normalmente não venha à tona. Nesse sentido, é interessante notar que na medida em que há um avanço na faixa etária dos entrevistados as questões preeminentes à saúde, perpassam a estrutura externa do corpo, inclusive em termos de reflexões sobre o uso excessivo dos esteróides anabolizantes. É importante ressaltar que o corpo aqui, como sinaliza Helman (1994) é muito mais do que um simples organismo físico. Ele oscila entre a saúde e a doença e dentro de um conjunto de crenças sobre o seu significado social e psicológico, sua estrutura e funcionamento. Miguel, ao relatar os cuidados que tem para manter hoje – o que ele chama de boa saúde – profere:

Tenho uma boa alimentação, durmo bem e não uso mais nenhum tipo de porcaria (referindo ao uso dos anabolizantes). Sempre que acho alguém que está querendo tomar os anabolizantes, eu digo o que é bom e o que não é bom, pois já usei bastante e hoje sei que ele é ilusão. Outra coisa... As reportagens e as revistas estão dizendo por aí que é ilusão mesmo.

Vale assinalar que as informações a respeito do que é ter uma boa saúde, neste cenário, são adquiridas nos programas de televisão que nos últimos tempos vêm massificando os telespectadores com a cultura da boa saúde. Dentre os programas mais assistidos e relatados pelos interlocutores destacam-se os voltados na sua grande maioria para o entretenimento, isso se tornando um grande meio de informação para os que almejam associar a cultura do corpo com o discurso da boa saúde. Cabe aqui ressaltar que este discurso não se diferencia das classes ditas médias altas que assumem como bandeira a política da boa saúde instaurada no corpo perfeito, corpo este – assim como nos bairros populares – tem um fator crucial no

desempenho dos indivíduos na vida cotidiana. Dessa forma, o cuidado com o corpo passa a ser um fator primordial para a manutenção da saúde, já que ter saúde significa não mais adoecer e conseqüentemente cuidar da própria sobrevivência (LUZ, 2003).

Miguel, o interlocutor mencionado acima, é um desses atletas que tem como objetivo “cultuar o corpo” e com isso acredita estar “cultuando a saúde”. Sempre foi uma pessoa que no campo se mostrou bastante preocupada com a sua aparência física. Na academia, se destaca pela sua estrutura corpórea, bem como a forma visual apresentável. Está sempre com o cabelo pintado, sobrancelhas feitas, corpo depilado e tatuado e utiliza para malhar um short bastante curto e camiseta decotada. Para ele o visual externo é tão importante quanto à construção muscular, pois como o mesmo acentua “o corpo é um conjunto”. Se por um lado vê a musculação, como um esporte que dá estímulo ao conjunto de atividades que faz na sua vida diária, por outro salienta que os problemas da vida cotidiana, como: desavença familiar, falta de dinheiro, ou até mesmo o desemprego, reflete diretamente no seu treinamento. E ainda em termos de saúde defende:

Saúde é “tudo”. É dormir e acordar bem botar a cabeça no travesseiro e saber que a manhã você vai levantar... Se tiver bem vai à praia, vai conversar com os amigos, empinar arraia, andar de bicicleta, vai falar de mulher, vai dar risada, vai contar piada pra mim é tudo.

Nesta narrativa se observa que o ter saúde como profere Luz (2003) também é ter disposição para os prazeres do cotidiano, é poder sair do isolamento provocado pelas situações da vida contemporânea. Por outro lado Miguel se considera com saúde por que tem resistência para correr, andar, exercitar-se e etc., ou seja, por ter resistência física: se você me chamar para bater uma laje ali, pegar peso... Eu vou e pego; por isso me considero com saúde. Aqui vale contextualizar com a idéia de saúde que se permeia no imaginário masculino que justifica a saúde como sinônimo de força e externalização do bem-estar físico.

Alem disso, em se tratando da aparência externa, no contexto da pratica da musculação a gordura se apresenta como uma grande ameaça a qualidade de um corpo torneado, de modo que, ela deve ser erradicada por completo (IRIART et. al, 2009). “Hoje quero que meu corpo fique zero % de gordura. Não disputo campeonato... Quero para mim mesmo, quero ver os amigos olhar para mim e querer ficar como eu também”. Nesse sentido, pode se apreender que a pratica da musculação por ampliar os limites individuais, através do desempenho dos exercícios físicos e mentais, provoca uma sensação de bem-estar assim como

a elevação da autoestima dos seus adeptos (LUZ, 2003).

Ainda se tratando das proposições supracitadas, percebe-se que como sugere Boltanski (2004), que a atenção dada ao copo pelos indivíduos de classe popular em muitas das situações, está diretamente vinculada à resistência física, ou seja, a resistência que eles são capazes de oferecer ao próprio corpo. Para tanto, os indivíduos se predispõem a justificar juntamente com todo um arcabouço de situações a legitimidade de suas ações como saudáveis representadas e descritas através dos seus corpos. Aqui vale ressaltar a última experiência de Miguel no Sistema Único de Saúde:

A última vez que eu tive num posto de saúde foi por um pequeno probleminha, foi mais psicológico. Eu comecei com uma pequena dor na parte esquerda do meu corpo, no meu rim esquerdo quando eu baixava a emergência eu fazia todos os exames: de fezes, sangue, urina e não detectava nada. A única coisa que ele detectava era infecção urinária, tanto que eu conversei com o médico e ele viu pela minha estrutura física... Eu disse a ele que eu malhava que eu treinava... Ai eu tomava *voltaren*¹⁷, ficava no soro e voltava para casa, depois de dois três dias ela (a dor) voltava de novo... Ai, eu baixei a emergência... Ai fazia todos os exames de novo e não detectava nada. Até que um dia uma médica me mandou fazer uma ultrasonografia para tirar a dúvida do que estava acontecendo, ai detectou um cálculo renal. Ai ela me perguntou: ‘você bebe água?’ Doutora eu bebo. ‘Você se alimenta bem?’ Eu disse: não como pimenta, nem nada que tenha semente, ai ela disse que poderia ser hereditário, problema de família. Porque meu avô teve pedra nos rins, mas foi a última vez que aconteceu isso comigo, de lá para cá nada mais. Tem mais ou menos um ano. Eu sofri bastante é por isso que eu estou dizendo a pior coisa é agente sentir dor, por que dor é um inimigo invisível. Hoje me cuido bastante com o que como, o que bebo e o que faço para não sentir dores.

Embora a dor física seja algo vivenciado pelo indivíduo, esta só pode ser compreendida a partir do contexto cultural em que ele está inserido. Dessa forma, a importância que se dá a dor e a crença sobre o seu significado bem como o contexto em que ocorrem as emoções associadas afeta a sensação da dor. E o fato do médico pertencer à mesma cultura influencia na decisão do indivíduo mencionar ou não essa dor (HELMAN, 1994). Entretanto, pode-se observar que para a dor privada suscitada acima por Miguel até tornar-se pública se fez necessário que esta tomasse a proporção de uma dor legitimada como “anormal”. Helman (1994) destaca que o comportamento da dor pode ser demonstrado a um médico e não a outro, isso gerando avaliações distintas sobre o estado do paciente.

Desse modo, pode-se apreender que a dor externalizada no limite da sua tolerância por Miguel, foi sanada no momento em que foi interpretada e codificada a partir dos elementos

¹⁷ Medicamento para dor.

que deram significados à mesma. Como pontua Boltanski (2004): nas classes populares a regra que rege a expressão verbal das sensações corporais, ou a exibição visual do corpo proíbe as manifestações tanto das atitudes em relação doença como a expressão das sensações doentias. Observa-se que nesse campo as questões referentes à dor não são explicitadas publicamente, até porque os homens devem controlar as suas emoções, pois esse controle faz parte da conduta masculina¹⁸.

O importante também nessa narrativa é que a saúde não está diretamente ligada à ausência de doença; a doença surge apenas como um detalhe no contexto da vida cotidiana. Nessa perspectiva “a doença é o que tira a força do doente, ou seja, o que o impede de ‘viver normalmente’ e de fazer do seu corpo um uso (profissional, principalmente) habitual e familiar” (BOLTANSKI, 2004, p. 146). Essa sendo manifestada e externalizada no seu limite pela dor, pois os membros das classes populares valorizam a resistência a dor. Para esses, a doença se manifesta bruta porque não se apercebem dos sinais precursores ou porque se recusa a percebê-los.

Observei em uma das visitas feitas a academia uma dessas ocorrências. Um dos assíduos praticantes não estava malhando devido a uma forte dor de cabeça provocada pelo aumento da pressão arterial. Ao indagar e sugerir a ida ao médico, recusou-se alegando que logo a pressão arterial baixaria e, por conseguinte, sanaria a dor, caso isso não ocorresse procuraria uma farmácia na vizinhança. Nesta ocasião vale pontuar que, se por um lado a ausência dos homens nos locais de saúde vem sempre acompanhada da desvalorização do autocuidado e à preocupação incipiente com a saúde, por outro lado esses homens procuram as farmácias que respondem mais rapidamente às suas demandas (FIGUEIREDO, 2004).

Diante de tal fato, a doença passa a ser vista como um acidente imprevisível e súbito e a dor que ela propaga, passa a se tornar pública ou privada dependendo da interpretação individual de cada um (HELMAN, 1994). “Graças a Deus, não sinto dor de ouvido, dor de cabeça, dor na coluna. Agradeço primeiramente a Deus e depois ao esporte que eu pratico”. Assim, entre os praticantes de musculação onde há valorização da atividade física e conseqüentemente da força física, a doença é sentida como um entrave, um sentimento de fraqueza.

18

Sobre esse tema desenvolverei no capítulo seguinte.

Voltando a Miguel: hoje, aos trinta e três anos, diz ser uma pessoa muito mais preocupada com a saúde do que quando iniciou na musculação. Ao relatar a respeito de sua iniciação na prática, não deixa de lembrar sobre o uso excessivo que fez de várias substâncias anabólicas para construção do corpo tido como ideal; corpo que vem se reedificando com o passar dos anos. Acredita que a maturidade trouxe consigo os cuidados que se deve ter para se envelhecer bem e diz: “quero daqui a trinta anos estar respondendo de novo essa entrevista com um corpo de trinta”. Aqui se profetiza a idéia de que para além do bem estar momentâneo os praticantes veteranos dessa prática também se propõe a refletir sobre as questões referentes ao envelhecimento, ou seja, a busca da eterna juventude.

Entre os malhados veteranos, intitulados dono do campo, *o envelhecer bem* aparece nas suas narrativas como um fio condutor para o bem estar físico e mental. Samis sustenta que a busca pela manutenção do corpo em forma se diferencia de pessoa a pessoa, e o prazer imediato de ostentar o corpo tido como ideal almejado pela maioria dos praticantes sustenta-se apenas de forma momentânea e ilusória. Para ele o grande desafio é a sua manutenção para além da jovialidade, coisa que tem a clareza que boa parte dos que aderem à malhação não estão nem um pouco interessados em pensar. Assim, desabafa:

Eu pratico o esporte porque gosto, porque sou amante da prática do esporte, mas tem pessoas que não... Quer praticar apenas pela vaidade, eu quero o benefício da saúde. Chegar a 70, 80 anos com qualidade de vida, com saúde, sendo produtivo, não sendo um peso seja lá de filho, neto e coisa e tal. É isso que eu quero para minha vida. É por isso que se tem que praticar com responsabilidade.

Se para os sucatas/iniciantes a hipertrofia muscular sobressai sobre qualquer outro tipo de questão, para os veteranos de idade acima dos 30 anos, para além do estético, há o desejo da manutenção da juventude que traz embutido os cuidados que se deve ter para esta manutenção. Dentre esses, destaca-se a boa alimentação, a prática dos exercícios conscientes, assim como o comedimento supracitado acima. Na acepção desses praticantes, esses cuidados são fatores preponderantes e fundamentais para a manutenção de uma vida tida como saudável. Como enfatiza Luz (2003, p. 103): “A medida do agir, do comportar-se ou do controlar-se, está nos sujeitos, pois são eles os responsáveis por não danificar sua saúde com excessos (...) o equilíbrio, no caso é fruto não do balanceamento entre forças ou pesos opostos, mas de contenção, e a contenção supõe o autocontrole que remete por sua vez ao comedimento dos sujeitos.”

Assim, as academias de musculação são também espaços em que se busca manter a juventude, retardando o máximo possível o processo de envelhecimento (SANTOS, 2008; LUZ, 2003). “Porque daqui pra frente, nós nascemos pra envelhecer, né? Então, o período, o processo natural de uma vida é a morte. Desde que nós nascemos estamos envelhecendo e vamos morrer um dia. Se vamos envelhecer, pelo menos envelhecemos com saúde”(Samis).

Nesse sentido, torna-se imprescindível – ao pensar em corpo e saúde – no campo estudado, levar em conta os padrões sócio-econômicos dos indivíduos, o tempo de prática, a faixa etária, dentre outros fatores, uma vez que a reestruturação dos corpos e o seu desempenho repercutem nas questões e visões de mundo dos atores em questão, de tal modo, que a intersecção “saúde” e “envelhecimento” podem estar diretamente vinculados a manutenção da estrutura externa dos corpos.

Assim, diante desse emaranhado de questões, para conservação e o desenvolvimento de uma vida tida como saudável, pode-se apreender que os inseridos nessa prática, para além dos exercícios físicos executados, a alimentação, bastante enfatizada acima, surge como um componente importante para o desenvolvimento e a permanência do corpo tido como “saudável”, assim como para o retardamento do envelhecimento e, por conseguinte, um padrão de corpo desvinculado de doença.

4.2 ENTRE O DISCURSO MIDIÁTICO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E O COTIDIANO ALIMENTAR

Em se tratando das questões alimentares suscitadas pelos adeptos, vale salientar o discurso normativo veiculado pela mídia que os faz reproduzir de forma categórica a cultura da boa alimentação. Nesse sentido, os interlocutores quando questionados sobre o que é uma boa alimentação, reproduzem o discurso oficial e midiático. Ostentam os benefícios de uma alimentação saudável: “O segredo de uma boa saúde é comer folhas, frutas, raízes... Todo homem que malha procura coisas da terra: um aipim, uma batata doce, abobora, legumes e folhas”. Entretanto, ao descrever o tipo de alimentação que fazem diariamente mostra-se bastante paradoxal. Marcelo um dos interlocutores ao descrever sobre sua alimentação enfatiza:

Você tem que se alimentar de tudo: verduras, legumes, carnes... Por que todo tipo de alimento tem um fundamento em nosso organismo. Se você evita comer uma coisa, você pode está perdendo alguma coisa que é fundamental para o seu organismo e

isso pode provocar algum problema no futuro. Por isso, deve-se comer de tudo: peixe, carne, ovos, salgados, doces, tudo... Como de tudo, macarronada, moqueca, feijoada, mocotó... Para manter esse corpo é importante.

Como salienta Santos (2008, p. 217): “os homens das camadas populares parecem menos sensíveis aos ditames da dieta saudável, utilizando outras referências nos seus discursos e nas suas práticas para justificar o seu comer”. Os adeptos da prática da musculação das camadas populares justificam a necessidade de uma alimentação calórica com o intuito de obter maior resistência ao treinamento a que se submetem. Assim – diferente dos discursos dos indivíduos das classes superiores que abominam o uso e absorção de gordura – os indivíduos das classes populares atribuem essa absorção como uma forma de forrar o estômago e recuperar as suas forças físicas (BOLTANSKI, 2004).

Presenciei – em algumas visitas feitas a academias – diálogos sobre o tipo de alimentação tida como ideal, que se mistura com outros ingredientes que fomentam a ingestão da máquina de produzir músculo. Em todas as situações presenciadas, a riqueza dos nutrientes era salientada juntamente com a enorme quantidade a ser ingerida. Entre os praticantes de musculação, a quantidade prima muitas vezes pela propriedade. No meio deles, é bastante corriqueiro receitas como: ovos cozidos e crus (grande ingestão de), copos de liquidificador mesclados com mistura ingeridos matinalmente, como também uma grande quantidade de massa a ser consumida. Nesta ocasião vale exemplificar uma dessas receitas ingeridas por Carlos, um dos interlocutores:

Você coloca no liquidificador duas batatas doces cozidas, três copos de leite e bate até fazer uma poção tipo vitamina em seguida toma. De preferência pela manhã ou à noite com três pães com ovos. A batata ajuda no crescimento muscular e o leite ajuda a limpar o intestino. Ou então você pode comer macarrão com ovos fritos de manhã e a noite após o treino.

Na acepção de Santos (2008, p. 228):

O comer e a comida conseguem congregam polaridade em um mesmo ato: fonte de prazer e de preocupações, de refúgio e conforto, saúde e doença, salvação e morte, traduzindo em múltiplos paradoxos. As múltiplas representações estão historicamente associadas às relações que os sujeitos estabelecem com o corpo, consigo mesmo, com o outro, e com o meio em que vive.

Samis é um exemplo bastante interessante no que concerne a esses procedimentos. As suas narrativas trazem um conhecimento dos ditames de uma boa alimentação. Nesse contexto, várias vezes presenciei a sua alimentação diária dentro da academia. No período da

manhã, não dispensa comer uma tigela de raízes (aipim, batata doce, inhame) recheadas de uma grande quantidade de ovos fritos ou cozidos. O ovo aqui é tido como o alimento de maior riqueza protéica, por isso em todas as receitas há a sua presença. Também não dispensa nas suas refeições uma boa quantidade de macarronada, que para ele é rica em nutrientes importantes para a manutenção do corpo trabalhado. Vale salientar que em nenhum momento presenciei nas suas refeições a ingestão de verduras.

Aqui um dado intrigante é que na maioria das vezes a sua alimentação é feita dentro da academia perante a presença de todos que estão no local. Esse tipo de atitude é bastante interessante no que concerne a alimentação das classes populares, na qual a comprovação da fartura surge como um elemento fundamental na necessidade de gostar muito mais do ato de comer até do que da própria comida (SANTOS, 2008). Acredito que a ingestão de alimentos ricos no que eles denominam de ‘calórico’ comunga com o que Santos (2008) intitula “a fome do gladiador”, em que a quantidade surge como um elemento fundamental na manutenção do corpo tido como malhado. “Um apetite, vinculado a animalidade, muito aceito socialmente, legitimado e estimulado em vários momentos históricos, e até muitas vezes necessário para afirmação da masculinidade.” (SANTOS, 2008, p.220).

Já entre os tidos como sucata, a “disciplina alimentar”, bem como “o viver bem”, não é seguido à risca. Todos são categóricos em admitir que por mais que tentem possuir uma rotina de uma vida saudável, não conseguem dar conta dessa disciplina diária. Justificam de várias formas: desde uso de bebidas alcoólicas, perda de noite, até a não regularidade e qualidade da alimentação. Aqui vale ressaltar que esses tidos como sucatas são iniciantes na prática da musculação, bastante jovens, na faixa etária de 18 a 20 anos, fase importante das descobertas corporais como também sexuais. Por outro lado enfatizam serem as mudanças no seu comportamento, bem como na sua alimentação que trará bons resultados ao seu treinamento; visto que, certos comedimentos e a manutenção de uma vida regrada, são fatores importantes aos que enveredam nesse tipo de esporte.

Os interlocutores – sejam eles sucatas ou malhados – justificam a má alimentação devido ao ritmo de trabalho, o tempo de disponibilidade para a sua fabricação, como também o valor do investimento que se faz necessário para uma dieta hipercalórica, já que o seu consumo supera o de uma pessoa não atleta. Nesse sentido, os ditames da alimentação

saudável passam distantes das suas alimentações diárias. No seu dia-dia tentam da melhor forma possível contrapor a o que eles denominam de carência alimentar. Assim, a todo instante tentam ingerir algo que possa suprir “essa deficiência”, seja comendo algum tipo de fruta, ou mesmo ingerindo receitas de misturas sugeridas pelos praticantes mais experientes. Da mesma forma, o uso dos suplementos alimentares, surge aqui como um grande elemento na reposição dos nutrientes alimentares e manutenção da boa forma física.

Uma boa alimentação é você ter condição de além de sua comida ter a complementação de um suplemento alimentar, eu utilizo... Uma pessoa saudável é uma pessoa que tem condição. Não come nada de ruim, come tudo que é bom, ou então é uma pessoa que não tem condição, mas que procura comer coisas saudáveis que não faça mal a ela. Eu me considero que tenho uma saúde boa, mas tem coisa que eu não posso comprar tem coisa que eu quero botar na minha comida, mas não posso por causa da minha renda. Um exemplo: você fica comendo feijão com arroz, você tem que colocar um iogurte, frutas no café da manhã, tudo isso (Eduardo).

Dessa forma, como sugere Santos (2009, p.192) “ao lado da dieta supostamente ideal recomendada, tem-se a dieta possível marcadas por uma pluralidade de possibilidades que os sujeitos impõem nos seus cotidianos de acordo com cada singular realidade”.

Eu acho que eu não me alimento bem. Passo da hora de comer. No trabalho não dar tempo de ir para casa na hora do almoço... Com isso não me cuido, mas cuido por outro lado, porque eu não como muito açúcar. Eu sempre tinha essa visão quando eu via na televisão que fala sobre os alimentos que pode ajudar ao corpo e os que não são muito vantajosos, mas é saboroso o que agente gosta, bastante gordura, churrasco... Aquelas coisas. (Anderson)

Em síntese, diante desse emaranhado de situações inusitadas e explicitadas, pode se apreender que o “bem estar físico e mental” almejado pelos que aderem a essa prática está em muitas das situações colocadas como um fator ideal e utópico a ser atingido. Nota-se que a manutenção de uma dieta tida como saudável, de modo geral, torna-se um fardo a ser conquistado, já que a todo o instante os indivíduos estão sempre tendo que por à prova a dieta recomendável em contraste com seus costumes alimentares e culturais perpetuados. Nesse sentido, as suas percepções de saúde também se vêem imbricadas com as questões suscitadas no dia-dia e na construção e manutenção do que os sujeitos intitulam por uma “vida saudável”.

Para tanto, é necessário que os elementos normativos e instituídos pelas classes superiores sejam reeditados e reinterpretados de acordo com o contexto e posição que esses indivíduos estão locados já que, a todo o instante nas suas narrativas, os sujeitos reorganizam as suas necessidades de acordo com os seus referenciais recodificados e experienciados pelos

seus corpos. Como sinaliza Boltanski (2004, p.167):

O crescimento da consciência do corpo, freqüentemente descrito como resultado de uma espécie de cruzada contra os “tabus religiosos ou sociais”, com o fim de tornar possível a reconquista do corpo pelo sujeito, pode, também legitimamente, ser descrito como o final de um processo objetivo de desapropriação cultural, pois é correlato de um crescimento da necessidade social de regras, de instruções e conselhos que eles produzem, difundem e vendem.

4.3 O QUE VALE É CRESCER: O USO DE ANABOLIZANTES

A academia em si apresenta-se como um local em que a disciplina e a superação estão no limiar da pressão coletiva. Estímulos, lazer e o prazer em se exercitar, estão imbricados no desejo de estar bem perante a si e aos outros. Nesse sentido, independente das dimensões corporais, a insatisfação com o corpo se constitui como um conjunto de situações que predispõe os indivíduos a rotina sistemática de treino. E depois de estar inserido, neste contexto, o que vale é crescer, ou melhor dizendo, hipertrofiar a musculatura na busca do corpo almejado inatingível, já que ele não se apresenta como uma forma acabada. Para tanto, este corpo – como qualquer produto –, tem um custo e um tempo para sua fabricação, e necessita de algo que o molde e o coloque em pé de igualdade no mercado competitivo.

Dessa forma, na busca do corpo perfeito e na expectativa de criar uma musculatura avantajada, os praticantes de musculação passam a utilizar esteróides anabolizantes na construção do corpo tido como “ideal”. O consumo exagerado dessas substâncias vem causando graves danos à saúde (IRIART & ANDRADE, 2002, IRIART et. al., 2009). Além dos anabolizantes, vale salientar o uso excessivo de suplementos alimentares, que, não tendo nenhum tipo de restrições para sua venda, são bastante consumidos pelos praticantes de musculação. Nas camadas populares, o uso dessas substâncias – assim como a dos anabolizantes – é adaptado de acordo com as condições sócio-econômicas dos indivíduos.

Sabino (2004), em pesquisas feitas em academias de ginástica de classe média no Rio de Janeiro/Brasil pressupõe que o uso dos esteróides anabolizantes¹⁹, na construção do corpo tido como ideal, pode indicar a tendência de adesão a uma ética individualista, competitiva e masculinizante, inscrita em uma estética corporal, como também está relacionado diretamente

¹⁹ Os esteróides anabolizantes são utilizados na medicina com fins terapêuticos no tratamento de pacientes com osteoporose, desnutrição, deficiência hormonal da testosterona, anemia, impotência sexual dentre outras patologias. São substâncias que fazem anabolismo, isto é crescimento. São hormônios derivados de hormônios e os termos esteróides significam óleo sólido e se originam do grego “*stereos*”, que significa sólido e “*oleum*” que significa óleo.

à construção ritual da pessoa, a tendência da virilização da ética e da estética feminina na sociedade atual. Além disso, observa a importância dessas drogas para a construção de identidade de grupo e as implicações teóricas que este fato social representa para a análise das sociedades de consumo atuais.

O estudo de Iriart et. al.(2009) realizado na cidade de Salvador constata que os anabolizantes mais utilizados nas classes populares são os que possuem os preços mais em conta, com destaque o uso de produtos veterinários como o ADE que é consumido em doses bastantes elevadas. Em contrapartida os anabolizantes mais utilizados pela classe média são na sua maioria os importados e mais onerosos como o Winstrol. O que chama atenção é a convergência do consumo dos anabólicos Durateston e Deca-durabolin, em ambas as classes. Isso pode estar relacionado aos efeitos colaterais tidos como menores e por ser o anabolizante de mais fácil acesso.

Os esteróides anabolizantes androgênicos surgiram a partir de uma pesquisa realizada pelo francês – hoje considerado o fundador da endocrinologia – Charles Édouard Brown Séquard, no final do século XIX e primeira metade do século XX. Aos 72 anos, o pesquisador declarou à sociedade de Biologia de Paris que havia descoberto o elixir da vida eterna na forma de hormônios masculinos. Séquard removeu testículos de cães e porcos na Nova Guiné, amassou-os e transformou-os em uma solução de sais, injetando-a em si mesmo. Após esse experimento, afirmou publicamente que as injeções aumentaram a sua resistência física (PAGNANI, et al, 2002).

Após os experimentos de Brown Séquard, iniciou-se uma corrida para o isolamento desses hormônios em específico. Em 1926, o professor Fred Kitch, da Universidade de Chicago extraiu, dissolveu, fracionou e destilou testículos de boi. Nove anos depois, em 1935, o farmacologista alemão Gunter Wormun conseguiu extrair alguns cristais de testículos de boi, identificando o arranjo estrutural desses cristais; deram a esse extrato o nome de TESTOSTERONA. No mesmo ano, fisiologistas suíços conseguiram transformar o colesterol químico em “testosterona sintética”. Descobriu-se que a testosterona era vital para pacientes que não podiam mais produzir os próprios hormônios, os que possuíam pouca ou nenhuma capacidade de reter proteínas, além daqueles que sofriam de violentos traumas pós-cirúrgicos. Também no período da Segunda Guerra Mundial, os generais alemães – com a idéia de que a

testosterona poderia aumentar a agressividade masculina – começaram a fornecer a substância às tropas que estavam no campo de batalha. Ao mesmo tempo em que era utilizada para aumentar a agressividade, a mesma testosterona era utilizada para ajudar as vítimas dos campos de concentração nazistas, e pessoas desprovidas de proteínas e músculos (PAGNANI et al, 2002).

Com a disseminação da existência de anabolizantes esteróides, o seu uso espalhou-se rapidamente. E os atletas fisiculturistas da Costa Oeste americana – no início da década de 50 – passaram a utilizar testosterona para aumentar a massa muscular e força. Considerado como o hormônio do crescimento, a testosterona, junto com a insulina, são os anabolizantes considerados mais potentes. O crescimento do consumo entre os atletas foi aumentando ano a ano, em esportes como musculação competitiva, levantamento de peso, futebol, etc. As expansões do uso de tais drogas acabaram por aumentar ilegalmente o seu uso nos esportes profissionais e amadores e hoje é consumido por uma população que busca aperfeiçoar a construção e manutenção dos seus corpos considerados veículos de prazer e de auto-expressão (SABINO, 2003).

Os usuários associando tais drogas a exercícios físicos pesados transformam-se em verdadeiros marombeiros²⁰, com seus corpos de musculatura bastante exagerada, muitas vezes desproporcional a sua estatura. Nesse sentido, as academias surgem como um local de aprendizagem, uma universidade do corpo, uma vez que, na vida contemporânea, o não cuidar do corpo parece ser o anormal (MALYSSE, 2002).

O uso de suplementos alimentares, substâncias antes consumidas, na sua maioria, pelos praticantes de maior poder aquisitivo e que era quase inexpressivo nesse extrato da população (IRIART E ANDRADE, 2002, IRIART et. al., 2009), hoje com a proliferação de informações e variedades de produtos disponíveis no mercado, ganhou crescimento e bastante evidência entre os praticantes. Se antes o custo era fator importante para não aquisição, com a possibilidade de o seu pagamento poder ser dividido em várias prestações, como também a existência desses produtos no mercado informal, essas substâncias tornaram-se acessíveis. Geralmente a justificativa para o seu uso é o discurso de ser um produto “natural”; porém, um dos interlocutores, ao verbalizar sobre o consumo desses suplementos, revela que em alguns

²⁰ Termo utilizado para definir os fisiculturistas, que pegam uma grande carda de peso.

casos deve se tomar em média 10 comprimidos por dia. Ao refletir sobre a questão expõe:

Geralmente a gente costuma falar do lado natural. Eu quando tomei a massa muscular, tinha avisando que era uma massa magra... Aquela coisa toda e aí eu peguei um pouco de barriga. Eu achei essa parte negativa. Mas ganhei um pouco de massa muscular em outras partes do corpo. Eu cheguei a comentar com um amigo meu “poxa, interessante, dizem que a massa é massa magra, que vai ganhar massa muscular.”, mas também tem a questão da genética, porque dependendo da genética, acaba ganhando demais ou de menos. Entendeu? Então ele falou assim prá mim: o suplemento alimentar, ele tem anabolizante, porque se ajuda você a ganhar massa muscular mexe com a sua estrutura, tá mexendo com seu corpo então a partir daí não tem como você falar que não está usando um anabolizante, mesmo que seja natural.

De modo geral, os praticantes têm a convicção que o uso dessas substâncias faz com que o organismo receba uma sobrecarga de vitaminas, entretanto verbalizam que o excesso de vitamina é que ajuda *a crescer*. Por isso que se faz necessário juntamente com a ingestão se ter uma boa alimentação, bem como um treinamento diário o: *malhar pesado*. É interessante notar que mesmo sabendo que esse exagero pode provocar uma hipervitaminose, ainda assim, o seu uso se faz necessário para a obtenção do corpo tido como sarado. Dentre esses produtos destacam-se os *BCAA'S*²¹, *mega mas*²², e *creatina*²³. Samis – proprietário da academia investigada – sustenta que essa onda do uso de suplementos alimentares pode estar associada à mudança dos padrões sócio-econômicos dos praticantes e a maior facilidade de acesso aos produtos.

Em se tratando de esteróides anabolizantes, Samis mostra nas suas narrativas uma postura ambígua sobre a aprovação ou reprovação do uso de tais substâncias. Dentro da academia não é um assunto que se fala abertamente. Samis deixa claro que apesar de naquele espaço não ser permitido o seu uso, muitos dos que por ali transitam consomem esses produtos. E diz: “da porta da rua (referindo à academia) cada um faz o que quer da sua vida, aqui dentro não”. Independente de qualquer coisa, os adeptos da malhação percebem que o uso dos anabolizantes já faz parte das questões que envolvem o culto ao corpo musculoso. Os dilemas de usar ou não usar, os produtos que estão em voga, bem como os meios de acesso a essas substâncias, são assuntos que permeiam os diálogos dentro das academias. Nesse

²¹ Os BCAA's são aminoácidos de cadeia ramificada que representam aproximadamente um terço do total de aminoácidos presentes na musculatura. São essenciais para todas as reações de sínteses do tecido muscular e tem sido usado por atletas de alto nível durante provas de resistência.

²² Um módulo nutricional mega-dose para ampliar o resultado de suplementação de atletas de competição e fisiculturistas

²³ A creatina (também conhecida por outras designações como creatina monohidratada, creatina pura, monohidrato de creatina) é um suplemento alimentar muito conhecido e falado, nos últimos anos, principalmente no mundo da musculação, sobre os seus efeitos no corpo durante o treino e após o treino.

sentido, revelar ou não o seu uso, está diretamente relacionado com a abertura, a dinâmica e o gerenciamento do espaço em que os adeptos estão inseridos.

Samis, ao discorrer sobre a temática, narra que os anabolizantes foram criados no período da segunda guerra mundial com o objetivo de elevar a adrenalina dos soldados, deixando-os super excitados, nervosos, prontos para irem à batalha e que, quando se eleva a quantidade de testosterona no indivíduo, a adrenalina começa a ficar exacerbada no organismo. Expõe a importância dessas informações serem divulgadas entre os usuários, até por que, segundo ele, os praticantes que utilizam doses excessivas dessas substâncias demonstram, em certas situações, uma irritabilidade sem motivo aparente. Crê que as informações que chegam a respeito dos anabolizantes são muito distorcidas e pontua: “as pessoas que tem o compromisso com o saber vão procurar um endocrinologista e ele vai ter que dar uma dissertação sobre os anabolizantes, os prós e os contras a respeito do seu uso”.

Samis acentua que hoje muitos dos praticantes consomem sem saber o que estão utilizando – às vezes em grandes quantidades – sem ter o conhecimento de quais os efeitos colaterais das substâncias: “eles não têm o compromisso de pegar uma bula para ler e nem tomar informações com pessoas que detenham o conhecimento”. Sempre quando os diálogos envolvem questões sobre o uso, frisa os benefícios que ele provoca nos casos referentes a problemas de saúde e os malefícios das superdosagens. Segundo ele, a grande questão é a utilização inadequada. Deixa claro que o excesso dessas substâncias como qualquer outra provoca estrago à saúde e diz: *até água em excesso faz mal*. Por já ter sido um ex-usuário, prefere a todo instante não tomar posição a respeito; no seu discurso tenta passar que o conhecimento que detêm sobre o tema, que não se restringe apenas por já ter utilizado, mas também por um embasamento de leituras feitas, a respeito, nos últimos anos.

Apesar de Samis acentuar que há uma ausência de conhecimento dos praticantes sobre os anabolizantes, as entrevistas realizadas demonstram o contrário. Todos os interlocutores em menor ou maior grau, dependendo do tempo da prática em si, são categóricos em apresentar os prós e os contra do uso de tais substâncias. Do mesmo modo, afirmam que direta ou indiretamente, é nas academias de musculação que a troca de informações e o estímulo ao uso dos anabolizantes se concretizam. Brincadeiras que envolvem essas substâncias apelidadas como drogas são bastante comum no local, e o que atrai o seu uso, são os resultados em curto

espaço de tempo, isso a estimular cada vez mais o seu consumo. Os colaboradores entrevistados expõem que nas academias, de modo em geral, a maioria dos praticantes – inclusive os que estão iniciando na prática – fazem uso de vários tipos de esteróides anabólicos.

Embora os iniciantes, nesta modalidade, declararem que não utilizam, são categóricos em verbalizar que, em algumas circunstâncias, já se sentiram tentados ao uso. Um dos iniciantes menciona que em uma dada ocasião quase utilizou, mas por conselho dos próprios usuários e por medo, desistiu. Ainda assim, afirma que irá tomar a *durateston*²⁴, que no seu entendimento não se constitui em anabolizante. Vale salientar que apesar de estudos demonstrarem que a *durateston* faz parte da lista das substâncias anabólicas, para os praticantes de musculação, principalmente os iniciantes, não se enquadra como tal. Essa confusão no entendimento vem da idéia que a *durateston* se constitui em hormônio do crescimento, apresenta pouco efeito colateral e é vendida livremente nas farmácias²⁵.

De modo geral, o verão, no período que antecede o carnaval, é a estação em que as academias de musculação estão completamente lotadas, se constituindo no momento propício para o uso dessas substâncias. Nos relatos dos proprietários, entre os meses de setembro e fevereiro as academias ficam repletas dos que eles intitulam *malhadores de carnaval*. Segundo eles, é neste período que há o uso excessivo dos anabólicos. E na dinâmica do consumo, os anabolizantes passam a ser conhecidos pelo nome de “*bomba*²⁶”; neste contexto, os seus usuários passam a ser chamados pejorativamente de *bombados*. O conhecimento que os usuários dessas substâncias compartilham é resultado de um acúmulo de informações dos grupos consumidores que estão em contato uns com os outros. Comunicam-se relatando suas experiências positivas e negativas vivenciadas no uso, dando-se muita confiança aos dados passados pelos meios de comunicação informal do *boca a boca*. Os praticantes de musculação se identificam uns com os outros como fonte de informações.

²⁴ Esteróide injetável. É a combinação de 4 ésteres da Testosterona (Propionato, Fenilpropionato, Isocaproato, Caproato). A idéia de misturar estes diferentes ésteres é obter uma ação imediata após a aplicação e mantê-la por um longo período.

²⁵ Vale salientar que mesmo sendo um medicamento que só pode ser adquirido com receita médica, ainda assim é fácil consegui-lo sem o receituário.

²⁶ Referência ao efeito de inchaço provocado pelo seu uso.

4.3.1 O CAMPO DAS “DROGAS”

No campo da musculação, em se tratando da hipertrofia muscular, é de se esperar que os assuntos sobre essas substâncias ganhem relevância. Por isso, nos parágrafos seguintes descreverei como se desenvolve os diálogos a respeito da temática, o uso das substâncias, bem como a minha experiência diante dos usuários. As informações suscitadas abaixo são provenientes da etnografia realizada para o projeto Corpo, Juventude e Saúde – ISC coordenada pelo Prof^o Jorge Iriart (ISC/UFBA). O período da incursão se refere aos meses que antecedem ao carnaval, período bastante propício para o uso dos esteróides anabolizantes.

Por razões aludidas acima, bem como a não evidência de forma explícita do uso de anabólicos na academia apresentada no capítulo anterior, trago informações e dados referentes à outra academia, cuja direção e a dinâmica do uso das substâncias diferem da anterior. Vale enfatizar que a não evidência explícita do uso dos anabólicos, na academia dirigida por Samis, não quer dizer que entre os praticantes isso não ocorra, mas pontuar de como essa dinâmica se diferencia de acordo com as regras e normas que regem os espaços, isso influenciando bastante nos discursos dos interlocutores. Como sugere Goffman (2007) à encenação de cada grupo se diferencia de acordo com o grau de dominância dramática atribuída a cada um, e consequentemente a rotina de cada grupo difere na medida em que são atribuídos diferentes tipos de dominância aos seus membros.

Esta outra academia funciona num lugar semelhante a um galpão, onde os aparelhos ficam comprimidos, sobrando pouco espaço para a movimentação de pessoas. O local reservado aos aparelhos para os exercícios da parte superior como, tórax, braço, ombro etc. é no fundo do espaço. Como em todas as academias, é o local onde se concentra a maior parte dos alunos. De um modo geral, os aparelhos são bastante precários e enferrujados, com cabos de aço substituídos por cordas – que segundo os praticantes de musculação deste espaço, são muito mais resistentes. As paredes do local são bastante sujas. Um pequeno banheiro também localizado no fundo da academia funciona de forma precária. Como em qualquer academia, há um grande número de espelhos distribuídos por todo o espaço.

Brian é um jovem com quem tive bastante contato quando treinei nessa academia. Como não há instrutores, ele ficou responsável por acompanhar as minhas atividades físicas. Em relação a visitas anteriores feitas ao local, o que me impressiona é o aumento no tamanho

do seu corpo. Coloca-se como um verdadeiro conhecedor da cultura da malhação e por ter uma musculatura bastante avantajada e pegar uma quantidade exorbitante de peso é tido como referência nesta academia, mas ainda assim demonstra inquietação com o seu corpo.

Em um dia de treino relato a seguir um dos diálogos realizados com ele: Brian, a todo instante, fala que precisa *crescer mais*; quando pergunto o que ele está tomando, sai pela tangente com um ar de ironia e diz está comendo apenas *pão com água*. O foco da conversa toma outro rumo com a chegada de um jovem aparentando 16 anos. O garoto chega ao local com uma garrafa contendo um produto de cor escura. Brian o orienta na execução dos exercícios, observo e fico impressionado com a quantidade de peso que ele pega – em um exercício que eu levantava 14 kg, ele pegava 40 kg. O líquido que o jovem carrega na garrafinha serve de chacota para os demais - café com bastante borra - Brian fala: *ele acha que isso vai dar resistência*. Há uma reprovação geral de todo o grupo perante esse uso: todos crêem que esse tipo de substância não faz nenhum efeito.

Brian volta a conversar comigo e diz que no dia seguinte irá tomar uma *droga*; pergunto qual? Ele responde: *a que o dinheiro der*. O colega ao lado, ao presenciar o nosso diálogo, diz: *ele vai tomar ADE*. Brian responde: *Você está maluco*. Assim como Brian terminei as minhas séries e fui embora juntamente com ele. Aproveitei para investigar a respeito das substâncias que ele iria tomar. Brian mostra-se interessado na minha pesquisa e pergunta quando vou retornar as minhas entrevistas, respondo que estou ali, naquele momento, apenas para malhar e conhecer mais a respeito da prática da musculação. Ele diz: *então você vai tomar droga também*. Para contornar a situação, argumento que não tinha coragem e ele responde; *que nada, basta tomar*. No momento, outro praticante se aproxima e Brian brinca: *esse toma também* e ele embarca na conversa que estávamos a desenvolver:

P: Você disse que iria conseguir a Durateston e até hoje.

B: Rapaz está difícil de encontrar.

P: Por quê?

B: Nesse período de carnaval cara, todo mundo quer tomar, ai não encontra em lugar nenhum

Pergunto: ADE é mais fácil né?

B: Em qualquer lugar que vende produto veterinário você encontra, mas Deus me livre.

Pergunto: Então e a Deca durabolin?

B: A Deca o efeito é rápido mais logo em seguida murcha, por isso que não é legal tomar.

Como iríamos para lugares distintos nos despedimos; ficamos de conversar mais a

respeito em outro momento. O termo *droga*, aqui citado, não deve ser pensado apenas como uma substância capaz de alterar o campo de percepção sensorial, mas também uma substância capaz de criar hábitos e integração de certo grupo. Nesse sentido, os iniciantes do uso dos anabolizantes devem, antes de tudo, serem aceitos em um grupo que se encontra organizado por uma série de valores que devem ser compartilhados, pois a importância de utilizar certas substâncias não se deve apenas às propriedades químicas associadas a elas, mas também às suas propriedades simbólicas, ou seu efeito cultural (ADIALA, 1986). Na significação de Becker (1977, p. 182):

Quando uma pessoa ingere uma droga, sua experiência subsequente é influenciada por suas idéias e crenças sobre aquela droga. O que ela sabe sobre a droga influencia como ela a usa, a maneira como ela interpreta seus efeitos múltiplos e responde a eles, e a maneira como ela lida com as conseqüências da experiência.

Sabino (2002) sugere que a construção da pessoa do fisiculturismo nas academias de musculação se realiza pela construção da forma física musculosa, na qual o indivíduo tem que adequar seu corpo à forma correspondente; e para os que querem que este processo seja rápido, se faz necessário a utilização das drogas anabólicas. A busca por um tipo mais eficiente de modelação dos corpos ultrapassa os limites da estrutura fisiológica e física, estes passam a ser modificados e transformados em novas estruturas qualificadas e reinterpretadas.

Voltando a academia: como já havia uma maior aproximação com o Brian e também já detinha um conhecimento prévio sobre as substâncias, isso fez com que os diálogos sobre o assunto fluíssem da melhor maneira possível. No dia seguinte, Brian aparece com uma ampola de uma determinada substância que diz ser vitamina C (*durateston*). Outro jovem que presenciava expõe ser Brian um grande consumidor de todos os tipos de drogas. Enquanto conversamos, Brian prepara uma seringa e em seguida fica a brincar como se fosse aplicar em mim. O tempo inteiro ele me estimula a tomar e me pedi para presenteá-lo com algumas *durateston*. Uso alguns argumentos para o não uso como: não ter disciplina para malhar, gostar de beber nos finais de semana, medo de furada, dentre outros.

O uso da *Durateston* seguido do ADE são as substâncias mais utilizadas entre os praticantes de musculação das camadas populares (IRIART & ANDRADE, 2002; IRIART et. al., 2009). Entre as justificativas para o uso do *Durateston* destaca-se dúvida sobre ser ou não anabolizante e os efeitos colaterais, segundo os interlocutores, quase inexistentes. Presencio a aplicação feita por Brian em um dos praticantes e fico impressionado com a técnica na

aplicação. Apesar de estar na presença de outros alunos, ele age com a maior naturalidade. Para a aplicação se mede quatro dedos no braço de cima para baixo e penetra-se a agulha na musculatura. Faz-se necessário antes de injetar o líquido, fazer uma sucção para observar se não foi atingida alguma veia; caso tenha resíduos de sangue, deve-se retirar e fazer uma nova tentativa. Ao finalizar a aplicação e perceber meu excesso de curiosidade, Brian me oferece a bula e a caixa da substância. Brincadeiras como desmaio e mal-estar – simulando efeitos colaterais – são encenadas e vistas pelo grupo como forma de piada.

As expressões demonstram a clareza e o conhecimento dos efeitos que essas substâncias podem provocar, assim como os perigos que elas proporcionam. Como sugere Sabino (2002) e Iriart et. al (2009), os usuários sabem que o uso de tais substâncias pode causar graves problemas à saúde e até mesmo a morte. Entretanto, mesmo tendo convicção da probabilidade de acontecer tais complicações os usuários insistem no seu uso. Uma vez que na contemporaneidade ou modernidade tardia como sugere alguns autores, o futuro passou a ser pensado como passível de controle, e, a forma de gerenciar o risco e a produção dos sentidos a ele associado se faz pelo imperativo da opção (SPINK, 2001)

Brian insiste em tratar os anabolizantes como drogas, diz: *pra ficar grande, só na academia X*. Pergunto por que; ele responde: *onde rola as drogas e o tráfico*. Entro no jogo e pergunto se ele é o traficante; todos riem inclusive ele. Percebo como Brian tem a maior facilidade em conseguir os anabolizantes, pois sempre é procurado pelos outros praticantes que desejam utilizar. Ao dividir um dos aparelhos com um *sucata*, conversamos um pouco sobre a musculação até chegarmos ao uso das substâncias. Pergunto se ele já havia tomado alguma coisa, ele responde que não. No diálogo fica curioso a respeito e me pergunta se a alguém da academia, já havia me oferecido algo; falei que o Brian já o fez. Então pergunta de imediato quanto me cobrou. Percebi certa vontade e interesse do meu interlocutor em tomar; apesar de afirmar não ter ainda usado, demonstrou que a falta de dinheiro e o medo fazem com que ele ainda não utilize.

Brian é a pessoa referência na compra e venda das substâncias. E por ter bastante experiência na aplicação, é visto na linguagem da musculação como “mão boa”. Nesse sentido, tornou-se perante o grupo a pessoa ideal e confiável para aplicar os anabolizantes. Em outro treino, observo uma conversa entre ele e alguns praticantes. Eles conversam em

tom baixo e logo em seguida um deles tira de dentro de um saco um vidro de ADE. Direcionam-se ao banheiro e lá conversam com a porta entreaberta. Percebo que se trata de uma aplicação e fico atento a toda movimentação. Ao finalizar, um dos praticantes ao sair do banheiro, vai à direção do ventilador e fica um bom tempo, dizendo sentir-se tonto enquanto o outro se dirige para frente da academia, juntamente com Brian.

Logo em seguida, Brian prepara-se para uma nova aplicação. Dirijo-me para ver os procedimentos. Em duas seringas ele coloca 3 ml de ADE. O jovem, já na expectativa para receber a substância, apóia o braço no seu ombro de modo que possa ser aplicada no músculo desejado. Não sei como eles conseguem ser tão frios nesse momento, pois a agulha é toda penetrada na musculatura e logo em seguida o óleo é despejado. Como nos relatos de outros jovens, faz-se necessário dar uma maior pressão na seringa e se ter uma dose de paciência, pois o óleo demora a ser introduzido. Os comentários dos jovens ao redor são mistos. Alguns, com idades mais avançadas, condenam tal uso, chamando os usuários de drogados; outros elogiam a coragem do ato da aplicação.

Fico um pouco do lado de fora da academia, na busca de explorar mais sobre a utilização e os efeitos com um dos jovens que acabava de utilizar. Ao indagar sobre como estava se sentindo após o uso, relatou que com um pouco de dor de cabeça e que de imediato sentiu tontura após o uso. Ele justificou os efeitos expondo que a droga que havia tomado era muito forte, uma mistura de: *ADE + Durateston*, por isso teve esses sintomas. Descreve que tomava antes uma quantidade de 15 ml em cada braço, mas que *perdeu corpo* devido a um problema de saúde, que classifica como esgotamento físico. Justifica que os excessos na malhação juntamente com o excesso de relações sexuais foram às causas desse esgotamento. Em nenhum momento relaciona o problema de saúde ao uso dos anabolizantes.

O ADE – devido a sua grande quantidade e o seu baixo custo – normalmente é consumido em maior quantidade nesses bairros. A sua dosagem e frequência é feita de forma variada e é determinada pelo maior ou menor imediatismo na obtenção da forma física almejada. Os efeitos colaterais são conhecidos e vivenciados por seus usuários como algo “natural” e driblado pela compreensão e conhecimento que os mesmos adquiriram das informações veiculadas pelos meios de comunicação informais. Independentemente dos

efeitos colaterais identificados na sua bula²⁷, a legitimidade de um determinado anabolizante depende da aceitação que ele possui num determinado grupo. Percebo que o uso de anabolizantes dentro dessa academia é visto como “natural”, sem nenhum tipo de restrições ou espanto entre os frequentadores. Todos presenciam as aplicações com a maior naturalidade. A sexta feira parece ser o grande dia das aplicações. É impressionante a quantidade de seringas e agulhas encontradas na lixeira do banheiro.

Regresso à academia depois de um longo período afastado. Um dos jovens se aproxima de mim e pergunta como anda a minha pesquisa; falo que estava a caminhar com bastante sucesso graças ao que havia aprendido com eles. No decorrer da conversa, percebo no seu braço um furo e pergunto se ele tinha usado alguma coisa. Ele responde que tomou apenas *complexo B*²⁸ para dar energia e que não toma *Citoneurin*²⁹ – substância bastante utilizada como preparo do organismo em termos de resistência física; na linguagem dos praticantes *é bom para os nervos* – por que dói bastante. Outra substância bastante utilizada entre os usuários de anabolizantes é o *Xantinon B12*³⁰: segundo Brian, normalmente se utiliza como proteção para o fígado, órgão bastante atingido na ingestão de anabolizantes. Afirma que o ideal é se tomar após o ciclo do uso dos esteróides, mas que muitos usuários utilizam juntamente. O uso feito dessa forma, segundo ele, faz com que a substância contida no Xantinon corte o efeito da *droga*.

Assim, conclui-se que, nesse campo, os que aderem ao uso dessas substâncias, “centram o foco sobre os efeitos ‘benéficos’ e ignoram aqueles que são irrelevantes para o benefício que buscam” (BECKER, 1977, p. 182). Os usuários, em muitas situações, interpretam o seu consumo como algo necessário para obtenção de um corpo ideal. Nesse sentido, o consumo dessas substâncias não é algo que depende apenas de informações objetivas a respeito, já que os indivíduos as reinterpretam, buscando uma nova lógica para o seu uso.

²⁷ Vale salientar que vários desses produtos são originalmente destinados ao uso veterinário.

²⁸ O complexo B compreende diversas substâncias que apresentam as características de se diferenciarem em sua estrutura química, em suas ações biológicas e terapêuticas e no teor de suas necessidades nutricionais. Ajudam a manter a saúde dos nervos, pele, olhos, cabelos, fígado e boca, assim como a tonicidade muscular do aparelho gastrointestinal.

²⁹ Citoneurin é um complexo de vitaminas B (B1, B6, e B12), indicado para o tratamento antineurítico, antineurálgico e como suplemento vitamínico.

³⁰ Os vários componentes ativos do Xantinon B12 ajudam na mobilização e remoção do excesso de gordura. Intervalo de tempo durante o qual se completa uma seqüência de uma sucessão regularmente recorrente do uso dos anabolizantes.

Ah, o Durateston não tem efeito colaterais e não é prejudicial à saúde. O ADE pode causar doença no rim, no fígado, é... Outro fator também perca de cálcio, ferro, porque é anabolizante. Porque essa vitamina vem própria pro animal e nosso organismo, ser humano, não suporta as vitaminas que o animal precisa. (Miguel)

Vale enfatizar que, de modo geral, os praticantes de musculação têm o conhecimento das substâncias que estão utilizando, bem como os efeitos negativos que estas venham a causar. Nos discursos dos interlocutores – independente de iniciantes ou veteranos –, é lembrado que efeitos colaterais com o uso do ADE, apesar da falsa ilusão que ele possa proporcionar, são maiores do que o prazer momentâneo. De modo geral, acreditam que os usuários de ADE entram em círculo vicioso, já que, a cada aparência de perda do inchaço muscular, eles voltam a utilizar. De fato, vários são os relatos de casos de infecções e abscessos causados pelo uso dessas substâncias, inclusive de morte. O que mais impressiona é que muitos dos usuários que já tiveram algum tipo de problema voltam a usar. Alguns acreditam na dependência química que essas substâncias podem provocar. Como expõe um dos colaboradores:

Porque na verdade você começa a querer ter um corpo legal e acaba ficando dependente do anabolizante. Seu corpo fica acostumado. Como eu já vi casos de pessoas que ficavam irritadas quando não conseguia usar, sentia insônia, não se sentia bem, porque acostumou o corpo... Ai teve que voltar a usar pra poder ficar legal. Pior que o organismo acostuma ai à pessoa fica preocupado apenas com a malhação não percebendo que isso ta te fazendo mal.

Por outro lado, há os que acreditam que o grande problema está no uso excessivo das substâncias. Algumas justificativas são relatadas pelos usuários como: uso de bebida, má aplicação, falta de alimentação, assim como o não preparo do organismo antes do uso dos anabolizantes. Desse modo, o conhecimento e os canais sociais através dos quais as informações fluem afetam nas interpretações e respostas que um consumidor dá a experiência que a substância produz (BECKER, 1977). Em suma, os esteróides anabolizantes vêm se constituindo dentro de uma nova cultura estética, nos dias atuais, um elixir para a obtenção do prazer efêmero e imediato. Como justifica um dos interlocutores:

Acho que o anabolizante ele se torna negativo a partir de quando você o toma sem controle, se todo mundo tomasse a primeira vez, tivesse sabendo ‘prá’ o que era, ‘prá’ o que iria servir que se tomasse demais, causaria mal a saúde, eu acho que seria um ponto de vista legal. Não seria tão ruim usar um anabolizante. Mas pelo lado positivo, tem aquela questão, porque muitas vezes a gente não tem aquela... Não tem o corpo... Uma genética legal prá poder ganhar massa muscular e às vezes é necessário tomar alguma coisa, seja ela natural, seja ela não natural, que é o caso do anabolizante.

Vale salientar que esse tipo de preocupação do uso exagerado dos anabolizantes é comungado por todos os atletas que utilizaram ou utilizam uma grande quantidade dessas substâncias, e hoje vêem no uso excessivo um grande problema para além do aumento corporal proporcionado. Para Miguel, a grande dificuldade na manutenção do uso dos anabolizantes está relacionada também com o preço, pois relata que em muitas situações, por não ter condições de bancar os custos teve que interromper o ciclo³¹ iniciado, isso a se constituir em uma sensação de não concretude. Hoje se vê afastado do uso e argumenta:

Depois que parei de usar me senti bem melhor, não vou dizer que os anabolizantes me fazia mal, mas me fazia quase um cara necessário deles, porque eu fazia ciclo de três meses e quando eu parava de tomar e voltava a tomar novamente eu tinha que refazer todo o ciclo. É a mesma coisa de você sentar-se à mesa com um prato de alimentação e você ter que parar para fazer outra coisa porque você tinha que parar. Você vai voltar a comer aquele alimento que você estava comendo? Você não vai mais. Porque aquele alimento perdeu o gosto, ficou frio e a sua vontade de comer aquele alimento já passou a vontade.

Ao lembrar-se do corpo que tinha no passado, descreve que era bastante inchado; inchaço esse provocado pelo número excessivo de anabolizantes utilizados. Pontua que o seu objetivo hoje é definição e manutenção do corpo; para isso conta com o auxílio de um suposto professor de educação física, que lhe receita dietas e um ciclo de aplicações de uma droga chamada estimil³². Uma medicação que, segundo ele, aplicada no local da musculatura a desenvolver, obtêm-se um bom resultado. Também em conversas informais me relatou que usaria durateston na véspera de uma das festas mais tradicionais e populares de Salvador.

Desse modo, comprova-se como é bastante inusitado e paradoxal o seu discurso, já que, ao mesmo tempo em que tende a se distanciar dos anabolizantes, procura outros tipos que, pela sua lógica, proporcionam menor efeito colateral e um maior desempenho físico. Nesse sentido, percebe-se como a percepção de saúde se constitui em algo paradoxal em que discurso e prática divergem nas diretrizes traçadas pelos que enveredam nessa cultura. Para tanto, o mito da boa saúde vinculada a idéia de que cada indivíduo é o seu responsável, nos remete a questões de cunho muito mais cultural do que normativo, pois a cada momento os indivíduos articulam os seus discursos a práticas contidas no meio em que vivem.

Em suma, os usuários dessas substâncias partem dessas crenças para dar continuidade

³¹ Intervalo de tempo durante o qual se completa uma seqüência de uma sucessão regularmente recorrente do uso dos anabolizantes.

³² Estimil - Propionato de testosterona- medicamento de uso veterinário.

o uso. Os resultados, mesmo que ilusórios, são vistos a olho nu e isso os impressiona bastante. Em se tratando de questões de saúde, acreditam que cada corpo é um corpo, por isso possuem reações diferentes tanto no que concerne a prática da musculação, como na ingestão dos anabolizantes. Relatos de homens que já utilizaram uma grande quantidade de substâncias anabólicas e aparentemente nada aconteceu se contrasta como outros que na primeira dosagem obteve reações adversas. O grande dilema nessas questões para os usuários é o que tomar e como tomar. Eles se apegam nessa filosofia e readaptam o processo do uso de acordo com o que buscam e pensam a respeito do seu corpo.

CAPÍTULO 5 – CORPO E MASCULINIDADE

O modelo “universal” da masculinidade hegemônica reporta a questionamentos de força, sexualidade e virilidade, fatores importantes na posição social dos indivíduos. Nesse sentido, surge como modelo extremo, na qual a masculinidade deve ser reiterada e buscada a todo custo pelos homens. Uma busca inatingível, já que ela se mostra fragilizada à medida que é questionada e revisitada. Assim, a masculinidade hegemônica a todo instante se reestrutura e dialoga, com uma pluralidade de modelos de masculinidades que coexistem em diversos contextos sócio-culturais.

Em razão disso, novos questionamentos da postura do que é ser homem, do que se espera desse homem moderno e quais são os papéis do homem e da mulher nos novos relacionamentos, dentre outros fatores, colocam a masculinidade vigiada em uma suposta crise, onde não se sabe o começo nem o seu fim. Ainda assim, os homens buscam na representação da masculinidade hegemônica – mesmo que ela demonstre fragilidade – dar conta das suas inseguranças e receios do que está por vir. Almeida (2000, p. 17) pontua que:

A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas de sociabilidade cotidiana e de uma discursividade que exclui todo o campo emotivo considerado feminino, e que a masculinidade não é simétrica da feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social.

Neste contexto apresentado em que se instauram novas formas de masculinidades e maneiras de lidar com essa, o homem vem ocupando um lugar de reflexão em todos os âmbitos da vida social contemporânea, pois como sugere Goldenberg (2000, p. 38):

Talvez o machão esteja realmente em crise, mas é possível que até ele consiga sobreviver, só que será obrigado a coexistir com outras formas de ser homem. O que não sobrevive mais é um modelo hegemônico de masculinidade com base em força, poder e virilidade, embora homens (e mulheres) continuem alimentando esse ideal.

Sabino (2000) sugere nos seus estudos que entre os praticantes de musculação parece existir uma idéia de que a verdadeira masculinidade esta diretamente ligada à imagem corporal, que se traduz nos músculos, gestos e postura, contrapondo as características tidas típicas do feminino, como fraqueza e suavidade, que, como consequência ameaçam a sua masculinidade. Por este motivo, a identidade masculina está sempre sendo colocada em

cheque em tom de brincadeiras entre os praticantes, e, qualquer característica que remete a feminilidade é motivo de desconfiança. Neste ambiente em que reina a “homossosialidade”, os praticantes de musculação se preocupam muito mais com a busca de aceitação entre seus pares por meio do poder simbólico ostentado pelos músculos do que para agradar as mulheres. Assim, pontua que “um corpo hipermusculoso, além de ícone desta masculinidade, pode servir como defesa da mesma” (SABINO, 2000, p.94).

Aqui vale investigar se o que se observa retrata uma nova onda de figuras masculinas constituídas a partir de outros dispositivos para além dos enraizados nos modelos da masculinidade hegemônica, ou se é apenas uma forma dessa masculinidade dominante ser embaçada.

Trevisan (1998) sustenta que a crise da masculinidade pode ser acarretada por um desencadeamento de questões a que vem sendo confrontado o universo masculino: a infância com tarefas adultas, pai opressor, ataque violento por outros homens, banditismos, prepotência sobre a vida ou morte dos outros homens, bem como a invasão do mercado de trabalho pelas mulheres. Nesta confusão na qual se encontra – em que a todo instante tem que se mostrar corajoso, pronto a enfrentar o mundo através da força – torna-se insuportável a tarefa de ser homem. Ainda para este autor, a desintegração do masculino fundamenta-se nas transformações históricas ocorridas, que inviabilizam a manutenção do mito, mito esse da “ilusão do masculino” criada pela sociedade patriarcal para “construção do ‘verdadeiro homem’”.

Ainda no contexto apresentado, vale questionar se a tal crise que acomete o universo masculino, se é que ela existe, impulsionada pelo movimento feminista, que fez com que os homens revissem sua postura dita de macho (TREVISAN, 1998; ALMEIDA, 2000; GOLDENBERG, 2000), trouxe consigo novos dilemas e questões a serem decifradas pelos homens atuais. Dentre essas, “o que é ser homem” na contemporaneidade onde a competição acirrada é o motor das relações sociais? Pesquisas inspiradas na ‘crise’ têm sido contestadas ao longo de eixos empíricos e teóricos. Gill et al. Apud Atkinson (2008) levantaram dúvidas sobre a presença de uma crise de masculinidade e sugerem que as análises inspiradas na crise são ‘preguiçosas’ e partem de um retrocesso cultural contra o(s) feminismo(s). Ainda, segundo os autores, estas análises não refletem sobre as condições socio-estruturais que tem

como alicerce a hegemonia masculina, que nada mais é um produto da amplificação da mídia, que em geral não refletem as experiências de homens com o gênero e as micropolíticas de representação corporal.

Connell (1995) sugere que o conceito de crise tem de ser distinguido do sentido coloquial em que as pessoas falam da crise de masculinidade. Uma vez que uma reflexão teórica sobre crise pressupõe um sistema coerente de algum tipo, que é destruído ou restaurado, como resultado dessa crise e, nesse sentido, a masculinidade, como vários estudos tem mostrado não se conforma desse modo. De modo que, sendo a masculinidade uma configuração de práticas dentro de um sistema de relações de gênero, não se pode falar de crise, mas sim de rupturas e transformações. Diante de tais evidências, Connell postula que para se entender a elaboração das masculinidades contemporâneas, necessita-se falar da tendência de crise de uma ordem de gênero como um todo e não de uma suposta crise que acomete o universo masculino.

Partindo dessas proposições supracitadas tentarei, neste capítulo, apreender de que forma esses novos valores e formas de ser homem na sociedade pós-moderna, se entrecruzam com os dilemas e a manutenção da masculinidade hegemônica. Aqui tomo como referências a proposta da masculinidade hegemônica defendida por Almeida (2000), na qual esta não se restringe ao “papal” dito masculino, mas sim a uma variedade de masculinidades que estão subalternas a outras variedades de masculinidades, pois como o autor sugere: “as masculinidades são construídas não só pelas relações de poder, mas também pela sua interrelação com a divisão do trabalho e com os padrões de ligação emocional” (2000, p.150).

5.1 LEITURAS E RELEITURAS DAS TECNICAS DE MODIFICAÇÕES CORPORAIS

Desde sempre, como acentua Marzano-Parisoli (2004), um conjunto de técnicas sociais operam sobre o corpo a fim de transformá-lo. Este nunca deixou de ser reflexo de transformações múltiplas, fundadas nos valores e crenças de cada sociedade. Sendo uma imagem cultural modificada, o corpo tornou-se um objeto de tratamento, de manipulação e encenação. Uma imagem domesticada pela sociedade, que permite aos homens e as mulheres viverem no mundo, encontrar, relacionar e interagir com os outros atores sociais. Nesse sentido, é incontestável que a visão que se tem do próprio corpo é diretamente influenciada

pela visão do corpo do outro (MALYSSE, 2002). Entretanto, é importante destacar que esta visão deve ser articulada aos valores culturais e, sobretudo, aos valores socioeconômicos. Uma vez que, considerando que essa exibição voluntária e seu valor estético estão marcados em todas as classes o que o corpo representa e os valores atribuídos a ele – de acordo com o contexto – podem sugerir e demarcar peculiaridades distintas.

Garcia (2005) observa que, na sociedade midiática de consumo, o corpo jovem, saudável e malhado passa a fazer parte da regra de como construir campanhas publicitárias eficientes que ressaltem sucesso e fama. Como um instrumento envolvente que estimula, seduz e ajuda no poder de convencimento da mídia, o corpo instiga um jogo erótico em que o fetiche das marcações fálicas fortalece a idéia de uma sociedade falocrática, em que os anúncios inspiram aventura, poder e desejo. Nesse sentido, na circulação dessas imagens estão imbricados estilos de vida e consumo, ou seja, o corpo surgindo como um aglutinador de mensagem.

No campo das novas masculinidades contemporâneas, observa-se a constituição de uma nova postura no universo dos padrões estéticos com a adoração às aparências hipermásculas de corpos esculpidos e malhados conjugada a cuidados que a pouco tempo atrás eram sobretudo femininos, como a utilização de produtos de beleza e a depilação. Ganhou destaque na mídia nos últimos anos a figura do metrossexual, homem urbano de classe média alta que assume o seu lado narcísico e vaidoso, cujos hábitos de consumo vão desde roupas de grife a produtos e tratamentos de beleza e que assim como os praticantes de musculação são obcecados pela aparência externa superficial.

Nesse contexto, pode-se perceber um aparente paradoxo que se ramifica na construção da masculinidade entre os praticantes de musculação. Questiona-se, por exemplo, o que está por trás de um discurso de virilidade e auto-afirmação enquanto homem forte/capaz, mas que ao mesmo tempo traz consigo elementos partilhados e entendidos neste cenário, como novos significados e sentidos. Os adeptos da malhação, além de hipertrofiar seus músculos, cuidam do corpo para além das questões de cunho de saúde, articulando-se com outros modelos de manutenção e ostentação da sua imagem externa. Desse modo, o processo de transitoriedade articula elementos complexos, visto que os atores envolvidos rearticulam seus comportamentos de acordo com os referenciais momentâneos.

Kemp (2005) pontua que na contemporaneidade, fenômenos de modificações corporais associados ao mercado de beleza, chamados “*mainstream*” têm se destacado como recurso da busca da perfeição e da saúde. Esses recursos são encontrados em clínicas de estética e cirurgias plásticas, fortemente organizadas por um mercado da tecnologia e da biomedicina. Ainda na acepção da autora, os seres humanos modificam os seus corpos constantemente, muitas vezes sem se dar conta da ligação e da importância entre essa necessidade e o resto das suas relações sociais. Diante de tais circunstâncias, Kemp observa que nas sociedades contemporâneas essas modificações corporais podem ser caracterizadas em invasivas e não-invasivas. As não-invasivas a se constituir nas modificações que o organismo tenha a necessidade de regenerar, como cortar as unhas, cabelos etc., e as invasivas as que modificam irreversivelmente o corpo como perfurações, cirurgias plásticas, tatuagens, etc.

Nessa perspectiva, pretendo apresentar nos próximos parágrafos as modificações observáveis no universo masculino da cultura da musculação que sobrepõe à estrutura dos músculos. Devo argumentar que o conjunto dessas mudanças, para além das questões identitárias exploradas por muitos autores, no grupo estudado, contrapõe-se como um elemento que se estrutura a partir de um olhar estético. No entanto, também possui representações simbólicas que no decorrer da vida cotidiana incluem elementos interessantes e intrigantes a serem analisados. Sei que muitas das modificações e intervenções aqui expressadas não se restringem ao universo da musculação. Entretanto, a análise desse grupo específico pode dar pistas para o entendimento mais englobante dessa “onda” que vem acometendo o universo masculino.

5.1.1 CUIDADOS COM O CORPO

Para iniciar vale explorar entre os praticantes de musculação as mudanças tidas como não invasivas propostas por Kemp (2005). Dessas modificações destacam-se: o fazer sobrancelhas, a depilação, o corte e a tintura do cabelo. Sem sombra de dúvida a que ganha maior destaque no contexto estudado é a depilação. Para os homens adeptos da musculação, a depilação se instala, entre esse conjunto de práticas, como uma das técnicas empregadas que se entrecruzam entre o estético e o higiênico. Nas narrativas de suas experiências os adeptos acentuam que a ausência de pêlos no corpo gera uma maior visibilidade da musculatura trabalhada, e, diante de tal fato, a depilação surge como uma técnica de fundamental

importância para a melhor apresentação de si.

Entretanto, ainda em se tratando da importância dessa técnica, chama atenção o propósito da questão higiênica. Os praticantes são categóricos em afirmar que sendo a musculação um esporte que exige do atleta maior transpiração, faz-se necessário a retirada dos pêlos no intuito de evitar o mau cheiro excessivo provocado pelo suor. Nesse sentido, isto que dizer que a aparência de limpeza e asseio estão também incluídos como uma das justificativas que evidenciam a prática da depilação em todo corpo, em especial nas axilas. Assim para se entender todos os questionamentos apresentados por essa técnica, vale apresentar a narrativa de um dos interlocutores:

Faço depilação por que na verdade a gente que malha transpira bastante, eu mesmo transpiro muito, então faço depilação. Por que na verdade quando você tem uma grande quantidade de pêlo no corpo, quando está malhando, se você suar e não tomar banho de imediato aquilo causa mau cheiro. Por que o suor ele fica nos pêlos, por isso que é bom você estar sempre se depilando, é uma coisa mesmo relacionada à assepsia. Tem uma questão estética também, tem gente que se depila e se acha lindo. Eu me depilo porque acho que é uma questão de assepsia de higiene.

É verdade que todas as justificativas apresentadas levam-nos a questionar onde termina o lado estético e onde começa o lado “asséptico”, já que as questões referentes a essa modalidade estão imbricadas com como os homens vêem suas ações e as classificam. Por esse prisma, pode-se apreender que para os homens aqui em questão a depilação surge como um elemento que faz parte dos procedimentos dos que aderem à prática da malhação. “Sou adepto da depilação. Depilo tudo, pernas, braços, o abdômen; a depilação acaba definindo mais o corpo... Já debaixo do braço tem muito mais a ver com a questão da higiene” (Well). Entretanto, alguns interlocutores sustentam que apesar de toda a moda e aderência do público masculino, os homens ainda enfrentam certa resistência e preconceitos. Dentre as justificativas apresentadas, um dos colaboradores destaca a seguinte questão:

Antigamente era só homem que tinha preconceito, primeiro por a gente usar roupa curta... Mas hoje as mulheres também têm, porque a gente que pratica musculação, já partimos pra outras coisas, depilação na perna, no abdômen, nas axilas, a mulher também começa a tirar sarro, porque ela acha que só elas têm direito de fazer depilação na perna, nas axilas... E pra gente isso é fundamental que fazemos treinamento, porque ajuda no nosso condicionamento.

Por outro lado, outra parcela de praticantes ostenta que essas mudanças nos padrões estéticos fazem parte de uma nova exigência do público feminino. Segundo eles, as mulheres compreenderam que para além da musculatura hipertrofiada, o corpo deve ser visto como um

conjunto, o qual carece de cuidados como um todo. Nesse sentido, não basta apenas ter uma musculatura hipertrofiada, visto que essa tem que estar em harmonia com o que é apresentado. Em outras palavras, segundo os praticantes, vislumbra-se não apenas o lado estético, mas também o higiênico.

Entretanto, pode-se intuir que mesmo com toda a ênfase no higiênico, o que se observa nas narrativas é a grande valorização de um novo padrão estético em que o cuidado implica em retirar todos os pelos, investir na aparência cuidada em oposição ao natural/selvagem/descuidado que caracterizava o masculino tradicional. Um homem que se distingue pelo investimento nos mínimos cuidados de sua aparência corporal, o equivalente nas camadas populares da figura do metrosssexual. Como sugere Miguel: “Só mais ou menos pra você ter um perfil: cabelo cortado, sobrancelhas e barba feita, é fundamental. Por que se você tem um corpo bonito, trabalhado, abdômen, peito, braço e perna, o rosto também é outra parte do corpo que deve ser cuidado”.

Ainda em se tratando do conjunto de modificações que tem a retirada dos pêlos como elemento central, destaca-se o fazer as sobrancelhas. Nas visitas feitas dentro e fora das academias me chamou a atenção como os homens de um modo geral aderiram a essa prática. O fazer as sobrancelhas chegou a tal ponto, que hoje os barbeiros (cabeleireiros masculinos) dos bairros populares incorporam essa técnica como mais uma habilidade. Dito de outra forma, se antes iria ao barbeiro para “fazer cabelo e barba”, hoje se acrescenta o fazer sobrancelhas. Essa nova forma de lidar com as sobrancelhas não se sabe ao certo de onde surgiu. Alguns acreditam terem sido impulsionadas pelos cantores de pagode, surgidos a partir dos anos 90 que de modo peculiar mudaram a estética dos homens das classes populares.

Decerto, hoje se observa que os tais grupos investem na performance dos artistas masculinos incrementando elementos e cuidados estéticos para além do que antes se considerava como atributos másculos. É importante destacar que os corpos dos cantores dessas bandas valorizam a imagem externa para além da musculatura apresentada. Em conversas informais feitas dentro desses bairros, notei como as bandas de pagode, sejam elas nacionais ou locais, trazem uma legião de admiradores, tanto do sexo feminino como também masculino. O público que adere a esse tipo de música concebe e ostenta esses cantores como ídolos. E diante de tais afinidades encontradas, os homens, principalmente os mais jovens,

buscam imitá-los, de tal modo que reproduzem as roupas, o fazer das sobrancelhas, o corte, o uso de gel, tinturas e até mesmo as técnicas de alisamento nos cabelos. Esses procedimentos são apropriados, incorporados e utilizados como elementos, ao mesmo tempo de distinção e inserção no grupo.

O cabelo de vez em quando eu pinto, agora mesmo para carnaval vou pintar, dou alisante. Tenho um amigo que tem um salão de beleza e minha própria esposa que trabalha com essas coisas, dá também. E agora vou jogar o cabelo mais atual do momento, o que todo mundo “tá” jogando, o moicano... Como eu falei sou um homem atual, globalizado, de uma nova geração (Edi).

Aqui vale refletir as questões levantadas por Figueiredo (2008) em uma pesquisa realizada na cidade de Salvador, com mulheres negras. A autora observa, que – do ponto de vista identitário da militância – o cabelo marca a diferença, com o resgate do cabelo tido como “natural” em negação dos alisamentos e a utilização de produtos químicos. Em outras palavras, a destruição dos padrões de beleza ocidental. Por outro lado, Figueiredo ressalta que para as mulheres entrevistadas, o cabelo também representa um componente das características negras que pode ser manipulado quando desejado. De modo que, o que define o método a ser empregado é o ambiente na qual se vai transitar.

Nesse sentido, a pergunta que se coloca é quais os sentidos e significados engendrados para além do lado estético, se é que existem, que estão sendo propagados entre os praticantes de musculação negros dos bairros populares que aderem a essas manipulações capilares.

Não tenho elementos suficientes para tentar desvendar essas transitoriedades dos novos modelos apresentados, nem está no escopo desta pesquisa enveredar pelas complexas questões de etnia/raça/cor, mas, por certo, todo o arcabouço apresentado por esses homens está em consonância com os valores étnicos apresentados. Uma vez que, como sinaliza Figueiredo (2008) sendo o cabelo um elemento do fenótipo dos negros que incomoda os brancos, como também uma boa parte dos negros, conseqüentemente ele é considerado o fenótipo mais “feio dos negros”. Nesse sentido, essas manipulações sinalizam novas reflexões no que condizem as identidades étnicas apresentadas. Além disso, podemos intuir que essas novas formas de manipulações, mesmo que não estruturadas, podem ser respostas aos modelos habituais da cabeleira negra masculina. Em outras palavras, como afirma um dos interlocutores: *eu posso ter cabelo louro, liso, pintado, escovado etc. e tal.*

De fato, mudanças nos padrões de beleza são visivelmente notados entre os homens

nos bairros populares independente de adotarem ou não a prática da musculação. A incorporação dessas novas técnicas e as especificidades dos homens gerirem suas masculinidades, em muitas situações, parece estar diretamente conectada a imitação dos homens bem sucedidos representantes da cultura consumida por eles. Vale salientar que em Salvador, outros elementos são incorporados como a sensualidade e a erotização exacerbada dos corpos. Entretanto, deve-se contextualizar que essas modificações trazem elementos paradoxais; se por um lado se observa novas formas de ritualização e percepção dos seus corpos, por outro esses modelos podem estar em conformidade com os arquétipos da cultura dominante branca.

5.1.2 TATUAGEM: VISIBILIDADE & IDENTIDADE

Em se tratando das práticas invasivas mencionadas por Kemp (2005), Le Breton (2003) destaca as tatuagens e os piercings como marcas corporais de grande destaque na atualidade. Considera seus adeptos como primitivos modernos e acentua que para eles, o que essas marcas contam primeiramente é a sua dimensão estética, uma maneira de inscrever metaforicamente na carne os momentos chaves de existência. Chama a atenção que a tatuagem, que, por muito tempo, foi associada à primitividade, a homens pouco civilizados e propensos a todas as formas de delinqüência; hoje, expressa um valor identitário inscrito no próprio âmago da carne, o pertencer do sujeito a um grupo social.

Nesta perspectiva, se por um lado as marcas corporais representam uma infinidade de desenhos circunstanciais, por outro, eles traduzem uma riqueza de significações que ultrapassam a lógica do entendimento estético apresentado. Como pontua Sabino (2004, p. 261) “esta construção identitária, ao mesmo tempo concêntrica e excêntrica, está diretamente relacionada à dimensão visual das interações sociais”. Partindo dessa premissa é que devo argumentar sobre as tatuagens entre os adeptos da musculação dos bairros populares. As narrativas por eles enunciadas trazem elementos bastante relevantes no que diz respeito à dinâmica das relações sociais.

Observa-se no campo apresentado que nas escolhas das imagens a serem tatuadas estão embutidos uma configuração de vários elementos que compõem características especiais dos que aderem ao cultivo dessa prática. De fato, independente de qualquer coisa os adeptos das camadas populares também aderem ao uso por razões lado estéticas. Nesse sentido, como

observa Sabino (2004) à tatuagem surge como mais um produto de consumo efêmero e fugaz, a mercê dos modelos das interpretações das sociedades contemporâneas, haja vista que, em muitas situações, com o passar dos anos, ganham novos significados. Em se tratando dos entrevistados, vale ressaltar que a valorização da epiderme tatuada se acentua à medida em que a musculatura torna-se avantajada, isso a se constituir como um elemento fundamental para a escolha do local a ser tatuado. Vejamos o que diz Miguel:

Vejo a tatuagem mais como um desenho... Entendeu? Pra demonstrar totalmente o que nós temos que é o corpo perfeito... Eu comecei a fazer depois da malhação, porque demonstrava meu corpo como se fosse um painel, com ondulações curvas, com a tatuagem iria ressaír mais, minha primeira tatuagem foi no peito, porque eu tinha uma caixa peitoral grande aí depois fiz na lateral do abdômen, fui expandido pro braço, agora fiz nas costas, porque minha costa tá larga...

Dessa forma, como sugere Miguel, as tatuagens também se instauram como mais um elemento de adorno da pessoa, de modo que “a superfície da pele realça o que ela reveste e que constitui o objeto de todo o trabalho nestas instituições: o músculo” (SABINO, 2004, p. 258). Entretanto, assim como nas camadas médias urbanas analisadas por Sabino, nas classes populares, os sentidos que as figuras remetem refletem os ideais que os indivíduos valorizam na vida social. Aqui tomo a experiência de Denis para melhor contextualizar. Denis, admirador das tatuagens, revela que apesar de hoje em dia ter virado moda, desde a infância sempre se sentiu atraído por essas marcas corporais, de modo que a demora na execução tem a ver com questões de ordem familiar, e justifica:

Tatuagem hoje em dia, não vou dizer que virou moda, mas eu fiz tatuagem porque eu sempre tive vontade de fazer tatuagem, minha mãe não deixava por que eu era “de menor”. Ela sempre dizia: ‘quando você tiver a sua vida independente você pode fazer o que quiser com o seu corpo, mas enquanto você tiver comigo aqui você só vai fazer tatuagem quando você estiver de maior’

Nessas narrativas pode-se apreender que, mesmo com toda a efervescência atual do culto as tatuagens, ainda nos bairros populares, elas também, constituem-se como um distintivo negativo, sendo mais evidente entre as pessoas que possuem idade mais avançada. Diante de tal fato, a tatuagem é bastante comum entre os praticantes de musculação veteranos – aqui intitulados de “malhados” e pouco verificada entre os praticantes iniciantes. Isso, como supramencionado, deve-se a faixa etária, a não autonomia, ao preconceito ainda existente, como também a ausência de musculatura hipertrofiada. Em entrevistas realizadas com os praticantes de musculação, sejam eles veteranos ou iniciantes, em se tratando de tatuagem, o desejo muitas vezes submerge diante do estigma das marcas impressas no corpo, como

refletem as narrativas abaixo:

Tatuagem? Adoro, tô louco para colocar uma, mas tô me segurando porque mesmo eu morando só tenho que dar satisfação a algumas pessoas... Hoje eu poderia tatuar nas costas porque acho um local de boa visibilidade e porque as pessoas acham que eu tenho uma costa bonita parece uma anaconda, mas ainda não dá.

Ainda em relação ao preconceito, outro adepto acentua:

Porque nem sempre você vai chegar a um lugar e agradar a todos, sempre tem alguma pessoa que não vai gostar de alguma coisa em você, principalmente tatuagem que daqui a alguns anos vai ser normal, vai ser estranho é quem não tem.

Por outro lado, diferente dos praticantes veteranos de classe média, que tatuam no seu corpo sinais característicos de superioridade e poder hierárquicos tão característicos desta classe (SABINO, 2004), os tidos como malhados/veteranos dos bairros populares preferem desenhos “tribais”³³, assim como frases ou palavras que possuam um grande significado de cunho pessoal, em destaque nome dos familiares, essas a se constituírem como uma forma de reconhecimento afetivo e de pertença social.

Para Samis, um dos interlocutores, as tatuagens representam um ornamento impresso no corpo, que para além do estético representam relações afetivas como também de demonstração de ego. Como proprietário de academia, adverte que as tatuagens estão cada vez mais se instituindo para além de um adorno incorporado acima dos músculos, visto que estas transmitem mensagens que sobrepõem o lado estético. Nas suas observações chama a atenção para as escolhas dos adeptos frequentadores de academia. Ressalta que nos últimos anos há uma mudança significativa nos desenhos impressos e acentua que hoje surge de forma inusitada o crescimento de pessoas que tatuam o próprio nome no corpo.

Como justificativas para toda essa mudança expõe que, por serem as “tribais” um desenho com riquezas de detalhes, nenhuma tatuagem se torna igual à outra, isso legitimando a sua procura. Já no que diz a respeito dos que tatuam o próprio nome na pele, ele tem como justificativa o excesso de ego que o campo da musculação apresenta. Para ele as pessoas que malham, cuidam muitas vezes mais da *saúde externa* e esquecem-se de cuidar da *saúde interna*, por esta razão os egos ficam aflorados, e em consequência disso tatuam o próprio nome no corpo, e conclui: “sabe o que isto se chama? Egocentrismo meu amigo, o cara só

³³ A tatuagem tribal é conhecida como uma tatuagem com ou sem significados, mas que faz alusão a tatuagens de tribos antigas, contornada e pintada com tinta preta.

consegue enxergar ele mesmo”. Nesse sentido como acentua Lach apud Costa (1994), essa posição narcísica possui um caráter duvidoso, pois ao mesmo tempo que tenta de forma hábil administrar as impressões e admiração que transmite aos outros, desdenha daqueles a quem manipula para obtê-la. De modo que, julgam-se grandiosos e possuem necessidades de admiração e aprovação das outras pessoas em excesso.

Nesta ocasião vale ressaltar os significados atribuídos por Samis para as tatuagens no seu corpo. Sua primeira tatuagem foi feita aos 18 anos. Inicialmente tatuou um leão que após arrependimento foi transformado em uma “tribal”. O arrependimento aqui foi não ter procurado um profissional especializado, e, em conseqüência disso, a qualidade da tatuagem não o agradou, entretanto, mesmo confessando ter agido pela emoção, voltou a tatuar outro leão. Diz ter bastante admiração pela figura desse animal, que na sua concepção representa força, poder e um status de rei. Todavia, Samis não esconde o verdadeiro fascínio pelas suas tatuagens atuais, as palavras: *Deus* (no antebraço direito), *Família* (no antebraço esquerdo) e *Jesus* (nas costas). Ao indagar sobre o significado, descreve de forma bastante emocionada:

Porque pra mim são as 3 bases: Deus é o primeiro plano sempre; a família sem ela você não consegue nada, as pessoas que são abandonadas por suas famílias graças a Deus elas ficam bem quando encontra outras famílias. Deus é base, família é base; Jesus cristo pra mim é o caminho, botei nas costas porque é muito mais forte né, porque quando as pessoas lerem podem até prejulgar... É até proposital né. Uma pessoa pode dizer assim: ‘vai lá um cara malhado e tatuado’. Prejulga... Quando eu der as costas ele vai ler essa palavra. Essa palavra pra mim meu amigo muda toda uma conexão e uma intenção, as pessoas quando lêem, é impressionante muda toda a impressão, tudo muda, os conceitos... Tudo muda.

Para Samis a tatuagem é uma maneira de se expressar no mundo, fala do que o coração está repleto, expressa realmente o que as pessoas sentem. Para ele a palavra *família* tem um significado especial por que resume todo o sentimento e afeto pelos seus entes queridos. E diz: “Uma coisa interessante quando você tem dois senhores, você pode agradar um e desagradar outro né. Você pode agradar todo mundo em uma palavra só”.

Aqui chama a atenção à necessidade que Samis tem de ostentar no próprio corpo sua filiação religiosa e os valores pessoais. Não basta ter Jesus no coração. É preciso inscrevê-lo no corpo. Acredito ser uma necessidade de exteriorizar a sua subjetividade tornando-a aparente no corpo. Em outras palavras, os valores que pautam sua vida subjetiva estão inscritos na superfície de seu corpo para serem imediatamente identificados por qualquer pessoa. Como diz Le Breton (2003), trata-se de um esforço constante de exteriorizar a sua

subjetividade, pois o corpo tem que demonstrar aquilo que se é interiormente.

Entretanto, ressalta que a tatuagem, assim como os filhos, é irreversível, algo que você faz e marca pelo resto da vida, por isso se deve ter cautela na escolha do desenho, onde e como colocar, pois como ressalta Sabino (2004, p.273): “as tatuagens buscam eternizar um instante da vida (circunstâncias), um momento, uma data, uma relação através da fixação na pele de um nome ou mesmo um texto com supostos poderes mágico-protetores”.

Diante de tais narrativas, a ação de marcar o corpo não está aqui diretamente relacionada a um ato de rebeldia, de transgressão ou mesmo de um inconformismo, elementos comuns quando se trata de uma juventude que quer romper com as convenções somáticas (FERREIRA, 2007). Ao contrário, aparece como um ato de se situar no mundo e externalizar os enunciados internos apresentados. Nesse sentido: “marcar extensivamente o corpo configura, assim, uma tomada de posse sobre a construção da sua identidade e biografia pessoal, celebrando de forma simbólica, perante si próprio e os outros, o poder de (auto)determinação e (auto)controle sobre a sua própria ação (FERREIRA, 2007, p. 304).

Em suma, observo uma diferença bastante peculiar entre o movimento das modificações corporais apresentadas. Se por um lado as invasivas adotadas como a tatuagem trazem elementos de grandes significados de cunho pessoal, as não-invasivas me parecem estar mais relacionadas a um movimento coletivo. Não quero aqui dizer que as tatuagens em si não representem características grupais, mas sim levantar reflexões sobre as marcas deixadas no corpo. Essas remetem, na maioria das vezes, a momentos marcantes nas vidas das pessoas ou representam um valor simbólico que ultrapassa as relações grupais em um esforço de individuação. Decerto que todos esses questionamentos diferem de grupo para grupo, mas observo no que diz respeito as tatuagens que há um fio condutor que entrelaça as relações corpo/indivíduo.

Ainda que os elementos destacados ofereçam pistas para uma nova concepção de cuidados com o corpo, devo argumentar que de fato todas as mudanças apresentadas fazem parte de uma nova postura de ser homem na contemporaneidade e abrem novas reflexões para além da chamada crise. Como sintetiza um colaborador:

A cada momento que você vai modificando seu corpo, você vai totalmente idealizando alguma coisa que acha que em você vai ficar bonito que vai combinar com aquele modelo de jeito que você estava fazendo o seu corpo ficar... Tem época

que eu deixo o cabelo baixo, tem época que eu deixo crescer e boto luzes, pra combinar com a minha estrutura. É como eu te disse o corpo da gente é como se fosse uma moldura, ele tá apto a se modificar de diferentes formas não só no cabelo, mas também na roupa.

Em vista das questões que foram apresentadas acima, para os homens que estão inseridos neste campo, essas mudanças sejam elas corporais ou comportamentais fazem parte do que é apresentado no conjunto de mudanças de cunho sociocultural no contexto atual, de modo que o ser homem ultrapassa as questões evidenciadas nas atitudes sociais, pois estas estão imbricadas nas subjetividades das masculinidades aqui apresentadas. Como argumenta um dos interlocutores:

Eu sou um homem globalizado... O homem atual é aquele que se cuida, faz sobrancelha, usa brinco, bota tatuagem. Comecei a fazer essas coisas depois que eu comecei a malhar, mas sempre achava bonito, via as pessoas fazendo ai eu comecei a copiar também. Acho que não tem nada a ver com a musculação... É uma coisa que você achou bonito e começa a fazer. No tempo dos homens antigos não podia fazer isso, imagine na ditadura militar? Não vou longe não, imagine no tempo dos nossos pais mesmo? De um tempo pra cá o mundo mudou... Já sofri preconceito de homem com idade mais avançada que a minha, porque homem é conspirador. Porque a gente faz sobrancelhas, desenha cavanhaque, coloca brinco, ai, eles ficam dizendo: “ah! Você não é homem não, é frutinha.” Na verdade o mundo de hoje tá assim, pra qualquer lugar que você vá você ver um homem da minha idade (23) com o cabelo arrumado, com a sobrancelha feita, barba feita, se tiver muito pêlo ele se depila. Isso não é questão de ser marica, ele tá procurando o melhor para ele, se achar bonito e as mulheres de hoje em dia acham também, independente que os outros homens achem ou não (Edi).

5.2 O MÚSCULO ENQUANTO INSTRUMENTO DE PODER

Sua maneira particular de aprumar o corpo, de apresentá-lo aos outros, expressa, antes de mais nada, a distância entre o corpo praticamente experimentado e o corpo legítimo, e, simultaneamente, uma antecipação prática das possibilidades de sucesso nas interações sociais, que contribui para definir essa possibilidade (pelos traços comumente descritos como segurança, confiança em si, desenvoltura). A possibilidade de vivenciar com desagrado o próprio corpo (forma característica do “corpo alienado”), o mal-estar, a timidez ou a vergonha são tão mais forte quanto maior a desproporção entre o corpo socialmente exigido e a relação prática com o próprio corpo impostas pelos olhares e as reações dos outros (Bourdieu, 2003, p. 81)

Bourdieu (2003) sugere que no campo da dominação masculina, o corpo funciona como um capital em que as relações sociais de dominação e de exploração são instituídas através da força simbólica. Uma forma de poder que se exerce diretamente sobre os corpos sem qualquer coação física, mas que só atua através da predisposição desses. Dessa forma, aqui vale contextualizar o campo intitulado musculação em que as masculinidades são a floradas e explicitadas corporalmente, a se destacar o componente competitivo em que as mudanças corporais provocam no universo masculino. Constata-se, neste cenário, que a

exposição de corpo surge, como uma afronta a outros modelos de masculinidades.

Nesse campo, entre os intitulados malhados, a posição de respeito e desrespeito vinda de outros que não possuem o mesmo porte físico é bastante pertinente, mas não abala sua sensação de superioridade. Para exemplificar, os hipertrofiados inseridos nesta arena afirmam que quando seus corpos estão diante dos homens comuns – os sem capital corporal – provocam inveja e aparecem como um divisor de águas entre o prestígio e a arrogância. Em outras palavras, nos espaços públicos em que os *malhados* são o centro das atenções, os que não possuem o corpo hipertrofiado desaprovam e menosprezam o tipo de corpo apresentado. Além do mais, se essa exposição for diante do público feminino as críticas tendem a se intensificar. Para os tidos como malhados em várias situações os seus corpos são tidos como motivo de piadas. Frases do tipo: *lá vai o bombado*, *Homem bomba*, *cú elétrico (devido ao tamanho do short)*, *boneco inflável*, *dentre outras*, se constitui, para eles, na forma mais clara de demonstração de inveja desses homens.

Ao pensar os desejos aflorados no universo feminino pela aparência dos homens hipermusculosos, os praticantes de musculação são unânimes em declarar que mesmo de forma indireta as mulheres se sentem atraídas pelos corpos hipertrofiados. Para muitos, por mais que elas não admitam, o corpo hipermusculoso supõe certa proteção. Além disso, eles salientam que hoje as mulheres estão muitas mais observadoras e cada vez mais exigentes em relação ao corpo masculino, de tal modo que, justifica no contexto atual os homens valorizarem o treinamento da parte inferior do corpo mais cobiçada pelo universo feminino, ou seja, glúteo e pernas. Isso não quer dizer que a parte superior do corpo não seja valorizado por elas, mas sim que as partes supracitadas são muito mais apreciadas.

No entanto, constata-se que de um modo geral, entre os homens, há uma maior admiração e investimento na parte superior do corpo (peitoral e tórax). Nesse sentido, pode se apreender que independente dos desejos femininos, os homens malham com intuito de serem valorizados por outros homens, uma vez que no campo da musculação os homens constroem entre seus próprios códigos de respeito, admiração e por que não dizer desejo pelo corpo do outro. Não pretendo aqui questionar a sexualidade dos praticantes de musculação, mas sim, propor que a prática em si, por si só, demanda novas formas de (homo) sociabilidade que independente dos desejos sexuais aguçados, perpassa o conceito de gênero. Como propõe

Almeida (2000, p.243): “ao falar de gênero não se pode falar só de sexualidade, mas também de espaços, tempos, artefatos, situações, teorias *folk* do corpo, da fisiologia, da reprodução”.

Diante disso, a competição acirrada entre os praticantes de musculação tem como objetivo a sua valorização enquanto homem perante a um grupo de outros homens, logo, a fragilidade masculina fica mais evidente, diante do corpo hipertrofiado daqueles. Nessa perspectiva, os que não têm capital corpóreo tentam ridicularizar ou menosprezar os que detêm a tirania da força exposta no músculo. Apesar de ser bastante pertinente essa constatação, os homens ao serem questionados sobre o que invejariam em outro homem fazem questão de enfatizar que esse tipo de comportamento não faz parte da sua conduta, já que, *homem é homem independente de qualquer coisa*. Como acentua Almeida (2000, p.243): “para os homens é mais difícil inventarem outras formas identitárias, pois, seguindo o pensamento dicotômico, a alternativa que resta é ‘inferior’, feminina”.

Tomando-se por base as proposições suscitadas, pode se observar que os que são dominados aplicam para si categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, constituindo-se em muitas vezes, uma espécie de autodepreciação ou até de autodesprezo sistemáticos (BOURDIEU, 2003). De certa forma, os praticantes admitem que muitos dos que procuram a prática da musculação têm como objetivo a imposição da masculinidade através da força, mesmo que isso não seja relatado explicitamente. Parafraseando Wacquant (2002), a musculação se constitui num esporte em que homens disputam com homens para determinar seu valor, isto é, sua masculinidade. Como enfatiza o Paolo, um dos interlocutores:

Ninguém malha pra ser mais forte que os outros e sim pra demonstrar ser mais forte que os outros. Eu acho que alguns malham até pra impor. Eu acho que eles vão se achar mais homens que os outros. Pra impor sua masculinidade, pra colocar medo no outro, pra dizer: “Oi, não chegue pra cá pra perto, por que... ‘oi’ o meu tamanho!” (riso) “Senão vai rolar porrada!” (riso).

Nesse contexto, no universo das camadas populares pesquisadas as relações entre os praticantes são permeadas de antagonismos e contradições. Os grupos sejam eles do mesmo território ou de territórios distantes apresentam uma relação de proximidade e distanciamento. De modo geral, a prática da musculação aguça entre os praticantes sentimentos como inveja, maledicências e uma relação dúbia de amizade e concorrência, independente do local em que estejam inseridos. Um esporte em que o controle é chave para o seu grande desempenho.

“Inimigos ou não, os homens são rivais potenciais na competição pela masculinidade, ao mesmo tempo em que defendem a igualdade fraterna dos membros do mesmo sexo” (ALMEIDA, 2000, p. 186). Para Denis, as relações travadas dentro das academias são muito tênues e isso faz com que a prática tenha que ser o tempo todo, monitorada e vigiada; em outras palavras, os atletas têm que exercitar o seu controle, físico e emocional perante si e perante os outros:

Você tem que ficar muito atento: com quem você fala o que você vê, com quem você... Posso dizer, compartilha os esteróides anabolizantes. Porque é uma coisa que mexe muito com a mente com o psicológico. É um esporte que você é fácil de se queimar, até mesmo com o seu próprio aluno, com o próprio colega, com o próprio companheiro. Você tá ali hoje, na maior amizade, na maior união e a manhã... ‘não quero conta com esse rapaz não, esse cara não presta, não vale nada, esse cara é falso tá dando em cima de minha mulher’. São várias questões assim que fica associada dentro da academia... Esse esporte, o fisiculturismo, mexe muito com o seu eu. Dá... Posso dizer assim, um desejo muito grande de você se sentir o super homem, quando você está malhando, entre aspas, você pode dizer que não tem medo de nada ele lhe dar uma vida muito grande, você se sente o máximo. (Denis)

Diante do apresentado, a musculação faz com que os homens que estão inseridos nesta modalidade sintam-se super-homens, poderosos, sem medo do enfrentamento com outros homens, ou seja, tornam-nos pessoas invulneráveis no topo da hierarquia da masculinidade. Por esse motivo, o controlar as emoções se constitui, entre os praticantes, uma característica de bastante valia, pois se deve agir sempre com a razão e não com a emoção, visto que, as emoções ao serem controladas os tornam pessoas centradas em qualquer área da vida. Apesar de comungarem que em certas situações não há jeito de controlá-las, enfatizam que este controle deve ser seguido à risca, para evitar que o homem seja dado como um fraco ou um desequilibrado.

Aqui os discursos das emoções se intercalam com a da sensibilidade masculina que não deve ser apresentada em público, sendo interpretada como sinônimo de fraqueza. Do que decorre que é importante que as emoções sejam vigiadas: por que na nossa sociedade não é bacana o cara que chora e se mostra sensível o tempo todo, rola um preconceito; é bom o cara se conter um pouco, se tiver tempo de chegar em casa e chorar melhor ainda. Assim, nas narrativas apresentadas, o internalizar o que se sente é um elemento fundamental no domínio das emoções, uma forma de não ser visto pelos os outros homens como fraco e incapaz.

Em suma, a aprendizagem do ser homem se faz pelo mimetismo. E as interações entre homens são estruturadas na imagem hierarquizada das relações razão/emoção,

homens/mulheres, dominantes/dominados, que se constitui em um ritual de integração no universo restrito dos verdadeiros homens. Nesses grupos é incorporado todo o capital simbólico, no qual estão embutidos gestos, movimentos, reações e atitudes que institucionalizam a figura masculina. E os que não aderem a esse ritual são ameaçados de serem desclassificados e considerados como dominados e conseqüentemente não homens. Com isso, a todo o momento, o universo masculino entra numa luta cruel e incessante em busca da legitimidade de sua identidade (WELZER-LANG, 2001).

5.3 O QUE É SER HOMEM ENTRE OS MALHADORES

No campo da musculação, assim como em outros contextos em que a figura masculina se vê imersa no emaranhado de situações, a idéia de ser homem corresponde a um conjunto de predisposições a que todos os homens se vêem acometidos. Diante disso, os homens inseridos nesse campo nutrem nas suas narrativas um conjunto de informações e descrições que denotam um cenário rico de dilemas e novas indagações do que é ser homem na vida cotidiana. Relatos demonstram como esses novos modelos constituídos nos bairros populares, na qual há ausência da figura paterna, presença de violência e do tráfico de drogas, retratam uma ressignificação dos valores morais e sociais, assim como novos modelos de lidar com a sexualidade.

Em princípio, vale aqui descrever as minhas observações, na qual os diálogos remetem a problematização da construção da identidade masculina e por que não dizer, da construção do ser homem no contexto estudado. Conversas que giram em torno das questões que interferem na conduta do que é ser homem são bastante comuns em ambientes em que a presença desses é bastante maciça. O que chama a atenção é como atitudes feitas publicamente podem desvalorizar a imagem do homem em si, diante do grupo social que predispõe a se legitimar com bases em características e atitudes concretas da vida cotidiana. Nesse sentido, o ponto de honra e conduta, fortemente apreciado pelos homens, como sugere Bourdieu (2003), nada mais é que uma forma peculiar de significados do jogo que se adquire pela submissão prolongada às regularidades e às regras dos bens simbólicos.

Os atributos de uma determinada pessoa e os seus estereótipos sociais são gerados em situações sociais nas quais determinadas regras são estabelecidas. É verdade que todas as sociedades possuem suas normas, entretanto, essas nunca são totalmente cumpridas. Diante

disso, quando qualquer pessoa – que não participa dessas normas sociais – opera outras características que, aos olhos dos outros as torne diferente e até inferiores, essas características apresentadas tornam-se estigmas.

Goffman (1982) sugere que as relações sociais entre aqueles tidos como “normais” e os “estigmatizados” se estabelece a partir dos graus de parentesco, de amizade ou até mesmo de serem estranhos uns aos outros. Contudo, salienta que quanto mais pessoal se torne essa relação, menor será a sensação do sentimento de ser estigmatizado. Nesse sentido, ele propõe que ao se analisar os estigmas que arranjam o mundo social, deve-se levar em consideração os tipos de socialização, contatos sociais, as vitimizações e as privações que compõe as características centrais das vidas dos indivíduos.

Assim, como ponto de partida para o entendimento dos elementos que norteiam a concepção do “ser homem” nesse campo, devo argumentar como a presença das drogas ilícitas, dentro dos bairros populares, são estigmatizadas e questionadas pelos praticantes de musculação entrevistados. Na visão dos adeptos da prática da musculação, o consumo dessas substâncias tem causado o aumento da dependência entre as pessoas, mudanças no comportamento masculino e, com isso, um desequilíbrio familiar. Diante do fato, observa-se uma total repulsa dos não usuários dessas substâncias perante aos usuários e, conseqüentemente, a criação de um estigma que parte da interação entre os que cometem o ato de desvio (os usuários) e aqueles que respondem a esse ato (BECKER, 1977).

Em realidade, os que não aderem à vida comportada e normatizada – compartilhando dos “valores” do que é viver em sociedade – são encarados como infratores de regras; essas se constituem como desvio, que, por conseguinte, geram rotulações e um determinismo fatalista (BECKER, 1977). Desse ponto de vista, proponho refletir sobre a banalização da vida humana para além dos muros da academia de musculação. Para tanto, observa-se que os homens que enveredam ao consumo e comércio de drogas ilícitas e em consequência disso imergem no mundo do crime, são enquadrados pelos seus pares como elementos predestinados a desaparecer da cena cotidiana. Isso a se configurar, em muitas situações, como um alívio para os que compartilham do mesmo espaço social.

Histórias de homens pertencentes às redes exteriores dos praticantes de musculação que perderam a vida diante da entrada no universo do tráfico são bastante pertinentes. Essas

narrativas surgem sempre acompanhadas dos rastros de destruição que as drogas provocam, sendo o mais significativo a morte e a desestrutura familiar. É comum ouvir dos frequentadores de academia que alguém muito próximo está predestinado à morte por ter entrado no mundo do crime, isso a se constituir em um destino premeditado sem direito a outros roteiros. Como os próprios praticantes afirmam, os homens que enveredam por esse caminho perdem todos os seus referenciais do que é realmente “ser um homem de bem”, perdendo valores que corroboram a sua dignidade.

Por esse prisma vale explicitar a imagem do “ser homem” de um dos interlocutores:

Na verdade ser homem é você procurar ter uma atitude na vida correta, andar de cabeça erguida, ter conhecimento e saber o que é certo e errado, respeitar e honrar seus pais, trabalhar, na verdade procurar fazer as coisas exatas... Ter caráter, ter palavra, ter moral, respeitar e saber respeitar, comprou, pagou, se cuidar, se manter, fazer aquilo que você gosta de fazer e respeitar as diferenças de cada um. (Denis)

No contexto apresentado, a idéia de “ser homem” está diretamente interligada com a sobrevivência no mundo em que as relações são solidificadas a partir de princípios que norteiam viver em sociedade. Como sugere Sabino (2004), os homens praticantes de musculação não querem contestar o sistema, mas sim, integrar-se a ele e seguir as regras. Assim, articuladas as regras e normas de boa convivência, os homens desses bairros que vivem entre o dilema de lidar com a “malandragem” e com a “dignidade”, constroem referenciais do que é ser homem a partir dos valores morais universais. Dessa forma, as academias de musculação, assim como a academia de boxe estudada por Wacquant (2002), funcionam como um espaço que, por ser isolado da rua, desempenha um papel de segurança do bairro e das pressões cotidianas, como também uma escola de moralidade, no sentido “durkheimiano”. Em outras palavras, um local que tem como princípio produzir disciplina, o vínculo com o grupo, o respeito ao outro, assim como a si mesmo, e a autonomia.

Para melhor contextualização, exponho aqui a história de Antônio. Hoje aos 33 anos, começou no processo da malhação de forma bastante inusitada. No passado era usuário de drogas e envolvido com o tráfico; acabou tendo problemas com a polícia e, em consequência disso, parou na detenção. Diante do fato, percebeu que a situação, bem como o local em que estava inserido, não era o que tinha reservado para si, de tal modo, que, dentro da detenção procurou visualizar coisas positivas, e que dessem sentido à sua vida; dito de outra forma, incorporar os atributos reconhecidos como positivos na qual caracteriza a categoria dos

“normais”, distanciando-se da categoria dos “estigmatizados” (GOFFMAN, 1982). Ao ouvir de um dos companheiros de cela, adepto da musculação, que ali era um local em que tinha todo tipo de gente como também de tempo de estadia, percebeu que se fazia necessário procurar algo que evitasse o envolvimento com o mundo da *perdição* para tentar manter a cabeça no lugar.

Intui-se que, no contexto apresentado por Antônio, os conflitos de regras e desvios se estabeleceram como um elemento estruturante para o convívio no espaço em que esteve inserido. De modo que como sugere Becker (1977, p. 65) “na medida em que as regras de vários grupos entram em conflito e contradizem umas às outras, haverá discordância sobre o tipo de comportamento que é apropriado em qualquer situação dada”. Assim, constata-se que o ato desviante não depende apenas de quem comete o ato tido como desvio, mas também de quem se sente prejudicado por esse ato.

Voltando a Antônio; diante da conjuntura, compreendeu que se fazia necessário vislumbrar algo que ocupasse os seus pensamentos, no período em que permanecesse recluso. Daí a malhação surgiu como o elemento transformador da sua biografia: “Aí que eu vim a gostar mais do meu corpo, gostar de ver o corpo mais sarado, aí foi que eu vim a me interessar por musculação”. Ressalva que o período que esteve detido foi bastante útil para uma maior reflexão sobre a vida. Hoje tem a malhação como uma *religião*, malha todos os dias, e, percebe que após a sua entrada no esporte a sua história deu certa guinada. Os resultados foram vistos a olho nu. Orgulha-se de ter uma mulher que o ajudou bastante naquele período crítico, como também ter mudado a visão da população do bairro ao seu respeito, pois se antes era visto como um *drogado*, hoje é visto como um *atleta*. Desse modo, Antônio construiu para si o que Goffman (1982) intitula de “carreira moral”: um processo no qual o estigmatizado ajusta mudanças na sua concepção do eu, no intuito de se assemelhar ao campo da moralidade das pessoas.

Hoje, ao refletir sobre o tema, relata que após a saída da detenção e ter aderido ao esporte houve uma guinada na sua vida. Mudanças foram sentidas tanto no campo emocional como interpessoal. Sua nova postura fez com que o quadro que foi instalado no passado fosse revisto pelos que o rodeiam. Chama a atenção de como o investimento no seu corpo trouxe novos horizontes, inclusive no campo profissional e comenta: “hoje em dia eu já tenho um

trabalho. Não tenho de carteira assinada, mas tenho um trabalho, agradeço ao meu corpo porque eu tenho uma estatura. Assim consegui um trabalho de segurança”. Diante do fato apresentado, observa-se que os praticantes de musculação nos bairros populares buscam nas construções corpóreas proporcionar sentido e coerência ao uso social do corpo para além do estético, uma vez que a sua reestruturação e o seu emprego repercutem também no que concerne ao mercado de trabalho (IRIART et al., 2009).

É provável que o ingresso na prática da musculação dê um novo sentido à vida dos que, de certo modo, na falta de outros valores sócio-culturais, vêem o corpo como a última instância de resiliência. Entretanto, o capital corporal para além de questões de cunho laboral representa um elemento de bastante valia no campo do poder, baseado na força e na violência, elementos tão caros no universo masculino. Diante disso, chamam-nos a atenção como os que aderem à prática que tem como características fundamentais a disciplina e a superação; ao construir um corpo tido como referência e componente de distinção, também esse corpo é transformado em elemento de repressão e controle da ordem social, já que o campo profissional na qual os adeptos são inseridos (segurança), expressa como artefato central para sua manutenção e legitimação a coerção social. Por conseguinte, isso pode evidenciar um campo rico para o entendimento dos valores morais tão conflagrados na construção da identidade de suas masculinidades, pois como sugere Bourdieu (2001, p.207):

O efeito da dominação simbólica se exerce na obscuridade das disposições do habitus em que estão inscritos os esquemas de percepção, de apreciação e de ação que fundam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento e reconhecimento, ambos práticos, mas profundamente obscura para si mesma.

Nesta ocasião vale refletir sobre o desejo latente de Edi (interlocutor) tornar-se um policial militar. Pelo fato de seu pai ser um militar e, em consequência disso, ele ter estudado sete anos no colégio dessa corporação, Edi almeja passar em um concurso público e ingressar na carreira. Diz que não é o fato de ser polícia que o atrai, mas sim a estabilidade que o cargo oferece. E argumenta:

Quem hoje que tem uma renda baixa não quer um concurso público? Quero ser policial por que é meu sonho de criança, eu sou doido pela *choque*, porque primeiro só tem os grandes lá dentro; é diferenciado porque é um grupo dentro da polícia militar que tem mais estudo do que os outros. É tipo assim o *bope* e essa polícia convencional é muito fraca, a não ser os caras que estão entrando agora, a maioria tem um corpo bonitinho... Agora você ver os caras antigos, tudo gordo despreparado. Então a *choque* é um grupo que está acima, diferenciado da polícia militar, é um grupo que treina todo dia. O resultado positivo é o treinamento coisa

que a polícia militar convencional não faz. Você não vê dizer na televisão que alguém do choque morreu... É muito difícil porque também não fica no dia-dia no ostensivo como fica a polícia convencional.

Nestes argumentos levantados por Edi observa-se como a disciplina e treinamento do corpo são elementos de fundamental importância para manutenção da rotina da sua vida cotidiana. Toda a sua narrativa está pautada ao poder e imagem de masculinidade que a carreira militar proporciona, além da visibilidade e legitimidade que o grupo tido como elite possui. Assim pode se apreender que, como sustentam Connell (1995), Almeida (2000), dentre outros autores, as masculinidades se constroem de acordo com o contexto que os homens estão inseridos e as legitimidades dessas, sejam elas subalternas ou dominantes, também se estabelece levando em consideração as suas interrelações para além das estruturas de poder.

Ainda em se tratando das narrativas mencionadas, devo argumentar que nesses bairros a presença do estado se dá de forma repressiva e punitiva aos pobres, na qual emerge como a raiz mais forte da marginalidade. Dessa forma, o estado substitui as suas funções de provisão social por mecanismos disciplinares, aumentando a vigilância e a ação agressiva (WACQUANT, 2008). Diante de tais fatos, restam aos que estão inseridos neste contexto serem cooptados para constituir o exercito de mão de obra repressiva e punitiva, na qual a estrutura policial ou até mesmo a vigilância patrimonial surgem como caminhos a serem traçados e configurados como instrumento do Estado que tem como alvo, conforme Wacquant, “as populações problemas marginalizadas”.

Deste modo, pode-se perceber que o esporte intitulado *musculação*, no contexto estudado, propõe uma reflexão a respeito da conduta e da valorização do ser homem. Nas narrativas supracitadas fica bastante evidente que, independente do valor estético, a prática do esporte propõe, em muitos casos, a ressignificação dos indivíduos, como também a inclusão em um mercado de trabalho – que direta ou indiretamente, sugere a exacerbação das desigualdades e conflitos, pois para os que não possuem um capital cultural legitimado socialmente, esse tipo de atividade se conforma como uma falsa ilusão de inclusão social –, de modo que: “a substituição do Estado de semi-bem-estar social pelo Estado penal reforça, a instabilidade socioeconômica e a violência interpessoal, que este deveria, supostamente, atenuar (WACQUANT, 2008, p.60).

Consequentemente a atitude do que é ser um “homem de bem”, que na acepção dos colaboradores tem como características: honestidade, caráter, cumplicidade, amizade, moral e respeito, pode ser apreendida como crenças que tornam sensível certas manifestações simbólicas das representações públicas de poder (BOURDIEU, 2001). De tal forma que os valores imbricados com a autoestima – tanto inflamada nas narrativas – traduzem o sentimento de presença social diante de uma realidade que, em muitas circunstâncias, tem muito pouco a apresentar e a proporcionar, em presença de tais “desordens públicas”, associadas à marginalidade aguçada e causada pela ausência do bem estar social, econômico e habitacional (WACQUANT, 2008)

Em suma, a academia de musculação se constitui como um espaço elementar para esses homens, que vêm no esporte uma forma de se distanciar da eminência de serem capturados pelas desventuras desse campo minado. Entretanto, como observa Almeida (2000), esses valores, as opiniões sobre si e dos outros que os homens verbalizam, bem como a avaliação que fazem dos seus comportamentos, expressam consensos culturais, normas e regras a serem seguidas, de modo que, todos os homens inseridos no mesmo contexto cultural conhecem e desejam aplicar, mas que nem sempre são cumpridas e acatadas por estes. Nesse sentido, esses códigos tidos como valores masculinos são o que o autor intitula como característico de uma “masculinidade hegemônica”, valores estes que tem como efeito principal o controle social:

Controle que se exerce tanto mais sobre os homens concretos quanto mais eles se afastem do modelo hegemônico. Isto implica num alto grau de autocontrole ou vigilância, que se aplicam a todos nos domínios da experiência humana em interação: o modo de falar, o que se diz, o modo de usar o corpo, a roupa, as atitudes a tomar perante situações de tensão, conflito, emotividade, visíveis nas situações de sociabilidade (ALMEIDA, 2000, p. 242).

5.3.1 AUSÊNCIA DA FIGURA PATERNA E A MASCULINIDADE

Como segundo ponto dessa interlocução, proponho uma reflexão sobre a figura paterna e a construção da masculinidade no contexto estudado. A ausência do pai é bastante marcante nos bairros populares; relatos de famílias que tem como referência apenas a figura feminina é bastante frequente. Muitos dos praticantes convivem com a experiência de viver sem pai, isso sendo traduzido como uma falta, que, por mais que não seja verbalizada, transparece nas expressões, as quais apresentam um valor substancial no processo relacional. A demonstração total de desprezo contrasta com a idealização de uma masculinidade tida

como referência. Aqui descrevo o diálogo entre dois interlocutores praticantes de musculação. Por suas histórias serem bastante similares, vale a pena intercalá-las:

Criados apenas com a figura da mãe, esses dois atletas, apesar de ter o conhecimento da figura do pai, construíram o seu referencial de paternidade a partir dos domínios da mãe, de modo que, no processo de formação identitária, essa figura se instituiu altamente inexpressiva. Nas suas narrativas se fazem presentes às dificuldades encontradas, sejam elas econômicas ou simbólicas, no processo de formação. Ambos demonstram a fragilidade que estabelece uma criação sem um pai presente e mesmo ao afirmarem não ter nenhum rancor ou mágoa pela lacuna deixada, vêm um grande distanciamento entre eles. Nesse ponto, as proposições de Welzer-Lang (2001, p. 483) em que “o pequeno homem deve aprender a aceitar o sofrimento – sem dizer uma palavra e sem ‘amaldiçoar’ – para integrar o círculo restrito dos homens”, torna-se pertinente. Aqui se observa como a figura paterna desempenha um papel fundamental na construção da identidade masculina, isso a remeter que aprendizagem de ser homem se faz, com o imaginário do pai enquanto mito, esse de fundamental importância para a manutenção da autoridade e a camuflagem da insegurança masculina (TREVISAN, 1998).

No entanto, a educação herdada da mãe que representou a figura tanto feminina como masculina, para eles, foi de bastante valia. Nesse sentido, essas mulheres, excluídas do poder, passam a dele participar por intermédio dos homens envolvidos neste contexto – nesse caso, os filhos –, isso a se constituir um elemento de grande valia (BOURDIEU, 2003). As suas memórias remotas traduzem uma infância muito próxima à mãe, na qual em muitas circunstâncias no intuito de ajudá-las assumiram em várias ocasiões os serviços domésticos da casa, isso sendo muito vezes interpretadas pelos colegas como um forte indício para a homossexualidade. Entretanto, nem por isso sentiram que as suas masculinidades foram ameaçadas.

Nessas narrativas, constata-se que as masculinidades e feminilidades são regidas por um arcabouço de qualidades e posturas que na vida cotidiana não são rígidas, podendo assim os homens exercer atividades femininas, desde que essas não sejam desempenhadas exclusivamente, o que remeteria para a anormalidade e, por conseguinte colocaria em risco a sua heterossexualidade (ALMEIDA, 2000; TORRÃO 2005). O que chama atenção é que, ao

assumir características ditas femininas, a masculinidade perante o meio social se vê vigiada e a sexualidade diretamente questionada. Dessa forma, a virilidade se constitui como uma noção eminentemente *relacional*, construída primeiramente, dentro de si mesmo e diante dos outros homens, para os outros homens (BOURDIEU, 2003). Todavia, o que se encontra em voga aqui são valores embutidos no conjunto de características que definem o que é ser homem e ser mulher, e, a quebra de um desses atributos coloca a masculinidade ameaçada.

Contudo, observa-se que a mãe, ao assumir tanto a figura masculina quanto feminina, não compromete a sua feminilidade. Em outras palavras, a feminilidade se constitui como algo natural que não demanda uma construção, pois ela é tida como uma essência permanente, “naturalmente” reafirmada. Enquanto que a masculinidade é algo que deve ser construída e reificada a cada instante (ALMEIDA, 2000). Dessa forma, os homens se vêem prisioneiros de uma representação dominante, de uma natureza que se constrói ao longo do processo de socialização, isto é, da diferenciação ativa do sexo oposto (BOURDIEU, 2003).

Hoje, os interlocutores vêem a criação próxima aos filhos como um fator fundamental no processo educacional, e a escola como um elemento importante para essa formação; já que não tiveram a chance de estudar, almejam para os seus filhos uma formação que os posicione de forma diferenciada no meio social. Nesta ocasião, se constata a necessidade de desejar para os filhos o que não se teve de concreto na sua formação familiar e permaneceu ausente nas suas vidas, esse ato a funcionar como forma de demonstração de caráter, honra e dignidade. Na perspectiva de Bourdieu (2002), colocar-se neste tipo de desafio é se reconhecer detentor de virtudes, capaz de jogar o jogo da honra, no intuito de reconhecer a sua dignidade, uma vez que o desafio requer uma resposta.

Deste modo, pode-se apreender que a formação do que é ser homem – no contexto estudado – está a todo instante comungando com questões que permeiam a construção social da masculinidade. Entretanto, as nuances de classe e constituições familiares se instalam como um dispositivo para a compreensão dessas masculinidades, que se vêem o tempo todo tendo que lidar com questões pertinentes ao seu campo situacional. Para finalizar, vale nesta ocasião, refletir sobre as proposições de Almeida (2000, p. 57):

Se o trabalho e o status social são importantes para a definição da identidade social, são-no também para a masculinidade. E que os pares de relações preguiça/trabalho, riqueza/pobreza e outros definem também contínuo de masculinidade (mais e menos), levando ao investimento diferencial em características diferentes de

masculinidade consoante se esteja numa ou outra ponta da escala.

5.4 MASCULINIDADE E PRÁTICAS SEXUAIS

A idéia de um corpo jovem e “modelado” funciona como um chamariz, um capital potencial, um investimento que pode e deve ter retorno (LUZ, 2003). De tal modo, que o músculo marca e funciona como um dos modos privilegiados de visibilidade no anonimato urbano das fisionomias na vida cotidiana (COURTINE, 1993). Independente de quaisquer fatores, transformar o corpo em uma vitrine para ser apreciado e desejado torna-se o sonho de consumo dos indivíduos, pois, é através deste corpo, que se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva.

Nessa plenitude do desejo incorporado na figura delimitada do corpo “sarado”, pronto para ser consumido, o limiar do prazer e da troca andam próximos, neste processo de sedução e anseio. O objeto cobiçado ultrapassa o código da proximidade; incorpora na sua lógica a negação de outros valores, sobressaindo o quadro escultural mostrado. E assume propriedades fetichistas de um corpo, pontualmente erótico, sensual e desejante. Malysse (2002) sugere que o ideal de beleza é um valor de mercado como outro qualquer; neste sentido – o corpo como moeda –, é um fetiche que se vende e se constrói, obtendo valores diferenciados, dependendo do contexto onde são expostos e abordados.

Assim, a busca do prazer físico ultrapassa as questões apresentadas no cotidiano dos indivíduos. Como moeda de troca, o corpo exerce uma marca; já que os prazeres dionisíacos são efêmeros, ele funciona como uma válvula reguladora do prazer buscado e inatingível. Cria-se uma similitude na tríplice “força-masculinidade–tesão”, trazendo nessa transitoriedade um universo preponderantemente invocado pelos desejos dos corpos estabelecidos na vida cotidiana. Logo, o músculo aparece como um rótulo de vigor e de saúde; com isso a nudez masculina torna-se indissociável de estufamento do tórax (COURTINE, 1993).

A valorização da juventude reporta aos prazeres que o corpo possa proporcionar enquanto referência de masculinidade e aceitação nas realizações e fantasias que permeiam o imaginário simbólico dos indivíduos. O corpo passa a expressar o gozo eterno da vida cotidiana, vida esta vivenciada de forma autônoma pelos indivíduos que transitam de modo único e singular buscando os prazeres efêmeros, em um universo simbólico recheado de ambigüidades e contradições. Nesse sentido, os sentimentos transparecem na extensão do

corpo e se colocam em ação nos comportamentos (LE BRETON, 2006). O prazer passa a depender muito mais “do que se vê, do que o que se quer”, uma vez que para se obter sucesso e poder é o corpo que é preciso corrigir e aprumar, mudar e aperfeiçoar (MARZANO PARISOLI, 2004).

Os relatos mostram que, de fato, a transformação do corpo levanta a autoestima e aumenta a valorização sexual dos atores, independentemente da sua orientação sexual. Nos últimos anos, o advento da cultura da malhação e a crescente mudança dos padrões de beleza vêm contribuindo para uma nova postura no universo dos modelos de desejos e valorização do desempenho sexual. Partindo dessas premissas, observa-se que, entre os jovens adeptos da prática da musculação do sexo masculino as questões relacionadas ao desempenho sexual são bastante pertinentes. Dentro das academias, estatísticas com os números de mulheres com que “ficaram³⁴” nos finais de semana fazem parte da resenha apresentada durante a semana. O número de relações sexuais, nas falas, é bastante significativo para legitimar um final de semana produtivo. Desse modo, “a virilidade passa a ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de verdadeiros homens” (BOURDIEU, 2003, p. 65).

Nesses tipos de relacionamentos, os jovens vêem as mulheres, apelidadas de “piriguetes³⁵”, como um objeto de prazer para o qual não se deve ter qualquer tipo de sentimento, apenas o prazer sexual. Narram minuciosamente como ocorreu o ato sexual valorizando a sua performance e o desempenho enquanto “macho”. Neste contexto, surge à figura do “comedor³⁶”, que na sua performance sexual busca e despreza o seu objeto do desejo, ou melhor, desejam as mulheres com bastante intensidade e logo em seguida são descartadas (GIDDENS, 1993). Desse ponto de vista, vale contextualizar a diferenciação que o Edi (interlocutor) traz nas suas narrativas no que intitula “mulher de casa” e “mulher da rua”.

Edi possui 23 anos, trabalha como segurança e gosta de, no período de carnaval, sair no bloco de travestidos. Diz ser o que combina com a sua pessoa: “eu sou gaiato, sou

³⁴ Relacionamentos não duradouros que se estabelecem de forma factual, com começo, meio e fim previamente estipulados.

³⁵ Mulheres que os homens se relacionam de forma ocasional no intuito de obter a satisfação sexual sem nenhum vínculo afetivo.

³⁶ Refere-se aos homens que tem relações sexuais com muitas mulheres.

perturbado e também eu gosto de me vestir de mulher”. Não esconde que malha também com intuito de nesse período *fazer bonito*. Já que as roupas femininas do bloco são bastante curtas, considera importante estar com o corpo bastante trabalhado para expor suas pernas e peitorais. Nesse cenário caricatural da feminilidade, a musculosidade masculina possui a função de destacar os personagens principais, deixando aos corpos menos desenvolvidos o papel de personagens coadjuvantes (BEIRAS, 2007).

Para tanto, no que diz respeito aos relacionamentos afetivos, Edi propõe uma diferença entre as relações com as mulheres esposas e com as mulheres extraconjugais. Assume como ponto importante uma diferenciação no que diz respeito à função de provedor, *para a mulher de casa tudo, nada deve faltar*. Na sua concepção é inconcebível um homem retirar dos proventos de casa para favorecer as “piriguetes” da rua: “eu mesmo tenho a minha mulher dentro de casa, mas pego minha mulher na rua, mas primeiro lugar a minha mulher”. Entretanto, salienta que tem muitos homens que não agem da mesma forma e preferem investir na mulher da rua, deixando a mulher de casa passar necessidade. Completa:

E tem outra coisa também, tem muito homem que é machista. Prefere pegar mulheres bonitas na rua e não quer que a sua de dentro de casa fique bonita. Eu não sou assim, pelo contrário, eu mudei o modo da minha mulher se vestir. Se vestia assim se escondendo e eu disse não, eu gosto que coloque short curto, saia curta. Isso por quê? Porque eu tenho confiança nela, se ela me trai eu não sei, até que me prove o contrário, eu tenho confiança nela. Tem muitos homens assim que se diz homem, mas... Homem pra mim é isso aí.

Como observa Bourdieu (2002) a casa acaba por funcionar como um local sagrado, de modo que, este sagrado só existe pelo sentido da honra. O seu interior velado de pudor reserva-se ao universo feminino, que se contrapõe ao mundo exterior, aberto as relações sociais, que se refere ao masculino. Diante disso, a mulher deve fidelidade ao marido, mas acima de tudo deve preservar o segredo da intimidade familiar. Para tanto, o homem deve proteger e guardar o segredo da casa e da sua intimidade (sua esposa); em contrapartida ela não deve rebaixá-lo, nem tampouco fazer-lhe vergonha, pois: “a intimidade é tudo que revela a natureza, é o corpo e todas as funções orgânicas, é o eu e os seus sentimentos ou as suas afeições: outras tantas coisa que a honra manda velar” (BOURDIEU, 2002, p. 28).

Nesta perspectiva, “preocupado em não perder sua esfumada rota, o macho dominante tem horror de atravessar os limites do ‘masculino’ e por isso sempre impõe rígidos padrões diferenciados – de comportamento, de pensamento e até de moda – a si mesmo e à mulher”

(TREVISAN, 1998, p.160). É verdade que os veteranos em si têm uma idéia bastante diferenciada em relação às relações afetivas com as mulheres. Há uma maior valorização da família, em prol desses valores, que remete a virilidade. Para estes atletas, esse referencial de “mulher da rua” torna-se ilusório, entretanto, não esconde que no começo da carreira no esporte, compartilhavam da mesma opinião dos praticantes joviais, na qual o status social masculino é valorizado pela performance sexual.

Diante disso, novos parâmetros se constituem a partir do que podemos chamar de novos modelos de masculinidades. No contexto estudado, percebe-se que a hierarquia da dominação masculina para além do plano de concretude simbólico se estabelece também nas relações entre os pares em questão. Isso a se constituir em elementos de grande valia para o entendimento da visão masculina, que constrói outros valores para sobressair do grupo do “machão”, tão fora de moda no contexto atual.

Nesse sentido, o universo masculino, já que não pode se desvencilhar do fardo da masculinidade hegemônica passa a reedificá-la de acordo com as suas convicções do que é “ser homem” e “ser macho”. Assim, no intuito de convencer a si como também aos outros, os homens buscam formas de driblar a lógica da constituição da masculinidade hegemônica tão valorada no campo da dominação masculina. Aqui vale ainda colocar que, perante o público estudado, apesar de todos os valores imbricados de “ser homem” e “ser mulher”, o “ser macho” vinculado ao apetite e a estatística sexual se entrelaça com as características do que é ser um “homem ideal” a exemplo da autonomia:

Ser macho é você... Eu acho fazer tudo aquilo que você quer fazer sem restrições, você acha que é o certo você faz. Pagar suas contas fazer tudo que você acha que é certo, tudo aquilo que você quer fazer você é livre para fazer o que gosta. Não há diferença entre “ser macho” e “ser homem”, homem na verdade é ser homem o sexo masculino, ser macho é você tomar conta do que é seu, acho que não tem muita diferença. (Denis)

Paolo (colaborador) sugere que todos malhados esperam, mesmo que de forma ilusória, o reconhecimento das mulheres em questão. Entretanto, problematiza a idéia de que o corpo trabalhado atrai um maior número de mulheres. Para ele: “no fundo os homens malham para os outros homens, sempre no intuito de manter o poder do corpo” *diante do outro*. Não vê nisso um grande mérito, se bem que as mudanças obtidas no seu corpo trouxeram uma maior visibilidade social; constata que quando passou a malhar as pessoas começaram a olhá-lo de forma diferente e criaram um maior respeito diante dele: “(...) Não

passaram mais a me verem como um menino. Passaram a me verem mais como homem”.

Apesar dessas colocações, ele observa que inicialmente as pessoas que enveredam por este esporte têm esses pressupostos como objetivo, mas na medida em que o ritmo da malhação vai se acentuado passam a malhar para si próprios. Nesse sentido, desejo e prazer entrecruzam e se constituem num elemento narcísico competitivo em que o olhar-se no espelho transcende como o próprio Paolo acentua *a consciência do por que estar malhando*. Assim, busca-se malhar no intuito de atingir um *corpo ideal* para se igualar ao de outra pessoa. Percebe-se aqui que há toda uma incongruência entre os objetivos almejados e os esperados pelos praticantes. Os desejos e objetivos são reestruturados na medida em que as mudanças corpóreas são verificadas. Em síntese, a masculinidade se apresenta por diferentes significados para diferentes grupos de homens, e, por conseguinte a masculinidade tida como hegemônica passa a ser invisível àqueles que tentam obtê-la e, especialmente visível àqueles que são mais afetados pela sua violência (KIMEL, 1998).

5.4.1 MUSCULAÇÃO E RELAÇÕES HOMOERÓTICAS

Este corpo hipertrofiado não se restringe apenas ao universo masculino heterossexual. Nos últimos anos, uma boa parcela dos gays introduziu-se nas academias em busca de um corpo musculoso, trabalhado, formando o que hoje se tornou a cultura das “barbie”. “Barbie” é uma denominação dada aos gays musculosos que reproduzem um comportamento bastante típico. Constitui-se num grupo de gays hipertrofiados que freqüentam as boates, clubes e festas, metidos em suas camisetas e calças apertadas mostrando suas musculaturas, criando uma espécie de código de conduta. Para Malysse (2002) “as barbies”, neste cenário, fabricam para si um modelo de corpo viril e heterossexual, trocam seu *eu sexual* por um *eu corporal*. E assim como o universo masculino heterossexual, concentram os seus esforços e treinamento, na musculação da parte superior do corpo.

Quando questionados a respeito, os praticantes heterossexuais têm algumas explicações. Para muitos, o ingresso dos gays nas academias não é apenas por questão de vaidade, ter um corpo bonito e chamar atenção, mas também para ficar apreciando e paquerando, “(...) Porque a academia de musculação ela não tem preconceito pra homossexual, pra nada. A academia é porta aberta pra qualquer pessoa, pode ser homem ou mulher”. Malysse (2008) sugere que o problema da construção da aparência é o da

identificação com certas formas de desejo sexual, de modo que, a sexualidade de uma pessoa depende de quem ela deseja, de como ela mostra socialmente sua opção sexual e do que ela faz realmente com a pessoa escolhida. Já os veteranos/fisiculturistas ao verbalizarem a respeito, dizem que a nova onda dos gays invadirem as academias trouxe um reflexo sobre eles, no que concerne a sua sexualidade. Por gostarem de malhar com shorts curtos e camisetas cavadas, depilarem-se para melhor exposição da musculatura, deparam-se com preconceitos de pessoas que os colocam como homossexuais.

Em uma cultura mercadológica, marcada pelo hedonismo, a forma corporal – sinônimo de saúde e força – tem um papel fundamental no mercado sexual hierarquizado por critérios de frescor e perfeição. A adoração às aparências hipermásculas, corpos esculpidos e malhados, são vistos como objeto de desejo sexual. A beleza passa a ser um capital, um investimento, uma mercadoria que tem um grande valor de troca (COURTINE, 1995). De modo que a profissionalização dos corpos, neste cenário mercadológico, surge como algo de fundamental importância para a qualificação do que é fabricado. Como em qualquer comércio, a competitividade é um fator estimulante para a aquisição de um produto de boa qualidade. Com isso, os locais homoeróticos de diversão como saunas, praias, boates, etc., onde os corpos são expostos, surgem como espaços de negociação mercadológica.

Apesar dos praticantes darem toda ênfase ao desejo aguçado das mulheres, não escondem que em muitas situações o assédio masculino supera o feminino, inclusive com proposta de sexo em troca de dinheiro. Todos os informantes foram categóricos em afirmar que esse tipo de assédio é muito comum no universo da musculação e o vêem com maior “naturalidade”. Como Sabino (2002) acentua, esta pode ser uma forma de manutenção do corpo, já que os produtos utilizados para manutenção corporal não são baratos. Ainda que não discutam claramente as suas práticas sexuais, os praticantes de musculação, sempre fazem questão de frisar a prática do outro.

Dentro das academias, assuntos e brincadeiras que envolvem relações homoeróticas são bastante comuns. Em uma dessas brincadeiras, ouvi um diálogo entre dois praticantes na qual, um acusava o outro de trocar uma caixa de Durateston³⁷ por uma transa com o *viado*³⁸.

³⁷ Esteróide anabolizante.

³⁸ A categoria “viado” é bastante comum no discurso dos jovens com práticas homoeróticas - refere-se aos homossexuais que assumem o papel de passivo nas relações sexuais.

Ao mesmo tempo, o mentor da brincadeira era acusado de manter um *caso* com um enfermeiro em troca da mesma droga; em seguida outro era acusado de no último carnaval ter sido bancado por um *viado*. Esta forma de se defender das acusações, relatando fatos ocorridos com o outro, acredito ser uma forma de legitimar o seu ato, mostrando que essa prática é comum entre eles.

Nas suas narrativas, a figura do gay aparece como um grande admirador das suas musculaturas. Os gays aos abordarem, oferecem-lhes dinheiro em troca de prazeres sexuais e esta negociação independe de serem profissionais do sexo ou não. Basta serem *malhados* que os “gays” oferecem valores que variam de cinquenta a trezentos reais. Ao mesmo tempo em que afirmam sempre recusarem as propostas, demonstram certo fascínio ao relatarem a prática de um amigo próximo. Os jovens que estão inseridos neste universo presenciam essas questões de forma singular, não fazendo juízo de valor sobre a prática em si. Como exemplifica um dos interlocutores:

Rapaz teve um cara que no Village me ofereceu, um gaiato, ele é até professor, entendeu? E ele foi muito avançado, entendeu? Não soube, assim, o momento dele chegar assim, entendeu? A pessoa conversar entendeu? Ele já chegou: “Ah, e aí? Vamos tomar um vinhozinho? Assistir um DVD. Bora? Não tá a fim de ganhar uns 100 contos não?” Eu praticamente o que? O cara parece até que tá pra vender seu corpo, entendeu? Eu acho assim que a pessoa tem que se colocar no seu lugar, entendeu? Tem que mostrar o que? O seu valor entendeu? Tem que mostrar o seu valor.

Nesse tipo de narrativa, percebe-se a ambigüidade que os praticantes demonstram em se tratando das práticas homoeróticas. Eles dizem recusar esse tipo de proposta, entretanto, possuem amigos que utilizam essas práticas como meio de sobrevivência e as revelam com riqueza de detalhe. Aqui vale assinalar as informações de Junior sobre a temática.

Junior tem 25 anos e diferente da maioria dos praticantes, cursa a universidade. Quando ingressou na musculação foi pelo lado pura e simplesmente estético. A sua preocupação era produzir um corpo bonito e sarado. Se essa prática se enquadrava como uma atividade física ou mesmo se era boa para a saúde, nada disso o preocupava. Apenas a beleza do “corpo sarado” enchia seus olhos. Em se tratando das paqueras e práticas homoeróticas, admite que dentro das academias ha muitos homens que malham nesse intuito, ou melhor, dizendo, vão ao intuito de paquerar ou mesmo para produzir o corpo e utilizá-lo em troca de

*grana*³⁹.

Expõe que possui um amigo que malha com essa finalidade, vive disso e não faz outra coisa; ganha a vida dessa maneira. Hoje em dia têm academia, casa, bens materiais etc. Tudo isso através das práticas homoeróticas. Segundo Junior, ele (o amigo) sempre foi o destaque corpóreo perante o grupo e viu nisso uma forma de manutenção econômica:

Ele era, assim, tinha um biotipo assim bonito, né? Assim, de um jeito assim que muitas pessoas gostam. Inclusive que a sociedade quer: alto, forte, entende? E aí, nisso aí ele se aproveitou, trabalhou muito bem o corpo dele, sabe? Trabalhou mesmo assim, pô! Fez uma transformação. Cresci com ele. Hoje em dia, eu fico lembrando assim, como que eu era criança... Ele também assim ficou diferente, entendeu? Nossa, ele trabalhou legal o corpo dele, ele sabia o que queria, e mesmo assim, hoje em dia... Mudou mesmo, mudou legal, radicalmente, através da malhação, a malhação proporcionou a ele a conseguir tudo o que queria.

Segundo Junior, na época o amigo argumentava que exercia esse tipo de atividade como forma de sobrevivência, já que o mercado de trabalho estava bastante difícil. Hoje em dia tem a sua própria fonte de renda; possui a academia própria, casa, carro etc. No seu entender ele não precisa mais continuar fazendo isso, pois não há necessidade, uma vez que tudo de bens materiais ele já possui, e diz: “detalhe, ele tem a minha idade. E aí, sabe? Coisas que eu vou levar anos pra conseguir, ele já conseguiu com tanta facilidade assim”.

Junior diz que chegou a ser convidado para ingressar nesse tipo de “negócio” por um colega que tinha como objetivo, criar uma “empresa” para agenciar garotos de programa. Como trabalha em hotel, descreve que é comum os *gringos*⁴⁰ levarem homens sarados, malhados, *show de academia*, para lá. Pagam para transar, dão um tempo no local e depois vão embora. Profere que, apesar de ser abordado várias vezes, nunca se sentiu inclinado a ter este tipo de relação. Até por que não vê o seu corpo atrativo para esse tipo de atividade, como também vê com estranheza o homem vender seu próprio corpo, ainda mais para outro homem, apesar de que para muitos dos seus amigos, *fazer sexo é bem simples, basta pagar*. Como propõe Trevisan (1998, p.167), “o desejanter incapaz de se confrontar com o rosto do desejo, impõe-se uma máscara que torna o seu desejo socialmente aceitável”. Junior conclui:

Sempre a mesma história, né? Não consegue emprego, é bonitinho, tem o corpo bonito e faz o que, o que pode, né? Cada um se vira como pode. E assim ele, o irmão dele, mais outro parceiro, que fez essa empresa, me chamou também. E assim no

³⁹ Dinheiro.

⁴⁰ Turistas provenientes de outros países, na sua maioria de cor branca.

caso, seriam quatro pessoas, né? Assim, teria o negro, né? Um loirinho, pá, um moreno, sabe? É isso aí... É tudo a mesma coisa, tudo a mesma coisa. Tem um que é parceirão assim. Ultimamente eu saio muito com ele, ontem eu tava com ele. Assim, ele não bebe quando vai pra balada, só faz tomar água, refrigerante tal, ele toma muitas drogas⁴¹, sabe? Ele tem uma série que toma drogas, assim, ele usa muitas drogas durante a semana, só tem dois dias de descanso. Mas em compensação o corpo dele fica valendo assim, sabe? A mulher tudo pira, quando tá lá no meio da balada lá, ele tira a camisa, fica desfilando assim, entendeu? E se aparecer alguém assim pra ele, seja homem ou mulher e pagar, ele vai, entende?

Aqui vale enfatizar que na profissionalização dos corpos masculinos em Salvador, os clientes nas suas escolhas preferem homens negros, musculosos, com aparência viril, hipermásculas. Nesse sentido, o corpo funciona como chamariz neste mercado em que o ideal para os clientes é que os homens possuam um corpo trabalhado, hipermásculo, com um pênis grande. Em razão disso, a busca por negros está também ligada ao mito do “pênis longo” difundido por todo o universo erótico, onde a cor da pele funciona como um identificador desta questão. Nesses casos há uma inversão hierárquica, sendo valorizado muito mais o tamanho do pênis do que a jovialidade do corpo. Como acentua Pinho (2004, p.138)

O homem negro, entretanto, é um homem deficitário porque vis-à-vis outros homens se emacula pela subordinação racial a que está submetido. Ele é ainda aquele super-sexuado, mais sexual ou mais sexualmente marcado que o homem branco, na medida em que é mais corpo, presença corporal significativa.

Em síntese tudo que se refere a uma prática clandestina e negociada vêm a tonar nessas narrativas. Esses tipos de revelações, independente da academia, são bastante comuns entre os jovens de bairros populares de Salvador, que, em muitos contextos vêm nas relações sexuais com outros homens, não uma forma de construção de uma homossexualidade, mas sim de legitimação da sua heterossexualidade. Relações estimuladas e fomentadas, perante o seu convívio social, já que o estranhamento está em não fazê-lo em troca de “gozo” ou alguma “vantagem”, que este possa proporcionar. Nesse sentido, a homossexualidade assume formas e significados, como define Martínez (1999), entre um “estar homossexual”, bastante presente nos discursos dos “michês” (jovens que se prostituem) e o “ser homossexual”, caracterizando-se, nesta lógica, como bichas ou clientes, cujas diferenças estão nos papéis em que ambos assumem ou na ausência de desejos por outro homem.

Socialmente, esses jovens utilizam do discurso pouco convencional para se promover enquanto machos. Como acentua Trevisan (1998), uma relação entre dois machos significa

⁴¹ Uso de esteróides anabolizantes.

uma obrigatória decisão de papéis, quem “come” quem? Nesse sentido, o macho quer se diferenciar sendo elemento ativo da relação, o dominador, solidificando sua macheza porque “não dá”. Cabe neste cenário ao homossexual, o papel do passivo contrapondo com a idéia de ativo. Possuidor do falo, na posição de dominação, os homens com práticas homossexuais acreditam que a penetração atualiza a sua masculinidade, encapadas nas suas práticas ditas de “macho”.

Enfim, a construção da identidade masculina, tratando-se de práticas homoeróticas, busca outros referenciais. Dribla a lógica do imaginário simbólico instituído nas relações heterossexuais, assumindo a homossexualidade formas e significados, a partir das relações e práticas sexuais. Desde que desempenhem o papel “ativo” na relação, muitos homens mantêm relações sexuais com outros homens, sem nenhum tipo de problema. Com esta postura, acreditam manter a sua identidade masculina; masculinidade que se atualiza na penetração (HEILBORN, 1999; TREVISAN, 1998). Muitas vezes, entre os indivíduos envolvidos no contexto das relações homoeróticas, há uma negação do sexo, mas não do desejo, sendo a heterossexualidade ostentada como uma forma de segurança da masculinidade. Porém, a ineficácia das restrições sociais no sexo mostra que: “O que os indivíduos dizem não é a mesma coisa que fazem”.

Assim, o corpo funciona como um vetor direcionador e provocador da fonte de prazer. Este mesmo corpo que quer prazer concede prazer ao outro. E mesmo sem “sentimento”, cria uma confraternização e uma intimidade. O prazer corpóreo juvenil e as formas de poder que este possa proporcionar passam a ser uma referência nas relações homoeróticas. Por isso, no mercado do gozo sexual homoerótico, a forma corporal tem um papel fundamental na atração do parceiro a ser consumido. Nesse sentido, consistindo o corpo trabalhado e malhado em modelo de sedução, é comum entre os adeptos da malhação de camadas populares a institucionalização da prostituição homossexual como forma de manutenção econômica e busca de ascensão social no campo profissional (SABINO, 2002).

Para finalizar, como sugere Kimel (1998), sendo a masculinidade uma construção social, ela, assim como o seu significado, varia de cultura para cultura e, por que não dizer, de grupo para grupo, tendo como característica fundamental as relações de poder que são frequentemente invisíveis aos homens cuja ordem do gênero é mais privilegiada com relação

àqueles que são menos privilegiados por elas. “Contudo a principal maneira pelo qual os homens buscam demonstrar a sua aquisição bem sucedida de masculinidade é através da desvalorização de outras formas de masculinidades, posicionando o hegemônico por oposição ao subalterno, na criação do outro” (KIMEL, 1998, p. 113).

PERSPECTIVAS E NOVOS DESAFIOS

Não tenho como proposta esgotar a discussão sobre a temática apresentada, até porque todo estudo de cunho antropológico pressupõe visões e olhares distintos sobre o mesmo objeto, visto que a vida social é dinâmica e se constitui no emaranhado de suposições e questionamentos. Como qualquer trabalho científico, lacunas serão deixadas e novas questões instigadas, como adverte Almeida (2000, p.241):

A palavra conclusão conjuntura os piores receios. Como se o processo clássico de argumentação (Teses, Antíteses, Sínteses) encerrasse a simplicidade que aparenta ter... O simples contato com pessoas reais no terreno, o contato com outras formas culturais nos textos etnográficos, e o exasperante racionalismo para que a escrita nos empurra, tornam difícil concluir, no sentido definitivo, quase autoritário, da palavra.

Considerações a parte, o propósito desse trabalho foi levantar reflexões sobre a intersecção entre corpo, masculinidade e saúde entre praticantes de musculação das camadas populares de Salvador, categorias tão caras na contemporaneidade; e, por conseguinte, identificar elemento que possam trazer desafios para estudos futuros. As ponderações aqui apresentadas tiveram como preocupação analisar os valores embutidos no que é ser homem em um ambiente que a figura masculina é construída através da vaidade, disciplina, controle, comedimento e excesso, na qual essas questões balançam entre o poder e oposição declarada ostentada pelo corpo, assim como resgatar concepções de saúde em um grupo repleto de contradições. Nesse sentido, o campo intitulado musculação proporcionou análises reflexivas para além das questões que se propaga no senso comum de que o corpo hipermusculoso se apresenta apenas como uma alegoria da apresentação de si.

Para os homens inseridos neste contexto, o caminho traçado na busca de um corpo tido como ideal, ainda que toda a trama de negociações se entrelace no estético, perpassa por questões de cunho pessoal e social, de modo que as suas concepções de masculinidade, assim como de manutenção da boa saúde estão atreladas as relações construídas dentro e fora das academias de musculação. Nesse sentido, observa-se que a inserção nessa prática corrobora com mudanças de atitude e comportamento, uma vez que, o estar bem fisicamente está diretamente correlacionado com estar bem emocionalmente, isso influenciando bastante nas questões ditas de saúde.

Dessa forma, pode-se apreender que na prática da musculação o sucesso e o “bem

estar” podem ser diretamente vinculados à ostentação do músculo, e o que define ser homem/ser macho se reestrutura de acordo com os padrões instituídos nas relações e papéis desempenhados pelos que aderem a esse aprendizado. Como observado no campo estudado, o ser homem e ser macho não estão associados apenas às questões de força, virilidade e heterossexualidade, mas também aos princípios morais construídos nos discursos e narrativas desses homens. O corpo aqui funciona como um elemento constituinte de uma masculinidade sublimada pelas questões do que é ser “um homem de bem”. Entretanto, há de se levar em consideração que no desenvolvimento da musculatura, novos valores são engendrados na constituição desse novo homem. Ao mesmo tempo em que clama por uma virilidade, ele se mostra flexível e aberto a novas experiências na construção de suas masculinidades.

Dentro das academias, os grupos distintos se diferenciam por determinados referenciais simbólicos que os constituem enquanto grupos específicos. Para tanto, dependendo dos padrões estabelecidos e referências corporais, esses grupos criam suas próprias condições de manutenção e coesão. Para se inserir nesse ou naquele grupo dentro desses espaços, alguns pré-requisitos devem ser levado em consideração, tais como o tempo da prática da musculação, a estrutura corporal, a faixa etária, etc. Todos esses pontos vêm à tona na hora da identificação e aceitação de um determinado indivíduo em um grupo específico.

São esses elementos distintivos que qualificam e enquadram os homens adeptos dessa prática nas categorias opostas de malhados e sucatas, nas quais estão embutidas as hierarquias masculinas dentro do grupo. Para os sucatas/iniciantes, a idéia de ser homem ultrapassa os valores morais tão aguçados nas falas dos veterano-malhados. Para eles, a apresentação de si através da musculatura hipertrofiada é um elemento importante para essa definição e, por conseguinte, a performance sexual surge com fator determinante dessa valorização.

Entretanto, entre os veteranos/malhados os elementos identitários de suas masculinidades se constroem a partir dos valores morais conferidos ao que é ser “um homem de bem”, que nas suas narrativas sobrepõem a quaisquer outros atributos. Esta postura dos malhados veteranos também pode estar relacionada com o seu narcisismo, na qual os corpos se constituem em seu maior cartão de visita. Nesse sentido, o despertar do desejo se faz explícito no corpo; com isso não se faz necessário ir à busca do objeto cobiçado, já que ele

emana do seu corpo. Dito de outra forma, os homens nesta posição deixam de ser o “caçador” e passam a ser a “caça”, ainda mais quando se trata do corpo negro, na qual se permeia no imaginário coletivo a idéia de uma sensualidade e virilidade aguçada.

Aqui, as masculinidades desses homens se engendram de forma que mantendo características da masculinidade hegemônica se constrói novos tipos de masculinidades, que se constituem através do corpo apresentado, como também das questões que permeiam os ideais de virilidade do grupo, levando em consideração a faixa etária e maturidade dos atletas. Nesse sentido, observa-se que entre os praticantes há uma similitude e distanciamento da masculinidade tida como hegemônica, pois os mesmos produzem sentido as suas vidas de acordo com outros valores para além do que concebem as características dominantes dessa masculinidade. A figura de um homem provedor, chefe de família, heterossexual, forte e que não expressa suas emoções se contrasta com um modelo de homem moderno aberto e disposto a experienciar novas formas de vivenciar suas masculinidades.

Assim, no intuito de entender as masculinidades existentes no cenário estudado, faz-se necessário compreender as relações que estes homens mantêm com o que está ao seu redor e os hábitos que compõem o universo em que estão inseridos. Desta feita, pode-se apreender que as suas experiências de vida, bem como os referenciais do ser homem estão no topo dessa hierarquia. Por isso, pensar em uma masculinidade hegemônica em oposição a subalterna não dá conta da complexidade do que é ser homem nas sociedades contemporâneas. Uma vez que, como salienta Almeida (2000), a masculinidade hegemônica está relacionada a uma variedade particular de masculinidades que subordinam outras variedades.

Em suma, tratando-se das variedades de masculinidades sugeridas por Almeida (2000), no grupo estudado, outros elementos corroboram para suas construções quando se pensa para além dos muros da academia. Esses homens que vêm na disciplina do esporte uma forma de negação de outras masculinidades construídas pelo tráfico de drogas e violência constroem novas hierarquias de masculinidades, na qual a figura do “homem de bem” se instaura como seu elemento estruturante. Nesse sentido, pode-se perceber que a disciplina tão aclamada na prática da musculação, também pode ser a busca da manutenção de valores positivos que reestruturem o viver dentro desses espaços. Aqui vale repensar sobre os princípios que norteiam a vida social desses bairros, uma vez que estes também se constituem como palco

em que reina a lei do mais forte.

Neste cenário, observa-se que os homens buscam provar suas masculinidades não apenas através da sua *performance* com o sexo oposto, mas também através dos que comungam dos mesmos referenciais. Essa nova posição do masculino perpassa a crise, tão aclamada nas discussões sobre gênero, pois o sistema patriarcal afeta tanto a vida das mulheres como também a dos homens, de modo que o feminismo em si contribui para a constituição dos novos modelos de masculinidades, inclusive no que concerne a relação homossexualidade *versus* heterossexualidade, uma relação de poder que perpassa as questões ditas femininas. Uma vez que, se a idéia da crise de masculinidade sobrepõe às questões masculino/feminino, isso deve refletir também no feminino diante do feminino.

De fato, como sugere Connell (1995), nesse processo de libertação das mulheres, perguntas sobre os homens são inevitáveis, pois o gênero se constrói nos sistemas de interações sociais e essas interações não são estanques. De modo que, o que afeta a organização da vida das mulheres, conseqüentemente deve afetar a posição social dos homens. Como acentua o autor, os homens podem ou não gostar dessas mudanças, mas elas não podem ser ignoradas. Quando se pensa em gênero pressupõe-se uma competição acirrada entre os sexos, e isso traz reflexos no entendimento do processo de dominação/subordinação, já que essa competição também existe entre os homens e entre as mulheres.

Em se tratando das práticas sexuais homoeróticas em que a heterossexualidade contrasta com a homossexualidade, no campo da musculação, o corpo funciona como elemento central nestas relações em que o desejo se confunde com o prazer da troca que este possa proporcionar. Tratando-se de elementos que possam dar sustentabilidade às suas ações, os homens com esta prática utilizam e desenvolvem formas de lidar com a barganha do “bem material” envolvido nessas relações. Diferentemente das relações ditas homossexuais, os homens que apresentam desejos e inclinações para o sexo ocasional descompromissado justificam essa sua postura de várias maneiras, desde dizendo que estão “gozando e lucrando”, a institucionalizarem a “forma de manutenção econômica”. Assim, o corpo funciona como uma moeda de troca, que assume valores diferenciados, dependendo do contexto onde são expostos e abordados.

É incontestável que por mais que os homens queiram se distanciar da figura da

masculinidade hegemônica, esta se faz presente na figura do provedor, que pressupõe poder e força. Entretanto, como sugere Goldenberg (2000) ela por si só não se sustenta, uma vez que, o comportamento masculino vem nos últimos tempos se reestruturando para além das posturas viris e da relação dominação/subordinação, masculino/feminino tanto proclamado nos estudos de gênero. As regras e normas, como em qualquer grupo social, são estabelecidas e a quebra dessas provoca alterações no grupo, e isso é notado no processo da constituição das novas identidades. Uma vez que elas não são estanques, esse jogo de forma primordial se faz presente.

Nesta perspectiva, vale se questionar o que é ser homem nos diferentes contextos, como também o que é ser mulher levando em consideração as questões de classe e raça, categorias que por si só já refletem grandes diferenças sócio-culturais. Dessa forma, faz-se necessário contextualizar as construções identitárias desses homens. Visto que os homens de bairros populares já carregam o estigma da conduta desviante a partir do momento que são vistos como marginais por estarem inseridos em locais tidos como violentos, nos quais o tráfico de drogas, a baixa autoestima e o desemprego os colocam numa zona de vulnerabilidade. Em consequência desse fato, a interação do sexo com as categorias mencionadas acima, cria relações mais amplas entre as masculinidades apresentadas (CONNELL, 1995).

Embora as características da masculinidade tida como hegemônicas sejam criticadas, deve-se perceber que viver em uma sociedade cuja capacidade produtiva está intimamente ligada ao que o corpo possa proporcionar, faz com que esses homens – além de carregar o fardo das tarefas viris – tenham que lidar com outros agravos, como questões de desemprego e insegurança social, uma vez que ser sexualmente ativo e ser o provedor da família, mesmo com toda a imersão feminina no mundo do trabalho, ainda se constituem como elementos de legitimação de suas masculinidades. Em vista disso, pode-se perceber que o desempenho físico, mesmo que de forma indireta, se configura e/ou permanece como elemento distintivo entre homens e mulheres revelando mudanças no padrão feminino e masculino.

Diante do apresentado, as construções das masculinidades desses homens – na sua maioria negros, procedentes de bairros populares – constituem-se a partir da supremacia da masculinidade branca, heterossexual. Elas são construídas a partir de ambiente hostil em que

violência, opressão e poder estão no limiar da sua elaboração. Aqui, como sugere Connell (1995), se posiciona a “masculinidade hegemônica branca” na qual tem como seu suporte institucional a opressão e o terror físico *versus* a “masculinidade marginalizada negra” essas geradas nas configurações das práticas e em situações de vulnerabilidade. Na acepção de Pinho (2004, p.138):

A masculinidade negra incorpora de um modo geral as contradições e ambivalências típicas de estruturas de dominação de raça e gênero que se associam e ao mesmo tempo se autocontradizem. Essa masculinidade negra é, basicamente, incorporada como o “corpo negro” que nunca passa despercebido. E mesmo em Salvador, onde somos maioria, esse corpo é constantemente destacado da experiência cotidiana para ser simbolizado, fetichizado e decomposto.

Por esta razão, esses homens negros praticantes de musculação dos bairros populares de Salvador buscam nas construções corpóreas proporcionar sentido e coerência ao uso social do corpo para além do estético, uma vez que a sua reestruturação e a sua funcionalidade repercutem também no que concerne ao mercado de trabalho (IRIART et al., 2009). Com esta perspectiva, o campo produz uma mão de obra barata e não qualificada com uma tendência ao que Wacquant (2008) denomina de *desdiferenciação social*, uma redução funcional e estrutural do trabalho.

Esta desdiferenciação social pode ser notada pela uniformidade ocupacional e a multifuncionalidade das instituições do bairro, estas tendo que assumir as funções do Estado, como exemplo as igrejas, as organizações não governamentais, e por que não inserir nesse grupo as academias de musculação, que diante da desintegração do espaço público (WACQUANT, 2008), causada pelo aumento do desemprego, e, por conseguinte, do crescimento da economia informal, na qual tem o tráfico de drogas como grande empregador dessa mão de obra, o que faz com que o corpo se apresente como uma forma de ressignificação e legitimação social.

Não tenho aqui a pretensão de aprofundar essas questões e nem tão pouco enveredar pela categoria raça/cor, visto que não era o objetivo desse trabalho. Entretanto, este estudo levanta questões que merecem serem exploradas por outras investigações, pois como acentua Pinho (2004, p.139):

Ler o corpo masculino negro parece ser uma tarefa ainda mais árdua que nos obriga a considerar duas dimensões de complexidade: de um lado, as determinações que do ponto de vista do agente orientam suas práticas de gênero, assim como suas performances de identidade; do outro lado, de um ponto de vista analítico, lê-lo

pressupõe a reposição dos contextos de interação significativos como contextos de dominação e disputa.

É nesse campo minado que enveredam os homens praticantes de musculação. Os adeptos dessa modalidade, para além do corpo físico apresentado, na busca do corpo ideal rearticulam os cuidados com o corpo de acordo com suas práticas e percepção de saúde. Desta forma, tendo o desempenho particular como um ponto de referência, os atores envolvidos podem assumir papéis distintos e simultâneos de masculinidades, pois o principal objetivo do sujeito neste contexto é manter sua coerência e se ajustar de acordo com a situação. E na emergência da construção do corpo hipertrofiado, que sugere uma construção de masculinidades focada na força, alguns praticantes de musculação buscam a superação da dor causada pela prática excessiva da musculação, e recorrem a medicamentos para auxiliar a formação dos músculos ou mesmo produzi-los artificialmente. Assim, todo treinamento está pautado no empenho, dedicação e superação, já que sem isso não há resultado.

Aqui vale refletir sobre as regras e normas, desvios e rotulações que orientam as práticas dos adeptos dessa modalidade. Inevitavelmente se observa nas questões supracitadas, que as regras de comedimento e descomedimento estão o tempo todo em desacordo com o que é propagado. Se por um lado os adeptos ostentam a necessidade de se ter uma vida regrada evitando os excessos da vida mundana, por outro lado utilizam para a manutenção e fabricação do corpo a prática excessiva dos exercícios físicos e o uso elevado de substâncias anabólicas. Nesse sentido, paradoxalmente os adeptos da musculação vivem entre esses dois extremos: Comedimento *versus* excesso, isso a se configurar como elemento estruturante do “corpo sarado saudável”.

Diante do apresentado, pode-se perceber que também nesses contextos os homens buscam comportamentos poucos saudáveis, comportamentos esses associados muitas vezes ao modelo da masculinidade hegemônica idealizada, no qual estão presentes as noções de risco e invulnerabilidade (FIGUEIREDO, 2005). Estudos (IRIART & ANDRADE, 2002; SABINO, 2002) revelam que os usuários dessas substâncias que permitem alcançar o corpo ideal, preferem correr riscos à sua saúde a deixar de tomá-las.

De fato, é incontestável que independente da distinção de classe, o plano de concretude que os adeptos da prática da musculação vivenciam está em desacordo com o que

é verbalizado. O discurso de “bem estar”, nesse sentido, está diretamente relacionado com o campo situacional em que os indivíduos estão inseridos, na qual em muitas situações a saúde surge como sinônimo de força e externalização do bem-estar físico. Entretanto, em se tratando do uso dos anabolizantes, os meios empregados e a “qualidade” da substância consumida, por si só, legitima cada vez mais a distinção de classe entre os homens usuários, visto que as substâncias utilizadas entre as classes são bastante distintas.

Como já mencionado, os homens das classes populares no que concerne ao uso dos anabólicos primam muito mais pelo preço e imediatismo do que pela “qualidade” do produto, isso a se constituir em um grande dilema nas questões ditas de saúde, já que além de serem estigmatizados e rotulados por razões já mencionadas são duramente expostos a maior risco e conseqüentemente maior agravo a saúde. Além do que, em se tratando da busca do corpo tido como ideal, os indivíduos buscam meios de lidar com os riscos de acordo com os seus referencias e concepções a respeito deste.

Apesar do “bem estar físico e mental” almejado pelos que aderem a essa prática em muitas das situações seja colocado como um fator ideal e utópico a ser atingido, a concepção da saúde plena está diretamente vinculada ao que o corpo possa proporcionar, visto que o bem estar mental passa a ser entendido como conseqüência da forma física, na qual a autoestima depende da aparência corporal. Dessa forma, o corpo funciona como um elemento que encarna uma idéia de controle físico e mental, fatores relacionados diretamente como elementos essenciais a saúde.

Nesse sentido, se por um lado os homens praticantes dessa modalidade possuem um prazer em falar sobre seus corpos ou de expô-lo aos olhos de outrem, por outro lado em se tratando de agravos a saúde e expressão das sensações doentias, esses homens nutrem a idéia da invulnerabilidade diante do apresentado, de modo que a verbalização dos sentimentos e atribuições causadas pelas questões de saúde surgem como demonstração das suas fragilidades. Dito de outra forma, os homens vêem a representação física dos seus corpos como um marcador de saúde, mesmo que na construção do corpo “sarado” eles driblem a lógica do corpo tido como “saudável”. Nesta perspectiva, os dilemas e concepções a respeito da saúde são vistos e comungados entre os homens adeptos dessa modalidade de formas distintas e paradoxais.

Assim, pode-se apreender que a idéia de saúde – no contexto estudado – também está diretamente ligada ao que se permeia no imaginário masculino: “saúde, sinônimo de força e externalização do bem-estar físico”. Os adeptos da musculação na busca do corpo ideal rearticulam os cuidados com o corpo de acordo com suas práticas e percepção de saúde, de modo que, os hábitos saudáveis tão verbalizados nas suas narrativas, estão diretamente relacionados com o discurso veiculado pela mídia e legitimado pelas classes superiores, nas quais rege as regras do viver bem, que exalta os benefícios da alimentação saudável, das abstinências, e da conservação da vida comportada.

A manutenção de uma dieta tida como saudável tão enfatizada como um componente importante no desenvolvimento e permanência do corpo saudável, bem como longevidade da juventude e a manutenção do corpo desprovido de doença, de modo geral, torna-se um fardo a ser conquistado. Visto que a todo o instante os indivíduos estão sempre tendo que por a prova a dieta recomendável em contraste com seus costumes alimentares e culturais perpetuados. Em síntese, neste contexto o que se observa é uma incongruência entre discurso e prática quando se trata do tipo de alimentação que esses homens fazem diariamente.

Em suma, de acordo com o exposto, pode-se apreender que o gênero e a classe como gerenciador de uma dinâmica que estrutura as relações sociais entre os indivíduos se constitui nas academias de musculação em um elemento essencial para o entendimento da construção identitária dos praticantes dessa modalidade. O ideal de estrutura corpórea desses homens, juntamente com o ambiente em que estão inseridos parece estar diretamente ligado à construção de suas masculinidades, bem como aos cuidados e percepções de saúde pactuada entre os adeptos dessa modalidade.

É verdade que as novas abordagens teóricas ressaltam a ressignificação da masculinidade, na busca pela saúde integral do homem. Entretanto, nesta nova constituição das masculinidades, os aspectos do ser doente e ser saudável no universo masculino devem ser visto de forma micro, pois as masculinidades são múltiplas, e em se tratando das classes populares os homens aderem a determinados comportamentos, independente do cunho normativo, através da lógica da manutenção de suas masculinidades. E sendo os homens jovens de bairros populares mais atingidos pelas desigualdades socioeconômicas, conseqüentemente acabam enfrentando dificuldades de diversas ordens, sobretudo no que se

refere aos padrões de morbimortalidade. Dessa forma, cabe aqui enfatizar que ao pensar em saúde deve-se antes de qualquer coisa pensar nos modos de vida, na constituição e manutenção das relações sociais e conseqüentemente nas estruturas que norteia o viver nesses espaços.

Para concluir, o estudo apresentado demonstrou como as formas de lidar com o corpo e com a identidade de gênero pode apreender uma riqueza de pormenores que, em menor ou maior grau, atinge os padrões de saúde e doença e, por conseguinte, os índices de mortalidade dessa população. A dinâmica que rege os homens adeptos da prática da musculação se, por um lado, os distancia da violência física e simbólica que são acometidos os desviantes inseridos no uso e tráfico de drogas, principal causa de agravos à saúde e da mortalidade masculina nesta população, por outro, os adeptos dessa modalidade experienciam outros meios que direta ou indiretamente influenciam o binômio saúde-doença. Nesse sentido, acredito que o conhecimento de um grupo específico pode dar pista para o entendimento macro das múltiplas masculinidades que se entrelaçam nesses bairros, na qual as condições que acentuam as desigualdades sociais, por si só, já se configuram como um problema de saúde pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Miriam. Paradoxos da Identidade: a política de orientação sexual no século XX. **Revista de Sociologia Política**. Curitiba: n.14, p163-171, jun. 2000.

ADIALA, J. C. A Criminalização dos Entorpecentes. *In: Papeis Avulsos n° 1*, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

ALMEIDA, Miguel Vale. Corpo presente: Antropologia do corpo e da incorporação. **Corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo**. _____ (organizador), Lisboa: Celta editora, 1996, p. 1-22.

_____. **Senhores de Si: Uma Interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim do Século, 2000.

ALVES, Paulo C. A fenomenologia e as abordagens sistêmicas nos estudos sócio-antropológicos da doença: breve revisão crítica. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro: 2006, 22(8), p. 1547-1554.

ATKINSON, Michael. Exploring Male Femininity in the “Crisis”: Men and Cosmetic **Surgery, Body & Society**, Publications (Los Angeles, London, New Delhi and Singapore), Vol. 14, No. 1, 2008, p. 67-87.

BARBOSA, R. M. Negociação sexual ou sexo negociado? Poder, gênero e sexualidade em tempos de AIDS. *In: BARBOSA, R. G.; PARKER, R. (Orgs.). Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 73-88.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 27-46 e 95-116.

BAUER, M. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In: BAUER, M.W. & GASKELL, G. Observação e coleta de dados sensoriais: sons, imagens, sensações. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 189-217.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 107-149.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 13-24, 40-48, 112-134.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BECKER, Howard Saul. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

BEIRAS, Adriano; ET Al. Gênero e super-heróis: O traçado do corpo masculino pela norma. **Psicologia & Sociedade**, n.19(3), 2007, p.62-67.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**; trad. Sergio Miceli, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, cap. IV e V, 2001.

_____. Três estudos de etnologia Cabila. *In:_____*. **Esboço de uma teoria da Prática**,

tradução Miguel Serras Pereira. Oeiras, Portugal: Celta, 2002, p.3-131.

_____. **A dominação masculina**, trad. Maria Helena Kuhner. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **O poder Simbólico**, Tradução Fernando Tomaz, 11ª Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, cap. I, III e VI, 2007.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**, trad. Regina A. Machado. São Paulo: Paz e Terra, 3º Ed., 2004.

BRAZ, Marlene. A construção da subjetividade masculina e seu impacto sobre a saúde do homem: reflexão bioética sobre justiça distributiva. **Ciênc. saúde coletiva**. 2005, vol.10, n.1, p. 97-104.

BRITZMAN, Déborah. Curiosidade, sexualidade e Currículo. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.89-111.

CÁCERES, C. Masculinidades negociadas: identidades e espaços de possibilidade sexual em um grupo de michês em Lima. *In*: BARBOSA, R. G.; PARKER, R. (Orgs.). **Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; São Paulo: Ed. 34, 1999.

CANESQUI, Ana M.. Os estudos de antropologia da saúde/doença no Brasil na década de 1990. **Ciência e saúde coletiva**. 2003, vol.8, n.1, p. 109-124.

CARDOSO, R. (Org.) As Aventuras de Antropólogos em Campo ou como Escapar das Armadilhas do Método. **A Aventura Antropológica: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2004, p. 95-125.

CARRARA, S.; SIMÕES, Júlio A., Sexualidade, cultura e política:a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira, **cadernos Pagu** (28), janeiro-junho de 2007, p. 65-99.

CARVALHO, M.C.V.S.; LUZ, M.T. Práticas de saúde, sentidos e significados construídos: instrumentos teóricos para sua interpretação. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.13, n.29, p.313-26, abr./jun. 2009.

CONNEL , R.W., Understanding men: gender sociology and the newinternational research on masculinities, **Social Thought &Research**, 2002, Vol.24, p. 13-31.

_____. **La organización social de la masculinidad**. Disponível em:<[http://](http://www.hombresigualdad.com/organizaci%C3%B3n_social_masculinidad.pdf)

www.hombresigualdad.com/organizaci%C3%B3n_social_masculinidad.pdf>. Acesso em: 10 outubro 2009.

CORBIN, Alain. Prazer e dor: no coração da cultura somática: O encontro dos corpos. *In*._____. **História do Corpo: da revolução a grande guerra**, vol. 2, 2º Ed., Editora Vozes, 2008, p. 181-266.

CSORDAS, Thomas J. Embodiment as a Paradigm for Anthropology, **Ethos**, Vol. 18, Mar.1990, p.5-47.

COURTINE, Jean-Jacques. **História do Corpo**: as mutações do olhar. O século XX, vol. 3, 2º Ed., Editora Vozes, 2008, p. 07-12.

_____. Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana. *In*: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). **Políticas do corpo**: elementos para uma história das praticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.39-48.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**, trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. São Paulo: Annablume, 1998.

DONANGELO, M. C. F. Medicina na sociedade de classes. *In*:_____ **Saúde e Sociedade**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979, p. 29-68.

DURHAM, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. *In*: **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**, org. Ruth C. L. Cardoso, Rio de Janeiro: Paz e terra, 2004, p.17-38.

FAURE, Olivier. Olhares cruzados sobre o corpo: o olhar dos médicos. *In*: CORBIN, Alain. **História do Corpo**: da revolução a grande guerra, vol. 2, 2º Ed., Editora Vozes, 2008, p. 13-55.

FERREIRA, Vitor S. Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o body piercing como expressão corporal de uma ética da dissidência. **Etnográfica**, novembro de 2007, 11 (2), p. 291-326.

FIGUEIREDO, Wagner. Assistência a Saúde dos homens: um desafio para os serviços de atenção primária. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro: 2005, 10(1), p.105-109.

FIGUEIREDO, Ângela. Gênero: dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil, *In* SANSONE, Lívio; PINHO, Osmundo Araujo (org.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**, 2ªed., Salvador: Associação Brasileira de Antropologia/ EDUFBA, 2008, p. 237-255.

FILHO, Amílcar Torrão. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Caderno Pagu**. Campinas-SP: n. 24, jan-jun. 2005, p. 127-152.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. Tradução de Cláudia Menezes. *In*: ZALUAR, Alba (org.). *In*: **Desvendando Máscaras Sociais**, Rio de Janeiro: Alves Editora, 1975, p.75-86.

FOUCAULT, Michel. Poder – Corpo. *In*: **Microfísica do poder**. Tradução e organização de Roberto Machado, Rio de Janeiro: Graal, 1979, p.145-213.

GARCIA, Wilton. **Corpo, Mídia e Representação: estudos contemporâneos**, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GASTALDO, Édison. "O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares, **Horizonte antropológico**, 2005, vol.11, n.24, p. 107-123

GEERTZ, Clifford. Uma descrição Densa: Por uma teoria Interpretativa da Cultura. In _____. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p.13-41.

_____. Do ponto de vista dos nativos: A natureza do entendimento antropológico. In: _____. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 2000, p.85-107.

GIDDENS, Anthony, **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**, trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciênc. saúde coletiva**, 2005, vol.10, n.1, p. 47-57.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. 14^a ed. tradução Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. O macho em crise: Um tema em debate dentro e fora da academia. In: _____. **Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros**, Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 13-59.

_____; RAMOS, M. S. A civilização das formas: O corpo como valor. In: _____. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.19-41

_____. **De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira**, 2^o ed., Rio de Janeiro: Record, 2005

GOMES, R.; NASCIMENTO, Elaine F., A produção do conhecimento da saúde pública sobre a relação homem-saúde: uma revisão bibliográfica. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro: 22(5):901-911, mai 2006.

GOMES, R.; SOUZA, E.R.; MINAYO, M.C. S.; MALAQUIAS, J.V.; SILVA, C. F. R. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: Minayo, M.C. de S.; ASSIS, S. G. & SOUZA, E. R.(Orgs.) **Avaliação por triangulação: Abordagens de Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 185-221.

GOMES, Romeu. Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. **Ciênc. saúde coletiva**, São Paulo, 2003, vol.8, n.3 , p. 825-829 .

GUARALDO, Olivia. Pensadoras de peso: o pensamento de Judith Butler e Adriana

Cavareiro; **Estudos Feministas**. Florianópolis, 15(3): 336, setembro-dezembro/2007, p. 663 - 677.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HEILBORN, M. L. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social, *In*: R. Parker e R. M. Barbosa (orgs.) **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996, p.136-45.

HELMAN, Cecil G. **Cultura Saúde e doença**, trad. Eliane Mussmich. 2º Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HERZLICH, C. A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença, **Physis- Revista de Saúde Coletiva**, 1(2), 1991, p. 23-35.

_____. Construção de si, gênero e sexualidade. *In*: _____. **Sexualidade: O olhar das Ciências Sociais**, Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p.40-58.

IRIART, Jorge Alberto Bernstein; CHAVES, José Carlos e ORLEANS, Roberto Ghignone de. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cad. Saúde Pública**, 2009, vol.25, n.4, p. 773-782.

IRIART, J., ANDRADE, T. Musculação, uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro de Salvador, Bahia, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro: set.-out. 2002, p. 1379-87.

KEMP, Kênia. **Corpo modificado, corpo livre?**, São Paulo: Paulus, 2005.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Horizontes Antropológicos. **Corpo, Doença e Saúde**. Rio Grande do Sul: UFRGS, n. 9, 1998, p. 103-118.

LEAL, Antonio Segundo Boscán, Propuestas críticas para una concepción no tradicional de la masculinidad, **Revista de Ciencias Humanas y Sociales**, ISSN 1012-1587, N°. 51, 2006, p. 26-49.

LE BRETON, David. **A sociologia do Corpo**. Tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade**, trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

LIMA, Dani. Corpos humanos não identificados: hibridismo cultural. *In*: **Lições de dança**, Rio de Janeiro, n. 4, 2004, p. 81-109.

LIPOVERTSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**, trad. Armando Braio Ara. Barueri, SP: Manole, 2007

LOCK, Margaret. Cultivating the body: anthropology and epistemologies of bodily practice and knowledge; Annu. **Rev. Anthropology**. 1993.22:133-155. Downloaded from arjournals.annualreviews.org by MCGILL UNIVERSITY LIBRARIES on 04/02/08. For personal use only.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Bourdieu e Goffman: um ensaio sobre os pontos comuns e as fissuras que unem e separam ambos os autores a partir da perspectiva do primeiro. **Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)**, v. 9, 2009, p. 389-407.

LUZ, Madel Therezinha. As Novas Formas de Saúde: Práticas, representações e Valores Culturais na Sociedade Contemporânea. In: _____. **Novos saberes e Práticas em Saúde Coletiva: estudos sobre racionalidade médica e atividades corporais**. São Paulo: Hucitec, 2003, p.87-134.

_____. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: Novos paradigmas em saúde. In: _____. **Novos saberes e práticas em saúde coletiva**. São Paulo: HUCITEC, 2005, p. 35-85.

MACRAE, Edward, VIDAL, Sérgio S. A Resolução 196/96 e a imposição do modelo biomédico na pesquisa social dilemas éticos e metodológicos do antropólogo pesquisando o uso de substâncias psicoativas. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2006, V. 49 Nº 2, p. 645-666.

MALYSSE, S. Em busca do corpo Ideal. **Revista Sexualidade, Gênero e Sociedade**, n. 7 e 8, Rio de Janeiro, 1998, p.12-17.

_____. **Diário Acadêmico**, trad. Vera Lucia Vieira. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

_____. Em busca dos (H) alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca, In: GOLDENBERG, Mirian. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.79-137.

MARASANO-PARISOLI, Maria Michela. Corpo, Enfermidade e Medicina. trad. Lúcia M. Endlich Orth. In: **Pensar o Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2004, p.23-63.

MATA, Roberto da. O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Brues”, In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A Aventura Sociológica: Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978, p.23-35.

_____. **A casa e a rua**, 5ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

MAUS, Marcel. **Sociologia e antropologia**, com uma introdução à obra de Marcel Maus, de Claude Lévi-Strauss, trad. Mauro W. B. de Almeida, São Paulo: EPU, vol. 2, 1974.

MEDEIROS, Marília S. F. Imagens, percepções e significados do corpo nas classes populares, **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 19, n. 2, p. 401-408, jul./dez. 2004.

MIRANDA, Evaristo Eduardo. **Corpo - Território do Sagrado**. São Paulo: Loyola, 2000, p.11-58.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. Ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1993, p. 19-89.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciênc. saúde coletiva**. 2006, vol.11, n.2, p. 515-526.

OLIVEIRA P. P. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro; 2004.

ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: Identidades somáticas e marcas corporais, *In*: ALMEIDA, Maria I. M.; EUGÊNIO, Fernanda (org.) **Culturas jovens: Novos mapas do afeto**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006, p. 42-58.

_____. Corpo e tecnologias de visualização médica: entre a fragmentação na cultura do espetáculo e a fenomenologia do corpo vivido. **Physis**, 2005, vol.15, n.2, p. 237-257

PAGNANI, Alexandre, et al. **Manual prático de controle antidoping**. Associação Brasileira de Combate do Doping. Resugil, 2002.

PARKER, R. **Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

PEIXOTO DA MOTA, M. Gênero, Sexualidade e Masculinidade: reflexões para uma agenda de pesquisa com adolescentes no contexto de uma experiência. **Gênero, Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero**, Niterói, Nuteg/UFF, v.1, n.1, 2000, p.41-52.

PELLEGRIN, Corpo do comum, usos comuns do corpo. *In*: VIGARELLO, Georges **História do Corpo: da renascença às luzes**, vol. 1, 2º Ed., Editora Vozes, 2008, p. 131-216.

PERLONGHER, Nestor. **O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo**: 1ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

PINHO, Osmundo Araujo. Etnografias do *brau*: corpo, masculinidade e raça na reafricanização em Salvador, **Estudos Feministas**, Florianópolis, janeiro-abril/2005, 13(1): 127-145.

_____. Relações raciais e sexualidade, *In*: SANSONE, Lívio; PINHO, Osmundo Araujo (org.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**, 2ªed. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia/ EDUFBA, 2008, p. 257-283.

QUEIROZ, Marcos de S.; CANESQUI, Ana M., Antropologia da medicina: uma revisão teórica. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, 1986, p. 52-64.

SABINO, César .Musculação: Expansão e manutenção da masculinidade. *In*: GOLDENBERG, Mirian. **Os Novos desejos: das academias de musculação às agências de encontro**, Rio de Janeiro: Record, 2000, p.61-103.

_____. Anabolizantes: Drogas de Apolo. *In*: GOLDENBERG, Mirian. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.139-188.

_____. **O Peso da Forma. Cotidiano e Uso de Drogas entre Fisiculturistas.** Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero Patriarcado e Violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Rearticulando Gênero e Classe Social, *In*: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (orgs.). **Uma Questão de Gênero.** São Paulo: Rosas dos Ventos, 1992, p.183-215.

SANTO, Sergio Ribeiro, Interacionismo simbólico - uma abordagem teórica de análise na saúde. **Revista Enfermagem Brasil**, v. 7, n. 4, julho/agosto, 2008, p. 232 - 237.

SANTOS, Ligia Amparo da Silva. **O corpo, o comer e a comida:** Um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo. Salvador: EDUFBA, 2008.

SANSONE. Lívio. Funk baiano: uma versão local de um fenômeno global? *In*: SANSONE, Lívio; SANTOS, Jocélio Teles dos (Orgs.). **Ritmos em trânsito: sócio-anthropologia da música baiana.** Salvador: Dynamis Editorial/Programa a Cor da Bahia/Projeto Samba, 1998. p.219-240

SARTORY, A.J. Homens e Relações de Gênero entre Sindicalistas de Esquerda em Florianópolis. *In*: BRUSCHINI, Cristina; PINTO, Céli Regina Jardim, (orgs.). **Tempos e Lugares de Gênero.** São Paulo: FCC; Ed.34, 2001, p.217-240.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. A medida da gordura: O interno e o íntimo na academia de ginástica. **Mana**, 2007, vol.13, n.1, p. 153-179.

SCHWARZENEGGER, Arnold; DOBBINS, Bill. **Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação.** São Paulo: Artmed Editora, 2001.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Bethânia Ávila. **SOS Corpo.** Recife: 1991, p.1-27.

SCHRAIBER Lília B; et.al. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2005, 10(1), p.7-17.

SCHUTZ, Alfred. **Estudios sobre a teoria social**, 1ªed., cap. 1, Buenos Ayres, Amorrortu, 2003.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicol. cienc. prof.**, mar. 2006, vol.26, nº 1, p.118-131.

SILVA, Paulo R. P., et.all, Esteróides anabolizantes no esporte, **Rev. Bras. Med. Esporte**, Vol. 8, Nº 6 – Nov./Dez, 2002, p. 235-243.

SPINK, Mary Jane P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Cad. Saúde Pública**, 2001, vol.17, n.6, p. 1277-1311.

TREVISAN, João Silvério. **Seis balas num buraco só:** a crise do masculino. Rio de Janeiro: Record 1998, 236p.

TURNER, Victor W. **O processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura, trad. Nancy Campi de Castro, Petrópolis, Vozes, 1974.

VELHO, Gilberto. **Utopia Urbana**: Um estudo de antropologia Social. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A Aventura Sociológica**: Objetividade, Paixão, Improviso e método na pesquisa social, Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p.36-46.

_____. O estudo do comportamento desviante: A Contribuição da Antropologia social. In:_____. (org.). **Desvios e divergências**: Uma crítica da patologia social, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p.11-28.

_____. Estigma e comportamento desviante em Copacabana. In:_____. (org.). **Desvios e divergências**: Uma crítica da patologia social, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 116-124.

VIGARELLO, Georges. Exercitar-se, jogar. In:_____. **História do Corpo**: da renascença às luzes, vol. 1, 2º Ed., Editora Vozes, 2008, p. 303- 410.

WACQUANT, Loic. Putas, escravos e ganhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, Oto. 2000.

_____. **Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**, trad. Ângela Ramalho. Rio de Janeiro: Resumé Dumará. 2002.

_____. **As duas faces do gueto**. Trad. Paulo Cezar Castanheira, São Paulo: Boitempo, 2008.

WEIL, Pierre. **O corpo fala**: A linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. Petrópolis, RJ, Vozes, 1986.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Femininas**, vol.9, no. 2, Florianópolis, 2001, p.460-482.

ANEXOS

Universidade Federal da Bahia

Instituto de Saúde Coletiva

Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

Rua Basílio da Gama S/N, Canela - 40.110-040 Salvador-Bahia-Brasil ■ E-mail: ppgsc@ufba.br

☎(071) 3283-7409/7410

FAX: 3283-7460

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Você está sendo convidado a participar como entrevistado da pesquisa *Corpo “sarado”, corpo “saudável”?* *Construção da masculinidade de homens adeptos da prática da musculação na cidade de Salvador*, desenvolvido pelo pesquisador José Carlos Oliveira Chaves, como exigência para obtenção do título de Mestre em Saúde Comunitária do Instituto de Saúde Coletiva – UFBA, não tendo outra finalidade.

Este trabalho tem como único e exclusivo objetivo, produzir conhecimento sobre o corpo, malhação, masculinidade, saúde e a respeito da vida social de homens praticantes de musculação. Para tanto, será garantido o maior sigilo a respeito dos assuntos aqui tratados, bem como a identidade das pessoas que se propuserem a responder as minhas perguntas. A sua participação, nesta pesquisa é de natureza inteiramente voluntária. Se você não quiser, não precisa responder todas as perguntas. Você também pode desistir de continuar a entrevista em qualquer momento. Vale salientar, que estes dados serão utilizados para estudos exclusivamente acadêmicos e com o seu consentimento. Acredito que as informações que você possa dar serão de fundamental importância para o desenvolvimento deste estudo.

Após ter tomado conhecimento do conteúdo acima exposto, sobre o qual não me resta qualquer dúvida, concordo em participar da atual pesquisa.

Salvador, ____/____/____

Assinatura do entrevistado

Assinatura do pesquisador

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

NOME:

IDADE:

NÍVEL DE ESCOLARIDADE;

LOCAL DA ENTREVISTA:

TELEFONE PARA CONTATO:

RENDA:

OCUPAÇÃO:

EXPLORANDO A ACADEMIA E A PRÁTICA DA MUSCULAÇÃO

- Para começar conte como você começou a malhar.
- Qual a importância da academia para você?
- Por que a escolha dessa academia?
- Essa academia se diferencia das outras do bairro? Em que?
- O que as pessoas buscam na malhação? (obs.: investigar se a saúde aparece como justificativa e em caso positivo aprofundar, inquirir sobre o que é ter saúde para as pessoas, investigar se há preocupação com juventude/envelhecimento).
- Você acha que existe alguma diferença entre os grupos de pessoas que praticam musculação? Quais?
- Houve algum tipo de mudança na sua vida quando você começou a malhar?
- Desde quando você malha?
- Qual o seu objetivo com a malhação?
- O que significa a musculação para você?
- O que você faz no seu momento de lazer?

TECNICA DE MODIFICAÇÕES CORPORAIS

- Que cuidados você tem com seu corpo?
- O que você acha de tatuagem, depilação e fazer sobrancelhas?
- O que você acha do seu corpo atual? Sempre foi assim?
- Você faz algum outro tipo de atividade física?
- Independente da atividade física, que outras coisas você faz para manter o corpo em forma?
- Que outras coisas você acha importante fazer para manter o corpo bonito?
- Você conhece algum tipo de produto que sirva de estímulo para malhar?

INVESTIGANDO AS MASCULINIDADES

- Para você o que é ser homem?
- Existem diferentes formas de ser homem?
- Quais as principais qualidades de um homem.
- O que você mais “inveja” em um homem?
- O que no homem você acha que mais atrai as mulheres?
- Para você o que seria um homem sensível?
- Você acha que é importante para um homem controlar suas emoções? O que você acha de um homem que não controla suas emoções?
- O que é ser macho?
- Há diferença entre “ser macho” e “ser homem”?
- Qual a importância do corpo trabalhado para o homem?

PERCEPÇÃO E CUIDADOS COM A SAÚDE

- Quando eu digo “saúde” o que vem a sua cabeça?
- O que é ter saúde para você?
- Para você há diferença entre “saúde” e “saudável”?
- Existem problemas de saúde mais importantes do que outros?
- Você cuida da sua saúde? Como?
- Você lembra a última vez que você foi a um posto de saúde (consulta com profissional de saúde)?
- Em caso afirmativo. Qual foi o motivo?
- Você se considera uma pessoa com saúde? Por quê?
- O que preciso fazer para ter saúde?
- Você acha que “malhação” contribui para sua saúde? Por quê?